



**UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO *PROF. JOSÉ DE SOUZA HERDY*
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS, LETRAS, ARTES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HUMANIDADES, CULTURAS E
ARTES**

**O ECOMUSEU DE SEPETIBA: CONSTRUÇÃO E GESTÃO DA MEMÓRIA
LOCAL. O DESPERTAR DA COMUNIDADE?**

BIANCA DE MOURA WILD

**DUQUE DE CAXIAS,
OUTUBRO DE 2018**

BIANCA DE MOURA WILD

**O Ecomuseu de Sepetiba: Construção e gestão da memória local. O
Despertar da comunidade?**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio – UNIGRANRIO, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª. Angela Maria Roberti Martins.

**DUQUE DE CAXIAS,
OUTUBRO DE 2018**

CATALOGAÇÃO NA FONTE/BIBLIOTECA - UNIGRANRIO

W668e Wild, Bianca de Moura.

O Ecomuseu de Sepetiba: construção e gestão da memória local. O despertar da comunidade? / Bianca de Moura Wild.- Duque de Caxias, 2018. 241 f.: il.; 30 cm.

Dissertação (mestrado em Humanidades, Culturas e Artes) – Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”, Escola de Educação, Ciências, Letras, Artes e Humanidades, 2018.

“Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Roberti Martins”.

Referências: f. 229-240.

1. Educação. 2. Ecomuseu de Sepetiba - Rio de Janeiro (RJ). 3. Museus - Aspectos sociais. 4. Museologia. 5. Memória. 6. Comunidade. 7. Resistência. I. Martins, Angela Maria Roberti. II. Universidade do Grande Rio “Prof. José de Souza Herdy”. III. Título.

CDD – 370

BANCA DE MOURA WILD

O Ecomuseu de Sepetiba: Construção e gestão da memória local. O Despertar da comunidade?

Aprovada em _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Andréa Cristina de Barros Queiróz – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof.^a Dr.^a Cleonice Pugean – Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Prof.^a Dr.^a Jacqueline de Cássia Pinheiro Lima – Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Roberti Martins – Orientadora - Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO)

DUQUE DE CAXIAS,

OUTUBRO DE 2018

Dedico esta pesquisa, que é a concretização de um sonho, resultado de uma luta, fruto de um ideal à memória de minha mãe, Loreni de Moura Wild, a maior responsável pelo meu engajamento não só nas causas sociais como na academia, pois mesmo em meio a todas as adversidades impostas a nós foi minha maior incentivadora na vida.

Ao meu irmão, Maxim Richard Wild, meu porto seguro, meu amigo de todas as horas, um exemplo de ser humano que tive o privilégio de compartilhar a criação, sempre ao meu lado, sempre me apoiando.

Ao meu filho, Francisco Wild Rodrigues, minha maior realização, meu sonho, que de dentro do meu ventre me fortaleceu, me inspirou e motivou, o amor da minha vida.

E, por fim, dedico este trabalho a todos e todas que lutaram e lutam pelo reconhecimento e valorização de seus territórios, que buscam revigorar a autoestima de populações preteridas e segregadas, em especial, aos guerreiros de Sepetiba.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é a memória do coração.

Em primeiro lugar, agradeço ao Criador do universo, Deus, por ter permitido que pessoas tão especiais façam parte de minha vida.

Não posso deixar de agradecer a minha orientadora, Professora Doutora Angela Maria Roberti Martins, por toda a paciência, empenho e sentido prático com que sempre me orientou neste trabalho, por ter me corrigido quando necessário sem nunca me desmotivar, por toda empatia, solicitude e sororidade.

Preciso agradecer imensamente ao amigo Silvan Rocha Guedes, companheiro de empreitada neste projeto de vida, neste ideal que é o Ecomuseu de Sepetiba, por sempre me incentivar, cobrir minhas ausências, “comprar” minhas ideias e ajudar a concretizá-las, por compartilhar seus conhecimentos por este território que tanto amamos, por me mostrar meus vícios e virtudes e ser um amigo para todas as horas.

Agradecimentos nunca serão suficientes para o professor mestre Sinvaldo do Nascimento Souza, sempre solícito, motivador, um dos maiores pesquisadores da região neste trabalho apresentada, sempre disposto a compartilhar conhecimentos, sempre enaltecendo e divulgando a chamada por nós de Zona Oeste Segregada, um verdadeiro educador.

Em memória da queridíssima Odalice Priosti, que infelizmente não está mais entre nós, agradeço por todos os conselhos, estímulo, orientação, motivação e por ter sido uma inspiração em minha vida.

Agradeço imensamente ao estimado “Seu” Salviano, que desde o início deste sonho chamado por nós de Museu, esteve presente, oferecendo ajuda, suporte, orientação, afeto e memórias. Nosso grande amigo e exemplo, um guerreiro, um bravo defensor da chamada, por ele mesmo, de baía dos milagres.

Devo minha gratidão e reconhecimento, ao valioso “Seu” Durval, um caiçara, como gosta de ser chamado, portador de imensa sabedoria e de grande amor por este

território, com quem muito aprendi, e que sempre esteve disposto a ajudar, transmitir seus conhecimentos, saberes e fazeres a todos e todas que o procuram, um narrador.

Agradeço a todos e todas que já contribuíram no desenvolvimento dos trabalhos do Ecomuseu de Sepetiba, embarcando em meus devaneios e compartilhando a luta, Glauco Vital, Ventolídio José de Almeida Neto, Cláudia Policarpo, Rosemere Figueiredo, Valmir Filho, André Gaio, Telma Lopes, Maria do Carmo Matos, o já falecido Paulo Melo, minha querida ex aluna Rebeca Lamberti, Márcio Sampaio Martinho, Patrick Luiz, Marcelo Ciro, Paula Oliveira, Sílvia Bento, Julio Roitberg, Laércio Martins, Simone Marques, Nathalia Marques, Danilo Gomes, Yuri Borba, Camila Alves e tantos outros que não caberiam aqui.

Muitos agradecimentos e reconhecimento por todo empenho e dedicação a esta “causa” que é o Ecomuseu de Sepetiba a Aline Barcellos, que no momento em que foi necessária sua dedicação e esforço neste projeto coletivo, deu o seu melhor e continua se dedicando intensamente.

Agradeço a Luciene Rocha, por toda dedicação e compromisso, a Fernando Ohana por todo incentivo e motivação.

Gratidão ao amigo Bruno Cruz de Almeida, por ter feito parte disso, por ser um parceiro em reflexões e projetos e por todas as conjecturas e divagações que compartilhamos.

Agradecimentos as queridas Andréa Queiroz e Cleonice Puggian, pelas valiosas dicas e correções.

Reconhecimento e gratidão aos responsáveis pela comunicação social e segurança da ALA 12, Base aérea de Santa Cruz.

Agradecimentos ao arqueólogo Cláudio Prado de Melo, por ter nos atendido mesmo não conhecendo Sepetiba, veio até nosso bairro e avaliou nossos sambaquis e ruínas a nosso pedido prontamente.

Minha gratidão a Gutemberg Castro, responsável pelo convite e pela vinda do arqueólogo Cláudio Padro de Melo a Sepetiba.

E finalmente agradeço ao meu companheiro Ricardo da Silva Rodrigues, por há alguns anos ter se tornado meu amigo e ser um exemplo para mim no que consiste em solidariedade, trabalho voluntário e em equipe, por sempre estar contribuindo neste projeto que tanto significa para mim, por construir comigo, uma relação de amor e cumplicidade e por concretizarmos o nosso maior sonho, nosso filho.

RESUMO

Esta dissertação consiste em uma análise do processo de construção e gestão da memória por uma comunidade, percurso de relevo que se desenrolou a partir da criação e do estabelecimento de um Ecomuseu comunitário. Integra o seu escopo, a necessidade de compreender a relação entre memória e lugar, os desdobramentos que se constroem a partir das narrativas e das memórias individuais e coletivas acerca do território, ensejando uma reflexão entre memória, identidade e pertencimento no que tange ao processo de recuperação da autoestima dos moradores locais por meio de um trabalho de educação patrimonial e conscientização ambiental realizado pelo Ecomuseu de Sepetiba, ora em análise. Confere centralidade a uma nova museologia que está de acordo com a realidade e as necessidades das populações envolvidas em processos museológicos, valorizando os saberes e fazeres tradicionais, bem como viabilizando a apropriação coletiva e o empoderamento das comunidades. Contempla, ainda, as iniciativas endógenas à comunidade, como elementos impulsionadores de uma potência criativa que desencadeia a vontade de saber sobre a história local por parte de um número considerável de pessoas. Através de entrevistas foi possível interpelar sujeitos e estabelecer diálogo com as narrativas e as memórias, promovendo uma reflexão sobre o testemunho dos moradores, na busca de compreender o despertar do desejo de preservar, o qual reinventa o museu e o (re)apresenta de forma que as comunidades não permitam que seus patrimônios lhes sejam usurpados e levados para longe de seu contexto. Apoiase na interdisciplinaridade como princípio mediador, à medida que se vale da aproximação entre História e Memória para investigar como a comunidade pode ser responsável pelo inventariamento dos patrimônios existentes em seu território, o que permitiu tomar a memória como potência e resistência, capaz de dar vida a um museu que liberta e que se constrói coletivamente, a partir da comunidade e para a comunidade.

Palavras-chave:

Ecomuseu de Sepetiba; Comunidade; Memória; Museologia da Libertação; Resistência.

ABSTRACT

This dissertation consists of an analysis of the process of construction and management of memory by a community, an important course that took place after the creation and establishment of a community Ecomuseum. It integrates its scope, the need to understand the relation between memory and place, the unfoldings that are constructed from the narratives and the individual and collective memories about the territory, giving rise to a reflection between memory, identity and belonging in what concerns the process of recovery of the self-esteem of the local residents through a work of patrimonial education and environmental awareness realized by the Ecomuseum of Sepetiba, under analysis. It gives centrality to a new museology that is in accordance with the reality and the needs of the populations involved in museological processes, valuing the traditional knowledge and practices, as well as facilitating the collective appropriation and the empowerment of the communities. It also contemplates the endogenous initiatives to the community, as elements that stimulate a creative power that triggers the willingness to know about local history by a considerable number of people. Through interviews it was possible to discuss subjects and establish dialogue with narratives and memories, promoting a reflection on the testimony of the residents, in the search to understand the awakening of the desire to preserve, which reinvents the museum and the (re) Presents so that communities do not allow their patrimonians to be usurpated and taken away from their context. It is based on interdisciplinarity as a mediating principle, as it draws on the approximation between History and Memory to investigate how the community can be responsible for the inventory of the patrimony existing in its territory, which allowed to take memory as power and resistance, capable of give life to a museum that liberates and is built collectively, from the community and the community.

Key words:

Sepetiba Ecomuseum; Community; Memory; Museology of Liberation; Resistance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - A Aurora Fluminense 1831.....	23
Figura 2 - Mapa da cidade do Rio.....	25
Figura 3 - Gráfico de gênero.....	27
Figura 4 - Gráfico faixa etária.....	28
Figura 5 - Mapa de Sepetiba.....	29
Figura 6 - Decreto lei de 1813.....	33
Figura 7 - Bonde de tração animal.....	35
Figura 8 - Jornal A Manhã, 1949.....	37
Figura 9 - Luz Elétrica, 1949.....	41
Figura 10 - Luau na praia de Sepetiba.....	47
Figura 11 - Aquarela de Debret 1821.....	65
Figura 12 - Página do Facebook.com.....	72
Figura 13 - Página do Facebook.com.....	73
Figura 14 - Matéria do Jornal Extra.....	74
Figura 15 - Matéria do jornal Extra.....	76
Figura 16 - Matéria do Jornal Extra.....	76
Figura 17 - Matéria do Jornal Odia.....	77
Figura 18 - Matéria no RioOnWatch.....	79
Figura 19 - Matéria no Site Colabora.....	85
Figura 20 - Matéria no Site Colabora.....	86
Figura 21 - Matéria do Site Agência de notícias das Favelas.....	87
Figura 22 - Site da Agência de Notícias das Favelas.....	88
Figura 23 - Matéria na Revista Veja Rio 1.....	89
Figura 24 – Imagem da pequena exposição realizada no ano de 2008, com pesquisa realizada por esta pesquisadora.....	103
Figura 25 – Painéis confeccionados por esta pesquisadora que fizeram parte da exposição, na imagem Denise, uma ex moradora do Bairro e Loreni Wild, uma das mais ativas ativistas sociais do bairro.....	103

Figura 26 - Foto dos participantes da I Jornada de formação em museologia comunitária durante a Roda de lembranças de Sepetiba, momento de reconhecimento do Ecomuseu de Sepetiba.....	105
Figura 27 - Roda de lembranças sendo realizada com os moradores de Sepetiba e participantes da I jornada de formação em museologia comunitária. Centro comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo.....	106
Figura 28 - Mobilização comunitária/ Roda de lembranças realizada na casa do morador Neilson Teixeira no ano de 2010.....	107
Figura 29 - Roda de lembranças realizada no Centro Comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo em 2012.....	108
Figura 30 -Roda realizada no Centro comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo no ano de 2016.....	108
Figura 31 - Roda realizada na ADECOM (Associação de desenvolvimento comunitário) de Sepetiba no ano de 2017.....	109
Figura 32 - Roda de lembranças realizada na chamada “Casa Ecológica” do “Seu” Salviano, durante a 16ª semana de museus, no ano de 2018.....	109
Figura 33 - Passeio de REconhecimento.....	112
Figura 34 - Passeio de REconhecimento.....	116
Figura 35 - Passeio realizado no ano de 2015.....	116
Figura 36 - Passeio de Reconhecimento realizado no ano de 2014.....	117
Figura 37 - Passeio realizado em maio de 2018.....	117
Figura 38 - Antigo Cais ou Molhe imperial, destino do passeio de Reconhecimento, registro do passeio realizado no mês de Junho do ano de 2018.....	118
Figura 39 - Exposição “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem” realizada no icônico coreto de Sepetiba, na Praça Washington Luiz.....	119
Figura 40 - Exposição “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem” realizada no icônico coreto de Sepetiba, na Praça Washington Luiz.....	119
Figura 41 - Exposição “Notícias de Sepetiba”, realizada de forma itinerante por todo o bairro, na imagem abaixo na ADECOM.....	120
Figura 42- Exposição “Notícias de Sepetiba”, realizada de forma itinerante por todo o bairro, na seguir no Ginásio Carioca Luiz Itaboraí.....	120
Figura 43 - Exposição Expedição: Sepetiba, realizada também de forma itinerante, nas imagens exposição dos banners na quadra esportiva da Praia do Recôncavo/ Dona Luíza.....	121
Figura 44 - Exposição Expedição: Sepetiba, realizada também de forma itinerante, nas imagens exposição dos banners na quadra esportiva da Praia do Recôncavo/ Dona Luíza.....	121

Figura 45 - Oficina “O que são Ecomuseus e museus comunitários” realizada no ano de 2010. No extinto Bordon Burgers na praia do Recôncavo / Dona Luíza. Na imagem a saudosa Odalice Priosti.....	122
Figura 46 - Oficina “O que são Ecomuseus e museus comunitários” realizada no ano de 2010. No extinto Bordon Burgers na praia do Recôncavo / Dona Luíza. Na imagem a saudosa Loreni Wild.....	123
Figura 47 - Oficina “Mobilização comunitária” realizada no ano de 2009.....	123
Figura 48 - Oficina “História local” Realizada no ano de 2012.....	124
Figura 49 - Oficina de “Guiamento turístico”, oficina sobre os princípios básicos do guiamento em passeios, realizada no ano de 2017, ministrada por Fernando Ohana na ADECOM.....	124
Figura 50 - Oficina de Ciranda de Roda, dança tradicional caiçara, realizada no ano de 2017, ministrada por Michele Bilhéu, na ADECOM.....	125
Figura 51 - Oficinas de reaproveitamento de resíduos e artesanato no ano de 2017.Realizada APAS Sepetiba (Associação dos pescadores artesanais de Sepetiba).....	126
Figura 52 - Oficinas de reaproveitamento de resíduos e artesanato no ano de 2017.Realizada APAS Sepetiba (Associação dos pescadores artesanais de Sepetiba).....	126
Figura 53 - Oficina de conscientização ambiental e educação patrimonial realizada em 2017.....	127
Figura 54 - Oficina de conscientização ambiental e educação patrimonial realizada em 2017.....	127
Figura 55 - Oficinas de conscientização ambiental e reaproveitamento de material realizadas em 2018. Coreto de Sepetiba e Escola Estadual de Ensino Fundamental República.....	128
Figura 56 - Oficinas de conscientização ambiental e reaproveitamento de material realizadas em 2018.....	128
Figura 57 - Oficina de reaproveitamento de resíduos e empoderamento intitulada “Favela de papel” realizada no dia das boas ações do ano de 2018 no Recanto do Ipiranga.....	129
Figura 58 - Oficina “História oral” realizada no ano de 2018, realizada no Centro Comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo.....	129
Figura 59 – Painel do CIEP Ministro Marcos Freire do ano de 2017.....	131
Figura 60 – Ação de educação patrimonial (aula) no CIEP Ministro Marcos Freire. 2016.....	132
Figura 61 – Ação de educação patrimonial (aula) no CIEP Ministro Marcos Freire. 2016.....	132

Figura 62 – Exposição no colégio Oliveira Mallet.....	133
Figura 63 – Imagem da atividade realizada pelo Ecomuseu de Sepetiba divulgada na página do Colégio Oliveira Mallet.....	134
Figura 64 - Passeio com os alunos e alunas da Escola Municipal Nair da Fonseca, ano de 2015.....	135
Figura 65 - Passeio com os alunos e alunas da Escola Municipal Nair da Fonseca, ano de 2015.....	135
Figura 66 - Passeio realizado com os alunos e alunas do CIEP Ministro Marcos Freire, ano de 2017.....	136
Figura 67 - Passeio realizado com os alunos e alunas do CIEP Ministro Marcos Freire, ano de 2017.....	136
Figura 68 - Passeio realizado com os pais, professores e alunos e alunas do EDI Inaiá Wanderley Carmo.....	137
Figura 69 - Passeio realizado com os pais, professores e alunos e alunas do EDI Inaiá Wanderley Carmo.....	137
Figura 70 - Mutirão realizado durante passeio de Reconhecimento no ano de 2017.....	138
Figura 71 - Mutirão realizado durante passeio de Reconhecimento no ano de 2017.....	139
Figura 72 - Mutirão de limpeza realizado no de 2015 com o apoio da COMLURB.....	139
Figura 73 - Mutirão de limpeza realizado no de 2015 com o apoio da COMLURB.....	140
Figura 74 - Ação de conscientização ambiental e confecção de placas realizada no ano de 2014.....	140
Figura 75 - Ação de conscientização ambiental e confecção de placas realizada no ano de 2014.....	141
Figura 76 - Palestra e atividade de educação patrimonial e conscientização ambiental realizada no ginásio Carioca Luiz Itaboraí no ano de 2017.....	141
Figura 77 - Palestra e atividade de educação patrimonial e conscientização ambiental realizada no ginásio Carioca Luiz Itaboraí no ano de 2017.....	142
Figura 78 - Educação patrimonial e conscientização ambiental junto ao projeto da unidade escolar Escola Municipal Nair da Fonseca no ano de 2017.....	142
Figura 79 - Educação patrimonial e conscientização ambiental junto ao projeto da unidade escolar Escola Municipal Nair da Fonseca no ano de 2017.....	143
Figura 80 - Ação de conscientização ambiental e reaproveitamento de resíduos com o professor Luiz Bolete, no ano de 2017.....	143

Figura 81 - Palestra para turmas do SESI/ SENAI Santa Cruz durante a semana do meio ambiente do ano de 2017.....	144
Figura 82 - Palestra para turmas do SESI/ SENAI Santa Cruz durante a semana do meio ambiente do ano de 2017.....	144
Figura 83 - Evento da pastoral do meio ambiente realizado no ano de 2017. Igreja de Nossa Senhora do Desterro no bairro de Campo Grande.....	145
Figura 84 - Seminário da Pastoral do meio ambiente realizado em abril de 2018. Igreja de Santa Edwiges em Sepetiba.....	145
Figura 85 - Seminário da Pastoral do meio ambiente realizado em abril de 2018. Igreja de Santa Edwiges em Sepetiba.....	146.
Figura 86 – Colóquio 2014.....	147
Figura 87 – Colóquio 2014.....	147
Figura 88 – Colóquio 2017.....	148
Figura 89 – Colóquio 2017.....	148
Figura 90 - Mesa da parte da manhã.....	150
Figura 91 - Mesa da parte da tarde.....	150
Figura 92 – Desfile Cívico 2018.....	151
Figura 93 - Desfile Cívico 2018.....	151
Figura 94 – Desfile Cívico 2018.....	152
Figura 95 – Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire.....	153
Figura 96 - Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire.....	153
Figura 97 - Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire.....	154
Figura 98 - Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire.....	154
Figura 99 – confecção de camisas.....	155
Figura 100 – confecção de camisas.....	155
Figura 101 – confecção de camisas.....	156
Figura 102 – Esquema da pesquisa.....	159
Figura 103 – Esquema da pesquisa.....	160
Figura 104 - Primeira visita de Hugues de Varine a Sepetiba – 2009.....	164
Figura 105 - Visita de Varine a Sepetiba no ano de 2012, na imagem, esta pesquisadora, Júlio Roiteberg e Hugues de Varine na colônia de pescadores z-15.....	165
Figura 106 - juntos com Hugues de Varine, membros do Ecomuseu de Sepetiba e da ABREMC no ano de 2012.....	165

Figura 107 – Hugues de Varine em visita à Sepetiba no ano de 20102.....	166
Figura 108 – Mensagem recebida na página do Facebook.com do Ecomuseu de Sepetiba.....	168
Figura 109 - Mensagem recebida na página do Facebook.com do Ecomuseu de Sepetiba.....	169
Figura 110 - Chamada para o Colóquio Rotas da memória EntrePontos cariocas.....	170
Figura 111 – Convidados e programação do Colóquio Rotas da memória EntrePontos Cariocas.....	171
Figura 112 - Imagem desta pesquisadora relacionada à entrevista intercâmbios Andarilhos.....	171
Figura 113 – Imagem do Site da Revista Astrolábio publicizando as entrevistas realizadas com os participantes do projeto intercâmbios andarilhos.....	172
Figura 114 – Imagem do primeiro texto sobre Sepetiba escrito por esta pesquisadora.....	174
Figura 115 - Imagem do texto acerca da Roda de lembranças realizada no ano de 2009 que simboliza o momento do surgimento do Ecomuseu de Sepetiba enquanto iniciativa museológica.....	178
Figura 116 - Imagem do Blog “O despertar de Sepetiba, criado por esta pesquisadora.....	181
Figura 117 – Screenshots da matéria mais Recente acerca deste Ecomuseu publicada no jornal ODIA.....	182
Figura 118 – Screenshots da matéria mais Recente acerca deste Ecomuseu publicada no jornal ODIA.....	183
Figura 119 – Esquema de diferenciação ente os museus tradicionais e os Ecomuseu criado por Odalice Priosti.....	188
Figura 120 – Matéria do Jornal OGlobo onde seu Salviano é citado e entrevistado.....	191
Figura 121 – Banhista na praia de Sepetiba passando a Chamada “Lama medicinal” na década de 1950.....	194
122 - Imagem da capa do Livro onde “Seu” Durval é citado e homenageado por uma aluna da Rede pública da cidade do Rio de janeiro.....	196
Figura 123 – Imagem do Livro onde “Seu” Durval é citado e homenageado por uma aluna da Rede pública da cidade do Rio de janeiro.....	197
Figura 124 – Imagem do Livro onde “Seu” Durval é citado e homenageado por uma aluna da Rede pública da cidade do Rio de janeiro.....	198

Figura 125 - Lei 6.151 de 24 de abril de 2017 – a pedido do Ecomuseu de Sepetiba o vereador local apresentou o projeto de lei aprovado, que tomba por interesse histórico, arquitetônico, ambiental, arqueológico e cultural o chamado “Caminho do antigo Cais imperial.....	212
Figura 126 – Imagem da Matéria da Revista Veja acerca do tombamento do Chamado Caminho do antigo Cais.....	213
Figura 127 – Imagem de mensagem recebida pela página do Ecomuseu de Sepetiba.....	216
Figura 128 – Imagem de mensagem recebida pela página do Ecomuseu de Sepetiba.....	217
Figura 129 – Imagem de mensagem recebida pela página do Ecomuseu de Sepetiba.....	218

SIGLAS E ABREVIATURAS

ABREMC - Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários
ADECOM-Associação de desenvolvimento comunitário de Sepetiba
AEDIN - Associação das Empresas do Distrito Industrial de Santa Cruz
ALA 12 - organizações operacionais de nível tático 12
APA – área de proteção ambiental
BASC – Base Aérea de Santa Cruz
BN – Biblioteca nacional
CIEP – Centro integrado de educação pública
COMLURB – companhia municipal de limpeza urbana
COMCAT - Comunidades catalisadoras
ECO 92 – Cúpula ou Cimeira da Terra - Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, 1992, Rio de Janeiro
IBGE _ Instituto brasileiro de geografia estatística
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
ICOM – International Council of Museums
ICOFOM LAM – International Committee For Museology for Latin America and the Caribbean
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IEVA - Instituto de Eventos Ambientais
IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
IPTU – Imposto sobre a propriedade predial territorial urbana
MAM –Museu de Arte moderna
MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia
NOPH – Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica
MTD – Movimento Territórios diversos
ONG – Organização não governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
REMUS – Rede de museologia social do Rio de janeiro
SBM – Sistema Brasileiro de Museus
SESI - Serviço Social da Indústria
SENAI - O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
UERJ – Universidade estadual do Rio de janeiro

UFBA- Universidade Federal da Bahia

UFF- Universidade Federal Fluminense

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

UIMCA - Unión Internacional de Museos Comunitários de las Américas

UMCO – Unión de Museos Comunitários de Oaxaca

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

Z – 9, Z-15 e Z-20 – Nomenclatura utilizada para colônia de pescadores

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
DE QUINTAL DA NOBREZA À PRINCESINHA DA ZONA OESTE – MEMÓRIAS DO BAIRRO DE SEPETIBA.....	22
1.1. Alguns dados de ontem e de hoje.....	22
1.2. Histórias e memórias de Sepetiba.....	29
1.3. Um longo e árduo caminho a ser trilhado.....	42
1.4. O Reconhecimento – O Espelho.....	50
1.5. A construção e a gestão da memória.....	53
1.6. Enraizamento – Teorias acerca do território, espaço e poder.....	59
1.7. Caminhos a seguir: Desafios e perspectivas.....	71
MUSEALIZAÇÃO EM FOCO: A EXPERIÊNCIA DO ECOMUSEU DE SEPETIBA. DAS ORIGENS ÀS ATIVIDADES IMPLEMENTADAS.....	92
2.1. Por uma museologia a serviço da libertação.....	92
2.2. O Ecomuseu de Sepetiba – Agindo, pensando, transformando: Um museu em ação.....	102
2.3. Metodologia.....	156
AÇÃO POLÍTICA NAS MEMÓRIAS (RE)CONSTRUÍDAS: A EXPERIÊNCIA DOS MORADORES DE SEPETIBA FRENTE AO ECOMUSEU.....	161
3.1. Um museu de grandes novidades.....	162
3.2. Salvadores do futuro – Ecomuseus comunitários.....	185
3.3. A participação, as entrevistas, as narrativas: A arte de narrar está em vias de extinção?	189
3.4. Cada Ecomuseu é um museu, único e singular.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	223
Referências.....	229
Apêndice A.....	241

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como principal escopo analisar o processo de construção e gestão da memória por uma comunidade, o qual se desenrolou a partir da criação e do estabelecimento de um Ecomuseu comunitário. Estamos nos referindo ao bairro de Sepetiba e ao seu Ecomuseu. No decorrer da pesquisa e elaboração do trabalho, traçamos uma reflexão acerca da estratégia utilizada neste processo, considerando a possibilidade de intervenção direta dos cidadãos nos procedimentos de tomada de decisão e de controle do exercício do poder no âmbito do Ecomuseu, tendo como horizonte uma perspectiva de desenvolvimento sustentável e humano.

A relevância de tal processo consiste, entre outros, na luta dos moradores do bairro para que lhes sejam assegurados o direito e o dever das comunidades de preservarem seus patrimônios e mesmo sua identidade cultural. Ponderamos que esse processo museológico, chamado aqui de Ecomuseu comunitário, resiste ao poder afirmando e fortalecendo os valores, saberes, fazeres de sua população, de seu território, construindo sua própria lógica de patrimonialização.

Pretendemos, com essa pesquisa, sem muitas ambições, problematizar os conceitos fundamentais da ecomuseologia, o território musealizável; o conceito amplo de patrimônio cultural, bem como o de comunidade participativa, elementos constituintes de todo esse processo.¹ Nosso intento foi o de revelar e discutir o “como”, isto é, o *modus operandi* de moradores, “ditos leigos”, de musealizar o território, “plantando a sementinha” da preservação em seus corações e mentes. Nesse sentido, o território é o espaço no qual se desenvolve o cotidiano das pessoas; precisa, portanto, ser pensado, analisado e transformado coletivamente. No caso aqui apresentado ocorreram uma série de atos denegatórios, degradação ambiental, esquecimento dentre outras ações prejudiciais que colocaram em risco os bens culturais componentes do patrimônio existente em Sepetiba. Por isso, a atuação, bem como o trabalho do Ecomuseu, no sentido de garantir que os bens culturais permaneçam no território, para usar outro conceito da Ecomuseologia, a preservação no lugar (*in situ*), é mais do que relevante; é

¹ No âmbito da dissertação tais conceitos não aparecem necessariamente nesta ordem e não obrigatoriamente sob a mesma nomenclatura.

necessária, não só para a preservação das referências naturais e culturais do ambiente, mas, sobretudo, porque promove a cooperação entre os habitantes de uma comunidade.

Nos processos Ecomuseológicos, os modos de vida das populações locais, as chamadas “sabanças e fazanças”, saberes e fazeres tradicionais, devem ser preservados. Mas não apenas isso; em nosso caso, especificamente, os patrimônios culturais estão intrinsicamente ligados aos patrimônios naturais, em especial à baía de Sepetiba, e todo o ecossistema, o qual viabiliza que a vida nela se perpetue. O Ecomuseu, em sua essência, existe para a população. No Ecomuseu aqui apresentado e analisado, as ações que colocam a população em contato com a sua história e memória apresentam seus patrimônios e iniciam um processo de valorização; são pensadas e realizadas por membros da própria comunidade, e, por isso mesmo, ele é compreendido como um Ecomuseu comunitário.

O conceito de Ecomuseu surge num contexto específico de debate sobre a função dos museus na sociedade e da reflexão acerca da forma com que um território, sobre o qual vive uma população, se mobiliza a partir das suas memórias. O ecomuseu representa um debate que cruza questões da interdisciplinaridade, do ambiente e da comunidade, ponderado como um núcleo de criação cultural feito a partir da interação entre a cultura e a natureza. Podemos dizer que os modelos mais semelhantes, que estão na origem do conceito de Ecomuseu, são os museus ao ar livre que existiam no norte da Europa. Neles, trespassados por todo um cenário de mudança da ruralidade, procurava-se conservar aldeias e representações das formas de viver das comunidades rurais. Tornaram-se os museus de ar livre, que privilegiam a conservação de elementos patrimoniais *in situ*.

Embora consideremos o exercício de reflexão sobre o Ecomuseu de Sepetiba, do qual somos partícipes, um pouco arriscado e tenhamos encontrado algumas falhas na elaboração e execução das atividades e demais realizações do ecomuseu analisado no trabalho, compreendemos que a busca pela garantia da conservação dos patrimônios existentes no território, da articulação entre os eixos temáticos e a interdisciplinaridade existentes nesse processo ecomuseológico, viabilizam ações eficazes na promoção de desenvolvimento. Muito embora esse museu não possua sede, coleção, prédio ou qualquer outro elemento que o aproxime do que entendemos como museu, numa visão tradicional, seu êxito é evidente. E mesmo que no decorrer de seu estabelecimento e consolidação lacunas sejam observadas, precisando ser preenchidas, o Ecomuseu de Sepetiba, mesmo sendo um coletivo, é, hoje, a

primeira instituição a ser procurada para pesquisa, mobilizações e parcerias no que tange à história do bairro, preservação e ações de conscientização. Portanto, sua legitimidade é inquestionável e transformá-lo em objeto de pesquisa é fundamental para descobrir possibilidades e limites de sua atuação e contribuir para o avanço do conhecimento.

Esta pesquisa também representa uma questão pessoal, uma vez que esta pesquisadora é partícipe deste processo museológico, reconhecido como Ecomuseu comunitário e preocupa-se com o registro e preservação como membro da comunidade, enfocando o território, analisando a construção da memória por esta comunidade da qual faz parte. Não se opondo inteiramente à museologia tradicional, afirmamos a diferença, a peculiaridade do processo, as necessidades dos que reconhecem e valorizam o patrimônio e querem mantê-lo em seu território, o direito à diversidade, ao uso de conceitos e métodos diferenciados que se adequem e se adaptem às necessidades do bairro de Sepetiba.

Em cada capítulo que integra esta dissertação procuramos problematizar conceitos e noções que, ao nosso ver, são de extrema valia para a análise do fenômeno Ecomuseu de Sepetiba. Esse processo, no seu decurso, desenvolveu métodos, técnicas e práticas próprias, na busca de resistir à memória oficial, ao esquecimento e a degradação impostos, com o propósito de promover a libertação da comunidade, de modo que ela possa se tornar sujeito de sua própria história. É imperativo musealizar as relações cotidianas, resistir aos mecanismos de poder que impõem uma memória oficial, legitimando uma única versão do passado, na tentativa de preservar a identidade e a criação de modos próprios e singulares de ser, viver, sentir, pensar, lembrar e esquecer que se propagam de modo a escapar do controle e autoridade dominantes. Só assim, é possível construir outra rede, uma rede própria, donde a criação e o uso de múltiplas estratégias, abarcando perspectivas das diversas áreas do conhecimento.

A dissertação encontra-se estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *De quintal da nobreza à princesinha da Zona Oeste – Memórias do bairro de Sepetiba e o despertar da comunidade*, traçamos um breve histórico acerca do bairro, apresentando alguns dados e informações da localidade pesquisada, com destaque à história e memória local a partir da relação temporal entre presente e passado. Este capítulo contempla, também, uma apresentação introdutória do processo chamado de Reconhecimento do Ecomuseu de Sepetiba, voltando-se brevemente para a degradação ambiental ocorrida na região. Conceitos primordiais

como lugar, espaço, território, memória, segregação socioespacial são problematizados, a fim de que tenhamos uma compreensão mais abrangente das questões abarcadas pelo trabalho.

No segundo capítulo, cujo título é *Musealização em foco: a experiência do Ecomuseu de Sepetiba. Das origens às atividades implementadas*, abordamos, de fato, a atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba, enveredando, evidentemente, pela origem do conceito de ecomuseu e seu desenvolvimento. As peculiaridades deste Ecomuseu, que a partir de ações pontuais, reflete, pondera e age novamente na busca de transformar a realidade, são problematizadas. Trata-se, portanto, de um capítulo que se volta para a descrição e análise das atividades realizadas por este grupo, com o propósito de revelar a importância dessas ações para a população local. Cumpre observar que as imagens que compõe o capítulo não são meramente ilustrativas, mas registros da trajetória do Ecomuseu que podem passar de geração a geração, marcando uma época, um grupo, uma atividade. Sem contar que servem, também, tanto para retratar um momento de ação do Ecomuseu quanto constituir a organização de um acervo, essencial na criação e preservação da sua memória. Concluímos o capítulo apresentando a metodologia utilizada nesta pesquisa. Abre-se, ainda, a uma discussão sobre os procedimentos metodológicos utilizados nesta parte da pesquisa: a pesquisa ação e participante

No que se refere à pesquisa participante, muitas vezes mal compreendida, defende-se sua necessidade na investigação, tendo em vista que esta pesquisadora é membro fundador e partícipe do Ecomuseu de Sepetiba. Admite-se, portanto, um esforço participativo e colaborativo da pesquisadora com o museu estudado; ela integra o grupo de realizadores e de favorecidos de todo esse processo. A pesquisa participante, nesse sentido, aproximou o pesquisador do objeto estudado e igualmente possibilitou a construção de um conhecimento que assumiu foros democráticos e o compromisso com mudanças concretas, com a transformação do bairro e seus moradores. Dá mesma forma, espera-se que os resultados obtidos sejam levados à comunidade, colaborando no processo permanente da construção e gestão da memória pelos sujeitos envolvidos.

Esse desenho metodológico nos parece adequado e muito menos hierarquizado. Nesta dissertação, ele dá vida às elaborações sobre o passado-presente de Sepetiba, configurando como sujeitos não só seus moradores, mas também a pesquisadora.

Cabe aqui elucidarmos que os ecomuseus e museus de comunidade podem apresentar-se de múltiplas formas, nomes e designações, tais como Ecomuseus, museus de vizinhança, museu de território, museu local ou polinucleado. No caso do Ecomuseu de Sepetiba, este se apresenta como Ecomuseu de Território, que unifica as relações com o ambiente e as suas múltiplas formas de interação; e de Comunidade, tendo em vista que parte da iniciativa comunitária, dos processos participativos, questionando as questões da regulação social (poder).

No terceiro e último capítulo, nomeado *Ação política nas memórias (re)construídas: a experiência dos moradores de Sepetiba frente ao Ecomuseu*, exercitamos nossa capacidade de interpretação, apresentando as entrevistas realizadas e com elas dialogando, com o intuito de refletirmos sobre as preocupações e anseios dos moradores entrevistados diante do Ecomuseu. Da mesma forma, são apresentadas algumas reflexões acerca dos argumentos e considerações do processo de construção e gestão da(s) memória(s) pela comunidade, envolvendo a participação do sujeito pesquisado junto ao Ecomuseu.

Em algumas áreas do conhecimento exista ainda resistência em aceitar a metodologia. Entretanto, nas ciências sociais e humanas, esta metodologia é realizada com êxito nas pesquisas, cujos propósitos não se restringem apenas em conhecer a realidade através da observação de pessoas que a vivenciam, mas sim experienciá-la também e transformá-la, quando houver motivos para isso. Existem muitos argumentos contrários a esta metodologia e até mesmo falta de compreensão por parte de alguns pesquisadores que não conseguem aceitá-la e legitimá-la.

Uma certeza, quase inevitável, é a de que romper paradigmas constitui-se num exercício difícil, arriscado, temeroso. Mas, o que se pretende com esse novo museu é justamente romper com os modelos antigos de museus, com os quais não conseguimos nos identificar. Nesses espaços tradicionais, os objetos, em exposição, quase sempre se encontram fora de seu contexto original, posto que foram usurpados dos seus verdadeiros “donos”. Os novos museus, ao contrário, constroem espaços de encontro, de reflexão, traçando novas formas de configuração das relações, com uma dimensão libertadora se fazendo presente, como defende a museologia da libertação.

O conceito de Museologia da libertação é entendido por Odalice Priosti como processo de musealização que parte das próprias comunidades produzindo subjetividade, sendo trazido à discussão no III Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários, em setembro/2004, em Santa Cruz, Rio de Janeiro. De acordo com Priosti, a aproximação da Museologia com a Educação apresenta a possibilidade de se perceber o novo museu não só como força de resistência criadora, mas também como um movimento criativo pedagógico da comunidade local para a apropriação da realidade e construção do futuro, um movimento que se propaga em outras sociedades. (PRIOSTI, 2010)

Esses novos museus não estão separados de seus territórios, por isso, assumem uma dimensão integral, unindo os patrimônios. Eles são constituídos e constituintes de uma museologia emancipadora, que integra, compõem e não fragmenta, que traz para si, que une. São iniciativas endógenas, autônomas, das comunidades para as comunidades, provenientes das bases. E, aqui, lançamos a hipótese de que os ecomuseus e museus comunitários, em especial o Ecomuseu de Sepetiba, resistem ao poder instituído, a partir do momento em que são frutos da criação de uma forma única de construção e gestão da memória. A partir desse movimento dá-se a afirmação de suas características, as quais, muitas vezes, podem ser consideradas menores ou sem importância, pelas forças sociais dominantes.

Por meio de uma atitude que valoriza a memória, que ajusta a preservação das identidades e a invenção de costumes e formas de convívio e de vida característicos de determinada população, recusa-se o epistemicídio, abrindo caminhos para o rompimento dos efeitos da colonialidade do poder.

Nos esforçamos para esclarecermos algumas questões acerca deste fenômeno chamado Ecomuseu; talvez, algumas perguntas tenham ficado sem resposta, infelizmente; outras foram quase respondidas; outras nunca serão, pelo menos por enquanto. Sabemos que o próprio conceito de Ecomuseu está e estará em construção constante, logo, sanar definitivamente qualquer dúvida sobre estes processos que trilham os caminhos de uma museologia que se diferencia e reinventa é praticamente impossível. Acreditamos que aqui mostramos algo totalmente novo; um novo museu das gentes, fundado nas práticas sociais e peculiaridades da comunidade que o erige e constrói, afirmando e reafirmando seus valores e memória.

1 DE QUINTAL DA NOBREZA À PRINCESINHA DA ZONA OESTE – MEMÓRIAS DO BAIRRO DE SEPETIBA

1.1 Alguns dados de ontem e de hoje

A zona Oeste Carioca era chamada de Sertão Carioca; foi descrita com maestria e em detalhes na obra *O sertão carioca* de Armando Magalhães Corrêa (1936). Suas principais vias de acesso a esta região eram as seguintes: a Estrada Real de Santa Cruz (a mais importante), construída pelos jesuítas sobre o caminho dos Guaianases, que ligava a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, à Fazenda Real de Santa Cruz, dali atingia Itaguaí e São João Marcos, seguindo em direção ao território paulista pela Serra do Mar.

O caminho dos Guaianases estava ligado a Itaguaí também através de outros caminhos que desciam para a costa Fluminense e que terminavam em Itacuruçá, Mangaratiba e Angra dos Reis. Nos portos destas regiões ocorreu um intenso comércio de escravos, que assim eram encaminhados encurtando as distâncias até São Paulo e Minas Gerais. O periódico *A Aurora Fluminense*, no ano de 1831 (Edição 00520) ¹publicou matéria mencionando o intenso fluxo de escravos na Região.

¹ A Aurora Fluminense : Jornal Político e Litterario (RJ) , 22 de agosto de 1831, edição 00520. Disponível na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=706795&pasta=ano%20183&pesq=>>

Figura 1 - A Aurora Fluminense 1831

bre membro que não he deste modo que teremos provas do seu denodo, que julgamos todavia grande. Actualmente mais força de espirito se requer para defender o Governo do que para attacal-o, attenta a differente disposição de animo dos partidos, e a promptidão com que em certos *clubs* se volta pela morte de tal ou tal desgraçado, cujas doutrinas não agradão aos homens violentos, que ainda se não sabe o que querem.

— Por mais de 9 annos (dizia-nos huma pessoa de bastante siso) depois de havermos proclamado a nossa independencia politica, andámos navegando em busca da America, sem a encontrarmos, porque o piloto que governava o leme, contra todo o bom calculo e razão, nos empurrava sempre para a Europa. No dia 7 de Abril abicámos com effeito á região dezejada; a nossa alegria foi grande e sincera, ella appareceu em mil demonstrações de jubilo. Eis que de repente forma-se hum partido a bordo; partido que não admittê meias medidas, nem capitulações: e o que pertende elle? Dar com noscô na Costa d'África, aonde nunca tivemos tenção de hir, e em lugares então que se conhecem como empestados, assassinos e perigosos. Será sina do Brasil que nunca exista na America? Nós não o cremos, porque estamos quasi certo de que a natureza ha-de vencer, embora queirão oppôr-se a isso os *conscriptos do Capitolio*, os *invisiveis*, e os *mendigos da Nova Luz*.

— A N. Luz no n.º 159 pertende reconciliar-se com os Europeos, e os convida a unirem-se com os exaltados. Mas offerecem estes tão *boas garantias* á propriedade e á segurança individual de cada hum que duvidamos muito da união. A paz da Nova Luz seria o pacto das ovelhas com os lobos, de que falla Esopo, em que estes propozerao muito simplesmente que as ovelhas lhes entregassem os rafeiros, *motivo de toda a discordia*; e logo que as apanharão sem defeza devorarão-as todas.

— Cada homem tem as suas baldas. Huma das nossas e cuidamos não ser desarraçada, he a *effectiva* abolição do trafico Africano. Não cessaremos de clamar sobre este objecto até que se lhe queira dar algum remedio. Ao pé do nosso porto, na *Sepe-tiba*, &c. estão desembarcando escandalosamente carregações inteiras de escravos, que se vendem ou no lugar do desembarque, ou na cidade em leilões. He possivel que as authoridades não vejão isto? Afirmão-nos que está ahí a chegar a barca *Suspiro* com 500 a 600 pretos: diz-se que o Governo-Inguez deo licença para esse fim; mas perguntamos se he legal a permissão dada por estrangeiros para a importação de escravos no Brasil? Parece que o governo tem o direito de não cumprir as ordens da Gram-Bretanha, e em ultimo caso, de mandar os

pretos para Inglaterra, a fim de que lá lhes dêo destino.

— Dirá o *Brasileiro não vendido*, digno correspondente da Nova Luz, em que lugar do Brasil *desembarcou Luiz do Rego*, como elle impudentemente afirma, dando a entender que vinha commandar o partido Portuguez no Rio de Janeiro? Grande he a sceleradez de certa gente: a calumnia não lhes custa cousa alguma; he hum meio que empregão, sempre que lhes não he possivel pôr em acção os *rusguentos* de faca, e sovelão aguçado, a que a *Nova Luz* ao depois, quando elles são dispersados pela força armada, chama *mendigos*.

— Por que razão não havemos de seguir o exemplo dos Americanos do Norte, e proclamar já a nossa republica-zinha assim como aquelles fizerão; dizem nos seus circulos os *patriotas por excellencia*, aquelles mesmos que se occupão em traçar planos de *rusgas e bernardas*, em quanto os Americanos, cujos exemplos pertendem imitar, tração canaes e melhoramentos de estradas, ou se afadigão para o aperfeiçoamento de huma manufactura introduzida de novo no paiz. Em quanto o *Americano* se dá aos cuidados da industria, cura de augmentar o seu capital, e deste modo faz avultar a riqueza do estado; o nosso *patriota por excellencia*, nos armarinhos, nas boticas e mesmo nos botequins, de manham, de tarde, á noite vive na ociosidade mais profunda discorrendo sobre politica; e que-politica! — He o descredito dos melhores patriotas o que sabe daquelles circulos; allí com a maior facilidade, sem o minimo exame, se dão patentes de *traidor*, este he condemnado a *levar muita pancada*, o outro deve succumbir aos golpes de huma *facas*; e os homens que querem emendar o mundo, emendão-o, ao menos em theoria, por os meios que poderia empregar huma horda de assassinos e de salteadores. Os *Americanos* abrirão o seu paiz a todo o estrangeiro que ahí viesse procurar refugio, respeitarão os seus direitos e dentro de pouco tempo a emigração para os Estados Unidos foi assombrosa; muitos dos forasteiros trouxerão do Europa sciencias, manufacturas, artes uteis, com que enriquecerão a terra e a intelligencia dos habitantes. Os *patriotas por excellencia* cuidão só na expulsão dos Europeos, muitos destes cazados com patricias nossas etendo filhos que nascerão no Brasil; quasi todos uteis, porque exercitão profissões industriaes. Elles querem tambem impedir que por espaço de 10 annos nos venha emigração de Portugal. He deste modo que promovem a prosperidade do Brasil inculto e despovoado! Os Americanos são nimiamente respeitadores da lei, e dos foros de cada hum, cumprem religiozamente os deveres que lhe estão impostos, e levão aos cargos electivos huma convicção religioza que honra a sua moralidade; os *nossos patriotas por excellencia* chamão legal a huma representação feita com as armas na mão, exigem a deportação de cidadãos que estão sob a garantia das leis e da Constituição, e vociferão ainda como furiozos porque estes seus votos não forão satisfeitos. Muitos delles são os primeiros a esquivar-se ao serviço das rondas municipaes, e nos cargos electivos a que pertencem, *guia-os o espirito de facção, não o sentimento*

Para se chegar ao Sertão Carioca era necessária a utilização dos carros de boi ou montadas, sendo que somente em 1856 foi autorizada a organização da companhia de Carris de ferro. Mas, só no ano de 1884 a região de Sepetiba foi obter uma linha ligando-a ao bairro de Santa Cruz. A produção agrícola específica da região de Santa Cruz era a de arroz, mandioca, milho, feijão, café, cana e anil. A fazenda Imperial de Santa Cruz foi uma das mais importantes do Estado do Rio de Janeiro, possuindo maior expressividade e se destacando, também, devido às obras de Engenharia realizadas pelos Jesuítas na época em que dominavam a região, o que demonstram capacidade de criação e engenhosidade.

A Fazenda Santa Cruz compreendia um vasto território, de Sapiaguara a Guaratiba, de Sepetiba até Vassouras, abrangendo também o atual Município de Itaguaí. No ano de 1576, Cristóvão Monteiro, ouvidor-mor do Rio de Janeiro e morador de São Vicente, casado com a Marquesa Ferreira, recebeu a sesmaria de terras. Com o falecimento de Cristóvão e de seu filho, a Marquesa, dividiu as terras de Guaratiba e Guarapiranga com a filha e doou a outra parte aos Padres da Companhia de Jesus, dando-lhes posse em 8 de dezembro de 1589. A filha da Marquesa também doou a sua parte à Ordem de Santo Inácio, dando início a fazenda de Santa Cruz. (LEITE, 1938: p. 420-422; LEITE, 1945: p.54).

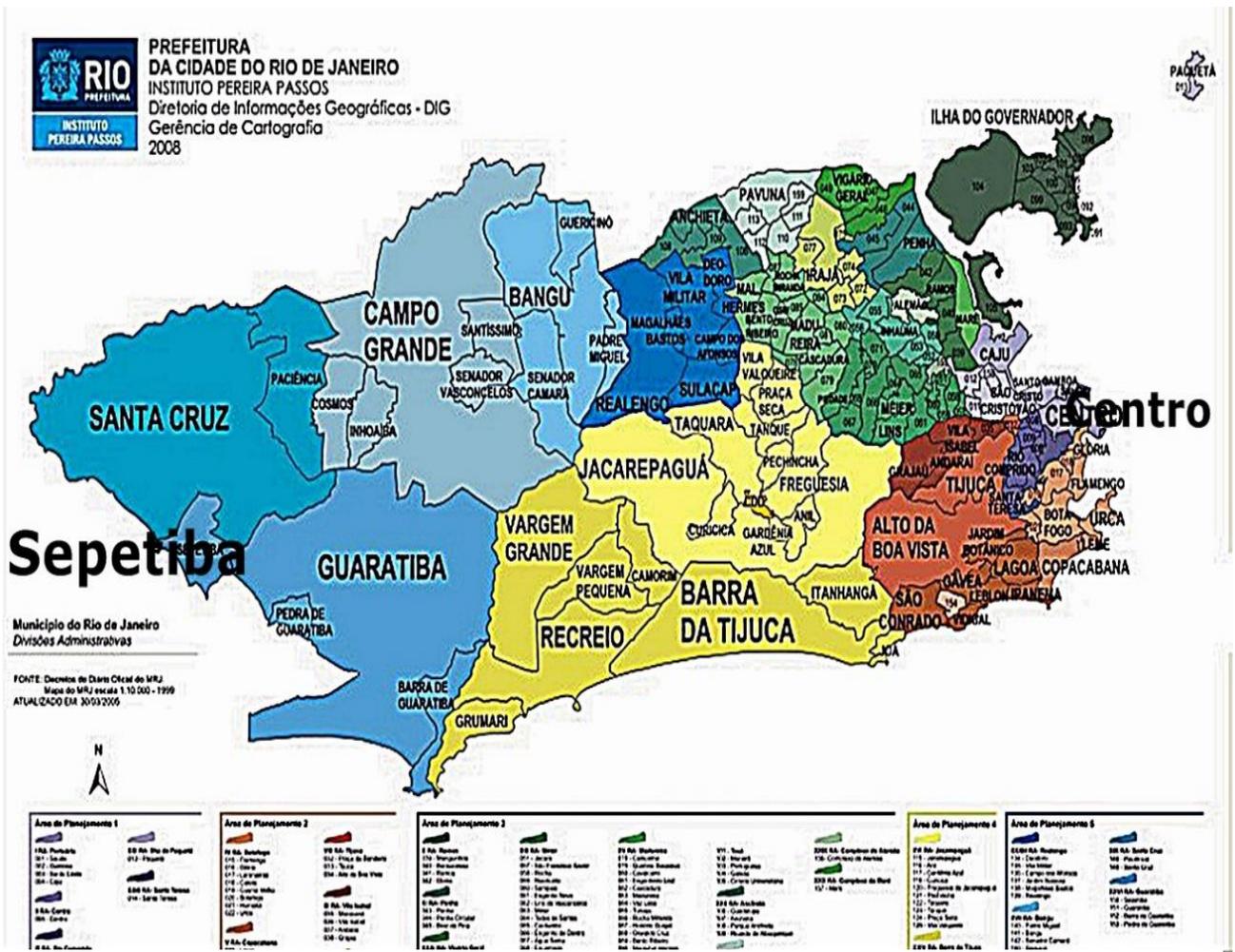
Marcado pela história, Sepetiba, hoje, é um bairro estratégico da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Encontra-se cercado pelos bairros de Santa Cruz ao norte e Guaratiba a leste; e banhado pela Baía de Sepetiba ao sul. Possui uma área de 1.162,13 hectares (11,6213 km²) e uma população de aproximadamente de 56.575 habitantes. Localizado no litoral da Bahia de Sepetiba (Baixada litorânea de Sepetiba) Latitude / Longitude: -22.98, - 43.70 respectivamente, fica exatamente em uma espécie de Recôncavo, nome dado a uma de suas praias. Acredita-se que sua fundação teria sido no dia 5 de julho de 1567². Ao longo de sua história, Sepetiba já possuiu grande expressão e evidência entre a elite carioca que se dirigia ao bairro em busca do lazer e da tranquilidade que a localidade oferecia.

O mapa a seguir é capaz de oferecer uma perspectiva acerca da localização deste bairro no que diz respeito a outros bairros da cidade do Rio de Janeiro.

² Trata-se de uma especulação o dia exato de fundação do então povoado de Sepetiba, porém supõem-se que tenha sido de fato no mês de julho, por isso o então vereador “Gerominho” conhecido em quase toda a zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro foi o responsável pela lei que definiu a data em que seria comemorado o aniversário do bairro.

3

Figura 2 - Mapa da cidade do Rio



O nome já diz muito, Çapê – Tyba, em tupi, significa sítio dos sapês, lugar de muito sapê, sapezal, Sapetuba. Mas a região, que já foi coberta de florestas, hoje tem pouco mais de 5% de áreas naturais, sendo que 2% é de vegetação característica de mangue. Mesmo esse pouco de natureza que restou pode acabar destruído por causa da poluição.

Os exploradores portugueses encontraram na cidade do Rio de Janeiro uma nação diferente das outras que já povoavam o Brasil, pois os Tamoios⁴ receberam de bom ânimo os

³ Mapa disponível no site da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro.

⁴ Os tupiniquins chamavam os tupinambás de tamoios que significa mais antigo e, chamavam as aldeias amigas de guaianã que em tupi significa verdadeiramente manso (guaya= manso e nã=verdade). Os portugueses, acostumados a ouvir os tupiniquins chamando os índios amigos de guaianã acharam que essa palavra se referia àquela casta de índio e por essa razão acabaram chamando os tupiniquins de guaianases, concluindo erroneamente que era a forma que eles se autodenominavam. Uma outra hipótese para os portugueses chamarem os tupiniquins de guaianases está no

primeiros estrangeiros que aqui vieram, sem hostilidade; eram os nativos desta etnia que habitavam Sepetiba.

Jean de Léry, em seu livro *Viagem à terra do Brasil*, fala do estranhamento que os Tupinambás/Tamoios tinham com relação ao interesse dos europeus pelo pau-brasil:

Uma vez um velho perguntou - me:

Por que vindes vós outros, mairs e perôs (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir (...). Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? – Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar, e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. Disse o índio: Contai-mês coisas admiráveis, e mais do que tenho ouvido, dizei-me, e este homem tão rico não morre?

Morre” Responde Léry, “assim como os outros homens. e morrendo” insistiu o índio, “para quem ficam os bens?

Respondeu o Francês: aos filhos, se os tem, quando não a seus irmãos ou aos parentes mais próximos.

E então disse-lhe o velho índio: Eu vos advirto franceses, que vós sois muito loucos, de que vos serve fatigar-vos tanto, atravessando mares, e para os vencerdes, passardes por tantos males, que vós tendes contado, a buscar riquezas para deixardes aos filhos que vos hão de sobreviver? A terra que vos sustenta não bastará também para sustentar a eles? Nós também temos filhos, e parentes, que vós tendes, e os amamos muito, porém, confiamos certamente, que, depois de nossa morte, a terra que nos sustentou, também os há de sustentar da mesma forma, e nisso descansamos. (LÉRY, Jean de. 1961, p. 168-9.)

Respostas tão inteligentes como esta apontam a tamanha racionalidade destes homens e mulheres, primeiros habitantes da cidade do Rio de Janeiro, do bairro de Sepetiba, ancestrais dos habitantes caiçaras que neste lugar fundaram um povoado. Com a chegada dos portugueses na região, com a doação da sesmaria a Cristóvão Monteiro, mais tarde com os padres da Companhia de Jesus, a forma como se referiam ao então povoado mudou, a palavra ficou “aportuguesada” passando então a terra a ser conhecida como Sepetiba.

Até os dias atuais a área possui como vias principais de acesso a estrada do Piaí e a “Praia de Sepetiba” onde circulam a grande maioria dos transportes públicos coletivos. Hoje, destaca-se, também, a estrada São Tarcísio, onde os transportes coletivos em direção ao BRT

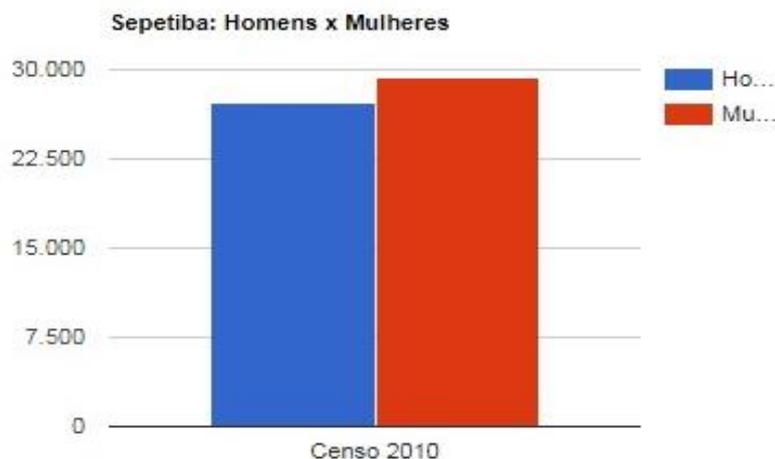
fato de que quando estes desciam para o litoral no meses de inverno em busca de alimento, ficavam em tocas formadas por grandes pedra e em tupi goiaminis quer dizer aquele que vive sob pedras e sua pronuncia é parecida com guaianases.

circulam, dentre outros, bem como uma outra via chamada Aristides Gouveia. Na rua José Fernandes circulam a maioria dos transportes alternativos (kombis, Vans), que por sinal são a opção de transporte com maior oferta no bairro. Estas informações evidenciam a dificuldade de acesso ao bairro aqui estudado.

Para nos familiarizarmos um pouco mais com a região, acreditamos ser de extrema valia, algumas informações acerca do bairro, como as apresentadas nas imagens e gráficos a seguir, que explicitam a localização do bairro, bem como algumas informações populacionais, vale ressaltar que este bairro possui um dos menores índices de desenvolvimento humano da cidade, estando em 109º, com 0,761, de acordo com dados do IBGE de 2013. No mapa que se segue, disponível no site denominado *Encontra Rio de Janeiro*, ao pesquisarmos “Mapa da Zona Oeste”, é possível verificar que vários bairros estão excluídos. Provavelmente, são considerados pelos responsáveis do site como sub-bairros; entre os muitos que faltam podemos citar o bairro de Cosmos, Paciência, Inhoaíba, e o bairro aqui pesquisado, Sepetiba, dentre outros.

No gráfico baixo, observa-se que em Sepetiba existem mais mulheres do que homens. De acordo com o Censo do ano de 2010, 51,96% da população local é composta por mulheres, enquanto os homens representam 48,04% do total. Esta informação deixa clara a necessidade de uma atenção especial à este público específico na região, na maioria, as mulheres são “chefes” de família, e necessitam de suporte e apoio, torna-se necessário políticas públicas na região voltadas em especial para este segmento especificamente.

Figura 3 - Gráfico de gênero



Fonte dos dados: IBGE

No que se refere à faixa etária da população de Sepetiba, o gráfico a seguir evidencia que a grande maioria da população encontra-se em idade produtiva, entre 15 e 64 anos, no entanto as ofertas de trabalho, atividades remuneradas, são insuficientes para esta população, as famílias vivem das atividades relacionadas à pesca, à balneabilidade, hoje, sem especialização, sem pesca, a estagnação econômica é evidente e os níveis de desemprego são significativos na região, além da precariedade no sistema de transporte dificultar ainda mais a situação dos moradores que procuram uma colocação no mercado de trabalho. Para os jovens há pouca oferta de cursos de capacitação gratuitos, escolas dentre outras instituições que poderiam contribuir na superação desta situação, a única Escola Estadual com oferta de ensino médio nos três turnos localiza-se no bairro de Nova Sepetiba e não é o suficiente para a população, a outra opção é uma escola compartilhada, o CIEP Ministro Marcos Freire, que durante o dia é municipal e a noite Estadual, cursos apenas particulares e outras opções de escola também.

Figura 4 : Gráfico faixa etária

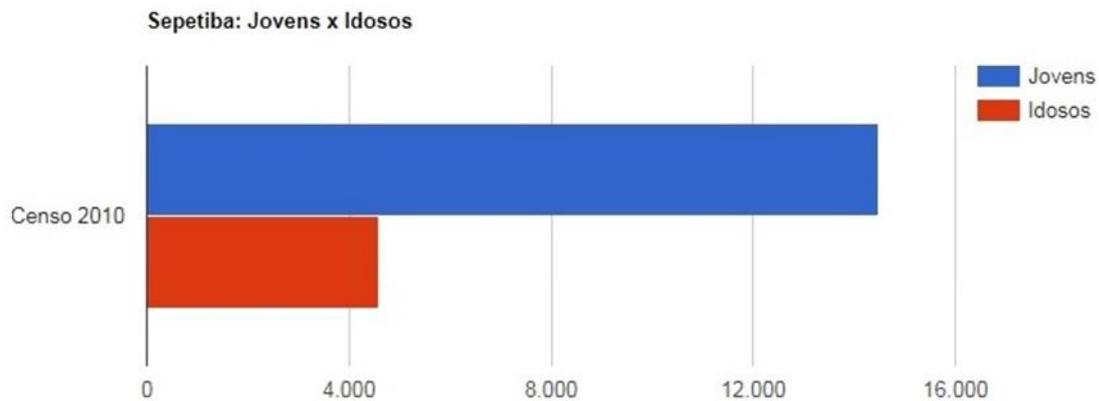
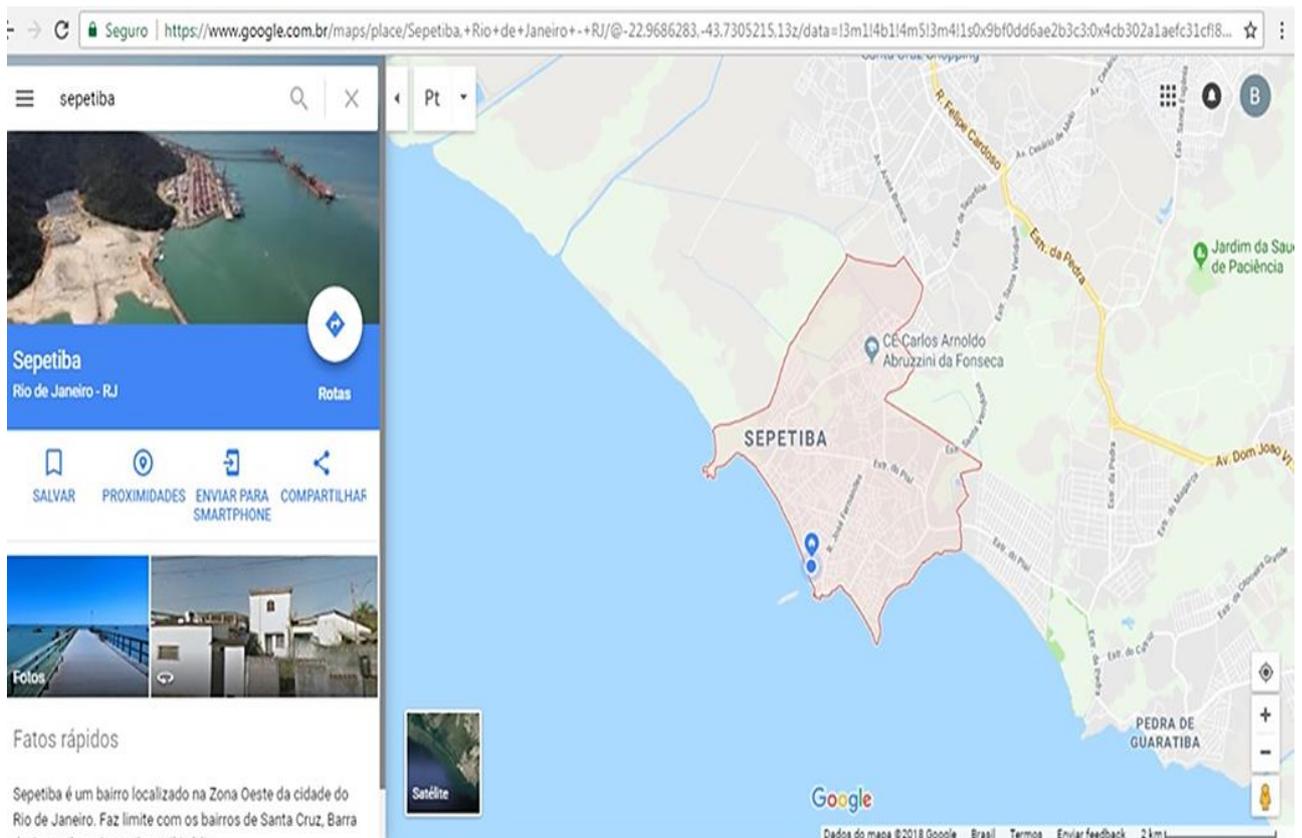


Figura 5 - Mapa de Sepetiba



Fonte: Google Maps

O Ecomuseu de Sepetiba também preocupa-se com o recolhimento destas informações para que possa contribuir de forma eficaz na análise dos dados, bem como com a criação de propostas de atividades, políticas públicas, dentre outras ações para oferecer oportunidades e renovar as perspectivas destes segmentos

1.2 Histórias e memórias de Sepetiba

O bairro de Sepetiba foi palco de importantes acontecimentos durante as três principais fases da história do país: Brasil Colônia, Império e República; povoado por índios Tamoios e Carijós⁵, foi aldeamento jesuítico, sua baía e praias serviram de local de desembarque para o quinto do ouro, tráfico do mesmo, tráfico de escravos, dentre outros muitos acontecimentos.

⁵ Os carijós, também chamados cariós e cários,[1] eram os indígenas que ocupavam o território que ia de Cananeia, no atual estado de São Paulo, no Brasil, até a Lagoa dos Patos, no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, por volta do século XVI. Vistos pelos primeiros povoadores portugueses como "o melhor gentio da costa", foram receptivos à catequese cristã. Tamoios ou tupinambás eram nativos brasileiros que habitavam a Guanabara até o século XVI e cujo território se estendia desde o litoral leste do Rio de Janeiro (Região dos Lagos) até o litoral norte do atual estado de São Paulo (Bertioga), eram guerreiros e corajosos, possuíam redutos ditos inexpugnáveis na região da cidade do Rio de Janeiro, onde hoje se encontra o bairro de Santa Teresa.

Personagens históricos passaram pelo bairro de Sepetiba e navegaram pela sua baía reconhecendo a beleza e tranquilidade existentes. Este foi o caso de D. João VI, D. Pedro I, D. Leopoldina, José Bonifácio, o Visconde de Sepetiba. Da mesma forma que ilustres viajantes europeus como Jean Baptiste Debret, que de Sepetiba pintou uma aquarela, Thomas Ender, Langsdorff, John Lucock, John Mawe (Viagem ao Brasil), o conde de Assumar, Von Schwege, Carlos Seidler, oficial austríaco, o Marques de Quixeramobim (Pedro Dias de Macedo Paes Leme), o naturalista Karl Frederic Philips Von Martius, o sargento Mór Ludwig Von Varnhagem, pai do famoso historiador Francisco Adolfo Varnhagem, o naturalista vienense Johan Naterer, John Emmanuel Pohl e tantos outros. (FREITAS, 1987. P. 286 e seq.)

De acordo com Sinvaldo Souza, em dezembro de 1821, registra-se como exemplo deste fato, a passagem do emissário Pedro Dias Pais Leme. Vindo do Rio de Janeiro seguiria em direção à província de São Paulo, viajando a cavalo até Sepetiba e servindo-se de barco a vapor - provavelmente foi um dos primeiros introduzidos no Brasil -, na viagem dali até Santos. Pais Leme chegou a São Paulo na noite de 23 de Dezembro de 1821, participando do contexto que antecedeu à independência política do país. (SOUZA, NOPH-28, 1986, página 11.)

Ainda conforme Silvando de Souza, José Bonifácio de Andrada e Silva, também passou por terras “Sepetibanas”, apelidado de “o patriarca da independência”, foi em Sepetiba o encontro de José Bonifácio com D. Leopoldina, embora alguns historiadores afirmem que esta reunião teria sido realizada na sede do palácio imperial em Santa Cruz. Octávio Tarquínio de Sousa, na sua biografia de José Bonifácio afirma:

A primeira mulher de D. Pedro I, dada a estudos de ciências naturais e seduzida pela causa da emancipação brasileira, deveria entender-se muito bem com José Bonifácio. Esperando a representação paulista, já no dia 16 (Janeiro de 1822) D. Leopoldina estivera em Sepetiba, e, ainda para recebê-la, fazia no dia seguinte a mesma viagem a cavalo quando, no meio do caminho, entre Santa Cruz e aquele lugar, a encontrou. Os paulistas e D. Leopoldina entretiveram conversa bastante cordial, sendo que a princesa não conteve o seu “sumo contentamento”, para repetir a expressão de documento oficial que resumiu as minúcias do encontro. (SOUZA, NOPH-28, 1986, página 11.)

Algumas áreas do bairro possivelmente já eram habitadas antes mesmo da chegada do colonizador, a prova disso encontra-se no fato de existirem três sambaquis⁶ no bairro devidamente descritos e registrados por arqueólogos. Para nos assegurar da veracidade de tal afirmação basta consultar o livro *Pré-história do Estado do Rio de Janeiro*, de Maria da Conceição Moraes Coutinho Beltrão, de 1978.

Da relação dos sítios arqueológicos localizados no Estado do Rio de Janeiro, elaborada pela equipe coordenada pela referida pesquisadora da UFRJ - Museu Nacional, na década de 1970, 38 (trinta e oito) encontravam-se no litoral da Zona Oeste, entre Sepetiba e Guaratiba, confirmando a presença do ser humano na região dois milênios antes da chegada dos colonizadores portugueses. Aceitando por base o estudo antropológico das populações pré-históricas do Sambaqui Zé Espinho, de Guaratiba, vizinha ao sítio onde hoje trabalham as marisqueiras de Sepetiba, podemos inferir que em todo o litoral sepetibano já havia grupos de pescadores e coletores que dominavam uma cultura de cerâmica Tupi-guarani. (BELTRÃO, 1978. p. 62)

Bartolomeu Antunes teria sido o primeiro sesmeiro, no Guandu, de toda a região que hoje abrange a Zona Oeste. Os jesuítas só adentraram Santa Cruz em 1596. “Explica-se o menosprezo por essas terras pelos sesmeiros quinhentistas devido ao fácil transporte de mercadorias para o mercado da cidade.” Antes dos padres jesuítas, em 1567, o primeiro Ouvidor-Mor do Rio de Janeiro, Cristóvão Monteiro, vai requerer à Coroa Portuguesa a doação das terras que constituirão a Sesmaria, mais adiante denominada de Fazenda Real de Santa Cruz. Com a morte de Monteiro, as terras passam a pertencer à Marquesa Ferreira e filhos, que fazem a doação para a Companhia de Jesus, segundo testamento deixado pelo Ouvidor. (SOUZA,2001.)

⁶ Sambaquis, cernambis, sarnambis, minas de cernambis, minas, bancos, casqueiros, concheiras, concheiros, ostreiras, samauquis, berbigueiras, caeiras, caleiras, dentre outras denominações, são depósitos construídos pelo homem, constituídos por materiais orgânicos e calcários (de origem marinha, terrestre ou de água salobra) que, empilhados ao longo do tempo, vêm sofrendo a ação das intempéries. Acabaram por sofrer uma fossilização química, já que a chuva deforma as estruturas dos moluscos e dos ossos enterrados, difundindo o cálcio em toda a estrutura e petrificando os detritos e ossadas porventura ali existentes. Alguns grupos indígenas os utilizavam como santuário, enterrando neles os seus mortos. Outros os escolhiam como locais especiais para construir suas malocas. Os sambaquis são uma importante fonte de estudos. Pesquisando seu conteúdo, pode-se saber sobre a vida dos primeiros povoados do atual território brasileiro, como sua alimentação, seus conhecimentos técnicos, a fauna e a flora da época etc. Os excrementos humanos fossilizados podem nos informar, por exemplo, sobre as doenças que aqueles homens e mulheres tinham. São comuns em todo o litoral do Atlântico.

Sepetiba agregava a parte litorânea da Fazenda de Santa Cruz que, sob o domínio da Companhia de Jesus, do final do século XVI até 1759, constituiu um latifúndio. Em 1759/1760 os Jesuítas foram expulsos do Brasil durante o reinado de D. José I, por orientação do seu primeiro Ministro, o futuro Marquês de Pombal. Todas as suas propriedades, incluindo Sepetiba e a Fazenda Santa Cruz, foram confiscadas pela Coroa Portuguesa. No ano de 1813, ainda como Príncipe Regente, Dom João VI atendeu ao pedido dos pescadores locais, definindo o aforamento, conforme Decreto de 16 de julho deste ano. Tal Decreto, reproduzido a seguir, encontra-se disponível nos acervos da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional (SOUZA, 2001. p. 213):

Figura 6 - Decreto lei de 1813

7

DECRETO.

Hei por bem, que os Afforamentos actuaes, que se achão incluídos na demarcação da Fazenda de Santa Cruz, e que presentemente pertencem á Minha Real Fazenda, sejam demarcados, e reduzidos a Afforamentos perpetuos na fórma da Ordenação do Reino, pagando os fóros actualmente estipulados, ou os que Eu Houver por bem, e os Laudemios de quarentena nas vendas, e semelhantes alienações; com declaração que nas demarcações se não deverão comprehender (onde não houver já limites certos) terrenos que ainda estejam em matos virgens, quando os Prazos excederem a quatrocentas braças em quadro, ou o seu equivalente terreno; impondo-se em todos a condição de que não poderão derribar os matos virgens nos altos das Serras, e no cume dos Morros, e as mais que forem conformes a Direito. Hei outrosim por bem, que no sitio da Sepitiba se demarque o terreno conveniente para se fundar huma Povoação para commodidade dos pescadores, e pessoas, que alli habitão; designando-se o terreno, que for mais a propozito, e proporcionado á mesma Povoação, o qual se repartirá livre, sem mais foro do que hum modico reconhecimento por cada morador, que agora, ou para o futuro alli edificar, para o Senhorio do terreno, ou elle seja sómente na Fazenda de Santa Cruz, ou comprehenda em alguma parte alguma outra das Fazendas confinantes; pois todas tem o onus de dar terreno livre para as Povoações, que Eu Mandar fazer. E para proceder ás referidas demarcações, como Juiz d'ellas, Nomeio ao Desembargador João Ignacio da Cunha, o qual procederá na conformidade da Lei, á vista dos Titulos, que se lhe appresentarem, dando os recursos competentes para a Caza da Supplicação: E nas divizões, e assignação dos terrenos na Sepitiba seguirá a norma estabelecida na Camara desta Cidade, no que for applicavel, tanto para o numero das braças, que devem assignar-se para cada edificio, como para o arruamento delles, assignando sómente o terreno áquelles, que houverem de edificar; de cuja diligencia ficará dando conta pela Meza do Desembargo do Paço, e recebendo della as providencias, que preciso forem. A Meza do Desembargo do Paço o tenha assim entendido, e expeça as Ordens necessarias para sua execução. Palacio do Rio de Janeiro em vinte e seis de Julho de mil oitocentos e treze.

A Rubrica do PRINCIPE REGENTE N. S.

Registado a fol. 110.

Na Impressão Regia.

Original in the John Carter Brown Library at Brown University

O então povoado de Sepitiba começou a se desenvolver, a partir do final do século XIX, devido à implantação da Companhia de Navegação Rio-São Paulo, que incluía uma linha de

⁷ Decreto lei de 26 de julho de 1813, disponível em :<<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/14pa1027.htm>>

bondes de tração animal, da Companhia Ferro Carril, e a Navegação Santa Cruz, com barcos movidos a vapor, percorrendo o trajeto de Sepetiba até Paraty, com escalas em Itacuruçá, Mangaratiba e Angra dos Reis. Segundo alguns relatos, inclusive do jornalista e escritor Alcebíades Rosa, morador local, a viagem podia se estender até mesmo a Santos. (FREITAS, 1987, p. 335)

Uma das poucas referências bibliográficas acerca da história do bairro de Sepetiba é o livro *A história de Sepetiba*, do jornalista, escritor e morador de Sepetiba, já falecido, Alcebíades Francisco Rosa. Porém, ao “revisitarmos” documentos, ouvirmos relatos, dentre outras fontes, percebemos que muito do que sabemos e do que lemos é um tanto quanto incoerente, dados não correspondem, números são alterados dentre outros problemas verificados. Outra fonte bibliográfica importante para a pesquisa acerca do bairro é a obra do historiador Benedicto Freitas, *Santa Cruz – Fazenda Jesuítica, Real, Imperial: Vice Reis e Reinado* de 1987.

A obra de Alcebíades é importantíssima para os moradores do bairro de Sepetiba, bem como para os demais interessados na história deste bairro e na construção de narrativas e memórias acerca da região, merecendo o status de precursora, pois é a primeira e única obra que trata especificamente da história do bairro. Entretanto não possui rigor científico, o livro não conta com referências bibliográficas, tendo sido escrito baseado quase que totalmente na tradição oral, nos documentos do historiador Benedicto Freitas, amigo pessoal de Alcebíades Francisco Rosa, conhecido pelos moradores de Sepetiba como “Bide”, e no acervo pertencente ao Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica de Santa Cruz – Ecomuseu de Santa Cruz (NOPH), fundado na década de 1980. Como se vê, no que concerne a história e memória do bairro pouco foi escrito e divulgado a respeito, decretando a invisibilidade do bairro nas narrativas históricas evidenciando o fato de a história ser uma versão dos fatos escrita por alguém.

Vale ressaltar que o trajeto Santa Cruz-Sepetiba⁸, de bonde de tração animal, fazia-se em 35 minutos e foi inaugurado em julho de 1884⁹. Neste mesmo ano, o que hoje chama-se “Caminho do antigo cais imperial”, à época conhecido como “Molhe” foi construído. Inicialmente, contava com 460 metros, passando, em seguida, para 750 metros de extensão. Até os dias atuais a estrutura de pedras mantém-se no local de origem. Em 1897 em relatório, a Companhia Ferro Carril informou que havia transportado dezenove mil novecentos e noventa e quatro passageiros até aquele ano. (FREITAS, 1987, p. 335)

O bonde de tração animal da companhia Ferro Carril tinha grande demanda, conforme se verifica na fotografia que se segue abaixo, tirada por Augusto Malta no ano de 1910 em frente à Praia de Sepetiba:

Figura 7 - Bonde de tração animal



Fonte: Pasta Augusto Malta

⁸ Surgia, em fins do Século XIX, o serviço de bondes, a princípio entre Santa Cruz e Sepetiba, porém esse primeiro trecho durou pouco, sendo encampado, em 1911, pela EFCB, que aproveitou seu leito para estender a via permanente da ferrovia, que constituiu o trecho rumo Itaguaí, ainda hoje existente, da linha de Mangaratiba. Os bondes da antiga “Zona Rural” (atual Zona Oeste) ou Sertão Carioca estabeleceram-se, contudo, entre Campo Grande e Guaratiba, utilizando os carros a burro da extinta linha de Sepetiba, a partir de 1911, ocorrendo a eletrificação em janeiro de 1915 (“Empresa. Ferro-Carril de Campo Grande a Guaratiba”), adotando-se a bitola de 1,435 m, que tornou-se universal no Rio de Janeiro, só mantendo-se a bitola estreita em Santa Teresa, até hoje. O serviço foi inaugurado em 17 de Maio de 1917, e em 1918 inaugurou-se o ramal de Campo Grande ao local denominado “Ilha”. Esse sistema funcionou até 1967.

⁹ No dia 17 de outubro de 1882, pelo Decreto 8.711 foi concedido o privilégio para a construção de uma linha ferro carril entre a estação de Santa Cruz da Estrada de Ferro Dom Pedro II e a localidade de Sepetiba, sendo a linha inaugurada em julho de 1884. A linha terminava no cais de Sepetiba, de onde partiam pequenos barcos a vapor para Parati, com escalas em Mangaratiba e Angra dos Reis. Tanto o bonde quanto os barcos eram explorados pela mesma companhia. A linha tinha 11 km de extensão, com bitola de 0,82 metro. No trecho, em 1908, eram realizadas 3 viagens/dia/sentido. A linha foi extinta em novembro de 1910.

O bairro de Sepetiba também foi cenário de uma tragédia, a qual, ainda hoje, habita o imaginário da população local: o fuzilamento de vinte um ou vinte dois rapazes, dependendo da fonte, na então Ilha da Pescaria, hoje ilha do Marinheiro. Os jovens marinheiros estavam em Guaratiba e uma força do 13º batalhão da Guarda Nacional, comandada pelo Tenente Custódio José de Campos, foi buscá-los, pois suspeitava-se de que integravam forças contra o governo de Floriano Peixoto no contexto da chamada Segunda Revolta da Armada. Aprisionados, os marinheiros foram recolhidos ao quartel do 5º Regimento em Santa Cruz, e, em janeiro de 1894, encostados no que hoje os moradores chamam de “mirante”, uma formação de falésia, sendo sumariamente fuzilados. (JORNAL DO BRASIL, 23/12/1894, p. 2).

Segundo consta estavam envolvidos no movimento conhecido como revolta da marinha, chamados de Sebastianistas, diante da divulgada restauração da monarquia, contando em uma das chefias com o almirante Saldanha Gama, que excitou os ânimos dos chamados florianistas. O vapor aportou na praia de Sepetiba para desembarcar seus marinheiros, na maioria grumetes, entre 12 e 21 anos, que acabaram presos até o dramático momento de seu fuzilamento. Diz a tradição que estes jovens foram sepultados embaixo de uma árvore chamada Sepetiabeira (quixabeira em outras regiões do país) na atual Ilha do Marinheiro, conhecida à época como Ilha da Pescaria.

A matéria a seguir, publicada no jornal *A Manhã*, em vinte e quatro de abril de 1949, é reproduzida aqui por motivo meramente ilustrativo, pois a qualidade da imagem não está boa.¹⁰ No entanto, consideramos importante sua divulgação, tendo em vista que passados cinquenta e cinco anos do episódio, ele ainda alimentava as páginas de jornal e o imaginário da população.

¹⁰ Esta mesma matéria encontra-se disponível na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1949. p. 6.

Aconteceu em Sepetiba

Vinte e um marinheiros fuzilados sumariamente

(Continuação das páginas rotogravadas)

Os remanescentes das famílias que a esse tempo dominavam toda essa indústria al... são os Antunes, os Camargos, os Terras, etc. seus descendentes poderão testemunhar tudo isso. Atualmente vivos só encontramos poucos, como os srs João Pedro da Silva, Manoel Pedro da Silva, já envergado muito pelos dias. Amilo da Silva quase sem poder andar e se arrastando com grande esforço, e o sr. José Afonso do Carmo, e o sr. José, porém já com a memória falhando, aproximando-se mais ou menos de seus 95 anos. A pesca em Sepetiba era um fato de real valor e esses bondinhos a que nos referimos, bem como os vagões de transporte, chegaram a frustar ainda nos primeiros mecos do século atual.

Desde a insignificante sardinha até os meros mariscos, toda a pesca em grande escala, fazia-se ali, para dar vida e força a essa belíssima praia que decalca, mas agora resurge com elementos novos.

ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Um acontecimento, que agora vamos narrar, veio mudar o aspecto de calma e paz entre os praieros que, como as formigas e as abelhas, trabalhavam em silêncio nesse belo recanto do Distrito Federal.

Em 6 de setembro de 1893, estafou no Rio de Janeiro a revolta da Armada com o almirante Custódio José de Melo à sua frente. Todos os navios e curtos no porto, fosse de guerra ou mercantes, hastearam a bandeira da revolução, isto que a imprensa não pôde fazer a forar, rumo ao sul. Depois mais outros.

Era então muito corrente, velculado pelos navegadores ou curtos, que chegavam do Rio, que Sepetiba seria ocupada militarmente. Ora, o Corvo do distrito estacionado em Santa Cruz, estava sendo movimentado a toda pressa para descer a fim de ocupar os pontos estratégicos, para evitar a revolta. Por outro lado, essas milícias, mesmo transmitindo aos moradores e suas famílias as notícias da revolta, estavam recobrida no quartel de Santa Cruz, a qual dizia que uma parte do Corvo estava em Santa Cruz para defender um desembarque que estaria iminente em Sepetiba.

Agora os bondinhos, os cabos e curtos da Companhia não tinham mais barões. Sepetiba, como Santa Cruz era alvorecer, porém, ali, toda a revolta era a sensação que o modo da guerra cria. Mas isso tudo ficou pela metade, quando a revolta acabou em Sepetiba, e dessa localidade muitos vieram os revoltados a passagem dos meses revoltados para o sul. De noite, a luz forte de lanternas holofotes tudo iluminava e eles acatavam-se da melhor maneira possível. Passados os primeiros dias de tranquilidade, os navegadores retomaram o seu serviço de pesca e se acostumaram, pouco a pouco, a paz dos soldados, na vida nova de precauções que os acontecimentos impunham.

Soldados por todos os lados, a desconfiança, a falta de amizade que fazemos era uma coisa artificial, principalmente quando foi aberto o recrutamento entre os habitantes dessa praia, em idade de servir ao exército. Foi ocupado o Maru da Barra, bem como os outros, onde antigamente os colonos haviam deixado vestígios de fortins e velhos morteiros de bronze e que se encontram até hoje, em alguns recantos da praia. Decretada a criação da Guarda Nacional com bons ordenamentos Sepetiba foi contemplada e muitos receberam a notícia com bastante prazer, sentindo-se honrados com as suas divisas, armas e com os seus oficiais. Também começaram ali alguns oficiais do primeiro posto a combater os primeiros decretos. Dissos que a pacata Sepetiba tinha mudado seu modo de viver com os acontecimentos decorrentes da Revolta da Armada, tendo mesmo alguns naturais sido recrutados para a Guarda Nacional. Agora, poder de coisas preocupadas por alguns meses, por que de toda a parte uma grande número de cidadãos foi chamado ao serviço das armas. Sepetiba, porém, parecia a Guarda Nacional que, além de ter o mesmo soldo, ainda era de mais fácil acesso, as divisas amarelas da Guarda Nacional convidavam-nos e um bom número de filhos de pescadores apareceram logo nas suas fileiras como dissos acima.

Tudo era agitação ali, mas honra seja feita, jamais parou o serviço da pesca. A Revolta prosseguiu. Dir-se-ia naquele tempo que o almirante Custódio José de Melo triunfaria sobre Florianópolis. A velha cidade de Angra dos Reis foi invadida, não obstante, tiveram os que ali desembarcaram de retirar-se para o alto mar. E que na Marinha

baía e na Ilha Grande, uma vez por outra, havia troca de tiros, com os canhões dos revoltosos e os pequenos fortes do litoral, até que num dia de janeiro de 1894, a sarda, surgiu na praia de Sepetiba o pequeno vapor Lamégo, forçado, que ali para entregar-se, pois suspeitava-se que o navio iria incorporar-se aos revoltosos.

Isso proporcionou aos moradores de Sepetiba e de Santa Cruz dias de grandes sustos e surpresas. A todo momento os barcos surgiam na boca daquele povo sempre desacomodado aos fatos bellicosos da revolução. E tinha razão para isso, por que com o Lamégo, foram capturados muitos marinheiros e a justiça marcial não se fez esperar; o comandante dessa praça, um major bastante impulsivo "Floriano" e um delez para a pequena Ilha da Pescaria, onde até então havia o porto da Companhia Rio-São Paulo e mandou fuzilá-los sem mais delongas. E tudo isso caiu muito mal no ânimo daquela gente.

Durante muito tempo ali, aliava eram vistas as cruzes, indicadoras as suas sepulturas. Muitos orasileiros, que não eram culpados e sim obedientes às ordens de seus comandantes no mar!! Essa Ilha é conhecida hoje mais como dos Marinheiros.

Por tudo isso e bem apreciável, que os sepetibanos ficaram comecedores das coisas de sua Pátria. Não obstante, logo e confessar que ali, todos eram sempre mais inclinados para o lado do almirante Custódio José de Melo, eram seus simpatizantes como se já hoje eram todos homens do mar mas o ruzil e o canhão implacáveis não permitiam que ninguém se manifestasse. E com isso, o ocorrido, que nunca ficou bem apurado, surgiram os barcos que após a chegada do Lamégo, que ali estava ancorado, chegaram para vir buscá-lo outros navios armados em guerra. E um dia por causa disso, noticiou-se a presença do Aquidauã que já estaria em Sepetiba e forçara a Barra do Rio Itá para entrar em Santa Cruz, onde tinha sede o 5.º Regimento de Artilharia.

Isso produziu quase um pânico, sendo que o próprio diretor do Matadouro Público, o coronel reformado, Floriano, da Concórdia, chegou a preocupar-se tanto, que fez a secretária, sua filha, transmitir despachos telegráficos para Sepetiba e outros pontos, pedindo informações. Passado que foi o susto o caso se prestou para plerária. Isso bem demonstra que já havia guerra de nervos naquele tempo.

Entre Sepetiba e a praça de Santa Cruz, pois, que tudo isso era considerado zona de guerra, transitavam constantemente curtos com o seu estado maior. Eram eles: — O dr. Fernando Contantinno, Teixeira da Mota, avô do almirante tão conhecido hoje, Alvaro Alberto, e ainda o coronel Jorge de Pinho de Albuquerque de Campo Grande visto que também Campo Grande era subordinado ao comando de Santa Cruz.

Como último capítulo, narremos o caso Serra Martins e entraremos nos acontecimentos da vida contemporânea de Sepetiba.

Serra Martins homem que mereceu a confiança de Florianópolis, foi feito por ele governador de Santa Catarina, mas quando já declinava a atividade dos revoltosos, com a notícia da esquadra legal que de uma hora para outra devia forçar a Barra do Rio de Janeiro, para dar combate decisivo aos revoltosos, uma notícia correu célere por Sepetiba, com repercussão imediata em Santa Cruz, fora a chegada inesperada desse coronel que fugira de Santa Catarina, com a invasão ali, dos Federalistas, também rebeldes contra o governo.

Não ficou bem positivo até hoje entre eles, a maneira ou os meios de condução de que lançara mão o governador do Estado de Santa Catarina, para apontar as nossas praias, e Serra Martins chegou de surpresa à praia da Barra, onde imediatamente se estabeleceu o até Sepetiba. E seria fuzilado no dia seguinte se ele não fosse atendido pelo Marechal Floriano com quem lhe permitiram falar antes de morrer.

Uma vez comunicando-se com o marechal presidente, tais coisas revoltou-lhe Serra Martins, que o Marechal de Ferro expediu ordens para que o marechal se retirasse. E assim se salvou o governador derrotado. Também estavam contados os dias de revolução, e a acção foi diminuído em Sepetiba, sendo mesmo removidos dali as forças da Guarda Nacional, visto que o teatro de operações ia se deslocando para o sul, e ali se salvou a revolta dos revoltosos no Rio. Sepetiba voltou a sua calma habitual, retomando o seu modo normal, o que coube dizer que esta foi a decadência de tão bela praia.

UM SAPO PARA O PRESENTE

Matéria sobre este episódio também foi publicada no *Jornal do Brasil* em 19 e 23 de dezembro de 1894, sendo publicada matéria completa com entrevistas de testemunhas no ano de 1895.¹¹

Segue parte da transcrição da matéria do jornal *A Manhã* sobre o fuzilamento dos marinheiros em Sepetiba:

(...) em 6 de setembro de 1893, estalou no Rio de Janeiro a Revolta da Armada com o Almirante Custódio de Melo à sua frente. Todos os navios no porto, fossem de guerra ou mercantes, hastearam a bandeira da revolução, sendo que alguns haviam saído barra a fora rumo ao sul, depois mais outros, eram então, boato corrente, veiculado por passageiros ou curiosos que chegavam do Rio, que Sepetiba seria ocupada militarmente. Ora o corpo do exército estacionado em Santa Cruz estaria sendo movimentado a toda pressa para descer a fim de ocupar os pontos estratégicos indicados por Floriano Peixoto. Por outro lado, esses militares, mesmo transmitindo aos pescadores e suas famílias as notícias da segunda ordem recebida no quartel de Santa Cruz, a qual dizia que uma parte ficaria em Santa Cruz para defender um desembarque que estaria eminente em Sepetiba. Agora os bondinhos, os vagões e outros transportes nos serviços da Companhia não vinham mais lotados. Sepetiba como Santa Cruz em alvoroço, experimentou pela primeira vez a sensação que o medo da guerra cria. Mas isso tudo ficou pela metade, nenhum navio apareceu em Sepetiba e dessa localidade mesmo viam os sepetibanos a passagem dos vasos revoltados para o sul, de noite a luz forte de possantes holofotes tudo iluminava e eles acautelaram-se da melhor maneira possível. Passados os primeiros dias de inquietação, os pescadores retomaram os seus serviços de pesca e se acostumaram. Pouco a pouco paisanos e soldados na vida hora de preocupações que os acontecimentos impunham. Soldados por todos os lados, a desconfiança jamais se afastou dos homens do mar e a imunidade que falamos era uma coisa artificial, principalmente quando foi aberto o recrutamento entre os habitantes desta praia em idade de servir no exército, foi ocupado o morro da Faxina, bem como os outros onde antigamente os coloniais haviam deixado vestígios de fortins e velhos morteiros de bronze e que se encontravam até hoje em alguns recantos da praia. Decretada a criação da Guarda Nacional com bons ordenados, Sepetiba foi contemplada e muitos receberam a notícia com bastante prazer, sentindo-se honrados, com as suas divisas de cabos e sargentos, também conhecemos ali alguns oficiais do primeiro posto nomeados pelos primeiros decretos. Dissemos que a pacata Sepetiba tinha mudado seu modo de vida, tendo mesmo alguns naturais sido recrutados para a guarda nacional, agora podemos acrescentar que este estado de coisas prolongou-se por alguns meses, porque de toda a parte um grande número de cidadãos foi chamado ao serviço das armas, Sepetiba porém, preserva a guarda nacional, que além de ter o mesmo soldo ainda era de mais fácil acesso, as divisas amarelas da Guarda Nacional convidava-nos e um bom número dos filhos dos pescadores apareceu logo nas suas fileiras como dissemos acima. Tudo era agitação ali, mas honra seja feita, jamais parou o serviço de pesca. A revolta prosseguia, disser-ia-a naquele tempo que o

¹¹ Infelizmente, o material possui direitos autorais e não podemos disponibilizá-lo aqui. Entretanto, encontra-se disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca nacional para consulta.

Almirante Custódio José de Melo triunfaria sobre Floriano, a Velha cidade de Angra dos Reis foi invadida, não obstante, tiveram os que aí desembarcaram de retirar-se para o alto mar, e que na Marambaia e na Ilha Grande, uma vez por outra, havia troca de tiros com os canhões dos revoltosos, os pequenos fortes do litoral, até que em um dia de janeiro, de 1894, pela tardinha, surgiu na praia de Sepetiba o pequeno Vapor Lamego, forçado que foi para entregar-se, pois suspeitava-se que o navio iria incorporar aos revoltosos. Isso proporcionou aos moradores de Sepetiba e de Santa Cruz dias de grandes sustos e surpresas. A todo momento os boatos surgiam na boca daquele povo, sempre desacostumado aos fatos belicosos da revolução, e tinha razão para isso, porque com o Lamego foram capturados muitos marinheiros, e a justiça marcial não se fez esperar. O comandante desta praça, um major bastante impulsivo florianista ao extremo, fez levar 21 deles para a pequena ilha da pescaria, onde até então havia o porto da Companhia Rio-São Paulo e mandou fuzilá-los sem mais delongas e tudo isso caiu muito mal no animo daquela gente, durante muitos anos ali eram vista as cruzeiras indicando as suas sepulturas, míseros brasileiros que não eram culpados e sim obedientes às ordens de seu comandante no mar. Essa ilha é conhecida hoje mais como ilha dos Marinheiros. Por tudo isso é bem apreciável que os sepetibanos ficassem conhecedores das coisas de sua pátria, não obstante, forçoso é confessar que ali todos eram sempre mais inclinados para o lado do Almirante Custódio José de Melo, eram seus simpatizantes com se diria hoje, eram todos homens do mar, mas o fuzil e o canhão implacáveis não permitiam que ninguém se manifestasse e com esse caso ocorrido, que nunca ficou bem apurado surgiram os boatos que após a chegada do Lamego que ali estava ancorado chegaria para vir busca-lo outros navios armados em guerra e um dia por causa disso noticiou-se a presença do Aquidabã, que já estaria em Sepetiba e forçara a barra do Rio Itá para entrar em Santa Cruz onde tinha sede o 5º regimento de artilharia.(...)

Outro fato importante acerca da história local, e que vale ser mencionado, foi a decisão de D.João VI para que fossem construídos fortes¹² em Sepetiba a fim de proteger o regime Imperial. O Forte de São Pedro, erguido no chamado Morro de Sepetiba, para defesa da praia de Sepetiba e das ilhas da Pescaria e do Tatú, artilhado com oito peças, onde hoje provavelmente se encontra o Radar da base aérea de Santa Cruz, hoje, ALA 12. O outro foi o Forte de São Leopoldo construído no morro do “Piranga” entre as praias do Cardo e de Dona Luíza ou Recôncavo, em posição dominante no morro da Sepetiba. Compunha-se de duas baterias, uma artilhada com cinco peças, batendo a praia de Sepetiba e as ilhas da Pescaria e do Tatú, e outra, artilhada com quatro, batendo o terreno até a um grande alagadiço que então existia no extremo

¹² GARRIDO (1940) acrescenta que todas as fortificações entre a barra de Guaratiba e Sepetiba (litoral sul do então Distrito Federal, antigo Município da Corte), se encontravam, em 1838, sob o comando único do Capitão Inácio Luiz Sodré (op. cit., p. 127). As fortificações de São Pedro, São Paulo, São Leopoldo e mais Piahi, Uripiranga e Lameiro, se encontram relacionadas entre as defesas do setor Sul ("Fortificações de Sepetiba") no "Mapa das Fortificações e Fortins do Município Neutro e Província do Rio de Janeiro" de 1863, no Arquivo Nacional (CASA DEI, 1994/1995:70-71).

da praia de Sepetiba. E o terceiro foi o forte de São Paulo, erguido em posição dominante em um morro pouco elevado, formando dois ângulos reentrantes: um com a praia de Sepetiba e outro com as de Pihai (atual praia do Recôncavo) e de Arapiranga. Compunha-se de diferentes estruturas, artilhadas com dezenove peças. (BARRETO, 1958. P. 368)

Ainda que Sepetiba tenha passado por um momento de estagnação, após a Segunda Guerra Mundial o bairro voltou a se desenvolver, mas através de uma economia voltada para pesca, turismo e todo o complexo de atividades econômicas relacionadas com o meio ambiente e a balneabilidade. Neste período, aproximadamente a partir de 1949, com a chegada da luz elétrica, Sepetiba toma novo folego, ganhando um Coreto, considerado o mais antigo da cidade do Rio de Janeiro.

Sepetiba também possui uma histórica colônia de pescadores, considerada uma das mais antigas do Estado. Hoje, com o prédio em estado deplorável, tenta se reerguer, mas já teve seus dias de glória. Foi inaugurada oficialmente no ano de 1934, em 10 de março, por Benedicto Caetano da Silva e sua esposa Quininha, cujo prefixo era Z-20. Na construção datada de 1886 seu prefixo era Z-9 e atualmente o seu nome oficial é colônia Z-15.

A colônia de pescadores durante o início do século XX lutava bastante pelos interesses da comunidade em geral, tanto que durante a Segunda Guerra Mundial, Sepetiba e adjacências não possuíam luz elétrica, o sistema de iluminação era feito através de lampiões de querosene. Homens conhecidos como Genésio Barboza, Alvino Gabriel de Almeida, Manuel Vaz, todos integrantes da então colônia Z-20 e do clube de futebol da época, se dispuseram como os responsáveis pela compra e venda do querosene para iluminação através de uma cota que conseguiram junto ao governo federal. Como o racionamento era muito rígido, criaram um também severo sistema de cadastramento, com o objetivo de que nenhum morador ficasse sem a quantidade necessária de querosene para iluminação. (ROSA, Alcebíades, 1985. p. 12)

Transferido da praça XV de Novembro, no Centro da cidade do Rio de Janeiro para o bairro de Sepetiba, o famoso coreto de Sepetiba veio ornar a praça Washington Luiz, quando da chegada da luz elétrica no bairro. Foi o marco deste acontecimento, ocorrido no dia 30 de julho de 1949, com as presenças do prefeito Mendes de Moraes e do então Presidente Eurico Gaspar Dutra. O Senhor Cícero Bezerra de Melo, um de nossos entrevistados nesta pesquisa, foi testemunha deste importante evento para o bairro.

A inauguração da luz elétrica no bairro foi objeto de matéria publicada no periódico *Diário de Notícias* de 30 de julho de 1949:

Figura 9 - Luz Elétrica, 1949

Vai ser inaugurada a luz elétrica em Sepetiba

No seu programa de atender às reivindicações da população da zona rural, o prefeito tem determinado medidas de caráter urgente à Secretaria de Viação, a fim de que sejam introduzidos os melhoramentos pedidos.

Nessas condições, Guaratiba, recentemente, teve a sua luz elétrica inaugurada. Agora, será inaugurado melhoramento idêntico em Sepetiba, providência há muito reclamada aos prefeitos do Distrito Federal.

Com a instalação de luz elétrica em Sepetiba, os moradores locais dirigiram um convite ao presidente da República e ao general Mendes de Moraes para que participem das festividades que terão lugar naquela localidade, tendo o chefe do governo federal e o prefeito atendido ao convite.

O programa de festividades é o seguinte: 7 horas, alvorada; 10 horas, missa campal em ação de graças; 12 horas, provas esportivas em homenagem ao presidente da República e ao prefeito do Distrito Federal; 18 horas, recepção ao presidente da República, ao prefeito e outras autoridades, bem como inauguração da placa comemorativa da instalação de luz elétrica em Sepetiba; 20 horas, cock-tail, e às 22 horas, festa veneziana e bailes populares.

seção de Inve-
des, de 32 ar-
res Cabral, 8
ver, a arma-
rimento no
ternada no E

Ana Maria
na rua Beñe
se à policia
no dia 27 d
na referida
de Santana,
Lourdes, de
pau por Mar

Estím
para a
NOVA
A Moore-
uma série
ços e itin
assim, est
mo à Amé
Foi elim
do o qual
viagem de
da costa
res, inclus
Buenos A

Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca nacional

A partir da instalação da luz elétrica, outras melhorias foram sendo realizadas no bairro, incluindo as atividades de lazer e entretenimento. No início da década de 1950 foram inaugurados dois cinemas, o Cine Yara e o Cine Sepetiba. O Clube Sepetiba Futebol e Regatas, inicialmente sediado na colônia de pescadores Z-15 deu início às suas atividades no ano de 1946 e ganhou sua sede à rua dos Pescadores em 1953. A igreja de São Pedro, localizada na praia de Sepetiba foi inaugurada no mês de junho no ano de 1895, construída através do esforço dos pescadores locais, sedia a tradicional festa de São Pedro e a procissão marítima, a qual passou a atrair ainda mais devotos e visitantes.

Todos os anos, nos dias 29 de junho, data consagrada a São Pedro, a irmandade de São Pedro em Sepetiba se reunia objetivando organizar as comemorações e festejos em honra do Santo, as tarefas eram distribuídas e se elaborava a programação da festa com bastante antecedência, pois se dirigiam para a tradicional festa moradores de vários bairros não só da

zona oeste da cidade do Rio de Janeiro como de outras regiões. Mas, antes das comemorações oficiais e festejos, que ocorriam sempre num domingo celebrava-se o tríduo de novenas. No dia da festa, a capela era limpa cuidadosamente por membros da irmandade de São Pedro e da comunidade em geral, no piso lavado espalhava-se folhas de mangueiras, as barraquinhas ganhavam enfeites de folha de pita (Planta originária dos manguezais e que existia em grande quantidade na ilha dos Marinheiros) (ROSA, Alcebíades, 1985, p. 20)

Toda a área da festa era iluminada por um gerador trazido pela CIA. De Radiotelegrafia Brasileira, sob a responsabilidade de Antônio Ignácio da Costa, também conhecido como Antônio Ferreira, a festa acabou por tornar-se uma tradição local, a ponto de não precisar de publicidade para divulgá-la, comparecendo moradores de toda a cidade do Rio de Janeiro.

No ano de 1954, Sepetiba foi incluído no itinerário da primeira volta à então capital do país, uma prova ciclística muito popular na época. O Sepetiba Futebol e Regatas recebeu grandes times e grandes jogadores, que ficaram concentrados em suas instalações. O bairro também serviu de cenário para a primeira novela em cores da televisão Brasileira que estreou no ano de 1973, *O Bem Amado*, e seu icônico coreto, localizado na Praça Washington Luiz serviu de palanque para os históricos discursos da personagem Odorico Paraguassu, o que também insere Sepetiba nos registros da história da teledramaturgia brasileira. Estes são apenas alguns dos fatos que colocam Sepetiba em notória evidência histórica. (ROSA, Alcebíades, 1985, p. 20)

1.3 Um longo e árduo caminho a ser trilhado

O bairro de Sepetiba pode ser considerado um antigo povoamento de pescadores simples, caiçaras, ou seja, habitantes naturais do litoral das regiões Sul e Sudeste do Brasil, formados a partir da miscigenação entre índios, negros e brancos que vivem essencialmente da pesca artesanal, da agricultura, da caça, do artesanato. Mesmo sendo um local tranquilo e povoado por pessoas simples, foi palco de encontros importantíssimos que culminaram na independência do Brasil.

Há muito tempo a autoestima da população do bairro de Sepetiba, enquanto moradores orgulhosos e defensores, vem enfraquecendo notadamente. Consequentemente, os vínculos com o bairro também enfraquecem. Conforme afirma Sinvaldo do Nascimento de Souza,

historiador, morador do bairro de Santa Cruz, um dos fundadores do NOPH- Ecomuseu de Santa Cruz, o simples trânsito por Sepetiba de personalidades que participaram diretamente e efetivamente de fatos históricos que culminaram com a proclamação da independência do Brasil já é salutar, para ser observado por todos os sepetibanos que lutam por melhores condições econômicas, culturais e sociais para aquele antigo povoado, colônia de pescadores.

O bairro de Sepetiba, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, vem sofrendo mudanças que levaram a um processo de estagnação política e econômica, provocada, em especial, nos últimos 40 anos, pela degradação ambiental sofrida, seja pela criação de um distrito industrial no bairro de Santa Cruz e/ou pela criação de um porto na cidade de Itaguaí.

Devido a todo o processo de degradação ambiental ocorrido na localidade aqui tratada, famílias inteiras viram-se desamparadas economicamente, pois viviam da pesca, do turismo, e de todo o resto de atividades econômicas relacionadas com o meio ambiente, com a baía de Sepetiba. Com a degradação da baía o único meio de subsistência dessas famílias foi-lhes tirado, já não poderiam viver exclusivamente da pesca, toda a comunidade era voltada para atividades relacionadas ao turismo e a pesca, conseqüentemente dependia das temporadas de veraneio, há necessidade de um trabalho intenso e ininterrupto para ajudar na recuperação da economia local, da autoestima dos moradores e no desenvolvimento. (Wild, Almeida. 2012, p. 258)

Entre os fatores que acarretam a poluição na Baía de Sepetiba são os componentes orgânicos e os originários dos esgotos domésticos, sanitário, dos efluentes industriais. Não existindo medição direta das cargas orgânicas lançadas na baía as cargas são estimadas a partir da população de cada bacia contribuinte de drenagem e da atividade econômica desenvolvida em cada região. A ausência de fiscalização por parte do poder público, acúmulo de metais pesados e a pesca predatória constituem uma tríade de degradação e estagnação na região. (WILD,2018, p.148)

Esta baía, chamada “baía dos milagres”, por um dos moradores mais antigos do bairro de Sepetiba, “Seu” Salviano, devido a sua lama milagrosa, rica em monazita, a quinta maior baía brasileira, foi negligenciada a tal ponto que hoje a situação em que se encontra é considerada por alguns como irreversível. Cabe aqui a menção ao caso da Companhia Mercantil e Industrial Ingá. Localizada no Município de Itaguaí, Ilha da Madeira, ZUPI de Coroa Grande, a Cia. Mercantil Ingá – atualmente interdita – que tinha como principal atividade a produção de

zinco de alta pureza, representa um dos maiores passivos ambientais de que temos conhecimento; seus estoques de resíduos, acumulados há mais de 30 anos, contaminaram e ainda ameaçam o equilíbrio ecológico da Baía de Sepetiba. (WILD,2018, p.149)

Segundo Wild (2018, p.150) a Companhia Mercantil e Industrial Ingá foi condenada, desde novembro de 2000, por contaminação da água com metais pesados na Baía de Sepetiba. A empresa deveria construir um aterro industrial e remover, em 60 dias, os 3 milhões de toneladas de resíduos químicos deixados na Ilha da Madeira, em Itaguaí, o que não ocorreu. Em alguns pontos foram identificados (quatro mil) 4.000 ppm (partes por milhão) de zinco, que, em níveis elevados, está relacionado à aterosclerose e insuficiência cardíaca, e o limite seguro é de 50 ppm. Em outras áreas, as concentrações de cádmio – metal pesado de alta toxicidade – foram registrados até 8 ppm, quando uma resolução federal estabelece o máximo de 0,2 ppm.

Por comparação com os outros setores, o setor metalúrgico é o de maior relevância no que concerne a níveis de poluição, tanto em função de quantidade produzida, quanto de importância na poluição das águas e sedimentos da Baía de Sepetiba com o lançamento de efluentes líquidos e resíduos tóxicos sem o devido tratamento, constituídos de altas concentrações de metais pesados, principalmente o zinco e o cádmio. (WILD, 2018, p.150)

O advento de criação do Porto de Itaguaí, na baía de Sepetiba, demonstra uma ausência de diálogo com as conexões globais, impondo, de cima para baixo, um eixo de desenvolvimento econômico que não beneficia a localidade, muito pelo contrário; estabeleceu um marco para a estagnação econômica de sua população que teve suas fontes de renda radicalmente reduzidas, reforçando na localidade, o fim de sua balneabilidade, confinando o bairro a um período ainda não superado de pobreza econômica. (WILD, Almeida. 2013, p. 33-39)

A organização, a divisão do espaço das cidades é a luta pela dominação do capital, que é evidenciada a partir da segregação deste espaço e do preterimento de áreas específicas e se reproduz nesse território. É, também, a luta pela dominação de classes. De acordo com Gramsci (2002), na história dos grupos subalternos, sempre há intervenção dos grupos dominantes e que, mesmo quando acontecem trocas, mudanças, negociações desses grupos dominantes, se não forem permanentes, a subordinação será mantida.

O problema que o autor coloca é a continuidade do processo de autonomia do grupo, do fortalecimento da identidade coletiva e dos objetivos políticos, pois de acordo com Gramsci, a abordagem do poder hegemônico versus uma luta contra hegemônica seria de forma desigual e em incontáveis frentes, desde as mais repressivas às mais ideológicas, como é o caso da cultura e da memória, questões que tratamos aqui.

Mesmo com obras ditas de reabilitação ambiental na praia de Sepetiba, iniciadas no ano de 2010, as condições da baía continuam dificultando a vida dos pescadores. Para que a baía seja despoluída, “reabilitada” ambientalmente demanda tempo e mais investimentos. A obra realizada pela empresa Odebrecht consistiu em “cobrir” toda a lama existente ao longo da praia conhecida como Praia de Sepetiba com uma espécie de manta chamada de Geotêxtil e cobri-la com areia, grande parte retirada por meio de máquinas da própria baía, provavelmente contaminada com metais pesados devido ao acidente da Ingá Mercantil, um dos maiores passivos ambientais ocorridos no país.

Com a avaria das máquinas usadas para retirar essa areia iniciou-se o aterramento com areia destinada à construção em alguns trechos e areia retirada de areais e rios. Deste modo, ambientalistas afirmam que a “reabilitação ambiental” não passou de uma “reabilitação social”, pois a referida praia, tomada por lama e vegetação de mangue e característica de restinga, não poderia ser utilizada nem para o lazer, o que após as obras foi possível. É consenso entre moradores e ambientalistas que o bioma mangue é de suma importância para a vida marinha, para a baía de Sepetiba, uma vez que esse ambiente serve de “berçário”, além de servir também como uma espécie de “filtro” de resíduos sólidos que chegam à baía com as cheias dos canais que desembocam nela, colocando em risco a vida de variadas espécies existentes na baía, como as tartarugas.

Ao falarmos em “Reabilitação social” queremos evidenciar que a praia de Sepetiba estava completamente negligenciada, sendo impossível realizar qualquer tipo de atividade de lazer em quase toda a sua extensão, com esta obra, chamada pelo poder pública de “reabilitação ambiental”, de forma negligente, uma vez que não consistiu em nenhum processo que desencadeasse a despoluição da praia, da baía de Sepetiba, foi viabilizado a população utilizar grande parte da extensão da praia para realização de atividades de lazer, esportes, reuniões e até mesmo festas e luais, como podemos ver na matéria a seguir publicada no jornal EXTRA em 21 de janeiro do ano de 2012.

Para compreendermos o que ocorreu na localidade aqui pesquisada, é necessário partirmos do pressuposto que “ambiente” seja compreendido como um sistema que abrange uma comunidade integralmente, com sua parte física (ambiente natural no qual os seres interagem), a parte socioeconômica (relações de produção e consumo), a parte cultural (tradições, hábitos, costumes, valores, ideologias) e a parte política (o exercício da cidadania, a conscientização e a mobilização). Desse modo, torna-se imprescindível a compreensão da estrutura socioambiental e dos aspectos históricos, culturais e políticos para se criar uma ação estratégica de conscientização, educação e mobilização que envolva de fato os membros de uma sociedade.

A partir de uma série de movimentos, iniciativas individuais e de grupos locais a situação de descaso, “esquecimento” e a conseqüente desvalorização por parte dos moradores (as) vem se transformando. Desde o início da década de 1990, mesmo com ações como os “abraços” simbólicos à praia de Sepetiba, o enterro simbólico da praia etc., realizados por grupos como o S.O.S Baía de Sepetiba, Comissão de Revitalização de Sepetiba (CORES) dentre outros, o descaso das autoridades competentes para com a região é notório. Um grupo de moradores de Sepetiba somou forças acreditando que com algum esforço e mobilização, é possível modificar a situação do bairro, que um dia foi “a princesinha da zona oeste”, que já possuiu notoriedade entre a população da cidade do Rio de Janeiro, e hoje é preterida, esquecida, e a cada dia mais degradada.

Figura 10 - Luau na praia de Sepetiba

EXTRA 20
FOTO VÍDEO Extra Digital

CAPA NOTÍCIAS POLÍCIA EMPREGO FAMOSOS MULHER TV E LA

Notícias Rio

21/01/12 18:00 [Curtir 9](#) [Tweetar](#) [G+](#)

Praia de Sepetiba, que era rejeitada pela poluição, vira point para moradores, que organizam até luau



Bruno Cunha Tamanho do texto [A](#) [A](#) [A](#)

Parece que este ano o verão veio mesmo para ficar em Sepetiba. Tanto que chegou de cara nova para o tão esperado reencontro com os moradores. Foi em uma noite estrelada de outubro — muito antes da data oficial, em dezembro —, quando cerca de 600 pessoas o reconheceram no primeiro luau realizado na Praia de Sepetiba, após anos de saudade.

A estação voltou para lá cheia de novidades. E logo (re)conquistou a todos em uma recepção acalorada. No lugar da lama, que impedia os moradores de chegarem à beira da praia, por exemplo, surgiu a areia fofa. E, em vez da escuridão habitual, foi providenciada iluminação à luz de velas e de 50 tochas ali fincadas, além de dois refletores improvisados. Até o mau cheiro sumiu dos arredores, onde paira o odor — e o sabor — das frutas típicas da estação, que são servidas em bandejas.



A ideia de resgatar os bons tempos noturnos do verão, com um luau gratuito e aberto à população, é de dois amigos. Um deles, o professor e Educação Física Giovani Duarte, de 33 anos. Quatro festas já correram na praia, que passa por revitalização e já teve 280 metros de faixa de areia liberados, dos 2 mil que deverão ser concluídos em março.

— Com o luau, queremos resgatar a antiga Sepetiba e trazer a cultura para a praia, criando um atrativo noturno — conta Giovani.

Giovani explica que a entrada é gratuita e as frutas também. Mas as bebidas ele vende em uma tenda de drinques e coquetéis que monta na areia, bem ao lado de pranchas de surf fincadas nela. A festa acontece das 22h às 5h.

Mesmo com o banho de mar não aconselhado, devido à poluição, as vendas de bebidas e comidas vai de vento em popa na Praia de Sepetiba. Já foi fundada até a Associação dos Ambulantes da Praia de Sepetiba, com 34 cadastrados.

Fonte: Jornal Extra Online

A seguir a transcrição da matéria publicada no jornal Extra em 21 de janeiro de 2012:

Praia de Sepetiba, que era rejeitada pela poluição, vira point para moradores, que organizam até luau
Bruno Cunha

Parece que este ano o verão veio mesmo para ficar em Sepetiba. Tanto que chegou de cara nova para o tão esperado reencontro com os moradores. Foi em uma noite estrelada de outubro — muito antes da data oficial, em dezembro —, quando cerca de 600 pessoas o reconheceram no primeiro luau realizado na Praia de Sepetiba, após anos de saudade.

A estação voltou para lá cheia de novidades. E logo (re)conquistou a todos em uma recepção acalorada. No lugar da lama, que impedia os moradores de chegarem à beira da praia, por exemplo, surgiu a areia fofa. E, em vez da escuridão habitual, foi providenciada iluminação à luz de velas e de 50 tochas ali fincadas, além de dois refletores improvisados. Até o mau cheiro sumiu dos arredores, onde paira o odor — e o sabor — das frutas típicas da estação, que são servidas em bandejas.

A ideia de resgatar os bons tempos noturnos do verão, com um luau gratuito e aberto à população, é de dois amigos. Um deles, o professor de Educação Física Giovani Duarte, de 33 anos. Quatro festas já ocorreram na praia, que passa por revitalização e já teve 280 metros de faixa de areia liberados, dos 2 mil que deverão ser concluídos em março.

— Com o luau, queremos resgatar a antiga Sepetiba e trazer a cultura para a praia, criando um atrativo noturno — conta Giovani.

Giovani explica que a entrada é gratuita e as frutas também. Mas as bebidas ele vende em uma tenda de drinques e coquetéis que monta na areia, bem ao lado de pranchas de surfe fincadas nela. A festa acontece das 22h às 5h.

Mesmo com o banho de mar não aconselhado, devido à poluição, as vendas de bebidas e comidas vai de vento em popa na Praia de Sepetiba. Já foi fundada até a Associação dos Ambulantes da Praia de Sepetiba, com 34 cadastrados.

Produzimos patrimônio, transformamos a cultura, uma vez que é herança social, a cultura se mantém pela tradição, contudo ela pode ser continuamente recriada com a finalidade de exprimir as novas realidades vividas por indivíduos e grupos sociais, e é justamente isso que o Ecomuseu de Sepetiba, ponto focal de nossa análise, vem realizando. “Despertando” os moradores locais, buscando transformar e ao mesmo tempo manter a tradição, adaptar-se sem perder as origens, criando e recriando, adaptando e mantendo de forma autônoma, a partir da gestão comunitária, o Ecomuseu pode ser definido como um instrumento de informação e de tomada de consciência.

O dia 25 de outubro de 2009 nunca mais será esquecido pelos precursores do então Movimento Ecomuseu Sepetiba, entre eles esta pesquisadora, além dos seguintes moradores, Ventolídio José de Almeida Neto, Cláudia Polycarpo, Jorge Salviano, Loreni Wild, dentre outros, pois desencadeou um processo de reconhecimento, uma “redescoberta”. Neste dia, o

bairro foi apresentado com a sua inclusão no roteiro da I Jornada de formação em Museologia comunitária realizada pela Secretaria Municipal de Cultura SMC/ Coord. de Museus, Ecomuseu de Santa Cruz, NOPH, Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus comunitários (ABREMC), Unión de Museos Comunitarios de Oaxaca (UMCO), através da realização de uma Roda de Lembranças no Centro Comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo (Sepetiba).

Iniciava-se, então, o “Movimento Ecomuseu Sepetiba”. O reconhecimento enquanto processo ecomuseológico encaixou-se perfeitamente nas necessidades da comunidade e do meio ambiente da região, pois o Ecomuseu vai além da ecologia, seu conceito é muito mais complexo, o termo está ligado a numerosos outros conceitos como o de território, espaço como objeto de interpretação, reserva ambiental dentre outros, lugar de memória viva. Sepetiba é rica em histórias e memórias, e ainda existem muitos moradores e moradoras interessados em perpetuá-las, sabendo que o ecomuseu é representativo ele deve decorrer do território e de sua população. Como afirma Hugues de Varine é essencialmente cooperativo, e justamente nesta questão encontra-se o grande desafio, a participação e a mobilização dos habitantes. (VARINE, 2006, p. 44)

A roda de lembranças e a comemoração do aniversário do bairro que havia sido esquecida desde o início da década de 1990, voltando a ser realizada no ano de 2008, despertaram de certa forma um orgulho que estava adormecido nos moradores(as) do local. A partir, pois, deste ano foram expostas fotografias antigas, textos, livros sobre o bairro, matérias de jornais antigos etc., que possibilitaram aos novos moradores a “descoberta” do seu bairro e aos antigos a “redescoberta”. Como dito anteriormente, a realização de uma oficina (roda de lembranças) durante a I Jornada de Formação em Museologia Comunitária despertou nos moradores do bairro a necessidade de organizar e orientar o seu desenvolvimento com participação democrática, usando a “ferramenta” Ecomuseu. (POLLAK, 1992)

A memória, de acordo com Pollak (1992) deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes, logo, não se pode falar em “resgatar memória” porque a memória é construção, não está lá, pronta, para que alguém a leve consigo, as rodas de lembranças, realizadas semestralmente pelo grupo deste ecomuseu, servem justamente para isso, são um gatilho para o compartilhamento e construção coletiva, para encontrarmos os pontos relativamente invariantes, imutáveis, semelhantes, e a partir disto podemos registrar essas narrativas,

transformadas, mantidas e construídas , todos os semestres por todos aqueles que vivem e sentem este território.

Pollak (1992) destaca a organização da memória em função das preocupações pessoais e políticas do momento, que evidencia que a memória é um fenômeno construído. Quando o autor fala em construção individual, ressalta que essa construção pode ocorrer consciente ou inconscientemente. O que a memória individual registra, recalca, exclui, relembra, para Pollak (1992) é o resultado de um trabalho de organização.

De acordo com Pollak, se podemos dizer que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade, por ele tomado neste texto em seu sentido superficial, o sentido da imagem de si, para si, como identificação, é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros, o que de fato é de suma importância para os moradores deste bairro.

Cabe aqui ressaltarmos que muito além de analisar e examinar os discursos, narrativas, práticas sociais, as questões relacionadas à história e à memória da localidade aqui apresentada, este trabalho traduz uma preocupação pessoal de registro da experiência dos moradores, incluindo esta pesquisadora, enquanto membros de uma comunidade no núcleo de um processo de reconhecimento como Ecomuseu comunitário. Destaca não somente o espaço como cenário do desenvolvimento deste processo, mas também e sobretudo analisa a construção da memória a partir das subjetividades, refletindo acerca das necessidades, casualidades e oportunidades desses processos dito endógenos que emanam das próprias comunidades. (PRIOSTI, 2013, p. 21-38).

1.4 O Reconhecimento – O Espelho

Iniciamos este tópico do capítulo com uma afirmativa proferida por Hugues de Varine em *As Raízes do futuro* (2012, p. 170) “o desenvolvimento não pode se fazer sem a participação efetiva, ativa e consciente, da comunidade”. Justificamos a citação: pretendemos aqui expor a trajetória do reconhecimento enquanto processo ecomuseológico do Ecomuseu de Sepetiba,

visto que toda esta jornada ecomuseológica inicia-se a partir da realização de uma “Roda de lembranças” no bairro de Sepetiba (zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro) durante a I Jornada de Formação em Museologia Comunitária no ano de 2009, quando a comunidade de Sepetiba pôde reencontrar-se consigo mesma, com suas histórias e memórias, e pode redescobrir-se enquanto localidade admirável e aprazível, o que há tempos não se fazia.

Nestes quase nove anos, o Ecomuseu de Sepetiba está em um processo de envolvimento comunitário, ou seja, tentando abranger a comunidade como um todo; realizando uma série de atividades, que em um primeiro momento, motivam e reúnem um grupo de pessoas que buscam liderar, ou melhor, facilitar esse processo ecomuseológico. Mas, trata-se de um processo lento e difícil, gradual; a população local é habituada com politicagem e espera imediatismo, o que em um processo ecomuseal não é possível.

Assim, uma das atribuições do Ecomuseu é propiciar e fortalecer as conexões que garantam ao morador local percepção do conjunto, de que é um cidadão da cidade e que deve ter direito a ela. Vale a pena ressaltar que cada projeto museal possui uma particularidade, uma especificidade, cada museu local possui uma ação junto ao público. O Ecomuseu de Sepetiba busca promover, com uma gestão comunitária, uma consciência acerca do desenvolvimento local.

O ecomuseu surge assim, como um instrumento que nos permite reconhecer e redescobrir o que nos dá identidade, mesmo que no presente, o que nos configure não seja somente o belo do passado, mas o desejo de transformação, de mudança para um futuro melhor. Nesse processo de sete anos, o ecomuseu vem conquistando mais espaço e mobilizando cada vez mais o bairro de Sepetiba, inclusive a criação de um “lema” para o museu foi de suma importância para o fortalecimento desta iniciativa, “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem”, lema este baseado no pensamento do museólogo francês Georges Henri Rivière. Como representação de uma memória coletiva em constante criação/recriação, o ecomuseu não pode se igualar a nenhum modelo de museu conhecido, determinado.

Desde o início do reconhecimento enquanto processo ecomuseológico vários eventos e ações vêm sendo realizadas vislumbrando sempre enaltecer as belezas, a história e a memória locais. Uma das primeiras ações logo após a realização do aniversário do bairro de Sepetiba no ano de 2008, e da Roda de lembranças em 2009, onde de fato inicia-se todo esse processo, foi

uma oficina oferecida pela Museóloga Odalice Priosti, “O que são Ecomuseus e Museus Comunitários”, realizada em um dia bastante sugestivo, 22 de abril do ano de 2010. Mas, antes disso já estavam sendo realizados os chamados Passeios de reconhecimento, que consistem em passeios destinados à população local com o objetivo de reconhecerem e conhecerem sua região de forma abrangente e mais aprofundada; nestes passeios se fala de história local, meio ambiente e cultura local.

Estes passeios que também podem ser chamados de visitas técnicas, eram feitos antes mesmo do início das obras realizadas na praia de Sepetiba, contando sempre com o apoio e incentivo de moradores antigos e ilustres para a população local como “Seu Erasmo”, “Seu Salviano” figuras emblemáticas de Sepetiba, conhecidos em todos os “sub - bairros”, respeitados pela população local. Um desses passeios de reconhecimento foi realizado no final do ano de 2009 percorrendo toda a extensão desde a praia de Sepetiba até a APA das Brisas já em Guaratiba.

Hoje esses “Passeios” possuem uma periodicidade, acontecem todo primeiro domingo do mês, e contam com cinquenta visitantes em média. Periodicamente os membros deste museu reúnem-se nas casas dos moradores envolvidos nos processos do Ecomuseu de Sepetiba ou no Centro comunitário Santo Expedito, passeios mensais de reconhecimento, ações de educação patrimonial e conscientização nas escolas locais e até mesmo um Colóquio no ano de 2014 cujo título é bastante condizente com a realidade deste Ecomuseu “Ecomuseu de Sepetiba: Agindo, pensando e transformando! Um Museu de ação!”, vale ressaltar:

(...) essa comunidade não é um objeto do museu, seus membros não são simples visitantes, um público como outro qualquer, do mesmo tipo, por exemplo, que os turistas ou os grupos escolares vindos de ônibus, eles são sujeitos do museu e são atores, não basta tratá-los como informantes, ou como espécimes etnográficos ou em amostras sociológicas, mas o museu deve integrá-los a todas as etapas de seu processo e de sua vida. (VARINE, 2012, p. 187).

O Ecomuseu ao labutar em favor do desenvolvimento da comunidade deve levar em conta os problemas e questões colocadas em seu âmago tratando-os de maneira crítica analítica e estimulando o processo de conscientização, mobilização e a criatividade da população. Para isso utilizando as informações do seu passado e presente para que ela venha a pensar o futuro

de forma questionadora e esperançosa. Logo “(...) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos”. (FREIRE, 1982, p. 33).

Nesse contexto, estamos estudando e adaptando à nossa realidade, as técnicas aprendidas aqui no Brasil e em outros países, em especial, com a experiência mexicana da UMCO (Unión de Museos Comunitarios de Oaxaca), os “pueblos” históricos desejavam eles mesmos fundar e gerenciar seu museu, esses exemplos e experiências nos permitem avançar mais no processo de sensibilizar e despertar nos moradores o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para uma participação comunitária efetiva.

Nossa principal questão é analisar as influências, consequências e resultados das ações que vem sendo realizadas por este museu, que segundo seus membros, possui uma perspectiva voltada para a capacitação de nossos atores, focada no diálogo com as diversas instituições do bairro, preocupando-se em aumentar a rede de participantes e na elaboração de um plano de trabalho anual com a realização de oficinas sobre museologia comunitária, participação e lideranças comunitárias, aprofundamento nos conhecimentos do território e da história local, para que esse grupo possa mobilizar de maneira dinâmica, a comunidade do bairro de sepetiba.

Este Ecomuseu também atua como projeto de desenvolvimento comunitário sustentável buscando transformar a realidade local de exclusão social e principalmente econômica, atuando nas áreas de cultura, meio ambiente, pesquisa e educação através de diversas atividades em educação patrimonial envolvendo a comunidade. A missão deste ecomuseu compreende pesquisar, manter, documentar, decifrar, valorizar e disseminar testemunhos do ser humano e do meio, objetivando colaborar para a construção e a transmissão das memórias coletivas e para um desenvolvimento local sustentável e integral.

1.5 A construção e a gestão da memória

A memória tem um papel fundamental na construção da identidade, tanto individual quanto coletiva; memória e identidade não devem ser compreendidas como manifestações de alguma essência do indivíduo ou do grupo, mas sim fenômenos que se constroem socialmente e que, portanto, não estão isentos de mudanças desenvolvidas em virtude das “preocupações pessoais e políticas do momento” (POLLAK, 1992, p. 201).

Ocorreu em Sepetiba, um desaparecimento ou podemos dizer um esmaecimento dos relatos referentes à memória coletiva da região. A partir, no entanto, da divulgação e da exaltação da história do bairro e de seus encantos de diversas formas, viabilizou-se o surgimento de uma nova realidade para a população esquecida deste “Recanto” preterido da zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, identificado como “bairro dormitório”. Nos últimos anos vem-se estudando e ampliando a compreensão sobre os diversos papéis que os diferentes tipos de museu vem apresentando à sociedade. Como, afirma Varine (2012, p.174):

(...) é certo que os grandes museus nacionais e /ou internacionais fazem evidentemente parte do patrimônio comum do país, incorporando tudo o que provem das vicissitudes da história, mas o museu local, como suas atividades, pertence antes de tudo à comunidade que vive nesse território e sua representatividade deve contar com essa comunidade em nome do princípio de subsidiaridade. O que significa que essa comunidade e seus representantes têm o direito de controle sobre o museu e sobre o que vai ser feito nele, sobre a sua interpretação das coleções sobre a relação com o desenvolvimento local!

Alguns moradores do bairro de Sepetiba, diante de uma crise identitária e do risco iminente da perda de valores, para se reconhecer, redescobrir e ouvir, construíram o seu museu. Nesse sentido, o museu compreende seu papel como instrumento de desenvolvimento local, incentivador das consciências de seus múltiplos atores, sobre a sua realidade atual, fortalecendo as suas consciências como cidadãos, pertencentes a uma cidade, e que devem ter acesso a ela, e ao mesmo tempo reforçar suas identidades para esse diálogo.

Para Pollak (1992), “Se é possível o confronto entre memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos” (1992, p.5) O teor do conflito presente na construção da memória é somado ao seu caráter seletivo na análise em questão. Partindo da afirmação de Lefebvre “espaço é um produto da história” (2008, p.62), ponderamos que o processo de preterimento e exclusão deste bairro, segue o fluxo de várias regiões que seguiram os mesmos caminhos após a transição império república, pois interessava à época, apagar tudo o que remetesse a população ao período do império.

Não podemos e não devemos entender a cidade como espaço abstrato e construído de forma racional, mas como resultado de um processo histórico, da combinação de política e ideologia, de poder e luta de classes; as disputas entre grupos para apropriarem-se da forma que

melhor lhes convier dos espaços, dos territórios, ligada diretamente às questões econômicas, no caso desta região, o que ocorre é claramente uma questão de racismo ambiental¹³.

O Ecomuseu de Sepetiba possui um ponto de vista de democracia participativa, ou seja, a possibilidade de intervenção direta dos cidadãos nos procedimentos de tomada de decisão e de controle do exercício do poder, e uma perspectiva de desenvolvimento sustentável, lutando para que seja assegurado o direito e o dever das comunidades de preservarem a sua identidade cultural. Partindo da afirmação de Le Goff, onde este autor defende uma finalidade libertadora para a memória “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procurava salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p.477)

Somos uma sociedade globalizada, acontecimentos em outras localidades podem nos influenciar, como os eventos ambientais, mais sentidos diretamente sobre a baía de Sepetiba, nas palavras de Poulot (2013):

Os ecomuseus pretendem ser, então, o espelho em que uma população se olha para se reconhecer nesse espaço, no qual ela procura a explicação do território a qual está vinculada, conectada com a (história) das populações precedentes. Um espelho que essa população apresenta a seus hospedes para que seja mais bem compreendida, no respeito por seu trabalho, por seus comportamentos e por sua intimidade. A lógica comunitária do projeto é definida pela territorialidade do campo de intervenção e pela participação da população que pode passar do papel de consumidor do museu para a função de ator, para não dizer, de autor do museu. (POULOT, 2013, p. 56)

Pierre Nora caracteriza a circunstância em que o passado vai cedendo seu lugar para a ideia do eterno presente através do uso da expressão aceleração da história em seu artigo “Entre memória e História: a problemática dos lugares” (1993, p. 7). Nesse momento, segurar traços e vestígios é a maneira de se opor ao efeito devastador e desintegrador da rapidez contemporânea, da degradação ambiental ocasionada pelo modelo desenvolvimentista adotado para a região,

¹³ O conceito de racismo ambiental nasceu quando rejeitos químicos danosos foram lançados em comunidades negras nos Estados Unidos da América, na década de 1980. Foi o reverendo e químico, Benjamim Chavis quem utilizou o termo pela primeira vez. Racismo ambiental é a discriminação racial nas políticas ambientais. É discriminação racial na escolha deliberada de comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras. É discriminação racial no sancionar oficialmente a presença de venenos e poluentes que ameaçam as vidas nas comunidades de cor. E discriminação racial é excluir as pessoas de cor, historicamente, dos principais grupos ambientalistas, dos comitês de decisão, das comissões e das instâncias regulamentadoras. (CHAVIS,1981. Wikipédia)

sem preocupação com o meio ambiente, com as populações tradicionais, o que é debatido em especial pelo Ecomuseu de Sepetiba.

A memória não pode mais ser vista como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de valor acessório para as ciências humanas. Na verdade ela se apoia na construção de referenciais de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente, respaldados nas tradições e ligados a mudanças culturais (FREITAS, BRAGA, 2006). A memória para o Ecomuseu de Sepetiba tem um alcance transformador, unificador e principalmente auxilia na construção das identidades.

O Ecomuseu de Sepetiba busca garantir a conservação do patrimônio histórico natural e cultural local, uma grande diversidade de patrimônios - móvel, imóvel; material e imaterial – tangível e intangível, busca a articulação de eixos temáticos e a multi e interdisciplinaridade no seu trabalho, com vistas à criação de dinâmicas geradoras de desenvolvimento. Le Goff afirma que a memória coletiva, ao longo da história do mundo, tem sido posta em jogo na luta das forças sociais pelo poder e, é formada tanto de lembranças, quanto de esquecimentos, produzidos por diversas instâncias sociais. Por isso, o autor alerta para os riscos do controle da memória coletiva, principalmente pelos governos (LE GOFF, 2003. P. 422).

O Ecomuseu de Sepetiba possui métodos, técnicas e práticas próprias, busca resistir às formas de memória e ao esquecimento impostos, objetivando libertar-se musealizando as relações cotidianas; resistindo ao poder a partir de uma forma única de construção da memória, combinando uma tentativa de preservar a identidade e a criação de modos próprios e singulares de viver, lembrar e esquecer que se propagam escapando do controle e domínio em rede e construindo a sua própria rede, donde a criação e o uso de múltiplas estratégias, abarcando perspectivas das diversas áreas do conhecimento. Estes métodos, técnicas, estratégias e redes estarão presentes nos capítulos seguintes.

Mario de Souza Chagas (2013, p. 20-29) nos esclarece que se dirigir ao passado, sem nenhuma perspectiva de mudança, implica a comemoração da ordem estabelecida, a afirmação da ordem jurídica, dos valores culturais dados, da verdade científica imposta, precisamente o motivo pelo qual o Ecomuseu de Sepetiba busca a transformação das perspectivas dos moradores da região através do “restabelecimento” da importância histórica, da memória

coletiva local desaparecida ocasionando uma ruptura no processo de alienação e exclusão imposto a esta população.(CHAGAS,2013)

Ainda de acordo com Mario de Souza Chagas o patrimônio não é pacífico, envolve determinados riscos e pode ser utilizado para atender a diferentes interesses políticos. Segundo o autor, o interesse no patrimônio não se justifica pelo vínculo com o passado seja ele qual for, mas sim pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, a vida dos seres humanos em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e ideias. (CHAGAS, 2013)

A memória enquanto construção do passado no presente, ou enquanto determinações do passado sobre o presente pode tanto “escravizar” como “libertar”; a lembrança e o esquecimento, manifestações da memória nos indivíduos, só adquirem significado mais amplo se analisados na especificidade do contexto histórico de sua construção passada e de sua narração presente. Como consequência, debruçar-se sobre a memória não significa a reconstrução integral de como teria sido o passado, posto que passou, mas sim a presença deste no presente, consciente ou inconsciente.

O museu local não só pode como deve ser uma ferramenta que desempenha um papel fundamental na construção de ideologias e identidades, labutando em favor do desenvolvimento da comunidade, estimulando o processo de conscientização e a criatividade da população frente aos problemas da atualidade, utilizando as informações do passado e presente, pensando de forma questionadora, projetando assim um futuro com mais possibilidades. Cabe aqui a citação de Ana Féliz (FÉLIZ, 2006, página 20):

a partir de uma perspectiva crítica, a história local pode reforçar os elementos que constituem a identidade dos setores populares, porque, como se tem assinalado, a identidade não surge de uma nobre vontade própria, nem da identificação de características comuns, ela resulta do conhecimento de quem somos, na relação e luta com os outros.

Acreditamos que a mobilização, a conscientização e a intervenção da população podem modificar a situação atual do bairro de Sepetiba. Nesse processo de relação com o outro, o bairro vem, ao longo do tempo, perdendo espaço e importância nesse diálogo, tornando uma conversa desigual entre os atores do processo de globalização, evidenciando que não estão na mesma sintonia.

Quando o Ecomuseu de Sepetiba faz a analogia ao espelho, pode ser mal compreendido, principalmente em uma localidade comprometida, com sua paisagem “desfigurada” e degradada como Sepetiba. Entretanto, de forma alguma pretendemos culpabilizar os moradores, o que ocorre neste local é resultado de todo um sistema, de uma divisão da cidade que vem se configurando há muito tempo. O reflexo, seria, em nossa concepção, as consequências da omissão, do preterimento, “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem”, uma vez que muitas vezes o morador ou moradora, não se sente parte deste território, muito menos responsável por sua manutenção, preservação e enaltecimento, neste espelho, você se revê a partir de um outro ângulo, e descobre quem você é, quais as suas responsabilidades, certezas e orgulhos, aflições, dúvidas e vergonhas, nem sempre vimos refletido aquilo que gostaríamos, justamente, é o que buscamos trazer à baila com este “lema” , se não gostamos do que vemos refletido, cabe a nós, transformar.

Os museus locais, de perfil comunitário buscam, com a participação da população, ter no museu a sua ferramenta, como um importante instrumento para o desenvolvimento e para o entendimento de sua realidade.

Mais uma vez afirmamos que o Ecomuseu pode e deve ser uma ferramenta de grande valia nesse processo árduo e gradativo. O Ecomuseu, ao labutar em favor do desenvolvimento da comunidade, precisa levar em conta os problemas e questões colocados em seu âmago; tratando-os de maneira crítico analítica, estimulando o processo de conscientização e a criatividade da população, utilizando as informações do seu passado e presente para que ela venha a pensar o futuro de forma questionadora e esperançosa, buscando alternativas para transformar a situação em que a localidade se encontra. A partir dessa prática, a comunidade se conscientiza do seu papel e responsabilidade para com o patrimônio, usando-o como um dos recursos para o desenvolvimento local.

Há necessidade de um trabalho intenso e ininterrupto para ajudar na recuperação da economia local, da autoestima dos moradores e no desenvolvimento, entendido aqui de forma abrangente. O Ecomuseu de Sepetiba vem buscando transformar e ao mesmo tempo manter a tradição, adaptar-se sem perder as origens; criando e reciclando, adaptando e mantendo, de forma autônoma, a partir da gestão comunitária, participação dos moradores e instituições (Escolas, igrejas etc.) nos processos do museu.

Nesse processo de valorização e reconhecimento da história e memória locais, constroem-se novas práticas de conhecimento de si, como indivíduos membros de uma localidade. Assim, o museu comunitário compartilha diversas atividades que são desenvolvidas pelos outros museus, como lugares de memória e pesquisa. Mas é na gestão com participação da população, recuperando a estima, que se encontra um passo indispensável para valorização do bairro.

1.6 – Enraizamento – Teorias acerca do território, espaço e poder

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. (WEIL, 1979, p. 317).

Os lugares têm uma força enorme, e essa força tem de ser levada em conta para a superação do atual período histórico. Milton Santos produziu um conhecimento assentado na prática e identificou as determinações espaciais da realidade social.

Logo na introdução da obra *“Por uma outra globalização”*, Milton Santos nos esclarece que “vivemos em um mundo confuso e confusamente percebido” e afirma que devemos considerar a existência de pelo menos três mundos num só: “O mundo tal como nos fazem crer: a globalização como fábula”; “O mundo como é: a globalização como perversidade” e “O mundo como pode ser: uma outra globalização”. Pretendemos identificar, analisar, examinar e compreender a experiência vivida no bairro Sepetiba, especificamente, associada às experiências, consequências e processos do mundo globalizado.

Com a degradação da baía, o único meio de subsistência das famílias moradoras dessa localidade foi-lhes tirado, já não poderiam viver exclusivamente da pesca, e toda a comunidade era voltada para atividades relacionadas ao turismo e a pesca, conseqüentemente dependiam das temporadas de veraneio. Há necessidade de um trabalho intenso e ininterrupto para auxiliar na recuperação da economia local, da autoestima dos moradores e no desenvolvimento. Para tanto, o trabalho do Ecomuseu é primordial no processo dessa superação. (WILD, Almeida, 2013. p. 33-39)

Como afirma Santos (1987) sobre a importância de se compreender as localidades:

cada homem vale pelo lugar que está. O seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando incessantemente. Para melhor ou para pior, em função das diferenças e acessibilidade (tempo, frequência, preço) independentes de sua própria condição, pessoas com as mesmas virtualidades, a mesma formação e até mesmo o mesmo salário tem valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território em que está. Enquanto um lugar vem a ser condição de sua pobreza, um outro lugar poderia, no mesmo momento histórico, facilitar o acesso àqueles bens e serviços que lhes são teoricamente devidos, mas que de fato lhe faltam. (...) (1987, P.81)

O discurso que prioriza o desenvolvimento social já é lugar comum em nossa sociedade, contudo basta um olhar mais aguçado para constatar que na maioria das grandes cidades do Brasil nunca há um planejamento adequado de infraestrutura para a população, muito menos uma política de sustentabilidade e preservação do meio ambiente e qualidade de vida. Desenvolvimento / crescimento não são análogos, e em nosso caso a urbanização desenfreada, a febre industrial, o deslocamento de populações inteiras sem estrutura local, segregação socioespacial, racismo ambiental, dentre outros fatores contribuíram e muito para atual situação da região.

Cabe aqui destacar que desenvolvimento, para nós, é compreendido a partir de uma perspectiva humana e sustentável, ou seja, um processo de ampliação e abrangência das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem o que desejarem ser, com relação às suas capacidades e as oportunidades a seu dispor, para que elas possam escolher a vida que desejam ter. Neste processo inclui-se as dinâmicas sociais, econômicas, políticas e ambientais necessárias para garantir uma multiplicidade de oportunidades para as pessoas, bem como o ambiente propício para que cada uma exerça seu potencial em sua plenitude.

O desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações. É o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro, implica possibilitar às pessoas, atingir um nível satisfatório de desenvolvimento social e econômico e de realização humana e cultural, fazendo, ao mesmo tempo, um uso razoável dos recursos da terra e preservando as espécies e os habitats naturais para que as futuras gerações possam usufruir dos mesmos recursos e benefícios. Esta visão diverge da perspectiva desenvolvimentista, voltada para o chamado crescimento econômico que vê o bem-estar de uma sociedade apenas pelos recursos ou pelo lucro que ela pode gerar,

independentemente dos danos que possam ser acarretados pela exploração e ocupação de territórios.

O advento de criação do Porto de Itaguaí, na baía de Sepetiba demonstra uma ausência de diálogo com as conexões globais, impondo, de cima para baixo um eixo de desenvolvimento econômico que não beneficia a localidade, muito pelo contrário, estabeleceu um marco para a estagnação econômica de sua população que teve suas fontes de renda radicalmente reduzidas, reforçando na localidade, o fim de sua balneabilidade, confinando o bairro a um período ainda não superado de pobreza econômica e exclusão. (WILD, ALMEIDA, 2013)

Analisamos e examinamos aqui uma das experiências de resistência a esse modelo perverso e excludente, a criação dos ecomuseus e museus comunitários, como alternativas de superação à exclusão social e econômica, ao preterimento e segregação socioespacial, à estagnação e ausência de políticas públicas neste bairro, aqui iremos nos concentrar na experiência realizada há quase nove anos no bairro de Sepetiba, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Com esforço, com o envolvimento da população e mobilização, é possível, de fato, modificar não só a situação do bairro de Sepetiba, como também de qualquer outra localidade. Um dia este bairro foi conhecido como “a princesinha da zona oeste” por seus admiradores e frequentadores, já possuiu notoriedade entre a população da cidade do Rio de Janeiro, contrastando com a situação atual do bairro, legada ao descuidado e precariedade em serviços básicos para população, além da degradação ambiental, desemprego e demais problemas e demandas existentes em localidades segregadas socioespacialmente.

Acreditamos na possibilidade de que a memória é criada por nós, e seja recriada, difundida, mantida, transformada. É justamente aí que reside, em nossa concepção o grande desafio dos ecomuseus e museus comunitários, como este que aqui analisamos. Estes museus, como dito anteriormente, constituem-se como estratégias de resistência aos “moldes”, modelos impostos a partir da dialética da exclusão, que segrega aquilo que não corresponde ao interesse das classes dominantes, desvaloriza, preteri, desprezando os saberes e fazeres das classes populares, desfavorecidas, preconizando um molde cultural que interessa apenas às elites e aos seus anseios de dominação a partir da homogeneização cultural.

Deste modo, acreditamos que os museus que surgem e se constituem a partir da iniciativa comunitária, iniciativas endógenas, se expressam como possibilidades da construção e criação das subjetividades. Em seu texto, intitulado “O museu comunitário é herético?” o historiador francês Hugues de Varine afirma:

E chegamos finalmente ao que é mais repreensível no museu comunitário, aos olhos do mundo dos museólogos profissionais: ele mostra convicto e sem complexos sua vocação política, pois quer ser um instrumento de desenvolvimento do território e da participação da comunidade e de seus patrimônio nesse desenvolvimento. (VARINE, 2005, página 10)

Propomos aqui que o território pode ser compreendido como um espaço que alguém/grupo possui, e é a posse que lhe dá identidade; partindo desta perspectiva seremos mais capazes de compreender as dinâmicas existentes no território que corresponde ao bairro de Sepetiba. Conforme Milton Santos, o território pode ser compreendido como matriz da vida social, econômica e política, é nele que se desenvolvem e se estabelecem as relações de poder e dominação, é a partir da divisão dos territórios e de suas especificidades que se dão as segregações socioespaciais.

Em *Por uma geografia nova*, Milton Santos estabelece uma diferenciação entre território e espaço, ele afirma que, “a utilização do território pelo povo cria o espaço”; inalterável em seus limites e passando por mudanças ao longo da história, o território precede o espaço.

O território representa uma área delimitada, instituída pelas relações de poder do Estado. Contudo, se passamos a reduzi-lo deste modo, não estamos levando em consideração as variadas formas de destacar seu uso, tendo como base as relações sociais, os contextos e agentes envolvidos nessa construção, compreendendo, assim, o território como limitado, abalizado, construído, desconstruído por e pela dialética do poder, podendo, também, modificar essa delimitação em função dessa lógica. Essa demarcação não é inequívoca e permanente, ela se modifica, povos podem conquistar territórios que não os pertenciam, outros perdem seus territórios em conflitos.

O espaço é uma realidade: coisas e relações juntas. Sua definição não pode ser encontrada senão em relação a outras realidades, é importante a compreensão do espaço e das relações de poder nele operantes, elementos organizativos das propostas de desenvolvimento. Devemos ter em mente que as diferenças espaciais explicam-se, de acordo com Santos, como resultado

inescapável do arranjo espacial dos modos de produção particulares, e ter a certeza de que o valor de cada local depende dos níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção e da maneira como eles se combinam. (Santos, 2002). Milton Santos (1978), afirmou:

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

O bairro de Sepetiba não oferece uma oferta interessante de Receita, ou seja, não há arrecadação de impostos como em outras regiões, a maioria das propriedades não possui RGI e não paga o IPTU, existem muitos “gatos” de energia, ou seja, há ligações clandestinas de energia, o abastecimento de água é precário e a maioria dos moradores não paga a conta de água, o saneamento também é praticamente inexistente, não existem fábricas, apenas um comércio local, que é insuficiente na oferta de emprego para a população local de aproximadamente 56.675 habitantes.

Para Milton Santos, o espaço deve ser considerado como um todo, espaço é resultado e condição dos processos sociais, fator social, Santos denomina-o como uma instância da sociedade. O espaço organizado é também uma forma resultante da interação de diferentes variáveis. O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como *lugar* de sua própria reprodução. Segundo o autor,

(...) o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 1978, p. 145).

Para Milton Santos “o espaço é fundamentalmente social e histórico, evolui no quadro diferenciado das sociedades e em relação com as forças externas, de onde mais frequentemente lhes provém os impulsos” (Santos, 1979, p.10).

Na obra *A natureza do espaço*, Milton Santos assim definiu espaço:

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e de sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. No começo era uma natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina (...) os objetos não tem realidade filosófica, isto é, não nos permitem conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações, os sistemas de ações também não se dão sem o sistema de objetos.

O Lugar é o mais próximo à existência do homem, onde o cotidiano se estabelece, onde a sociedade cria a sua história e constrói suas memórias. Paisagem é o conjunto de formas, que em um dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza. Vale destacar que embora exista uma prática de determinação de “belas” paisagens, e paisagens “indignas” de admiração, em nossa concepção não existe paisagem boa ou má, paisagem é reflexo das ações humanas.

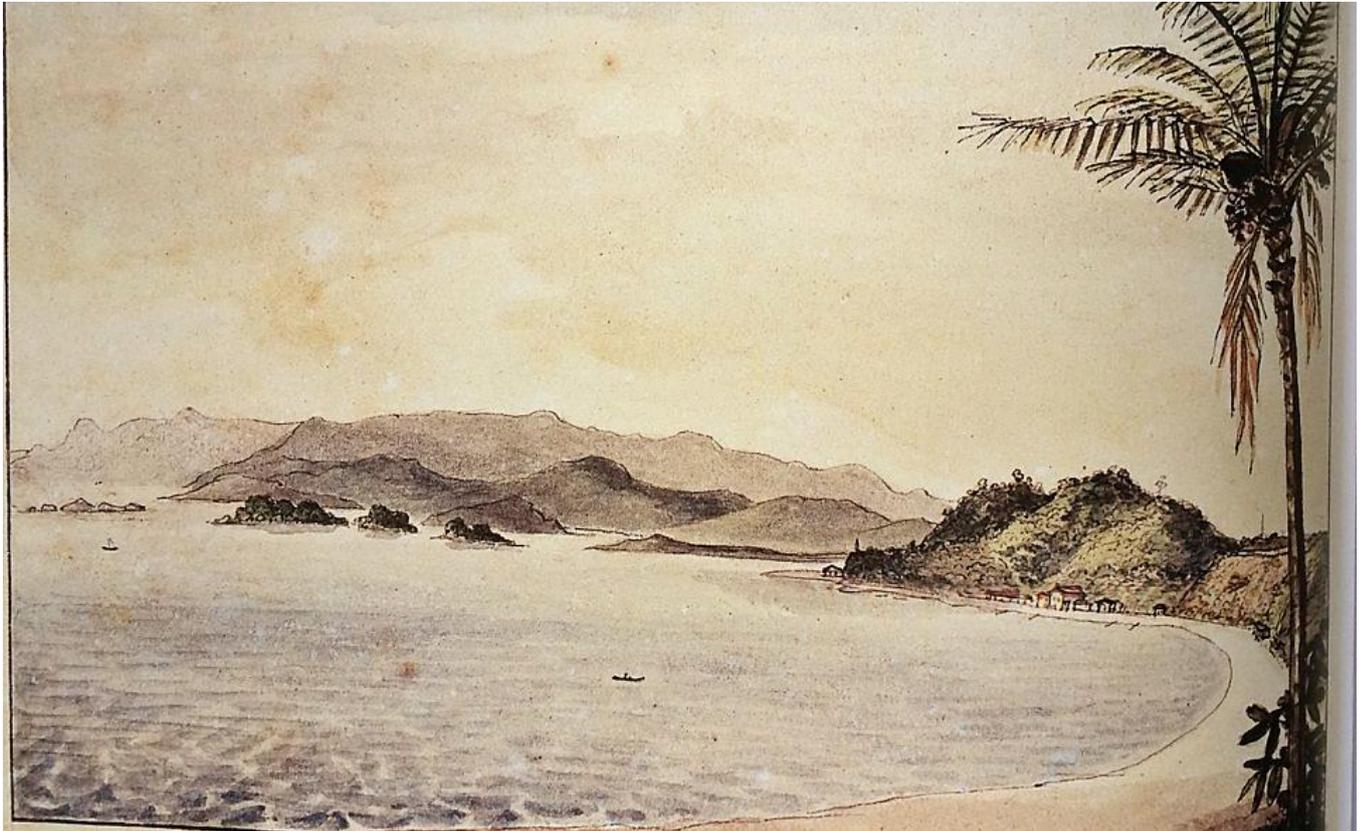
Aqui podemos citar Yi Fu Tuan (1980), para complementar tal linha de pensamento, “O prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade, podendo ser um pouco mais do que a aceitação de uma convenção social” (TUAN, 1980, p. 139).

A praia de Sepetiba, um dia retratada em aquarela por Jean Baptiste Debret, hoje é por muitos conhecida como “Sepelama”, “Sepetilama”, no entanto, alguns moradores ainda fazem questão de valorizar a paisagem da praia, agora degradada, evidenciando seus ângulos apreciáveis aos seus olhos, eternizando paisagens do pôr do sol na referida praia e difundindo essas imagens, fotografias em redes sociais, tecendo elogios e não deixando de realizar críticas, uma vez que é compreensível que todas as transformações que ocorreram na paisagem foram ocasionadas pela ação do homem no ambiente.

A seguir temos a reprodução da aquarela de Debret cedido pelo professor e pesquisador Sinvaldo Souza, de seu acervo pessoal:

Figura 11 - Aquarela de Debret 1821

14



Fonte: Acervo pessoal do Prof. Sinvaldo

Podemos ponderar que a descrição sensível que realizamos sobre toda paisagem, vai depender sempre, do tipo de olhar, de quem olha, da educação visual de quem observa, de suas referências, das estratégias de observação e do contexto e da circunstância. A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, contínua no espaço e no tempo, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, “invisível”, e resulta sempre da agregação da paisagem com a sociedade.

¹⁴ A imagem foi divulgada pelo professor e pesquisador Sinvaldo Souza, em sua página pessoal, foi fruto de sua pesquisa a frente do NOPH Ecomuseu de Santa Cruz. No panorama da imagem, temos uma visão da Baía de Sepetiba, da Serra da Coroa Grande e de Itacuruçá, e também da pequena vila dos pescadores, no canto direito. Temos também uma vista da ilha da Pescaria, e atualmente encontramos junto ao continente, duas ilhas e um pontal'.

Cabe aqui a citação de Tuan (1980), na obra *Topofilia*, onde o autor afirma que “O mundo percebido pelos olhos é mais abstrato que o conhecido por nós por meio de outros sentidos” (TUAN, 2012, p. 28).

Yi Fu Tuan incrementou o conceito de “lugar-mundo-vivido”, para ele o lugar corresponde a “um mundo de significado organizado. É fundamentalmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver nenhum sentido de lugar” (TUAN, 1983, 198).

Tuan distingue o espaço e lugar como componentes básicos do mundo vivido, ou seja, como essenciais para nossa percepção e experiência; o teórico ressalta que a forte ligação entre os seres vivos e o espaço leva ao ajustamento e adaptação do espaço para que se adeque às necessidades biológicas e sociais, anseios e satisfação.

Sendo assim, o corpo no espaço é um corpo vivido, e o espaço é o espaço construído com base na experiência do corpo, um determina o outro, se evidenciando e expressando em ponderações acerca dos elementos como grosso/fino, seco/molhado, alto/baixo, perto/longe, quente/frio que tem como ponto de referência a posição ocupada pelo corpo humano no espaço tempo.

Os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar. Uma grande região, tal como a do estado-nação, está além da experiência direta da maioria das pessoas, mas pode ser transformada em lugar – uma localização de lealdade apaixonada – através do meio simbólico da arte, da educação e da política (TUAN, 1995, p. 149).

Tuan destaca o papel dos objetos em nossas concepções na construção do sentido de lar e das memórias relacionadas a eles. De acordo com o teórico, são os componentes, os móveis, objetos quando cheirados, manuseados, sentidos que trazem à mente imagens do passado e não propriamente o prédio. Para Tuan a vivência estendida do lugar, as experiências, o cotidiano, formando essa combinação de vestígios, imagens, paisagens, cheiros, sons, ritmos nos impregnam, proporcionando a calma e a segurança do pertencimento. Esta citação de Tuan,

evidencia perfeitamente o que estamos analisando aqui, “A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (TUAN, 1980. p. 144).

Tuan desenvolve em sua obra a questão da experiência como basilar na compreensão do conceito de lugar. A experiência, para Tuan, resulta na capacidade de aprender a partir da própria vivência, da própria percepção. E neste processo estariam envolvidos o pensamento e o sentimento como elementos de sua mudança e inclusão no mundo. Desse modo, podemos concluir que para Tuan o autoconhecimento possui extrema importância enquanto base para o encontro com o outro.

Os lugares para o autor possuem uma constituição bastante afetiva e seriam compreendidos como espaços de convivência harmoniosa, proporcionando segurança, afeição e a sensação de pertencimento. E mesmo que existam sentimentos de raiva, angústia e até mesmo repulsa sobre os lugares estes não podem ser extintos e nem pensados como “não-lugares”.

Não há possibilidade de construção de uma crítica da paisagem contemporânea, sem uma crítica consistente do espaço e do todo estrutural, depende das formas de organização social. O espaço e a paisagem são produtos da sociedade, de suas perenes e tão distintas realizações. A percepção de cada um interfere diretamente na dimensão dessa paisagem, em como ela é compreendida.

De acordo com Tuan (1980) “A imagem urbana é uma para o executivo pendular e outra bem diferente para a criança sentada na escada de entrada de um bairro pobre ou para o vagabundo que dispõe de tempo, mas de quase mais nada.” (TUAN, 1980, p. 259).

Para Milton Santos, o fato de nossa educação, tanto formal quanto informal, ser feita de forma seletiva nos leva a ter diferentes percepções da mesma realidade. Sendo assim a percepção não é conhecimento, depende de interpretação, “o centro do mundo está em todo lugar, o mundo é o que se vê de onde se está”.

A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudança, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidades variados. A mesma coisa acontece em

relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade. (SANTOS, 1997, p. 37).

Deste modo, o bairro de Sepetiba reflete exatamente esses processos e relações, ou seja, sofreu e sofre drásticas modificações no seu espaço e em sua paisagem, sem consulta ou participação da população local e muito menos sem que se leve em consideração os impactos e consequências dessas transformações, na maioria das vezes negativas, para as comunidades que serão de fato impactadas por elas. Com isso, são as grandes empresas as maiores beneficiadas e muitas vezes outras localidades mais valorizadas e importantes do ponto de vista das classes hegemônicas, são as favorecidas.

Milton Santos ressaltou que não há possibilidade de construção de cidadania se desconsiderarmos seu “componente territorial”, uma vez que “o valor do indivíduo depende do lugar onde ele está e que, desse modo, a igualdade dos cidadãos supõe, para todos, uma acessibilidade semelhante aos bens e serviços” (SANTOS, 1992, p. 113).

Os museus locais, de perfil comunitário, afirmam que buscam, com a participação da população, ter no museu a sua ferramenta, como um importante instrumento para o desenvolvimento e para o entendimento de sua realidade. Entender seu território, sua paisagem, seus patrimônios, suas memórias, suas histórias, conhecer a si mesmo, e a partir daí revigorar a autoestima, são elementos basilares para que ocorra um diálogo mais democrático, permitindo escutar os ecos do silêncio, bem como rejeitar os moldes impostos há muito tempo pelos centros hegemônicos de poder, formuladores de ideologias que marginalizam as culturas das populações menos favorecidas.

De acordo com Thompson (1992, P.21-22) é por meio da história que as pessoas comuns procuram compreender as “revoluções” e mudanças por que passam em suas próprias vidas: transformações sociais, culturais, guerras, mudanças comportamentais, econômicas, mudanças tecnológicas etc. Através da história local, um bairro ou uma cidade procura um sentido para sua própria natureza em mudança, em constante transformação e assim estabelecem-se os vínculos.

Toda trajetória precisa lidar com algumas questões primordiais, seja uma trajetória pessoal, seja a trajetória de uma cidade ou de um bairro. Pátria, lugar, identidade,

pertencimento, identificação, segurança, são apenas algumas destas questões, compostas por pedaços colados de discursos, bandeiras, ideologias, cheiros, cores, memórias, silêncio, esquecimento, vestígios que compõe nossa essência. Memória, território, lugares, história e espaço estão intrinsicamente relacionados, a colonialidade¹⁵ do poder, a adequação a modelos e matrizes impostos, que vem de fora, a reprodução daquilo que vem dos chamados centros hegemônicos, países centrais, contribui para o desaparecimento de nossas identidades de origem, de nosso lugar, nosso lar, extinguindo o que nos proporciona a calma e a segurança do pertencimento.

Cabe aqui uma ponderação acerca da geografia humanista de Tuan, que nos auxilia a dar conta e compreender todos esses processos, estamos vivenciando um momento muito complexo de explosão e crise do capitalismo em escala global, que tem determinado as relações em todos os contextos, aspectos e escalas. Precisamos repensar e refletir que a negação dos lugares desconsidera os processos de construção e de configuração socioespacial relacionados às subjetividades. Para Yi – Fu Tuan o “lugar-mundo-vivido” possui o movimento do cotidiano e da história, e é visto em várias passagens, como “pausa”, enfatizando toda a criação da familiaridade pelo encontro das experiências em comum. (TUAN, 1983, 198).

Pierre Nora afirmou que os lugares são nosso momento de história nacional, uma característica decisiva os coloca radicalmente a parte de todos os tipos de história, antigos e novos, aos quais estamos habituados. De acordo com Nora, todas as aproximações históricas e científicas da memória, sejam elas dirigidas a da nação ou a das mentalidades sociais, tinham a ver com as próprias coisas cuja realidade em sua maior vivacidade elas se esforçavam para apreender.

Diferentemente de todos os objetos da história, os lugares de memória não têm referentes na realidade, eles são seu próprio referente, sinais que devolvem a si mesmos, sinais em estado puro, o que os faz lugares de memória é aquilo pelo que, exatamente, eles escapam da história; espaço ou tempo, espaço e tempo de um círculo no interior do qual tudo conta, tudo simboliza,

¹⁵ Colonialidade do poder é um conceito que dá conta de um dos elementos fundantes do atual padrão de poder, a classificação social básica e universal da população do planeta em torno da ideia de “raça”. Essa ideia e a classificação social e baseada nela (ou “racista”) foram originadas há 500 anos junto com América, Europa e o capitalismo. São a mais profunda e perdurável expressão da dominação colonial e foram impostas sobre toda a população do planeta no curso da expansão do colonialismo europeu. Desde então, no atual padrão mundial de poder, impregnam todas e cada uma das áreas de existência social e constituem a mais profunda e eficaz forma de dominação social, material e intersubjetiva, e são, por isso mesmo, a base intersubjetiva mais universal de dominação política dentro do atual padrão de poder. Colonialidade, poder, globalização e democracia*.(Quijano, 2002.)

tudo significa. Nesse sentido, o lugar de memória é um lugar duplo: um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações.

Nora faz outra importante distinção, os lugares dominantes e os lugares dominados. Os primeiros, segundo ele, espetaculares e triunfantes, imponentes e geralmente impostos, quer por uma autoridade nacional, quer por um corpo constituído, mas sempre de cima, tem, muitas vezes a frieza ou a solenidade das cerimônias oficiais, mais nos deixamos levar do que vamos a eles. Os segundos são os lugares de refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio. É o coração vivo da memória.

A memória coletiva, ao longo da história do mundo, tem sido posta em jogo na luta das forças sociais pelo poder e, é formada tanto de lembranças, quanto de esquecimentos, produzidos por diversas instâncias sociais (LE GOFF, 2003, P. 471), este direcionamento é substancial para entendermos as “forças” contrárias que sempre estiveram agindo de uma forma ou de outra na região aqui apresentada para “apagar” da memória coletiva a notoriedade da localidade. Por isso o autor alerta para os riscos do controle da memória coletiva, principalmente pelos governos. (LE GOFF, 2003, p.471).

O autor assegura que documentos e monumentos, materiais da memória coletiva e da História, não são um conjunto do que existiu no passado, mas sim uma escolha efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade.

A memória não pode mais ser vista como um processo parcial e limitado de lembrar fatos passados, de valor secundário para as ciências humanas, na verdade ela se apoia na construção de referenciais de diferentes grupos sociais sobre o passado e o presente, respaldados nas tradições, costumes, crenças e ligados a mudanças culturais.

A memória, segundo os membros do Ecomuseu de Sepetiba tem um alcance transformador, unificador e principalmente auxilia na construção das identidades, conforme mostraremos no próximo capítulo a partir das atividades e experiências deste Ecomuseu. A perspectiva do Ecomuseu de Sepetiba para a capacitação dos seus atores está focada no diálogo com as diversas instituições do bairro, onde há a preocupação em aumentar a rede de participantes e na elaboração de um plano de trabalho anual com a realização de oficinas sobre

museologia comunitária, participação e liderança comunitária, no aprofundamento dos conhecimentos do território e da história local, para que esse grupo possa mobilizar de maneira dinâmica, a comunidade do bairro de sepetiba.

Nesse contexto, estudando e adaptando à realidade local, as técnicas aprendidas aqui no Brasil e em outros países, em especial, com a experiência mexicana, permitem avançar mais no processo de sensibilização, despertando nos moradores o sentimento de pertencimento, elemento basilar para uma participação comunitária efetiva.

1.7 – Caminhos a seguir: Desafios e perspectivas

Nesse processo de valorização e reconhecimento da história e memória locais, constroem-se novas práticas de conhecimento de si, como indivíduos membros de uma localidade. Assim, um museu comunitário, compartilha diversas atividades que são desenvolvidas pelos outros museus, como lugares de memória e pesquisa. Mas, em nossa concepção, é na gestão com participação da população, recuperando a estima, que se encontra um passo indispensável para valorização do bairro.

Os avanços da nova historiografia e da museologia nos fazem ver, neste museu, uma forma prática de dar voz, significado e inteligibilidade aos processos atuais, fortalecendo os vínculos comunitários, de pertencimento e consciência do desenvolvimento que desejamos.

Mesmo sabendo, e sentindo na prática a mobilização de boa parcela da população, assim, como nos aponta Varine (2012):

Os habitantes serão, ao menos em uma primeira fase do desenvolvimento local, os mais difíceis de mobilizar, porque não tem uma visão clara e “cultural” do patrimônio. O deles é visto essencialmente como uma herança a receber, a construir ou a transmitir, por seu valor monetário e/ ou sentimental. (Varine, 2012, página58).

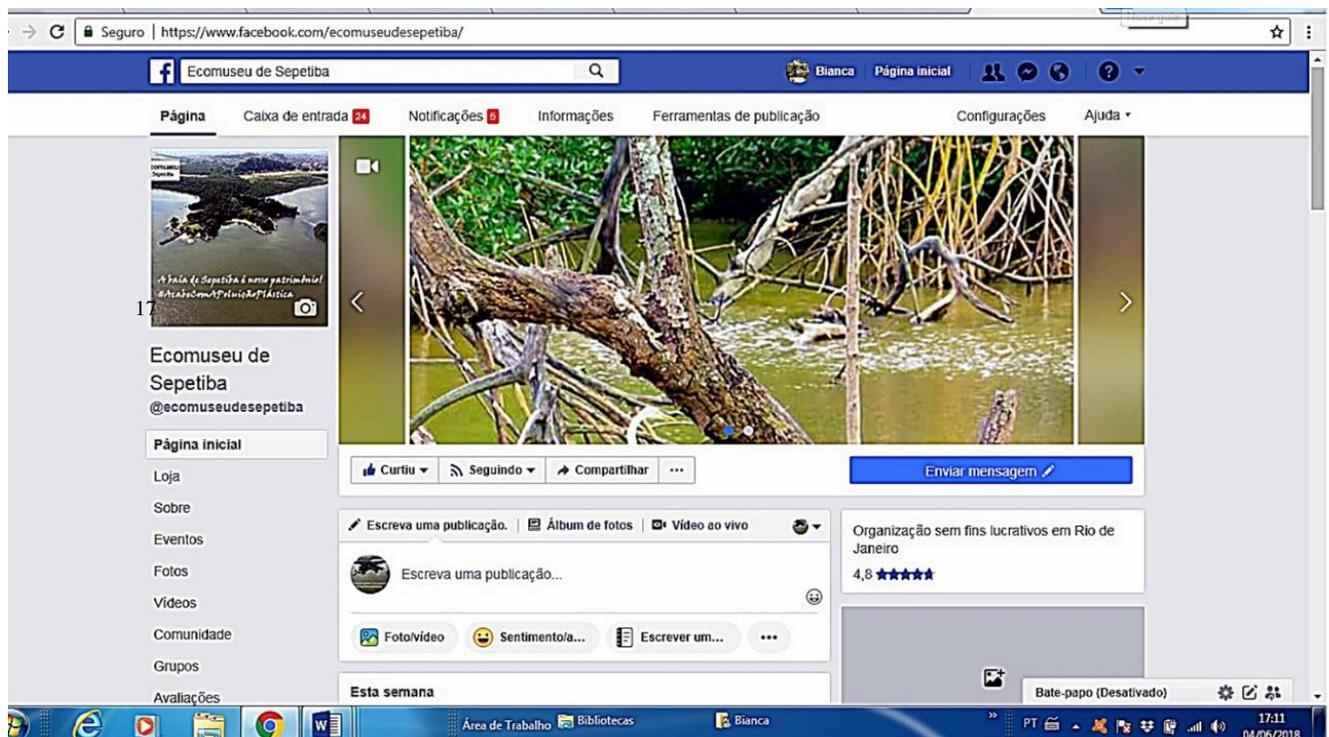
Buscamos analisar e examinar a atuação do Ecomuseu de Sepetiba, entendido também como um museu local, de cunho promotor, seguindo as definições apresentadas por Moreira (2007):

(...) Museu local que tem como objetivo fundamental de sua actuação a promoção do desenvolvimento local, um museu aberto a toda a participação popular e com campos de actuação multivariados centrados em duas dimensões principais dos pontos a interna (...) e a externa. (MOREIRA,2007. p. 103)

Essas ações de perfil interno são apresentadas por este museu como o reforço nas identidades locais e de mobilização comunitária, buscando envolver a população nas ações e gestão do museu. Executando ações também de perfil externo, que são ações que visam reforçar e criar uma conexão com o outro, o não local, uma vez que, no caso do Ecomuseu de Sepetiba, um museu local e com território, existe uma relação de interdependência entre as pessoas e entre as outras localidades do globo. Sendo assim, os membros deste Ecomuseu, criaram e mantém uma página na rede social *Facebook.com*, @ecomuseudesepetiba (<https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/>) que conta com mais de 10 mil curtidas, o que para um Ecomuseu é muito e ainda mais para um Ecomuseu localizado em um bairro segregado e preterido da cidade do Rio de Janeiro. A seguir, pode-se verificar a imagem da página:

16

Figura 12 - Página do Facebook.com



¹⁶ <https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/>

Figura 13 - Página do Facebook.com

The image shows a screenshot of a Facebook page for 'Ecomuseu de Sepetiba'. The browser address bar shows the URL 'https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/'. The page header includes the name 'Ecomuseu de Sepetiba' and a search bar. The main navigation bar features options like 'Página', 'Caixa de entrada', 'Notificações', 'Informações', 'Ferramentas de publicação', 'Configurações', and 'Ajuda'. The page content is divided into several sections:

- Header:** Includes a profile picture, a cover photo, and a bio: 'A Praia de Sepetiba é nosso patrimônio! #AraújoComAPraiaNoPlástico'.
- Left Sidebar:** A navigation menu with options: 'Página inicial', 'Loja', 'Sobre', 'Eventos', 'Fotos', 'Vídeos', 'Comunidade', 'Grupos', 'Avaliações', and 'Publicações'.
- Right Sidebar:** Contains a 'Enviar mensagem' button, a list of people who liked the post (Ricardo Rodrigues e outras 37 pessoas), and a 'Comunidade' section with a 'Ver tudo' link.
- Main Content:**
 - A 'Enviar mensagem' button.
 - A list of people who liked the post (Ricardo Rodrigues e outras 37 pessoas).
 - A 'Comunidade' section with a 'Ver tudo' link, showing 'Ventolidio Ncm e outros 850 amigos curtiram isso ou fizeram check-in' and a 'Convidar amigos' button.
 - Engagement statistics: '11.024 pessoas curtiram isso' and '11.021 pessoas estão seguindo isso'.
 - A 'Sobre' section with a 'Ver tudo' link, featuring a map and text: 'Promova sua empresa localmente para levar as pessoas diretamente a Praça Washington Luiz Estrada de Sepetiba esquina com Praia de Sepetiba.' Below this is a 'Promover negócio local' button and a 'Bate-papo (Desativado)' button.

The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the date '04/06/2018' and time '17:12'.

Muitos de seus “seguidores” não moram no bairro, muito menos na cidade; alguns residem até mesmo em outros países e muitas vezes são os principais incentivadores das ações deste museu endógeno, o que evidencia a importância das conexões externas. Seu blog também conta com mais de 2 mil visualizações e suas ações já foram reconhecidas pela imprensa local, como no Caderno “Zona Oeste” do Jornal *Extra/O Globo* (RJ) em 22 de abril de 2016, no jornal *O Dia* na coluna meio ambiente em 30 de setembro de 2017, no site *Rio OnWhatch* em 12 de outubro de 2017, *#Colabora em 11 de agosto de 2016*, bem como em outras páginas da Web e jornais de bairro e imediações. A seguir as referidas matérias reproduzidas respectivamente.

Figura 14 - Matéria do Jornal Extra

Projeto

Bairros

Caminhada

O Ecomus

Lei 6151

A Outra

O RIO CO

3 projetos

Volta por

Seguro | <https://extra.globo.com/noticias/projetos-com-roteiros-sobre-bairros-da-zona-oeste-empoderam-moradores-que-passam-admirar-ainda-mais-onde-vivem-19141900.html>

EXTRA Busque no Extra ASSINE

FOTO VÍDEO Extra Digital Promoções Acervo Classificados O Globo Princípios Editoriais

CAPA NOTÍCIAS POLÍCIA EMPREGO FAMOSOS MULHER TV E LAZER ESPORTE EXTRASHOP

Notícias

22/04/16 07:00 Curtir 0 Tweetar G+

Projetos com roteiros sobre bairros da Zona Oeste empoderam moradores, que passam a admirar ainda mais onde vivem

Comentário

Comentários Encerrados

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se

Seguro | <https://extra.globo.com/noticias/projetos-com-roteiros-sobre-bairros-da-zona-oeste-empoderam-moradores-que-passam-admirar-ainda-mais-onde-vivem-19141900.html>

EXTRA nossa história — destaca Lúcio, que já organiza com o amigo o passeio em Marechal Hermes, na divisa entre as zonas Norte

CAPA NOTÍCIAS POLÍCIA EMPREGO FAMOSOS MULHER

Facebook Twitter Google+ Mensagens E-mail Impressão

Fonte: Jornal Extra online

¹⁸ <https://extra.globo.com/noticias/projetos-com-roteiros-sobre-bairros-da-zona-oeste-empoderam-moradores-que-passam-admirar-ainda-mais-onde-vivem-19141900.html>

Transcrição do trecho da matéria publicada no Caderno Zona Oeste do Jornal Extra e O Globo em 22 de abril de 2016:

Projetos com roteiros sobre bairros da Zona Oeste empoderaram moradores, que passam a admirar ainda mais onde vivem

Nathália Marsal

(...) É o que acontece também em Sepetiba, com os passeios organizados pela socióloga Bianca Wild, de 36 anos. Do Engenho de Dentro, Zona Norte, ela era veranista e, quando se mudou, em 1996, passou a odiar o bairro. Até que foi apresentada ao livro de Alcebíades Rosa, historiador da região, que a fez mudar o discurso sobre o lugar.

Tanto que, em 2009, ajudou a fundar o Ecomuseu de Sepetiba. No mesmo ano, começou a organizar roteiros turísticos pela região.

— Percebi que a chegada de novos moradores acompanhou o crescimento desordenado. Muitos não criaram laços e não brigaram por melhorias no local — afirma ela, que faz um projeto de mestrado sobre as práticas sociais de Sepetiba.

Com o museu e os roteiros que organiza, Bianca começou a sentir diferença na autoestima e no carinho dos moradores pelo bairro. A principal mudança, segundo ela, foi a união da comunidade com os movimentos sociais e o debate para promover eventos que já foram sucesso, como antigos carnavais e rodas de ciranda.

— Os passeios mudam o comportamento de moradores — garante ela.

Figura 15 - Matéria do jornal Extra

EXTRA CAPA NOTÍCIAS POLÍCIA EMPREGO FAMOSOS MULHER TV E LAZER ESPORTE EXTRASHOP

Busque no Extra

O GLOBO
Publicidade

É o que acontece também em Sepetiba, com os passeios organizados pela socióloga Bianca Wild, de 36 anos. Do Engenho de Dentro, Zona Norte, ela era veranista e, quando se mudou, em 1996, passou a odiar o bairro. Até que foi apresentada ao livro de Alcebiades Rosa, historiador da região, que a fez mudar o discurso sobre o lugar.

Tanto que, em 2009, ajudou a fundar o Ecomuseu de Sepetiba. No mesmo ano, começou a organizar roteiros turísticos pela região.

— Percebi que a chegada de novos moradores acompanhou o

Fonte: Jornal Extra Online

Figura 16 - Matéria do Jornal Extra

EXTRA CAPA NOTÍCIAS POLÍCIA EMPREGO FAMOSOS MULHER TV E LAZER ESPORTE EXTRASHOP

Busque no Extra

— Percebi que a chegada de novos moradores acompanhou o crescimento desordenado. Muitos não criaram laços e não brigaram por melhorias no local — afirma ela, que faz um projeto de mestrado sobre as práticas sociais de Sepetiba.

Com o museu e os roteiros que organiza, Bianca começou a sentir diferença na autoestima e no carinho dos moradores pelo bairro. A principal mudança, segundo ela, foi a união da comunidade com os movimentos sociais e o debate para promover eventos que já foram sucesso, como antigos carnavais e rodas de ciranda.

— Os passeios mudam o comportamento de moradores — garante ela.

Programação Guaratiba: Passeio no dia 14 de maio, às 9h. O ponto de encontro é no último pier da Praia da Brisa.
Sepetiba: Próximos passeios nos dias 1º e 22 de maio, às 9h. O ponto de encontro é no coreto de Sepetiba.
Marechal Hermes: Próximo passeio no dia 8 de maio, às 9h. Ponto de encontro é no busto de Marechal Hermes, na Praça Montese.
Santa Cruz: Próximo passeio no dia 19 de junho, às 9h. O ponto de encontro é na saída da estação de trem de Santa Cruz.

Contatos
 Pé de Moleque: 9974-68101. Bianca Wild: 99265-8520.

Fonte: Jornal Extra online

Figura 17 - Matéria do Jornal Odia

19

_LEGADO_NOTÍCIA

Volta por cima do bairro de Sepetiba

Grupo organiza passeio mensal na região para resgatar a história e realizar a limpeza das praias

Por O Dia

30/09/2017 21h27 Atualizado às 30/09/2017 21h29



Rio - Em plena Zona Oeste, entre Santa Cruz e Guaratiba, um bairro que já viveu muito da pesca e foi marcado por suas belezas naturais, hoje em meio ao assoreamento da bacia e poluição, tenta resgatar sua história graças a um trabalho de moradores voluntários. Indignados com o descaso na região, a socióloga Bianca Wild e mais oito pessoas criaram o projeto Ecomuseu Sepetiba, que oferece um passeio mensal de reconhecimento do bairro e realiza atividades de limpeza das praias e oficinas de reciclagem.



Em cada encontro, a média é de 70 visitantes, todos moradores de Sepetiba. O passeio começa no ponto principal do bairro, o coreto da praça, e percorre as praias e mangues. A vista, que é muito conhecida por quem mora lá, mas pouco explorada no seu contexto histórico, ganha forma quando os guias explicam os bastidores de cada ponto.

"Na praia tinha uma pedra de mais de três metros que hoje está assoreada. Uma ponte, de 1884, em que barcos passavam por baixo, hoje, não é mais possível porque não há profundidade", explicou Bianca Wild, que compõe o time de guias turísticos ao lado de Silvan Guedes, Aline Barcellos, Simone Marques, André Gaio, Luciele Rocha, Patrick Luiz, Scarlet Sena e Rebeca Lamberti. Em comum, todos têm paixão por Sepetiba: "Queríamos mudar a perspectiva das pessoas que achavam que o bairro era feio. Essa região tem muita história e devemos ter orgulho disso", concluiu Bianca.

Sepetiba carrega em seu nome o 'sítio dos sapês', tradução em tupi. Mas a região, que já foi coberta de florestas, atualmente tem pouco mais de 5% de áreas naturais, sendo que 2% é de vegetação característica de mangue. Nos 5,8

Desde quando o Ecomuseu foi criado, em 2008, os encontros se intensificaram e surtiram efeitos positivos nos moradores. "Minha maior motivação é ver quando os jovens modificam seus discursos sobre o bairro e passam a valorizá-lo", concluiu Wild. Interessados em saber mais sobre o projeto podem enviar mensagem na página Ecomuseu de Sepetiba, no Facebook.

Fonte: Jornal Odia Online

¹⁹ https://odia.ig.com.br/_conteudo/2017-10-01/volta-por-cima-do-bairro-de-sepetiba.html

Transcrição da matéria publicada no jornal O Dia em 30 de setembro de 2017:

A volta por cima do bairro de Sepetiba

Angélica Fernandes

Rio - Em plena Zona Oeste, entre Santa Cruz e Guaratiba, um bairro que já viveu muito da pesca e foi marcado por suas belezas naturais, hoje em meio ao assoreamento da baía e poluição, tenta resgatar sua história graças a um trabalho de moradores voluntários. Indignados com o descaso na região, a socióloga Bianca Wild e mais oito pessoas criaram o projeto Ecomuseu Sepetiba, que oferece um passeio mensal de reconhecimento do bairro e realiza atividades de limpeza das praias e oficinas de reciclagem.

Em cada encontro, a média é de 70 visitantes, todos moradores de Sepetiba. O passeio começa no ponto principal do bairro, o coreto da praça, e percorre as praias e mangues. A vista, que é muito conhecida por quem mora lá, mas pouco explorada no seu contexto histórico, ganha forma quando os guias explicam os bastidores de cada ponto.

"Na praia tinha uma pedra de mais de três metros que hoje está assoreada. Uma ponte, de 1884, em que barcos passavam por baixo, hoje, não é mais possível porque não há profundidade", explicou Bianca Wild, que compõe o time de guias turísticos ao lado de Silvan Guedes, Aline Barcellos, Simone Marques, André Gaio, Luciele Rocha, Patrick Luiz, Scarlet Sena e Rebeca Lambertí. Em comum, todos têm paixão por Sepetiba: "Queríamos mudar a perspectiva das pessoas que achavam que o bairro era feio. Essa região tem muita história e devemos ter orgulho disso", concluiu Bianca.

Sepetiba carrega em seu nome o 'sítio dos sapês', tradução em tupi. Mas a região, que já foi coberta de florestas, atualmente tem pouco mais de 5% de áreas naturais, sendo que 2% é de vegetação característica de mangue. Nos 5,8 quilômetros de litoral, todas as três praias estão prejudicadas pela poluição da Baía de Sepetiba porque ficam no chamado 'fundo de baía', para onde vão os sedimentos da água, além do assoreamento. O resultado é uma areia suja e uma água preta, derivada do acúmulo de resíduos poluidores prejudicando a pesca do lugar em que foi reconhecido, desde o Império, por essa atividade.

Figura 18 - Matéria no RioOnWatch

21

RIOONWATCH
relatos das favelas cariocas

HOME COMUNIDADES POLÍTICAS DENÚNCIAS MOBILIZAÇÃO SOCIAL MAPA DE C

Últimas Notícias 20/01/2018 In #Monitoramento // #OQueDizemAsRedes Sobre as Operações Policiais n

Página inicial » *Destaque » O Ecomuseu de Sepetiba #RedeFavelaSustentável [PERFIL]

22

O Ecomuseu de Sepetiba #RedeFavelaSustentável [PERFIL]

Perfil da Rede Favela Sustentável*



[Click Here for English](#)

Iniciativa: Ecomuseu de Sepetiba
Blog / Site / Perfil do Facebook

Ano da Fundação: 2007

Comunidade: Sepetiba

Missão: "Pesquisar, manter, documentar, decifrar, valorizar, e disseminar testemunhos do homem e do meio, objetivando colaborar para a construção e a transmissão das memórias coletivas, e para um desenvolvimento local sustentável e integral."

Eventos Públicos: Passeio de Reconhecimento e Ecoturístico, 1º domingo de cada mês

Como Contribuir: O Ecomuseu busca pesquisadores de todas as origens para ajudar em seu trabalho sobre a história da comunidade e ecologia. Solicitam-se doações de livros, especialmente aqueles escritos em braille, para sua biblioteca comunitária.

No início de uma manhã quente de setembro, no distante bairro de Sepetiba, Zona Oeste do Rio, um grande grupo de moradores e visitantes reuniu-se ao redor do coreto histórico à beira-mar para o Passeio de Reconhecimento mensal do Ecomuseu de Sepetiba. O Professor Luiz Boleté os recebeu dando a oportunidade para todos fazerem seus próprios instrumentos reutilizando garrafas plásticas, seguida de uma oficina de percussão. Na sequência, o grupo aumentou para acompanhar uma cerimônia de prêmios reconhecendo as contribuições mais marcantes para a comunidade. Finalmente, Emerson, um professor local de educação física, conduziu uma sessão de alongamento e aquecimento antes do início do passeio. Bianca Wild, membro fundadora do ecomuseu e professora de sociologia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), dirigiu-se aos participantes. "Quem está aqui pela primeira vez vai conhecer uma Sepetiba diferente", ela disse. "[O propósito do passeio] é tornar visível Sepetiba e divulgar a história desse bairro para que os moradores elevem sua autoestima, que é um elemento basilar para mobilização e para luta".

Os eventos da manhã e o passeio histórico-ecológico demonstraram o modelo de união comunitária e o orgulho que o Ecomuseu de Sepetiba espera estimular em uma comunidade de 60.000 pessoas que enfrenta poluição, estagnação econômica, e periferização. O grupo visitou ruínas imperiais e sítios arqueológicos indígenas enquanto apreciava a vista deslumbrante da Baía de Sepetiba.

"A gente não tem uma sede. Nosso museu, nosso acervo, nosso prédio é Sepetiba inteira. É o bairro inteiro. É um museu de baixo para cima", explicou Bianca. Como um museu territorial que reflete uma 'nova museologia' ou museologia 'social', o conceito de ecomuseu deve ser "consciente da comunidade, com o objetivo de desenvolver o território que habita, a partir da valorização da história local e do patrimônio (natural e cultural) nele existente", de acordo com o ecomuseu da vizinha Santa Cruz. O Ecomuseu de Sepetiba é um dos muitos movimentos de museologia social que acontecem nas favelas do Rio como plataformas de resistência. Ele busca descobrir as relações entre seus moradores, a história e o meio ambiente para mobilizar por mudanças positivas.



As Iniciativas que o grupo de nove voluntários do ecomuseu conduzem na sua comunidade respondem às necessidades específicas e a história da área. Bianca explica que Sepetiba tem desempenhado um papel importante na história do Brasil desde a era pré-colonial até a república moderna. O passeio mensal visita um sambaqui, um monte de metros de altura de calcário e conchas construído por povos indígenas há milhares de anos. Essas estruturas funcionavam como locais de assentamento e cemitérios para os mortos. Sepetiba é a pronúncia aporuguesada da palavra do idioma da tribo Tamoió que designava presença de vegetação nativa sapé. Após a colonização, o Rei D. João VI ordenou a construção de um porto imperial e fortes em Sepetiba, que era um destino de verão para a família real no século XIX.

Mais recentemente, nos anos 1970 e 1980, a Baía de Sepetiba atraiu muitos visitantes para suas praias exuberantes. No entanto, a construção do Porto Industrial de Itaguaí, em 1982, iniciou um processo de degradação ambiental que culminou com a polêmica fábrica de processamento de aço TKCSA. Essa poluição quase destruiu as indústrias do turismo e da pesca em Sepetiba e deixou muitos moradores precisando trabalhar fora da comunidade. Bianca falou da luta do Ecomuseu para mobilizar uma população que viaja cinco horas ou mais por dia para trabalhar ou para frequentar uma universidade no Centro ou na Zona Sul. Ela falou ao *RioOnWatch*: "Por ser um 'bairro dormitório' de uma Zona Oeste segregada, [Sepetiba] tem ausência de poder público em vários aspectos. As pessoas muitas vezes não podem participar [de nossa programação] porque a pessoa acorda todo dia às 3:40 da manhã para ir trabalhar. Chega em casa às 11 horas da noite. Ela tem o final de semana para cuidar de sua casa, sua família".



²¹ <http://riononwatch.org.br/?p=28829>

Transcrição da matéria publicada no site RioOnWatch – Relatos das favelas, escrita por Lucas Smolcic Larson, e publicado em 12/10/2017.

O Ecomuseu de Sepetiba #RedeFavelaSustentável [PERFIL]

iniciativa: Ecomuseu de Sepetiba

Contato: Blog | Site | Facebook | Email

Ano da Fundação: 2007

Comunidade: Sepetiba

Missão: “Pesquisar, manter, documentar, decifrar, valorizar, e disseminar testemunhos do homem e do meio, objetivando colaborar para a construção e a transmissão das memórias coletivas, e para um desenvolvimento local sustentável e integral.”

Eventos Públicos: Passeio de Reconhecimento e Ecoturístico, 1º domingo de cada mês

Como Contribuir: O Ecomuseu busca pesquisadores de todas as origens para ajudar em seu trabalho sobre a história da comunidade e ecologia. Solicitam-se doações de livros, especialmente aqueles escritos em braille, para sua biblioteca comunitária.

No início de uma manhã quente de setembro, no distante bairro de Sepetiba, Zona Oeste do Rio, um grande grupo de moradores e visitantes reuniu-se ao redor do coreto histórico à beira-mar para o Passeio de Reconhecimento mensal do Ecomuseu de Sepetiba. O Professor Luiz Bolete os recebeu dando a oportunidade para todos fazerem seus próprios instrumentos reutilizando garrafas plásticas, seguida de uma oficina de percussão. Na sequência, o grupo aumentou para acompanhar uma cerimônia de prêmios reconhecendo as contribuições mais marcantes para a comunidade. Finalmente, Emerson, um professor local de educação física, conduziu uma sessão de alongamento e aquecimento antes do início do passeio. Bianca Wild, membro fundadora do ecomuseu e professora de sociologia da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), dirigiu-se aos participantes. “Quem está aqui pela primeira vez vai conhecer uma Sepetiba diferente”, ela disse. “[O propósito do passeio] é tornar visível Sepetiba e divulgar a história desse bairro para que os moradores elevem sua autoestima, que é um elemento basilar para mobilização e para luta”.

Os eventos da manhã e o passeio histórico-ecológico demonstraram o modelo de união comunitária e o orgulho que o Ecomuseu de Sepetiba espera estimular em uma comunidade de 60.000 pessoas que enfrenta poluição, estagnação econômica, e periferização. O grupo visitou ruínas imperiais e sítios arqueológicos indígenas enquanto apreciava a vista deslumbrante da Baía de Sepetiba.

“A gente não tem uma sede. Nosso museu, nosso acervo, nosso prédio é Sepetiba inteira. É o bairro inteiro. É um museu de baixo para cima”, explicou Bianca. Como um museu territorial que reflete uma ‘nova museologia’ ou museologia ‘social’, o conceito de ecomuseu deve ser “consciente da comunidade, com o objetivo de desenvolver o território que habita, a partir da valorização da história local e do patrimônio (natural e cultural) nele existente”, de acordo com o ecomuseu da vizinha Santa Cruz. O Ecomuseu de Sepetiba é um dos muitos movimentos de museologia social que acontecem nas favelas do Rio como plataformas de resistência. Ele busca descobrir as relações entre seus moradores, a história e o meio ambiente para mobilizar por mudanças positivas.

As iniciativas que o grupo de nove voluntários do ecomuseu conduzem na sua comunidade respondem às necessidades específicas e a história da área. Bianca explica que Sepetiba tem desempenhado um papel importante na história do Brasil desde a era pré-colonial até a república moderna. O passeio mensal visita um sambaqui, um monte de metros de altura de calcário e conchas construído por povos indígenas há milhares de anos. Essas estruturas funcionavam como locais de assentamento e cemitérios para os mortos. Sepetiba é a pronúncia aportuguesada da palavra do idioma da tribo Tamoio que designava presença de vegetação nativa sapê. Após a colonização, o Rei D. João VI ordenou a construção de um porto imperial e fortes em Sepetiba, que era um destino de verão para a família real no século XIX.

Mais recentemente, nos anos 1970 e 1980, a Baía de Sepetiba atraiu muitos visitantes para suas praias exuberantes. No entanto, a construção do Porto industrial de Itaguaí, em 1982, iniciou um processo de degradação ambiental que culminou com a polêmica fábrica de processamento de aço TKCSA. Essa poluição quase destruiu as indústrias do turismo e da pesca em Sepetiba e deixou muitos moradores precisando trabalhar fora da comunidade. Bianca falou da luta do Ecomuseu para mobilizar uma população que viaja cinco horas ou mais por dia para trabalhar ou para frequentar uma universidade no Centro ou na Zona Sul. Ela falou ao RioOnWatch: “Por ser

um ‘bairro dormitório de uma Zona Oeste segregada, [Sepetiba] tem ausência de poder público em vários aspectos. As pessoas muitas vezes não podem participar [de nossa programação] porque a pessoa acorda todo dia às 3:40 da manhã para ir trabalhar. Chega em casa às 11 horas da noite. Ela tem o final de semana para cuidar de sua casa, sua família”.

Uma maneira como o Ecomuseu de Sepetiba combate os efeitos desse isolamento social e a dificuldade de mobilizar os moradores é através da educação patrimonial nas escolas locais. Os estudantes são convidados para os passeios mensais e o ecomuseu fornece educação ecológica nas escolas sobre a importância dos seus ecossistemas locais de manguezais, que agem como viveiros para a vida marinha. De acordo com Silván Guedes, outro membro da equipe do Ecomuseu de Sepetiba, “as escolas estão vindo [para nossa programação] um pouco que obrigadas ainda. Mas, no meio do caminho, elas começam a se interessar mais. Começam a entender porque existe a lama [que chegou à costa por causa de uma obra destrutiva de um canal nos anos 1990], porque que existe o mangue, e porque nós fizemos parte da história do Brasil e não estamos incluídos nos livros didáticos”.

Através desses programas e da manutenção contínua de uma biblioteca comunitária, Bianca afirmou: “A gente viu a mudança dos discursos dos alunos conforme a gente já está aí há nove anos. Porque antes de começarmos o ecomuseu, tinha página no Orkut [só] como ‘Sepetiba da depressão’. Era sempre depreciando o local. Agora a gente têm ‘Sepetiba que me encanta,’ ‘Sepetiba Bairro Histórico,’ ‘EU AMO Sepetiba’. A gente acredita que isso foi um pouco graças a nossa divulgação da história local. A gente se sente muito orgulhoso, muito feliz com isso”.

Além de mobilizar a juventude local, o Ecomuseu conseguiu a colaboração de outras organizações e de pesquisadores para desenvolver sua base de conhecimento sobre a comunidade. Bianca admitiu que, quando o grupo começou o movimento do Ecomuseu, “na verdade, a gente não sabia o que estava fazendo”. Em 2007, Bianca e um pequeno grupo de moradores começaram a ir ao Arquivo Nacional para encontrar mais fontes históricas sobre Sepetiba, inspirados em um livro escrito pelo jornalista local Alcebíades Francisco Rosa. Em 2009, eles organizaram um “círculo de memória” regular com os moradores mais velhos para compartilhar histórias orais. Quando o vizinho e mais desenvolvido Ecomuseu de Santa Cruz ouviu falar disso, o círculo foi incluído em uma conferência de museologia comunitária, onde conheceram Hugues de Varine, o museólogo francês, que criou o conceito do

ecomuseu. “O Hugues falou que o que nós estávamos fazendo aqui em Sepetiba era museologia comunitária. Ele deu nome ao que a gente estava fazendo. A gente iniciou o processo de reconhecimento, chamou de Movimento Ecomuseu de Sepetiba, inicialmente”, relatou Bianca.

Desde seu início, o Ecomuseu tem participado de conferências de museologia social e convidado pessoas ilustres, como Hugues de Varine e a museóloga Odalice Miranda Priosti, para desenvolver seu trabalho. Em 2015, Bianca e o arqueólogo Claudio Prado de Mello solicitaram com sucesso ao município do Rio de Janeiro para proteger a área costeira contendo as ruínas do porto imperial e um sambaqui. Dando mais visibilidade a Sepetiba, o jornalista André Luis Mansur escreveu três volumes sobre a história da Zona Oeste em sua série O Velho Oeste Carioca. Bianca falou sobre essas parcerias, “a gente está iniciando agora um núcleo de orientação e pesquisa histórica, sociológica, antropológica, biológica e ambiental. A gente precisa de pessoas que estejam dispostas a agregar, ajudar a gente a compreender a nossa região”.

O Ecomuseu de Sepetiba também funciona como um centro de ação política. Durante o passeio, Bianca e Silvan convocaram os moradores para contatá-los sobre as necessidades da comunidade através da página do Ecomuseu no Facebook. Bianca disse, “a gente quer funcionar como um canal para toda a comunidade” demandar por responsabilidade dos moradores e do governo municipal. Ela citou o uso da página no Facebook para denunciar alguém jogando lixo na praia, e como um modo de se mobilizarem para fazer com que as agências governamentais cumpram suas promessas ambientais. Ela descreveu estas ações como esforços para viver com sustentabilidade em uma comunidade que enfrenta poluição, lixo e sedimentos na sua costa. “Sustentabilidade para nós é... aprender a lidar com adversidade, transformar o negativo em positivo e trabalhar para preservação daquilo que a gente considera importante”.

Referindo-se ao potencial para implantar projetos similares em outras comunidades do Rio que enfrentam circunstâncias precárias, Bianca disse que “toda localidade merece um centro de memória e de refúgio. Os lugares dominados são geralmente esses lugares de refúgio, são os lugares mais sagrados para nós. Os lugares que a gente encontra paz, que a gente encontra raízes. As raízes são primordiais para que a gente sempre tenha para onde voltar, para que a gente sempre tenha o sentido de lutar pelo aquilo que a gente ama, pelo lugar que a gente conhece. A primeira coisa que alguém que quer realizar esse tipo de trabalho tem que fazer é conhecer o lugar que habita,

conhecer de fato. Tanto as coisas ruins como as coisas boas. Você tem que compreender seu território e buscar sempre o apoio de toda a população”.

Quando lhe perguntaram sobre os seus sonhos para o futuro, Bianca disse: “Eu espero que Sepetiba volte a ter valorização e visibilidade... que a gente consiga o tombamento também dos locais. Que a gente consiga inserir Sepetiba num roteiro histórico alternativo da cidade, que a gente consiga desenvolver aqui um turismo de base comunitária para que a população que passou por esse período de estagnação econômica possa ter uma geração de renda, e não precisar se deslocar para o Centro da cidade, para Barra da Tijuca ou para a Zona Sul para trabalhar. Que esses discursos de depreciação local mudem e a gente passe a valorizar toda população. E que essa juventude, essa nova geração que está fazendo parte, que eles consigam manter esse trabalho”.

O entusiasmo dos quase sessenta moradores de Sepetiba que participaram do passeio de setembro foi um testemunho ao sucesso que o Ecomuseu de Sepetiba tem tido a este respeito. O seu lema: “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem”, diz como ele quer envolver os moradores de Sepetiba para se responsabilizarem pela sua comunidade. No fim do passeio, um estudante local leu uma poesia que o seu amigo tinha escrito intitulada, “Minha Sepetiba”. A primeira estrofe dizia, “Sepetiba é tão bela, mesmo com tanta pobreza / mesmo sendo isolada. Mas brilhamos com certeza”.

*O Ecomuseu de Sepetiba é um dos mais de 100 projetos comunitários mapeados pela Comunidades Catalisadoras (ComCat)—a organização que publica o RioOnWatch—como parte do nosso programa paralelo ‘Rede Favela Sustentável’ lançado em 2017 para reconhecer, apoiar, fortalecer e expandir as qualidades sustentáveis e movimentos comunitários inerentes às favelas do Rio de Janeiro. Siga a Rede Favela Sustentável no Facebook.

Figura 19 - Matéria no Site Colabora

PROJETO
COLABORA JUNTOS, POR UM MUNDO
+ CRIATIVO, TOLERANTE E GENEROSO

UM OLHAR + CRIATIVO
E TOLERANTE

HOME TEMAS ▾ MAPA DAS ONGS QUEM SOMOS ▾ NOSSOS NÚMEROS APOIE O #COLABORA BUSCA NAS REDES

Home \ Cidades \ No meio do caminho, uma aula

Compartilhar       Imprimir

CIDADES

No meio do caminho, uma aula

Turismo na Zona Oeste, que abriga os principais complexos olímpicos

 por Andre Luis Mansur Atualizada em 11 de agosto de 2016, 08:32

A Zona Oeste, que abriga os principais complexos olímpicos da Rio 2016 – da Barra da Tijuca e de Deodoro -, está na rota de passeios turísticos promovidos por grupos que fogem dos cartões postais mais tradicionais da cidade, como o Pão de Açúcar, a Praia de Copacabana, o Corcovado... O Pé de Moleque, o Guiadas Urbanas e o Ecomuseu de Sepetiba, realizam, todos os meses, visitas guiadas àquela região e também a bairros da Zona Norte. As incursões não são apenas para mostrar os muitos monumentos históricos e as belezas naturais que essas regiões possuem. São também para que os moradores desenvolvam a cidadania, discutindo questões como ocupação irregular, poluição e ausência de políticas públicas. Eles recebem verdadeiras aulas de história, geografia e ecologia, entre outros temas. Os passeios, sempre a pé, são divulgados principalmente pelas páginas dos grupos na internet. E costumam atrair dezenas de pessoas (sempre nos fins de semana), que acabam voltando e levando mais gente.

COLABO

#

Figura 20 - Matéria no Site Colabora

“Este é o nosso objetivo, o despertar de Sepetiba”

Bianca Wild
Socióloga

Sepetiba, realiza seus passeios no litoral, da Pedra de Guaratiba a Sepetiba, passando pela Área de Proteção Ambiental da Praia da Brisa. A poluição da Baía de Sepetiba –

provocada não só pelo esgoto jogado *in natura*, mas também pelos despejos das indústrias que operam no Porto de Sepetiba – tornou o banho de mar impraticável. Criado em 2007, só em 2013 o Ecomuseu passou a organizar os passeios de reconhecimento e de ecoturismo na região. Foram 80 até agora. Eles acontecem sempre no primeiro domingo do mês, às 9 da manhã, partindo da praça Washington Luiz, onde fica o famoso Coreto de Sepetiba, cenário da novela *O Bem Amado*, da TV Globo, nos anos 70.

“O Ecomuseu é um lugar de memória viva”, define a socióloga Bianca Wild, uma das fundadoras, que pesquisa a história daquela região. Ela conta que, após o incremento do trabalho, inclusive com a divulgação de textos e fotografias antigas, surgiram vários blogs e páginas nas redes sociais sobre o bairro. Nos passeios, além de levar os visitantes históricos, como o Cais Imperial, do século XIX, os organizadores denunciam a poluição na Baía de Sepetiba. Falam de como ela começou, de quem são os culpados e da forma como a população deve agir, principalmente as crianças, para quem sabe, um dia, conseguir recuperar o rico ecossistema do lugar. “Este é o nosso objetivo, o despertar de Sepetiba”, diz Bianca.

Fonte: Site Colabora

Figura 21 - Matéria do Site Agência de notícias das Favelas



3 projetos que melhoram a vida da população da Zona Oeste

Por: **Jornalismo** - 19 de dezembro de 2017



Por Gabrielle Teles e Jonas Linhares

Com o descaso governamental e a precariedade de políticas públicas, alguns moradores da Zona Oeste cansaram de ficar de braços cruzados e procuram efetivar o protagonismo na própria região. Assim nasceram três iniciativas que recuperam e enaltecem a identidade local: o Ecomuseu de Sepetiba, o Movimento Territórios Diversos – Associação Cultural e o Pré-Vestibular de Santa Cruz, projetos presentes nos bairros de Sepetiba, Nova Sepetiba e Santa Cruz, respectivamente.

Conheça abaixo um pouco sobre cada um deles.

Ecomuseu de Sepetiba

[Translate »](#)

Fonte: Site da Agência de notícias das Favelas

Figura 22 - Site da Agência de Notícias das Favelas

24



Passeio de reconhecimento realizado pelo EcoMuseu. (Créditos: Divulgação)

O Ecomuseu de Sepetiba foi fundado em 2008 por Bianca Wild, no aniversário de 441 anos do bairro. O museu não possui sede, mas se faz no próprio território e é definido como um local de memória viva formado pelos moradores.

O projeto tem como principal finalidade despertar a população local para a importância da preservação e conservação do patrimônio existente na área, seja ele histórico, natural, cultural, material ou imaterial. Além disso, busca difundir a memória e a história local, elementos fundamentais para a elevação da autoconfiança de quem vive na região.

São realizadas diversas atividades: o passeio de reconhecimento, realizado sempre no primeiro domingo do mês, é uma delas, assim como programas de educação patrimonial em parceria com escolas locais, principalmente, o Ciep Ministro Marcos Freire e a Escola Municipal Nair da Fonseca, e ações de conscientização e limpeza na praia de Sepetiba.

Mais informações sobre os passeios e sobre o projeto na [página do EcoMuseu](#).

Fonte: Site da Agência de notícias das Favelas

²⁴ <https://www.anf.org.br/3-projetos-que-melhoram-a-vida-da-populacao-da-zona-oeste/>

Figura 23 - Matéria na Revista Veja Rio 1

veja Rio Edição da semana Carna

rua para o Carnaval 2018 dificulta o emagrecimento não passem pela Grajaú-Jacarepaguá álcool para curtir o verão e B

Especial no Hilton Copacabana
em a Escola Unidos da Tijuca

Cidades

Molhe imperial, em Sepetiba, pode ser tombado

Estrutura foi construída em 1884 para facilitar o embarque e desembarque de passageiros

Por **Rafael Sento Sé**
3 jun 2017, 00h02



Molhe imperial foi construído em 1884 (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica/Divulgação)

Um amontoado de pedras, à primeira vista, o cenário escolhido para a pose na foto tem muita história. Trata-se do molhe imperial, construído em 1884, em Sepetiba, para facilitar o embarque e desembarque de passageiros. Desde os tempos dos jesuítas, a Praia de Sepetiba era usada para escoar a produção agrícola de uma ampla fazenda, incorporada pela família imperial em 1759. A chegada dos religiosos é o marco de fundação do bairro litorâneo que, com Santa Cruz, completa 450 anos em 2017. Por sugestão do Ecomuseu de Sepetiba, que organiza passeios guiados ao local no primeiro domingo do mês, o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) avalia a possibilidade de tomba a estrutura.

A repercussão do Ecomuseu de Sepetiba fica evidente não só no número seguidores que possui no *Facebook* como também pelas reportagens que gerou na grande imprensa carioca e imprensa alternativa, como blogs e sites diversos.

Nesse sentido, o museu afirma e reafirma sua função social como instrumento de desenvolvimento local, incentivador das consciências de seus múltiplos atores, sobre a sua realidade atual, assumindo um papel de agente de conexão com o globo para além de um serviço de internet. Fortalece as consciências do cidadão, pertencente a uma cidade a qual deve ter acesso, e ao mesmo tempo reforça suas identidades para esse diálogo.

O ecomuseu de Sepetiba vem realizando essas conexões globais com instituições públicas e privadas locais e não locais, seja através da participação em eventos, seja através da Web, pela realização dos passeios mensais de Reconhecimento e de ecoturismo, idealizados e realizados pelo Ecomuseu de Sepetiba no caminho do antigo cais imperial, localizado na praia de Sepetiba e em vias de tombamento graças a ação e reivindicação dos membros deste museu ou ainda através da realização de um colóquio no ano de 2014 com a participação de museólogos de outros estados do Brasil, ou com a participação em eventos internacionais como os encontros internacionais de Ecomuseus e museus comunitários realizados nos anos de 2012 e 2015 ou da 23^a ICOM conferência internacional de museus

A partir dessas breves considerações deixamos a definição deste museu, enquanto alternativa, para seus fundadores:

O nosso museu, é nosso, porque é um museu de baixo para cima, um museu da comunidade para a comunidade, pensado, idealizado e “realizado” pelos moradores, responsáveis pela pesquisa, responsáveis pela disseminação e valorização da história e memória local. Esse museu não tem sede, não tem prédio, não tem coleção, construímos nosso “inventário” de forma totalmente participativa, nosso território, nosso espaço, é o nosso museu, nosso museu não está concluído, e nunca estará, pois a história se faz no presente, e as narrativas e memórias são construídas no dia a dia. Nosso museu é lugar de memória viva! (Bianca Wild para o “Colóquio cartografias artísticas e territórios poéticos – MAM, Rio de Janeiro/RJ 2016)

Em uma análise mais apurada desta afirmativa, podemos acreditar que a memória da coletividade se torna, neste sentido, a memória da comunidade urbana, operando como a essência do ecomuseu e servindo aos interesses dos moradores locais que tem como principal objetivo romper com a lógica da subalternização, enaltecendo, redescobrimo, valorizando e

difundindo os elementos basilares de sua identidade, sendo eles mesmos os seus porta-vozes, não permitindo interferências externas e trilhando caminhos de acordo com as suas consciências e necessidades enquanto grupo comunitário.

No capítulo seguinte, traçaremos um perfil desta experiência e exporemos nossas análises acerca das possíveis falhas, deficiências, acertos dentre outras questões deste processo Ecomuseológico, bem como esboçaremos de forma breve o desenvolvimento deste conceito e da chamada Nova Museologia ou Museologia Social.

2 MUSEALIZAÇÃO EM FOCO: A EXPERIÊNCIA DO ECOMUSEU DE SEPETIBA. DAS ORIGENS ÀS ATIVIDADES IMPLEMENTADAS

2.1 Por uma museologia a serviço da libertação

A musealização tem sido estimulada e até mesmo impulsionada pelos ecomuseus, museus de território, museus comunitários, dentre muitos outros modelos. Trata-se de iniciativas endógenas, autônomas, onde o interesse das sociedades pela educação e preservação da memória é evidente, havendo um empenho e uma vontade de compartilhar o patrimônio e as ações preservacionistas. Os ecomuseus são uma expressão do homem e da natureza. O objeto, nesse contexto, não é apenas o homem ou o meio ambiente que o cerca, mas a relação que se dá entre os dois e todas as possíveis relações entre o homem e a realidade concreta que acontecem no território determinado. (WILD, 2017, p. 181).

Georges Henri Rivière, a partir de suas ações e linha de pensamento, estabeleceu o que podemos assinalar como referência do que viria a se configurar como museologia social, de modo a destacar uma mudança significativa na relação do museu e o seu território, evidenciado na experiência do Museu do Creusot, que nasceu em 1972 (inicialmente Museu do Homem e da Indústria, batizado Ecomuseu em 1974 com estatuto de ONG, agora museu público da Comunidade Urbana desde 2012). Rivière aconselhou o Ecomuseu várias vezes na década de 1970, mas o Ecomuseu é uma invenção da própria comunidade, coordenada por Marcel Evrard, informação disponível no livro digital "Mes aventures à l'écomusée de la Communauté urbaine...", de 2015 de Hugues de Varine.

A Mesa Redonda de Santiago do Chile foi um momento decisivo para a então incipiente Museologia Social, um marco divisor de águas. Realizada no ano de 1972, foi organizada pelo Conselho Internacional de Museus ICOM²⁵ tendo como foco os museus latino-americanos. Foi

²⁵ O International Council of Museums (ICOM - Conselho Internacional de Museus) é uma organização não-governamental internacional, sem fins lucrativos, que se dedica a elaborar políticas internacionais para os museus. O ICOM foi criado em 1946, mantém relações formais com a UNESCO e é membro do Conselho Econômico e Social da ONU. Sua sede é junto à UNESCO em Paris, possui mais de 27 000 membros de 150 países, 114 Comitês Nacionais e 30 Comitês Internacionais. Suas principais atividades são:

neste evento que se evidenciou a emergência do museu como ferramenta de desenvolvimento do território. Entre as resoluções da mesa, a proposição de um novo conceito: o de museu integral o qual proporciona à “comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural”, contribuindo para traçar os caminhos da Museologia Social ou Nova Museologia, movimento que surge na década de 1980, com a Declaração de Quebec, em 1984.²⁶

De acordo com o ICOM – International Council of Museums:

o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu ambiente para fins de estudos, educação e prazer. (ICOM: estatutos, artigo 3º, 2007)

Inicialmente e de forma bastante sintetizada, ao nosso ver, a museologia é definida como “estudo de museus”; desprezada essa concepção, compreendeu-se que além dos museus, esse novo campo estava relacionado intrinsecamente ao conhecimento da realidade pelo homem, a relação homem/meio, homem/realidade. Sendo esse o cerne da museologia, assinala-se a relação recíproca entre o homem, o território que habita e o contexto social histórico em que vive o presente.

Segundo o museólogo português Mario Moutinho, essa seria a definição de museu integral:

Cooperação e intercâmbio profissional; Difusão de conhecimentos e aumento da participação do público em museus; Formação de pessoal; Prática e promoção de ética profissional; Atualização de padrões profissionais;

²⁶ Princípios de base de uma nova museologia, Nesse documento estão registrados os princípios que devem orientar as ações para uma nova museologia adotada pelos modelos alternativos de museus que surgiam em diferentes países: os ecomuseus, os museus comunitários, etc. Todos eles tinham em comum a preocupação com a preservação do patrimônio cultural e desenvolvimento social. As questões aprofundadas nesse documento dizem respeito à: Metodologia de atuação da museologia. Extrapola as atribuições tradicionais da museologia, pois, buscar integrar as populações em suas ações, por meio da interdisciplinaridade e da utilização dos métodos contemporâneos de comunicação e gestão. - Adota o conceito ecológico de comunidade, entendida não somente formada pelos aspectos administrativos e políticos que forma o grupo social, mas também sua territorialidade, seu ecossistema. - Mudanças no foco das ações museológicas: da exclusiva preservação do objeto para a promoção social. - O reconhecimento das linhas de ações do MINOM e das novas práticas museológicas voltadas para a função social do patrimônio cultural e do museu.

Neste encontro a comunidade museológica reconhece a ecomuseologia, a museologia comunitária, e as outras museologias alternativas que surgiam em diferentes países. No ano de 1985 houve o II Encontro Internacional “Nova Museologia/ Museus Locais”, em Lisboa, ali a comunidade museológica reconheceu formalmente como organização o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), dois anos depois, foi reconhecida como instituição afiliada ao Conselho Internacional de Museus (ICOM).

uma instituição ao serviço e inseparável da sociedade que lhe dá vida. Capaz de estimular em cada comunidade uma vontade de ação, aprofundando a consciência crítica de cada um dos seus membros. Buscando os fundamentos da ação nas condições históricas de desenvolvimento de cada comunidade. A este museu, compete igualmente uma prática direta nos processos de desenvolvimento fazendo uso da interdisciplinaridade em particular na área das ciências humanas (1989, p.35-36).

O antropólogo argentino contemporâneo Néstor Canclini, por sua vez, afirma que o museu e qualquer política patrimonial tratam os objetos, os edifícios e os costumes de tal modo que mais do que exibi-los, tornam inteligíveis as relações entre eles. Por isso, propõe hipóteses sobre o que significam para nós, que hoje os vemos ou evocamos. Um patrimônio reformulado levando em conta seus usos sociais, não a partir de uma atitude defensiva, de simples resgate, mas com uma visão mais complexa de como a sociedade se apropria da história, pode envolver diversos setores. Não tem porque reduzir-se a um assunto de especialistas no passado, interessa aos funcionários e profissionais ocupados em construir o presente, aos indígenas, camponeses, migrantes e **a todos os setores cuja identidade costuma ser afetada pelos usos modernos da cultura** (grifo nosso).

Conforme Canclini “o patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus”, (CANCLINI, 2008, p.162), passando a ser reproduzido como algo pré-concebido:

A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje. Essa é a base das políticas culturais autoritárias. O mundo é um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito. As práticas e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo. Ser culto implica conhecer esse repertório de bens simbólicos e intervir corretamente nos rituais que o reproduzem. Por isso as noções de coleção e ritual são fundamentais para desmontar vínculos entre cultura e poder. (CANCLINI, 2008, p.162).

Para uma formação de identidade, Canclini destaca que o que está sendo celebrado dentro dos museus, como patrimônio, é algo que é **pré-selecionado por um grupo específico** (grifo nosso). Mas, ainda de acordo com Canclini “Os museus, como meios de comunicação de massa, podem desempenhar um papel significativo na democratização da cultura e na mudança do conceito de cultura”. (CANCLINI, 2008, p.169)

O significado da cultura no sentido antropológico corresponde ao conjunto de aspectos que caracterizam o modo de vida de uma determinada sociedade, incluindo língua, religião, normas, valores, crenças, formas de vestir, hábitos alimentares etc. Ou seja, é a totalidade de padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano, abrangendo conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras aptidões e hábitos. A cultura, desse modo, é tudo aquilo que o indivíduo apreende ao longo da vida, tudo que ele adquire através da sua convivência com outros membros da sua sociedade. (MELANDER, 2009. p. 2).

Cultura é, portanto, herança social; é tudo o que aprendemos e compartilhamos com nossos semelhantes. Não há cultura fixa, boa ou má, mas a cultura regula, de certo modo, normativamente nossas ações, através dos processos de aculturação e enculturação e sofre influência dos processos de globalização. As identidades são construídas no âmbito da cultura, os processos de construção identitária estão em constante formação, nunca estarão completos e sempre estão sujeitos às relações de poder, neste sentido, a cultura é o fio condutor de nossa percepção e concepção de mundo.

Cabe mencionar aqui o conceito de epistemicídio²⁷, que acreditamos complementar nossa linha de raciocínio neste momento. O conceito de epistemicídio tem seu significado ligado à exclusão de outras formas de conhecimento que não as estabelecidas hegemonicamente, corresponde a um assassinato epistemológico, um assassinato de poder, de autonomia, do conhecimento popular, dos saberes tradicionais das populações dominadas, subjugadas, não considerando suas contribuições culturais na produção do saber.

Afirmar identidades e marcar as diferenças tem a ver com as relações de poder, em situações de dominação, um grupo ou um indivíduo posicionado em assimetria social de poder estigmatiza a identidade negativa para o outro, exclui, segrega. Assim, percebemos que é a identidade que está em questão nas lutas sociais, pois o poder de definir o significado e o “lugar” das coisas depende do lugar que se ocupa no sistema de relações.

²⁷ Segundo Boaventura de Sousa Santos, epistemicídio é o conceito com que se designa a morte de um conhecimento local perpetrada por uma ciência alienígena. Essa “destruição” criadora que provocou a morte de conhecimentos alternativos acarretou a liquidação ou a subalternização dos grupos sociais cujas práticas assentavam em tais conhecimentos, é processo que a ciência promove em relação a outras formas de saber, subtraindo destas o teor de conhecimento. Ou seja, consiste no fenômeno da hegemonia única da ciência como provedora de cultura. Além disso, tal cultura ganha validade se for proveniente dos povos hegemônicos no sistema capitalista.

Para Canclini, à medida que o estudo e a promoção do patrimônio assumem os conflitos que os acompanham, podem contribuir para consolidar a nação; não como algo abstrato, mas como o que une e torna coesos os grupos sociais em um projeto histórico solidário, preocupado com a forma como habitam seu espaço.

Os novos museus, os Ecomuseus, museus comunitários, buscam justamente romper com esta lógica, uma vez que quem escolhe e determina os patrimônios locais que devem ser valorizados e rememorados são os moradores locais. Ao contrário do museu tradicional, nos museus comunitários os moradores se identificam, manipulam e organizam seus patrimônios, determinam suas exposições e se sentem representados. Eles não possuem estruturas suntuosas que nos impõem uma história e uma memória construídas de cima para baixo, mantendo a superioridade de determinados grupos sociais; estes museus são erigidos de baixo para cima, surgem de baixo para cima, são iniciativas endógenas, seu inventário é participativo e nunca estarão concluídos, pois a história se faz hoje e a memória é construída através das narrativas das populações no dia a dia.

Nos últimos anos vem-se estudando e ampliando a compreensão sobre os diferentes papéis que os diversos tipos de museu vem apresentando à sociedade. Como, afirma Varine:

(...) é certo que os grandes museus nacionais e /ou internacionais fazem evidentemente parte do patrimônio comum do país, incorporando tudo o que provem das vicissitudes da história, mas o museu local, como suas atividades, pertence antes de tudo à comunidade que vive nesse território e sua representatividade deve contar com essa comunidade em nome do princípio de subsidiaridade. O que significa que essa comunidade e seus representantes têm o direito de controle sobre o museu e sobre o que vai ser feito nele, sobre a sua interpretação das coleções sobre a relação com o desenvolvimento local! (2012, 174).

Esse novo conceito, o Ecomuseu, surgiu em um contexto de transformação e mudança no discurso antropológico acerca do conceito de cultura. Tratava-se do surgimento de uma contracultura, da valorização da cultura popular. Nessa dinâmica, novos museus e novas formas de musealizar, então emergem, rompendo com os modelos tradicionais.

O diálogo que os museus “devem” promover entre o homem, seu passado, seu presente, nas mais diversas formas de expressão, assumindo definitivamente a sua função social tem sido

alvo de questionamentos e dúvidas. Os museus como espaços onde ocorre esse encontro, são a conjuntura adequada, onde a memória se atualiza no presente instante de uma relação única entre o observador e o objeto observado.

Todo o simbolismo de um objeto, significado, valores e afeto, emerge e converte, observador e objeto observado, numa interação especial, única. Deste modo, ao selecionar o artefato que vai ser exposto, preparando a montagem de uma exposição, o profissional evidencia critérios subjetivos com os quais cria a comunicação entre o visitante e a exposição, transferindo a mensagem e os conhecimentos que ele selecionou, algumas vezes representando uma realidade estranha ou desconhecida ao visitante.

Os museus, ou ecomuseus de gestão e iniciativa comunitária, experiências surgidas a partir das três últimas décadas do século XX, têm comprovado a facilidade na compreensão e comunicação dessa realidade. Isto porque tem na própria comunidade, representada por seus membros, o papel de selecionar temas, escolher o que quer expor e como quer expor, assim podemos perceber uma maior identificação e interação da comunidade com esse museu e seu discurso.

Ao contrário do que ponderam alguns especialistas e estudiosos, de outras áreas que não a própria museologia, que se aventuraram pelo campo de estudos dos museus, a Nova Museologia não foi um movimento segregador e de discriminação as antigas práticas museológicas, mas sim outra possibilidade de se refletir o museu, de uma forma mais humana, mais integradora (WILD, 2017) e, portanto, mais democrática.

Segundo o historiador francês Hugue de Varine (2005), a dificuldade no reconhecimento e aceitação dos novos modelos de instituições museológicas pelas instâncias administrativas sucedem da associação do museu à comunidade, ao território, à população e ao patrimônio. Diversas razões, de acordo com Varine, podem estar explícitas ou implícitas nesse processo de resistência:

(...) o desrespeito aos princípios tradicionais da museologia; particularmente, a menor atenção dada à coleção permanente, à pesquisa acadêmica e à conservação; a modéstia e mesmo a pobreza técnica e científica das exposições e manifestações culturais organizadas pelo museu; a ausência de

qualificação profissional reconhecida dos responsáveis e dos colaboradores desses museus, que são frequentemente autodidatas em museologia e museografia; uma confusão com outras realidades ou conceitos, como os centros de interpretação, os parques naturais, os sítios históricos, certos lugares de interesse turístico e parques temáticos. (VARINE, 2005, p. 1-2).

Examinamos aqui a iniciativa dos moradores do bairro de Sepetiba, localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Aspectos de sua história e memória foram apresentados no capítulo anterior de forma detalhada, permitindo o re-conhecimento de diversos eventos memoráveis no que concerne a formação do nosso país e a construção/formação da identidade nacional²⁸. No entanto, este bairro tão distante do dito efervescente centro da cidade do Rio de Janeiro teve sua história apagada dos relatos e discursos contemporâneos e das memórias coletivas recentes. Cabe aqui a citação de Le Goff:

Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 2003, p.477)

Nessa perspectiva e visando a superação desse quadro de exclusão, a criação de um Ecomuseu, uma iniciativa totalmente endógena, foi a solução encontrada por alguns moradores de Sepetiba. O museu local pode e deve ser uma ferramenta que desempenha um papel fundamental na construção de ideologias e identidades; labutando em favor do desenvolvimento da comunidade, estimulando o processo de conscientização e a criatividade da população frente aos problemas da atualidade, e utilizando as informações do passado no e do presente, pensando de forma questionadora, é possível projetar um futuro com mais possibilidades.

A mobilização e a conscientização da população podem modificar a situação atual do bairro de Sepetiba. Sem a notoriedade do seu passado e com a sua baía cada vez mais degradada, sua população viu-se desamparada, sem referências, segregada e excluída. O surgimento desse “movimento” – Ecomuseu - trouxe à tona a importância de se manter os traços, as

²⁸ Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essenciais de uma pessoa ou de um grupo. Porém acreditamos que quando um determinado grupo de pessoas não se sente integrado a um contexto social, cultural ou histórico específico pode conhecer um sentimento de descontinuidade e de ausência de referência incômodo e, muitas vezes desorientador, é o que ocorre com alguns moradores do bairro por nós entrevistados.

peculiaridades que unem a população local, revigorando a vontade de reconhecimento da região.

De perfil comunitário e primando pela participação da população, os museus locais procuram transformar-se em ferramenta; verdadeiro instrumento para o desenvolvimento local. Da mesma forma, têm a ambição de fomentar o processo de entendimento da realidade pelos moradores, de modo que reconheçam seu território, sua paisagem, seus patrimônios, suas memórias, histórias. Conhecer a si mesmo, pode ser um caminho seguro para revigorar a autoestima, elemento basilar para que ocorra um diálogo mais democrático. Nessa dinâmica, permite-nos escutar os ecos do silêncio, bem como rejeitar os modelos impostos há muito tempo pelos centros hegemônicos de poder, os quais construíram ideologias que segregam lugares e marginalizam as culturas das populações menos favorecidas.

O Ecomuseu de Sepetiba é entendido, também, por seus próprios membros, como um museu local, de cunho promotor, seguindo as definições apresentadas por Moreira:

(...) Museu local que tem como objetivo fundamental de sua actuação a promoção do desenvolvimento local, um museu aberto a toda a participação popular e com campos de actuação multivariados centrados em duas dimensões principais dos pontos a interna (...) e a externa. (MOREIRA, 2007, p. 103).

Essas ações de perfil **interno** serão apresentadas aqui como reforço na construção das identidades locais e na mobilização comunitária, uma vez que é basilar envolver a população nas ações e gestão do museu. Entretanto, o Ecomuseu executa, também, ações de perfil **externo**, as quais visam reforçar e criar uma conexão com o outro, o não local. Sendo, portanto, o Ecomuseu de Sepetiba um museu local e com território, é fato que estabelece uma relação de interdependência entre as pessoas e entre as outras localidades do globo.

Nesse sentido, o Ecomuseu de Sepetiba compreende seu papel como instrumento de desenvolvimento local, incentivador das consciências de seus múltiplos atores sobre a sua realidade atual e assume um papel de agente de conexão com o globo para além de um serviço de internet, embora se faça valer das redes sociais, como o *Facebook.com*, no qual possui uma página com mais de 11 mil curtidas. Suas ações tendem a fortalecer as consciências dos

moradores como cidadãos, que pertencem a uma cidade e, como tal, a ela devem ter acesso. E, ainda, reforçar suas identidades para enfrentar o conflito e buscar o diálogo.

Nos últimos anos vem-se estudando e ampliando a compreensão sobre os diferentes papéis que os distintos tipos de museu vêm apresentando à sociedade. Nesse sentido, a contribuição da museóloga Odalice Priosti, uma das fundadoras do primeiro Ecomuseu comunitário do Brasil, o NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz, tem sido de fundamental importância. Para ela, o Ecomuseu:

é um espaço de relações entre uma comunidade e seu ambiente natural e cultural, onde se desenvolve, através das ações de iniciativa comunitária, um processo gradativamente consciente e pedagógico de patrimonialização, apropriação e responsabilização dessa comunidade com a transmissão, cuidado e transformação do patrimônio comum e, conseqüentemente, com a criação do patrimônio do futuro. (apud: MAGALDI, 2006)

Vale a pena ressaltar que cada projeto museal possui uma particularidade, uma especificidade, pois cada museu local possui uma ação junto ao público, o Ecomuseu de Sepetiba busca promover, com uma gestão comunitária, uma consciência acerca do desenvolvimento local.

Aqui iremos destacar uma das noções norteadoras desse processo em especial, o processo de Reconhecimento do Ecomuseu de Sepetiba. Trata-se da “museologia da libertação” criada por Odalice Priosti, a qual analisa a proposta da Museologia da Libertação à luz da memória social e das práxis de ecomuseus e museus comunitários, contemplando a “pedagogia da libertação” de Paulo Freire e ouvindo os depoimentos de membros de outras experiências brasileiras de ecomuseus e museus comunitários e de redes latino-americanas de novos museus.

A noção de museologia da libertação é entendida como processo de musealização que parte das próprias comunidades produzindo subjetividade. Foi trazido à discussão no âmbito do III *Encontro Internacional de Ecomuseus e Museus Comunitários*, realizado em Santa Cruz, no Rio de Janeiro, em setembro de 2004. O conceito foi cunhado por Odalice Priosti a partir da extensão dos princípios da teologia latino-americana da libertação por um lado, e por referência à educação como prática da liberdade (FREIRE: 2000), por outro.

Para construir a noção de museologia da libertação, Odalice irá se apoiar na proposta de pedagogia da libertação de Paulo Freire. Entretanto, ela ressalta que não pretendia simplesmente transpor uma ideia do campo pedagógico para o campo museológico. Diferentemente disso, nesse processo de apropriação de um campo a outro, a intenção era fazer a noção sofrer alguns deslocamentos e enriquecê-la com novos desenvolvimentos. Uma das modificações que ela destaca na concepção museológica, em relação à ideia de pedagogia da libertação proposta por Paulo Freire, diz respeito à própria ideia de libertação. A autora pretende pensar uma libertação que não resulte apenas de relações de oposição – opressores e oprimidos, por exemplo - mas que seja também uma libertação das subjetividades naquilo que elas possuem de mais inventivo e singular.

Odalice Priosti, portanto, propõe pensar uma Museologia da Libertação revelada à luz da memória social, cujos fundamentos poderiam estar na base de um museu educador-libertador, o qual, ao adotar a libertação das forças culturais simultaneamente pela oposição e pela afirmação, mesclando a imitação e a diferença, consegue produzir memórias.

Priosti pretende pensar a possibilidade de libertação das forças vivas de uma comunidade pela musealização do espaço vivido e por ações patrimoniais que afirmam as subjetividades coletivas ao mesmo tempo em que se opõem às políticas públicas impostas. Assim, afirmam sua singularidade museológica e simultaneamente combatem os fundamentos da museologia convencional. A museologia da libertação seria, para a museóloga, o processo pelo qual as comunidades podem construir uma memória enquanto resistência, uma memória que não se assujeita a um modelo que lhe foi imposto, mas que com ele negocia, imitando-o e diferenciando-se dele de múltiplas maneiras.

Vale destacar que a própria criação de museus por iniciativa das comunidades reforça a ideia de que a libertação de que trata a museóloga refere-se também à libertação das forças vivas, endógenas da comunidade no seu exercício de subjetivação. A museologia da libertação representa uma produção de processos museológicos diferenciados, “os novos museus” – museus que colocam os sujeitos no centro de sua preocupação, em vez dos objetos e das coleções que eles produziram. Ou seja, são museus nos quais a intenção primeira não é a conservação ou a sobrevivência dos bens de uma coleção ou de uma coleção de patrimônios, mas

principalmente o desenvolvimento de uma comunidade consciente e responsável para o agir e criar, capacitada para a construção de sua memória e para o exercício da cidadania.

Nesse processo de valorização e reconhecimento da história e memória locais, constroem-se novas práticas de conhecimento de si, como indivíduos membros de uma localidade. Assim, o museu comunitário compartilha diversas atividades que são desenvolvidas pelos outros museus, como lugares de memória e pesquisa. Mas, é na gestão com participação da população, recuperando a autoestima, que se encontra um passo indispensável para valorização do bairro.

Como mencionamos anteriormente, a própria criação de museus por iniciativa das comunidades reforça a ideia de que a libertação de que trata a museóloga Odalice Priosti, ao propor uma “Museologia da libertação”, refere-se também à libertação das forças vivas, endógenas da comunidade no seu exercício de subjetivação. A museologia da libertação representa uma produção de processos museológicos diferenciados, “os novos museus” – museus que colocam os sujeitos no centro de sua preocupação, em vez dos objetos e das coleções que eles produziram.

Foi a partir desses princípios que emergiu a experiência do Ecomuseu de Sepetiba, o qual vem enfrentando desafios e apresentando determinadas perspectivas acerca desse processo ecomuseológico, um movimento que adquiriu foro de coletividade.

2.2 O Ecomuseu de Sepetiba – Agindo, pensando, transformando: Um museu em ação

Como mencionamos no primeiro capítulo, o dia 25 de outubro de 2009 constitui um marco para os fundadores do então Movimento Ecomuseu Sepetiba. Neste momento passaram a compreender e “dar nome” ao que estavam construindo, a partir de um processo então iniciado no ano de 2008 com uma pequena exposição de fotos e documentos antigos realizada no aniversário do bairro, em 5 de julho. A seguir algumas imagens desta exposição.

Figura 24 – Imagem da pequena exposição realizada no ano de 2008, com pesquisa realizada por esta pesquisadora.



Fonte: Página do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 25 – Painéis confeccionados por esta pesquisadora que fizeram parte da exposição, na imagem Denise, uma ex moradora do Bairro e Loreni Wild, uma das mais ativas ativistas sociais do bairro.



Fonte: Página do Ecomuseu de Sepetiba

É notório, ao observar o impacto nas redes sociais e páginas sobre a região, que a criação de um perfil e mais tarde da página do Ecomuseu de Sepetiba, contribuíram para a mudança nas perspectivas e até mesmo nos discursos dos moradores locais e ex-moradores. Toda uma onda de criação de páginas sobre o bairro foi sendo incentivada, de forma a enaltecer suas características positivas. Antes desse movimento de alargamento nas redes sociais, existiam apenas duas páginas sobre o bairro, Coreto de Sepetiba e Antiga Sepetiba, no extinto Orkut.com.

Uma das atividades promovidas pelo Ecomuseu de Sepetiba é a “Roda de Lembranças”, a qual consiste em um momento de compartilhamento de lembranças, afetividade, conhecimentos, saberes e fazeres. Chamamos por “Roda” por ser justamente essa a formação que utilizamos para que todos e todas possam ficar frente a frente, para que nenhum dos participantes esteja de costas para outro, e também para facilitar a interação. Geralmente os membros do Ecomuseu que coordenam a realização desta atividade utilizam-se de algum elemento “Desencadeador” de lembranças, algum elemento que “quebre o gelo” e incentive os participantes a interagirem, contarem suas experiências, este elemento pode ser um vídeo de algum filme, série, novela gravados no bairro, uma fotografia antiga, um livro, dentre outros, e uma vez iniciada a “roda” tudo deve transcorrer da forma mais natural possível.

Registros fotográficos procuraram não só “imortalizar” um momento específico, como também registrar o transcurso do Ecomuseu nas suas diferentes vivências. A foto que se segue, dá vida a Roda de Lembranças realizada no Centro comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo, na qual se destacou a presença do historiador francês Hugues de Varine, da antropóloga mexicana Teresa Morales e da museóloga Odalice Priosti, chamada pelos membros deste Ecomuseu de “Doula”, pois para eles ela trouxe o Ecomuseu de Sepetiba ao mundo.

Figura 26 - Foto dos participantes da I Jornada de formação em museologia comunitária durante a Roda de lembranças de Sepetiba, momento de reconhecimento do Ecomuseu de Sepetiba.



Fonte: Rafael Ramos

A seguir imagem captada do mesmo momento, da Roda de lembranças realizada no ano de 2009, destaca-se na mesa Hugues de Varine, Teresa Morales, “Seu” Salviano , morador antigo do bairro, o já falecido “Seu” Erasmo, conhecido como o velho lobo do mar ou o papai Noel de Sepetiba, Sérgio Pinto morador do bairro em membro da Comissão de Revitalização de Sepetiba (CORES) e Walter Priosti, um dos fundadores e membro do NOPH –Ecomuseu de Santa Cruz.

Figura 27 - Roda de lembranças sendo realizada com os moradores de Sepetiba e participantes da I jornada de formação em museologia comunitária. Centro comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo.



Fonte : Bruno Cruz

Ainda no ano de 2009 os membros deste coletivo, então movimento, decidiram iniciar os chamados “passeios de Reconhecimento”; inicialmente não havia divulgação via redes sociais ou através de outros veículos de comunicação, apenas o popular “boca a boca”. Esses passeios eram sempre acompanhados de um antigo morador, que, como um “guia” na aventura de redescoberta do território, contava história, recordava fatos, rememorava momentos pessoais. O Ecomuseu continuou seguindo esta linha tímida no que diz respeito à realização destes passeios até o ano de 2013. Nesses quatro (4) anos, seus membros participaram de eventos no bairro e em outros estados, como o IV Encontro Internacional de Museus, realizado em Belém (Pará), realizaram oficinas sobre museologia social itinerantes nas casas dos moradores locais e rodas de lembranças, dentre outras atividades.

Retornando a realização das rodas de lembrança, elucidamos mais uma questão que encontra-se no âmago desta ação museológica endógena, os objetivos atingidos a partir da realização das rodas, que além de proporcionarem aos mais jovens dialogar com os mais velhos

conhecer a memória local a partir das perspectivas daqueles que estavam presentes nos eventos memoráveis do bairro, que vivenciaram os chamados “Áureos” tempos, também faz com que os mais velhos sintam-se importantes, valorizados, elevem sua autoestima e neste exercício de troca ensinam aos mais jovens a importância de valorizar o lugar em que vivem. A seguir mais registros de Rodas de lembranças.

Figura 28 - Mobilização comunitária/ Roda de lembranças realizada na casa do morador Neilson Teixeira no ano de 2010.



Fonte: Própria

Figura 29 - Roda de lembranças realizada no Centro Comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo em 2012.



Fonte: Ventolídio José de Almeida Neto

Figura 30 -Roda realizada no Centro comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo no ano de 2016



Fonte: Portal de Sepetiba

Figura 31 - Roda realizada na ADECOM (Associação de desenvolvimento comunitário) de Sepetiba no ano de 2017.



Fonte: Própria

Figura 32 - Roda de lembranças realizada na chamada “Casa Ecológica” do “Seu” Salviano, durante a 16ª semana de museus, no ano de 2018



Fonte: Própria

Em 2013, com o propósito de ampliar o escopo de suas ações para atingir maior número de moradores do bairro, seus agentes realizaram um exercício de reflexão de modo a descobrirem uma ação que pudesse despertar, de fato, o interesse dos moradores. Lembraram, então, dos passeios, mas ponderaram que estes passeios precisariam ter um roteiro específico, além de explorar, inicialmente, uma localidade pouco conhecida do bairro. Após algumas reuniões pensaram no chamado caminho do antigo cais imperial, assim chamado pelos membros do Ecomuseu de Sepetiba. Trata-se de um caminho de pedras, uma construção de pedras chamada de “molhe”, construído no ano de 1884, durante o período em que reinava D. Pedro II, entretanto já havia sido projetado pelo próprio D. João VI anos antes.

Ponderaram, então, que seguindo este caminho, além de chegar ao “cais”, passariam pela ilha dos marinheiros, local repleto de histórias dramáticas e lendas devido à tragédia ali ocorrida quando da Revolta da Armada, em 1984, como mencionado no primeiro capítulo. Os membros do Ecomuseu, decidiram, assim, criar este roteiro como caminho a ser percorrido no processo de re-conhecimento do bairro.

O primeiro passeio, segundo os membros deste ecomuseu, foi um sucesso, extremamente satisfatório e positivo. Com isso, passaram a realizá-lo sempre que tinham disponibilidade, sem estabelecer uma agenda previamente determinada. Essa inconstância, de imediato, não foi vista como um equívoco por parte dos membros do ecomuseu, sendo reconhecida somente mais tarde. Isto porque para ter-se organização e atingir os objetivos almejados pelos membros do Ecomuseu, a periodicidade regular deveria ser necessária e obedecida na realização dos passeios. Além do que, toda uma descrição mais detalhada do passeio e uma explicação para o nome que recebeu – Passeio de Reconhecimento - mostraram-se também imprescindíveis para o envolvimento da comunidade.

Estes passeios, chamados passeios de “Reconhecimento” ou como consta na página da rede social Facebook.com “REconhecimento”, inicialmente foram voltados especificamente para os moradores locais, vislumbrando revigorar a autoestima e proporcionar ao morador do bairro que reconhecesse e redescobrisse o que lhe dá identidade, de modo a eliminar os discursos depreciativos e trazer à baila o histórico passado da localidade, difundindo-o entre seus moradores e ex-moradores. Os membros do Ecomuseu estabeleceram que os passeios seriam realizados em todo o primeiro domingo de cada mês, criando um cronograma bem

rudimentar, pois ainda não estavam bem organizados. Uma vez iniciados os passeios, os membros do Ecomuseu decidiram confeccionar placas de conscientização e sinalização ao longo do caminho de Pedras, batizado por eles “Caminho do Antigo Cais imperial, não tendo conhecimento que a área percorrida seria pertencente à Base aérea de Santa Cruz, hoje Ala 12, acabaram sendo convocados para uma conversa, com o objetivo de esclarecer as atividades, objetivos e motivos das placas e dos passeios, terminando por criar uma parceria com a Base aérea de Santa Cruz. Como a troca de comando da hoje ALA 12 é periódica, nem sempre os procedimentos e exigências para que o passeio seja realizado são as mesmas, cada comandante estabelece um procedimento a seguir para solicitar a autorização para o passeio de REconhecimento.

Inicialmente não informávamos previamente, já estava acordado que seriam realizados todo primeiro domingo do mês exceto se as condições climáticas impedissem. Com o crescimento do público e aumento da demanda, explicamos, escolas, academias e até mesmo igrejas, passaram a procurar o Ecomuseu de Sepetiba solicitando passeios pela Caminho do antigo Cais, isso tornou necessário o estabelecimento de outro procedimento, deveríamos enviar email à comunicação social da Base aérea de Santa Cruz solicitando autorização para realização de passeio, informando data, horário e público estimado, mesmo para o passeio mensal. Hoje esse procedimento está em processo de mudança, inclusive atualmente surgiu a necessidade de serem acompanhados por algum militar da Base aérea de Santa Cruz.

A foto a seguir, da chamada “Abertura” do passeio, registra o momento em que algum membro do Ecomuseu realiza uma apresentação, explicando o que é ecomuseu e destacando o local emblemático em que se encontram, a Praça Washington Luiz, na qual se localiza o Coreto mais antigo da cidade do Rio de Janeiro. Além disso, o membro do Ecomuseu fala sobre outros fatos, sobre preservação e explica como será o passeio, dando espaço para algumas perguntas dos participantes acerca da segurança. Por fim, pede uma salva de palmas para todos e segue com o grupo na direção estabelecida pelo roteiro. Passeio realizado no ano de 2016.

Figura 33 - Passeio de REconhecimento



Fonte: Página do Facebook.com do Ecomuseu de Sepetiba

A seguir, roteiro do passeio de REconhecimento escrito coletivamente pelos membros do Ecomuseu de Sepetiba, eles escreveram este roteiro com o objetivo de orientar sua abordagem, no entanto, como é construído coletivamente, cada membro pode inserir mais informações e detalhes que achar relevantes e importantes para o visitante, esta é a quinta versão do referido roteiro, que já está em sua décima versão:

Roteiro Passeio de Reconhecimento

Bom dia a todos e todas, quem está participando do nosso passeio de Reconhecimento pela primeira vez? Pedir aos visitantes presentes para assinar o nosso livro de presença e a folha da Basc (Base aérea de Santa Cruz), onde grupos podem acrescentar email para um futuro contato pela BASC.

Eu me chamo....e estou aqui acompanhada (o) dos meus amigos e amigas do Ecomuseu de Sepetiba, (Citar os nomes dos que estiverem presentes)

É importante nesse momento destacarmos o que é um Ecomuseu e porque nosso passeio de chama passeio de Reconhecimento e de Ecoturismo.

Para começar, Ecomuseu é uma ação museológica consciente da comunidade com o objetivo de desenvolver o território que habita a partir da valorização dos patrimônios (natural, histórico, cultural, material, imaterial, tangível e intangível) nele existentes.

É um museu da comunidade para a comunidade, que rompe com a ideia de museu tradicional, do prédio, da coleção, da estrutura suntuosa, que as vezes intimida.

É o nosso museu, do território, lugar de memória viva que busca o desenvolvimento local nas mais variadas vertentes.

Nosso passeio foi por nós chamado de passeio de reconhecimento porque seu objetivo principal é reconhecer e redescobrir o que nós dá identidade, inicialmente voltado aos moradores, mas isso não significa que visitantes vindos de outras localidades não sejam bem vindos.

Pretendemos apresentar a história do bairro de Sepetiba, seus patrimônios, com o objetivo de enaltecer essa localidade tão preterida, tão segregada.

É um passeio de Ecoturismo não porque o que vocês irão ver seja uma baía despoluída e todo o reflexo de uma população consciente ambientalmente, mas sim porque buscamos alertar sobre as riquezas naturais ainda existentes aqui, e evidenciar todo o impacto sofrido nesta região.

Partimos desta praça, a praça Washington Luiz, a famosa praça do Coreto, justamente por ser um lugar significativo e emblemático, trata-se da praça que o abriga desde outubro de 1949. o coreto que segundo alguns historiadores o coreto mais antigo da cidade do Rio de Janeiro, pois antes de ser transferido para Sepetiba em ocasião da inauguração da energia elétrica no bairro estava na praça XV de Novembro, no centro da cidade.

Além disso nesta mesma praça, se encontravam a chamada casa de Esquina, residência do visconde de Sepetiba, onde este realizava saraus e outras atividades para o entretenimento dos nobres que visitavam nosso recanto, aqui também se encontrava a sede da companhia ferro carril, a primeira companhia de transporte de tração animal.

Neste coreto foram gravadas cenas da primeira novela em cores da teledramaturgia brasileira, O bem amado, por esses e outros motivos escolhemos este como nosso ponto de partida.

Vale ressaltar que nas proximidades desta praça temos o local que abrigou a primeira escola municipal de Sepetiba, Nair da Fonseca, o prédio da Comlurb, também o morro da faxina, logo aqui ao nosso lado, onde encontrava-se a famosa fábrica de cal feito de nossas conchas e sambaquis, do nosso lado (esquerdo ou direito, dependendo da posição de quem estiver falando) temos a rua Pedro Leitão, antiga rua das mantiqueiras, a rua mais antiga de Sepetiba que teve seu nome mudado em razão da transição império republica, recebendo este nome em homenagem ao primeiro bispo do Rio de Janeiro, Pedro Leitão, natural de Ilhéus BA, também temos o nosso primeiro clube, clube regatas, que até 1956 teve sua sede em nossa colônia de pescadores, a Z15, antiga Z8, uma das mais antigas do estado, nossa linda igreja de São Pedro, inaugurada em 1895, pelos pescadores remanescentes caiçaras e sitiantes, devotos de São Pedro, a emblemática cruz localizada em frente a referida colônia, que teria sido ali colocada ainda pelos índios tamoios/tupinambás, encontrada na beira da praia vinda de um naufrágio.

Enfim, estamos aqui envoltos de história e memória e agora partiremos para nossa aventura rumo ao caminho do antigo cais imperial, esperamos que desfrutem do passeio e apreciem a jornada e disseminem nossas riquezas.

Parada em frente ao campo do Sepetiba Futebol e Regatas, onde treinaram grandes nomes do futebol brasileiro bem como serviu de concentração para jogares de vários times, entre eles o time do Madureira e do Fluminense, além disso também foi uma das paradas da primeira volta pela cidade do Rio de Janeiro, em 1954.

A família Gusmão Paulo Cesar Gusmão foi goleiro profissional e treinador da seleção brasileira, Leandro Silva fez testes aqui indo para o clube Campo Grande Italo Delcima, Coríntias, Flamengo e outros sendo campeão brasileiro em todos.

Parada em frente a praça da Iaia – Paramos aqui para mostrar a vocês outro ponto importante, logo ali em cima temos o radar da base aérea de Santa Cruz, local que abrigou um dos três fortes que foram aqui construídos por ordem de Dom João VI, temendo outra invasão, neste local ficava o forte de São Pedro, na Bomba, no chamado de morro da trindade localizava-se o forte de São Paulo e na praia de Dona Luíza, onde hoje temos o morro do Ipiranga ficava o forte de São Leopoldo.

Aqui a frente temos o portão sul da base aérea de Santa Cruz, e este ponto nos é especial, pois é o local onde uma moradora, remanescente caiçara, chamada dona Iaia, que morava onde hoje é a base aérea, parava para descansar e sempre era vista por outros moradores, sendo batizado este ponto de praça da iaia.

Seguiremos agora – mostrar o caminho mesmo encoberto pelo mato

Parada na ponte – Falar que aquela e parte do caminho, destacar a presença dos caranguejos, falar sobre as obras da praia e sobre o assoreamento, lembrar que o mar ia até as pedras, e que era possível um homem passar dentro de um barco em baixo da ponte.

Falar que o chamado “caminho do antigo cais imperial” ou “ Molhe de Sepetiba” tem 750 metros de extensão, mas em 1884 quando foi construído só possuía 460 metros.

Segue-se o caminho, falando sobre os resíduos encontrados e sobre a falta de consciência de grande parte da população.

Entrar na parte do mangue – Onde ainda se vê o caminho ainda original e explica-se um pouco mais sobre as qualidades das 3 espécies Branco, Preto e Vermelho suas sementes etc..

Seguir o caminho e parar no pé do morro, em frente ao sambaqui. Sambaquis são depósitos construídos pelo homem, constituídos por materiais orgânicos e calcários que, empilhados ao longo do tempo, vêm sofrendo a ação das intempéries. Acabaram por sofrer uma fossilização química, já que a chuva deforma as estruturas dos moluscos e dos ossos enterrados, difundindo o cálcio em toda a estrutura e petrificando os detritos e ossadas porventura ali existentes. Alguns grupos indígenas os utilizavam como santuário, enterrando neles os seus mortos. Outros os escolhiam como locais especiais para construir suas malocas. Os sambaquis são uma importante fonte de estudos. Pesquisando seu conteúdo, pode-se saber sobre a vida dos primeiros povoados do atual território brasileiro, como sua alimentação, seus conhecimentos técnicos, a fauna e a flora da época etc. Os excrementos humanos fossilizados podem nos informar, por exemplo, sobre as doenças que aqueles homens e mulheres tinham.

O arqueólogo Cláudio Prado de Melo aceitou nosso convite e conseguimos elaborar um laudo e o tombamento do caminho do antigo e iniciar o pedido de registro desta área como sítio arqueológico, encontramos aqui cerâmica Tupi, faiança portuguesa, ferramentas rudimentares utilizadas pelos povos sambaquieiros dentre outros artefatos que evidenciam a importância da região. Onde a própria BASC também chamou o Cláudio e achou mais artefatos na área da BASE.

Falar sobre a ilha do marinheiro, Antes chamada pelas cartas náuticas e mapas Ilha da pescaria. Esta ilha possui uma história triste, ela foi cenário de uma tragédia ocorrida no período da revolta da armada, o fuzilamento de 21 marinheiros, antirrepublicanos que a bordo supostamente da canhoneira Lamago, ficaram à deriva em Barra de Guaratiba, foram presos no batalhão Vilagran Cabrita por quinze dias e em seguida o tenente comandante recebeu ordens que estes jovens entre 13 e 18 anos fossem fuzilados sumariamente e

foram trazidos para esta ilha, contam as testemunhas que os jovens choravam, gritavam, pediam clemência, mas não foram ouvidos, e que todos os moradores e moradoras foram “convidados” para assistir a tragédia. Uma versão diz que estes jovens foram fuzilados e estariam aqui enterrados, nesta ilha, entretanto isto foi descartado, pois o solo da ilha é rochoso e não possibilitaria. Porém os moradores locais também colocaram um cruzeiro aqui era costume.

Para os que conhecem Sepetiba, na praia de Sepetiba, em frente a rua da praça Oscar Rossim, encontrava-se uma cruz, cruz esta que teria sido ali colocada em homenagem a um dos marinheiros fuzilados neste triste episódio, uma das versões conta que o corpo deste rapaz teria caído ao mar após o fuzilamento e ido parar ali, outra versão que ele teria se jogado ao mar e do mesmo modo afogando-se seu corpo teria sido levado pela maré até o local e a terceira versão e mais aceita é a de que, este jovem, como último pedido, teria implorado para que enterrassem seu “breve” em algum local para que sua mãe tivesse onde orar por ele, já que sabia eu seu corpo jamais seria encontrado. Este é mais um foto que coloca Sepetiba em notória posição na história do Brasil.

Em direção a Praia da Pita onde podemos ver novamente o molhe de pedras, e com várias pedras para fora ali sim era uma excelente enseada para desembarque e embarque com pequenos botes, e a pergunta de onde vieram as pedras que fazem o molhe, estão em cima dos cortes, estas cortadas pela mão do homem escravizado, onde algumas técnicas da época era bater com marretas os ponteiros, fazendo furos e depois colocava galhos secos das árvores de mangue, onde as pedras ao pegar sol o dia todo e na madrugada usava água e a dilatação fazia abrir as fendas e rachar as pedras.

Antes mesmo de chegar a extremidades do cais vemos a antiga argamassa do cruzeiro colocado por antigos moradores em memória e ou respeito aos marinheiros fuzilados. se a boia ainda estiver ali explicar que também é lixo ! e o que é uma bóia de sinalização náutica “ Uma placa igual aos de nosso transito urbano e estradas “

Ao chegar ao cais, falar que dali saiam três vapores em direção a Angra, Mangaratiba e Paraty e provavelmente a Santos, dali saía a mala real, o quinto do ouro etc. Ai ao retornar quando possível recolhemos resíduos leves com segurança fazendo nossa parte junto ao meio ambiente, e nos deslocamos para o morro do mirante onde temos uma vista privilegiada da restinga da marambaia onde temos 42 km de extensão onde na Barra de Guaratiba temos a ligação com a mar pelo canal do bacalhau e uma unidade militar Centro Tecnológico do Exército, mais ao sul a Pombeba onde a FAB usava para treinos de alvos com aviões. E na extremidades sul a Ilha da Marambaia onde tem o CADIM Centro de Adestramento Ilha da Marambaia é um quartel de fuzileiros navais. Primeira escola de mulheres praças na marinha.

Em quatro (4) anos, foram realizados mais de 40 passeios, além dos passeios que passaram a ser agendados por escolas locais, academias e igrejas. O registro que se segue refere-se a uma das “paradas” realizadas no roteiro do chamado “Passeio de Reconhecimento. Trata-se da famosa Ilha do Marinheiro, antiga Ilha da Pescaria; um local repleto de dramaticidade e lendas locais, que em muito desperta a curiosidade e a atenção dos visitantes. Os “mistérios” da referida ilha atraem o interesse.

Figura 34 - Passeio de REconhecimento



Fonte: Página do Facebook.com do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 35 - Passeio realizado no ano de 2015.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 36 - Passeio de Reconhecimento realizado no ano de 2014.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 37 - Passeio realizado em maio de 2018.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 38 - Antigo Cais ou Molhe imperial, destino do passeio de Reconhecimento, registro do passeio realizado no mês de Junho do ano de 2018.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

No ano de 2014, o grupo lançou uma exposição intitulada “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem”, composta por 20 banners com imagens antigas e recentes do bairro, bem como fotografias antigas e atuais tiradas exatamente do mesmo ângulo da mesma paisagem, objetivando evidenciar as transformações ocorridas no bairro no decorrer dos anos devido ao processo de degradação, as fotografias são de autoria do fotógrafo Glauco Vital, os banners possuem imagens da Hemeroteca Digital da biblioteca nacional, do NOPH Ecomuseu de Santa Cruz, fotografia de autoria de Ventolídio José de Almeida Neto e Yuri Borba, o lançamento desta exposição ocorreu na Quadra de esportes da praia do Recôncavo/ Dona Luíza e seguiu de forma itinerante como todas as outras. O Ecomuseu de Sepetiba também lançou mais duas exposições “Notícias de Sepetiba” lançada em 2017 no espaço da ADECOM, composta por 20 banners com matérias de jornais e revistas sobre o bairro desde o ano de 1895 e a exposição Expedição: Sepetiba lançada no ano de 2018 na Praça Américo Marçal, ambas durante a semana de museus dos respectivos anos de lançamento.

Figura 39 - Exposição “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem” realizada no icônico coreto de Sepetiba, na Praça Washington Luiz



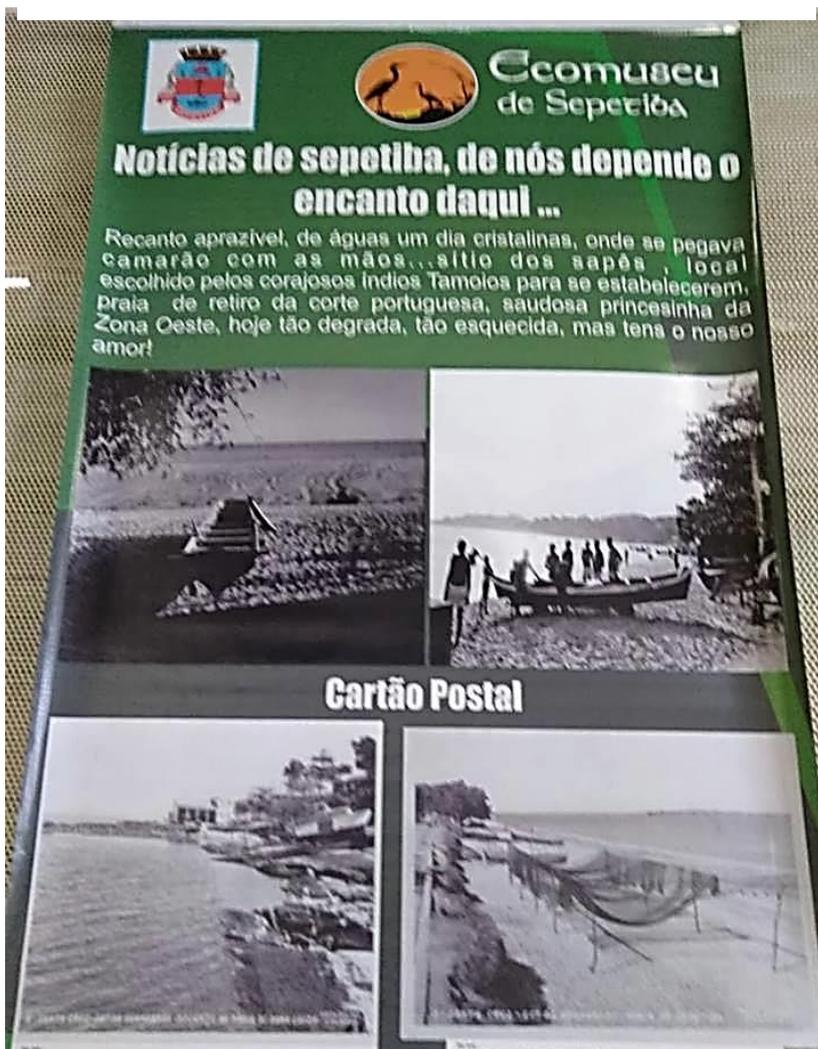
Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 40 - Exposição “Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem” realizada no icônico coreto de Sepetiba, na Praça Washington Luiz



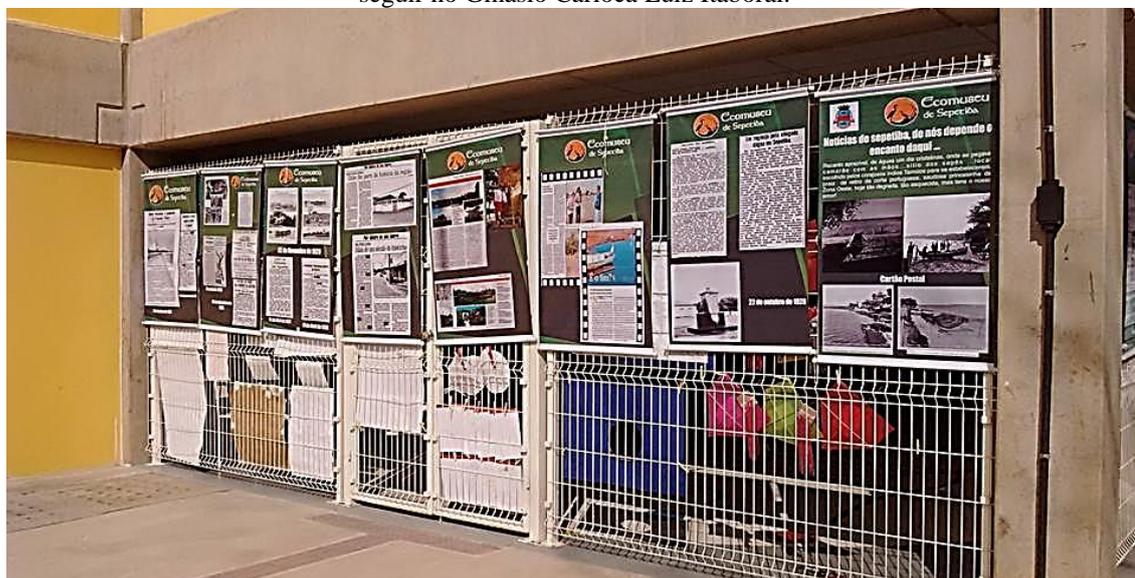
Fonte: Blog Caçador de Almas e Yuri Borba

Figura 41 - Exposição “Notícias de Sepetiba”, realizada de forma itinerante por todo o bairro, na imagem abaixo na ADECOM



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 42- Exposição “Notícias de Sepetiba”, realizada de forma itinerante por todo o bairro, na seguir no Ginásio Carioca Luiz Itaboraí.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 43 - Exposição Expedição: Sepetiba, realizada também de forma itinerante, nas imagens exposição dos banners na quadra esportiva da Praia do Recôncavo/ Dona Luíza.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 44 - Exposição Expedição: Sepetiba, realizada também de forma itinerante, nas imagens exposição dos banners na quadra esportiva da Praia do Recôncavo/ Dona Luíza.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Antes mesmo da realização dos primeiros passeios de Reconhecimento, o grupo do Ecomuseu realizava oficinas itinerantes nas casas dos moradores locais, nas sedes de instituições do bairro dentre outros espaços. Essas oficinas itinerantes são realizadas com o objetivo de viabilizar ao morador a compreensão do reconhecimento do processo ecomuseológico, bem como servem para empoderar e fortalecer os moradores para que sintam-se capazes de construir o inventário participativo do território, oficinas com o tema “O que são Ecomuseu e museus comunitários”, “História local”, “Historia oral”, “História de Sepetiba” dentre outras foram realizadas, além disso o grupo do Ecomuseu de Sepetiba também realiza oficinas de conscientização ambiental, reaproveitamento de resíduos, dentre outras.

Essas oficinas são itinerante porquê o Ecomuseu de de Sepetiba não possui sede, não administra nenhum espaço, além disso, um dos objetivos do museu é justamente esta interação entre moradores dos vários subbairros de Sepetiba, realizar oficinas em localidades distintas do bairro fazendo com que os moradores circulem mais em seu território, aguçando olhares, ampliando concepções e conhecendo cada vez mais o lugar em que vivem. Seguem alguns registros de oficinas já realizadas.

Figura 45 - Oficina “O que são Ecomuseus e museus comunitários” realizada no ano de 2010. No extinto Bordon Burgers na praia do Recôncavo / Dona Luíza. Na imagem a saudosa Odalice Priosti.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 46 - Oficina “O que são Ecomuseus e museus comunitários” realizada no ano de 2010. No extinto Bordon Burgers na praia do Recôncavo / Dona Luíza. Na imagem a saudosa Loreni Wild.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 47 - Oficina “Mobilização comunitária” realizada no ano de 2009.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 48 - Oficina “História local” Realizada no ano de 2012



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 49 - Oficina de “Guiamento turístico”, oficina sobre os princípios básicos do guiamento em passeios, realizada no ano de 2017, ministrada por Fernando Ohana na ADECOM.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 50 - Oficina de Ciranda de Roda, dança tradicional caiçara, realizada no ano de 2017, ministrada por Michele Bilhéu, na ADECOM



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 51 - Oficinas de reaproveitamento de resíduos e artesanato no ano de 2017. Realizada APAS Sepetiba (Associação dos pescadores artesanais de Sepetiba)



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 52 - Oficinas de reaproveitamento de resíduos e artesanato no ano de 2017. Realizada APAS Sepetiba (Associação dos pescadores artesanais de Sepetiba)



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 53 - Oficina de conscientização ambiental e educação patrimonial realizada em 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 54 - Oficina de conscientização ambiental e educação patrimonial realizada em 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 55 - Oficinas de conscientização ambiental e reaproveitamento de material realizadas em 2018. Coreto de Sepetiba e Escola Estadual de Ensino Fundamental República



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 56 - Oficinas de conscientização ambiental e reaproveitamento de material realizadas em 2018. Coreto de Sepetiba e Escola Estadual de



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 57 - Oficina de reaproveitamento de resíduos e empoderamento intitulada “Favela de papel” realizada no dia das boas ações do ano de 2018 no Recanto do Ipiranga.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 58 - Oficina “História oral” realizada no ano de 2018, realizada no Centro Comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

A convite de uma professora do CIEP Ministro Marcos Freire, localizado no bairro, iniciaram-se uma série de ações nesta escola, tais como: visitas às salas de aula, exposições realizadas na escola, passeios com os alunos e professores dentre outras atividades que mais tarde se configurariam como atividades de educação patrimonial.

Vale ressaltar que todo esse processo não foi elaborado de forma planejada pelos membros deste coletivo. As atividades aconteceram sem que estivessem de fato preparados e acabaram dando certo. Esta é uma crítica nossa ao processo de implementação do Ecomuseu de Sepetiba. E lançamos a hipótese de que o principal motivo do êxito das ações deste grupo não reside no fato de terem realizado ações de forma planejada estrategicamente e mesmo bem elaborada, e sim na vontade de criar memórias do bairro a partir da população local. Cientes da “carência” de ações de enaltecimento do bairro, bem como da inexistência de difusão do seu passado dito “glorioso”, época em que a praia era chamada “Princesinha da Zona Oeste” e a baía reconhecida por baía “dos milagres” devido a sua lama medicinal milagrosa, os membros do Ecomuseu mobilizaram energias no sentido da tessitura da memória local.

Essa vontade de saber sobre a história local, essa disseminação através de redes sociais, a realização dos passeios, o envolvimento de mais moradores, a visitação a uma localidade do bairro quase esquecida e repleta de histórias, serviram para revigorar a autoestima dos moradores. Nesse processo, observamos que transformaram seus discursos e se tornaram visivelmente mais mobilizados. Em nossa concepção, deve-se a essa carência de ações com este viés o êxito das ações do coletivo Ecomuseu de Sepetiba. .

Abaixo foto do cartaz do CIEP Ministro Marcos Freire no desenvolvimento do projeto anual da unidade escolar, o qual o Ecomuseu de Sepetiba participou ativamente com a realização de diversas atividades.

Figura 59 – Painel do CIEP Ministro Marcos Freire do ano de 2017



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Uma das atividades de maior importância desenvolvidas pelo Ecomuseu de Sepetiba consiste nas ações de Educação Patrimonial, cujo objetivo fundamental é construir e dividir conhecimentos, conhecer a fundo, compreender e buscar transformar a realidade a partir da valorização dos patrimônios. O processo educativo voltado para essa construção coletiva do conhecimento, dos saberes e fazeres, com a participação efetiva das comunidades, neste caso também de um Ecomuseu comunitário, consiste na educação patrimonial.

As fotografias que se seguem são o registro das ações de Educação patrimonial realizadas no CIEP, em parceria com as professoras Glauce e Rosemere, ambas da disciplina de Língua Portuguesa, o Ecomuseu visitou as turmas das referidas professoras, falou sobre a história local, sobre a importância de conhecer para preservar, sobre o valor das memórias e histórias e dos patrimônios do bairro, realizando brincadeiras e mostrando fotos, imagens do bairro.

Figura 60 – Ação de educação patrimonial (aula) no CIEP Ministro Marcos Freire. 2016.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 61 – Ação de educação patrimonial (aula) no CIEP Ministro Marcos Freire. 2016.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Não só escolas públicas, mas também privadas foram palco dessas ações de Educação Patrimonial. A seguir imagens de outra ação de educação patrimonial realizada pelo Ecomuseu de Sepetiba, em uma escola particular do bairro, o Colégio Oliveira Mallet. Realizada no ano de 2015, a atividade consistiu em uma exposição e explanação acerca da história local. Na imagem o interesse dos alunos e alunas pelas fotografias é notório.

Figura 62 – Exposição no colégio Oliveira Mallet.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

A imagem apresentada em seguida é do ano de 2017, e foi retirada da página da escola. Nela evidencia-se a presença do Ecomuseu no Colégio.

Figura 63 - Imagem da atividade realizada pelo Ecomuseu de Sepetiba divulgada na página do Colégio Oliveira Mallet



Fonte: Página do Facebook do Colégio Oliveira Mallet

Aqui apresentamos fotos de alguns dos passeios de Reconhecimento realizados com as escolas municipais CIEP Ministro Marcos Freire, Escola Municipal Nair da Fonseca, EDI Professor Inaía Wanderley Carmo.

Figura 64 - Passeio com os alunos e alunas da Escola Municipal Nair da Fonseca, ano de 2015.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 65 - Passeio com os alunos e alunas da Escola Municipal Nair da Fonseca, ano de 2015.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 66 - Passeio realizado com os alunos e alunas do CIEP Ministro Marcos Freire, ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 67 - Passeio realizado com os alunos e alunas do CIEP Ministro Marcos Freire, ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 68 - Passeio realizado com os pais, professores e alunos e alunas do EDI Inaiá Wanderley Carmo.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 69 - Passeio realizado com os pais, professores e alunos e alunas do EDI Inaiá Wanderley Carmo.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

O Ecomuseu de Sepetiba, além de manter o que os seus membros chamam de “Carro chefe”, que seria o já tradicional passeio de REconhecimento, que acontece todo primeiro domingo do mês, mantém as atividades de educação patrimonial, e oficinas e as rodas de

lembranças, também busca realizar sempre que existe a possibilidade de apoio da Companhia de Limpeza urbana da cidade do Rio de Janeiro (COMLURB) mutirões de limpeza pela área onde ocorre a visita do passeio de REonhecimento, também incluindo essa atividade no trabalho de conscientização ambiental, pois os moradores e moradoras recebem orientações e realizam o recolhimento dos resíduos. A seguir alguns registros do trabalho de conscientização ambiental realizado pelo Ecomuseu de Sepetiba.

Figura 70 - Mutirão realizado durante passeio de Reconhecimento no ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 71 - Mutirão realizado durante passeio de Reconhecimento no ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 72 - Mutirão de limpeza realizado no de 2015 com o apoio da COMLURB



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 73 - Mutirão de limpeza realizado no de 2015 com o apoio da COMLURB



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 74 - Ação de conscientização ambiental e confecção de placas realizada no ano de 2014



Figura 75 - Ação de conscientização ambiental e confecção de placas realizada no ano de 2014



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 76 - Palestra e atividade de educação patrimonial e conscientização ambiental realizada no ginásio Carioca Luiz Itaboraí no ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 77 - Palestra e atividade de educação patrimonial e conscientização ambiental realizada no ginásio Carioca Luiz Itaboraí no ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 78 - Educação patrimonial e conscientização ambiental junto ao projeto da unidade escolar Escola Municipal Nair da Fonseca no ano de 2017



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 79 - Educação patrimonial e conscientização ambiental junto ao projeto da unidade escolar Escola Municipal Nair da Fonseca no ano de 2017



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 80 - Ação de conscientização ambiental e reaproveitamento de resíduos com o professor Luiz Bolete, no ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 81 - Palestra para turmas do SESI/ SENAI Santa Cruz durante a semana do meio ambiente do ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 82 - Palestra para turmas do SESI/ SENAI Santa Cruz durante a semana do meio ambiente do ano de 2017.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Cabe ressaltar que como um coletivo voltado à pesquisa, conservação e preservação dos patrimônios históricos, culturais, naturais, materiais e imateriais do bairro de Sepetiba, não cabe

o envolvimento com nenhuma religiosidade especificamente, mas a convite do antigo pároco local, Padre Geraldo Marques, o Ecomuseu passou a integrar a pastoral do meio ambiente do bairro, uma vez que os objetivos coadunam e o Ecomuseu busca a integração e o diálogo entre e com as instituições locais. Desde então o Ecomuseu participa de eventos da referida pastoral com exposição e atividades.

Figura 83 - Evento da pastoral do meio ambiente realizado no ano de 2017. Igreja de Nossa Senhora do Desterro no bairro de Campo Grande.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 84 - Seminário da Pastoral do meio ambiente realizado em abril de 2018. Igreja de Santa Edwiges em Sepetiba.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 85 - Seminário da Pastoral do meio ambiente realizado em abril de 2018. Igreja de Santa Edwiges em Sepetiba.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Como um coletivo, cuja missão consiste em conservar, estudar, expor e transmitir o patrimônio, o Ecomuseu de Sepetiba realizou dois colóquios buscando atingir alguns dos objetivos e envolver a comunidade neste processo, o primeiro foi realizado no mês de outubro do ano de 2014, no Centro comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo, intitulado “Ecomuseu de Sepetiba: Agindo, pensando e transformando! Um Museu em ação!” O Evento contou com palestras de Rita Pedreira, biomuseóloga baiana, parceira do Ecomuseu de Sepetiba, de Inês Gouveia, na época membro do IBRAM (Instituto brasileiro de museus) e da REMUS RJ (Rede de museologia social do Rio de Janeiro), apresentações artísticas, apresentação de novos ativistas e produtores culturais recém chegados ao bairro, como Elizabeth Manja que além de ativista cultural também é gestora cultural e professora de literatura com especialização em literatura portuguesa pela Uerj, do MTD, poetas como Valéria Assis, feira das artesãs locais, o saxofonista morador local conhecido como Márcio do Sax, realizou apresentação dentre várias outras contribuições importantes para que este se tornasse um evento memorável na história deste coletivo.

O Ecomuseu não recebeu nenhum tipo de ajuda ou auxílio de nenhuma instituição, tudo foi realizado a partir da doação dos coordenadores do Ecomuseu de Sepetiba, e para o primeiro colóquio constituiu-se em uma experiência exitosa e gratificante para os que participaram de sua elaboração e realização.

A seguir registros do Colóquio:

Figura 86 – Colóquio 2014



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 87 – Colóquio 2014



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

O Ecomuseu de Sepetiba realizou em maio no ano de 2017, com os mesmos objetivos o colóquio “Conexões: Asas e raízes: A museologia comunitária” Evento realizado pelo Ecomuseu de Sepetiba para compor as reflexões da 15ª semana de museus, cujo tema "Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus" adequou-se com o objetivo proposto para o evento, de suscitar o debate, compartilhar conhecimento, traçar estratégias, construir afetividades, saberes e fazeres. As duas imagens do colóquio.

Figura 88 – Colóquio 2017



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 89 – Colóquio 2017



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Sempre seguindo o objetivo de incentivar a reflexão, o debate e a pesquisa, ainda no ano de 2017, no mês de novembro o Ecomuseu de Sepetiba realizou seu terceiro colóquio dando continuidade as reflexões do colóquio realizado em maio do mesmo ano, intitulado-o de “Conexões: Asas e raízes: Ancestralidade”. Em ocasião da semana da consciência negra, a proposta deste encontro foi realizar uma reflexão, partindo da afirmação de que Brasil e África são unidos por laços de ancestralidade e memória e a história, o passado e a ancestralidade afro-brasileira. Nos questionamos muitas vezes sobre o porquê de a gente não conhecer a nossa história, as marcas culturais que nós compreendemos como heranças africanas, que passaram por um momento de encontro com a influência branca e indígena, também podemos associar essa “invisibilidade” ao já mencionado aqui, epistemicídio.

O evento contou com exposições de três artistas locais, com convidados formadores de opinião como o Humbono Rogério de Olissa, Sacerdote Humpame Kuban Bewa Lemon, Presidente Instituto Onikoja, Bela D'Oxossi, cronista, artista plástica e ativista, filha da maravilhosa Chica Xavier e do Ilustríssimo Clementino Kelé, Babalorisá Paulo Mendonça d'Sangô - ativista religioso, mídia comunitária, social, cultural e comunitário - coordenador geral do evento Presente à Yemanjá em Sepetiba e do Afro Movimento- Coletivo de Matriz Africana, Renata Maia, Clementino Jr, cineasta, Anderson Assis, escritor e produtor cultural, Ricardo Oliveira , especialista em Relações étnico raciais, Ventolidio José de Almeida Junior, ex membro do Ecomuseu de Septiba, cineasta e ativista, o vereador local Willian Coelho também esteve presente e a fundadora do Movimento Territórios diversos MTD, Elizabeth Manja. O evento constituiu um marco para o Ecomuseu no que concerne a organização e mediação de debates, e fortaleceu ainda mais as diretrizes do coletivo. O Evento foi composto por duas mesas, uma na parte da manhã e outra na parte da tarde, seguem as imagens do encerramento de ambas as mesas.

Figura 90 - Mesa da parte da manhã.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 91 - Mesa da parte da tarde.



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Consolidando uma parceria profícua e duradoura entre o Ecomuseu de Sepetiba e o CIEP Ministro Marcos Freire, no desfile cívico do ano de 2018, os alunos e alunas das turmas da professora Érica Echamayr realizaram o passeio de REconhecimento com o Ecomuseu de Sepetiba, fizeram pesquisas e prepararam uma espécie de Ala em homenagem ao Ecomuseu, evidenciando os resultados de um trabalho lento e gradual, mas com resultados evidentes de educação patrimonial e conscientização ambiental. A seguir fotos do referido desfile, bem como da exposição do que foi produzido pelos alunos e alunas para este desfile, que esteve na Colônia de Pescadores Z-15 até o final do mês de Outubro.

Figura 92 – Desfile Cívico 2018



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 93 - Desfile Cívico 2018



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

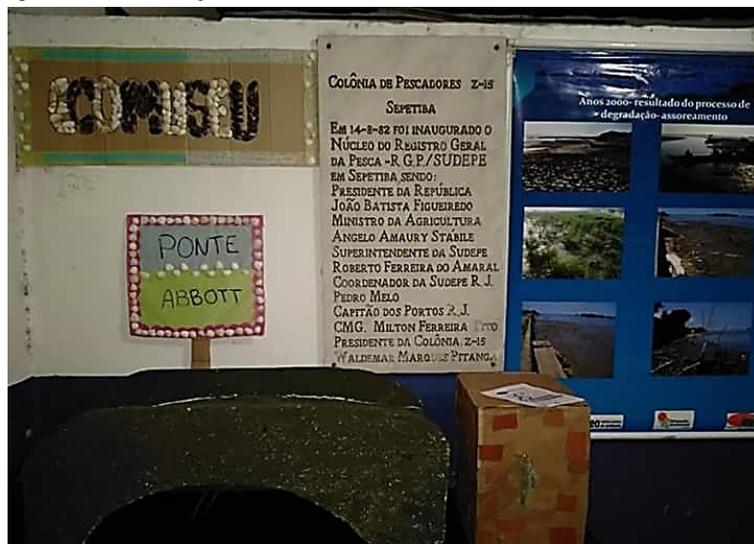
Figura 94 – Desfile Cívico 2018



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

A seguir fotos da exposição dos trabalhos dos alunos e alunas do CIEP Ministro Marcos Freire na Colônia de Pescadores Z-15

Figura 95 – Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 96 - Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 97 - Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 98 - Produção dos Alunos (as) do CIEP Ministro Marcos Freire



Fonte: Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Outra nova empreitada do Ecomuseu de Sepetiba no ano de 2018 será a confecção de camisas, no mês de Setembro foi realizada oficina com os membros do Ecomuseu, confeccionando camisas a partir da criação de telas com a logomarca do Ecomuseu, o

Ecomuseu pretende com isso gerar recursos para continuar realizando suas ações e agindo de forma independente. Logo abaixo fotos da oficina, realizada por um membro fundador de outro museu comunitário, o Memórias do Cerro Corá, localizado no bairro do Cosme velho, Ricardo Rodrigues. O Ecomuseu de Sepetiba realiza intercâmbios e constrói parcerias com outros grupos com perspectivas e objetivos semelhantes aos seus, falaremos mais sobre isso no próximo capítulo.

Figura 99 – confecção de camisetas



Fonte: Própria

Figura 100 – confecção de camisetas



Fonte: Própria

Figura 101 – confecção de camisas



Fonte: Própria

2.3 Metodologia

Embora em algumas áreas do conhecimento exista ainda certa relutância em aceitar a metodologia que iremos apresentar agora, nas ciências sociais e humanas, esta metodologia é realizada com êxito nas pesquisas. Falamos da pesquisa ação participante. Este tipo de pesquisa tem como objetivo não apenas conhecer a realidade através da observação de pessoas que a vivenciam, mas sim experiênciá-la também e transformá-la, quando houver motivos para isso. Existem muitos argumentos contrários a esta metodologia e até mesmo falta de compreensão por parte de alguns pesquisadores que não conseguem aceitá-la e legitimá-la. Felizmente, estes argumentos vem perdendo força, pois existem campos em que a participação dos sujeitos da pesquisa, tanto em sua elaboração, quanto na condução, análise e interpretação, é bem aceita e até recomendada,

Partimos da observação participante, que consiste em um método de pesquisa em que o pesquisador procura tornar-se um membro do grupo observado e dessa forma compartilhar as experiências de vida para melhor compreender seus hábitos e convenções sociais. Contudo, em nosso caso especificamente, a pesquisadora não procurou se tornar membro, uma vez que, além de ser moradora do bairro pesquisado, é fundadora da iniciativa analisada, precursora do processo. E, por ímpeto científico, sentiu necessidade de o analisar a partir de “outro lugar”, apresentando as análises e interpretação do processos ao rigor da avaliação de outros pesquisadores.

A obra *Sociedade de Esquina*, de Willian Foote Whyte, publicada originalmente no ano de 1943, sessenta e dois anos depois publicada em língua portuguesa, foi impulsionadora para a utilização dessa metodologia por parte desta pesquisadora. Desde os tempos de sua graduação, o livro é um clássico dos estudos urbanos, obra perfeita para aqueles que aspiram entender as questões metodológicas e também éticas em trabalhos de campo no âmbito da antropologia, das ciências sociais. Para a pesquisadora, o livro foi o marco determinante para a escolha da metodologia de suas pesquisas. Cabe ressaltar que a obra contribuiu para a construção do que pode ser compreendido como “as orientações ou mandamentos” da pesquisa participante.

Percebemos que os gêneros da pesquisa-ação e da investigação participante tendem para um só caminho: a participação dos envolvidos na situação. Eles não nos parecem excludentes; podemos, então, nos valer de ambos para atingir os objetivos almejados, priorizando, a partir disso, a ação transformadora do ecomuseu e sua sistematização, em vez de apenas constatar seu raio de influência. Arroyo afirmou em 2004, durante a Conferência do X Atelier Internacional do MINOM, que a investigação participante é “uma atividade em três vertentes, é um método de pesquisa social que implica a plena participação da comunidade, um processo educativo e um meio de ação para o desenvolvimento.” (ARROYO, 2004).

Nesta metodologia, a pesquisa também é um processo pedagógico e uma forma de desenvolvimento, deste modo, pesquisa participante e pesquisa-ação convergem, alimentando-se reciprocamente. Nossa pesquisa, portanto, abarca o conceito de museologia da libertação, baseada na valorização e enaltecimento das subjetividades, sendo a pesquisadora e os pesquisados os realizadores e também os favorecidos do processo.

A pesquisa-ação é compreendida como uma pesquisa com base na experiência, ação e resolução de um problema, tendo seus participantes envolvidos com a causa em questão. Pode ser entendida como o tipo de pesquisa que além de servir para construção de conhecimento acadêmico, e até mesmo para produção de livros, está voltada, principalmente, para a ação e intervenção social.

Para além disso, nossa pesquisa contempla, também, a metodologia da história oral, a qual consiste em um excelente recurso para a produção de documentos decorrentes de narrativas sobre a experiência social de pessoas e grupos. Como fonte do conhecimento, consiste na arte de capturar narrativas com o objetivo de obter material para reflexão, conhecimento e análise de um determinado processo social, beneficiando os estudos acerca das identidades e da memória. Em nossa investigação, associamos duas vertentes, a temática e a história oral de vida, uma vez que ao colocarmos a atuação e trabalho deste Ecomuseu como foco valorizamos, também, a história pessoal dos entrevistados e transcrevemos suas percepções aqui observando o cuidado ético.

Nesse sentido, é conveniente justificar, mesmo que de forma simplificada essa metodologia utilizada em nossa investigação. O fato de a pesquisadora estar envolvida no processo, como criadora da iniciativa, beneficiada, moradora do bairro, caracteriza esta pesquisa enquanto pesquisa participante. Não só porque cria uma ação com a proposta de desenvolvimento local balizada na valorização dos patrimônios existentes no território onde a ação acontece, mas também porque, a partir disso, busca a transformação da realidade existente. Ademais, a pesquisa enquanto pesquisa-ação, vale-se da metodologia da história oral, fazendo-se necessária em sua vertente temática e de história de vida, uma vez que a pesquisadora parte da realização de entrevistas com moradores e outros membros desta iniciativa comunitária compreendida como Ecomuseu para abranger o fenômeno analisado, a influência desta ação na construção e gestão da memória pela comunidade.

A seguir, apresentamos dois esquemas que ilustram a nossa metodologia.

Figura 102 - Esquema da pesquisa

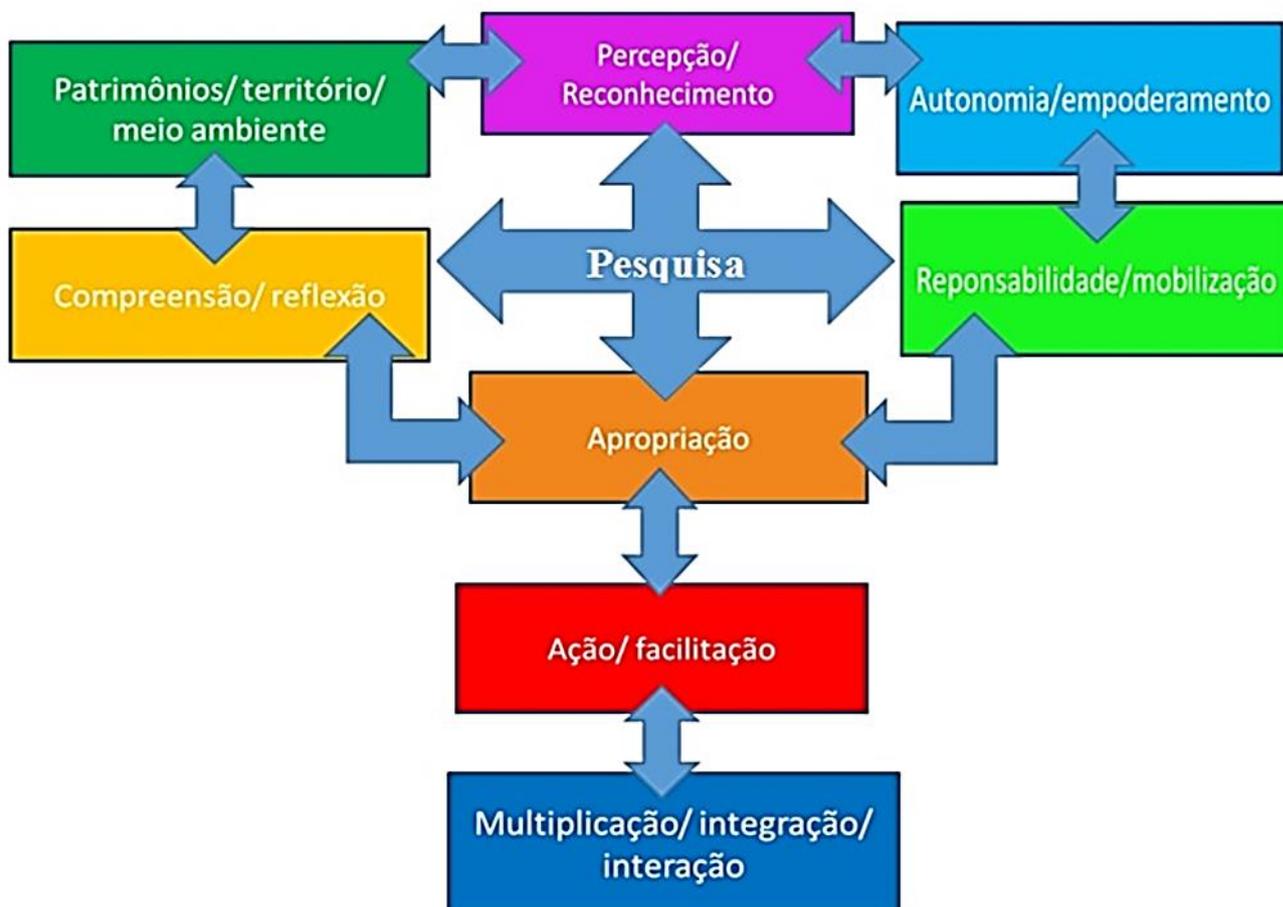
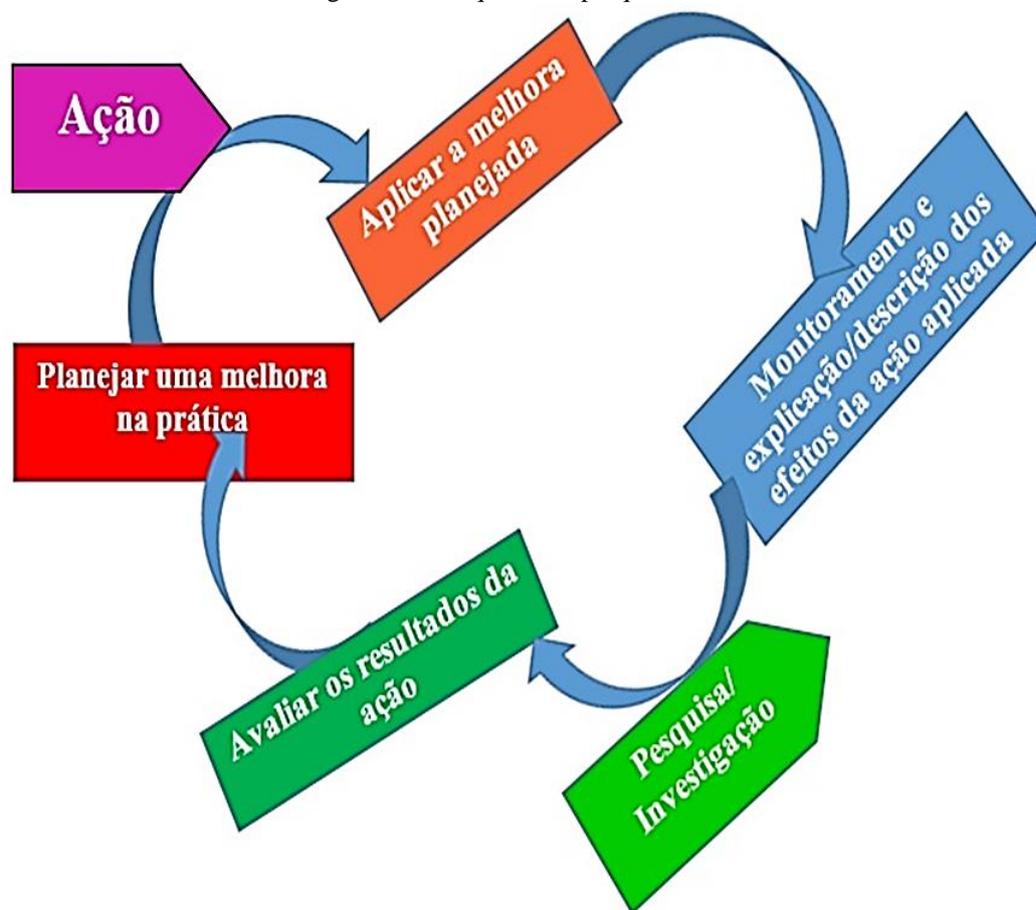


Figura 103 - Esquema da pesquisa



Acreditamos que a partir estas breves demonstrações de algumas das atividades realizadas por este museu, fica claro o envolvimento e compromisso deste coletivo com o desenvolvimento do território, com a comunidade, com a história e com a memória local. Todas as ações buscam sensibilizar, envolver e esclarecer os moradores locais, bem como difundir os conhecimentos acerca do bairro, da história, da questão ambiental, dentre outros conhecimentos que devem ser compartilhados. Trata-se de um trabalho gradual, que merece ser perpetuado e aprimorado, sabemos que existem falhas e equívocos no processo, mas devemos levar em consideração o êxito das ações, aqui mostramos também que a nossa metodologia não só é possível, como ideal para compreensão do processo, buscamos mostrar no próximo capítulo, como conseguimos construir saberes, como podemos evidenciar nossas ações, o que elas significam para os moradores entrevistados, bem como procuramos mostrar como esta é, em nossa concepção uma iniciativa original, necessária, endógena e única.

3 AÇÃO POLÍTICA NAS MEMÓRIAS (RE)CONSTRUÍDAS: A EXPERIÊNCIA DOS MORADORES DE SEPETIBA FRENTE AO ECOMUSEU

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas. (THOMPSON, 1998. p. 337)

Após as reflexões realizadas no decorrer da pesquisa e apresentadas nos dois primeiros capítulos desta dissertação, podemos apresentar alguns argumentos e considerações acerca da construção e gestão da memória do bairro de Sepetiba pela própria comunidade a partir de um processo entendido como Ecomuseológico.

Buscaremos, também, neste capítulo, elucidar alguns pontos referentes a ecomuseologia, de maneira que possamos compreender um pouco mais claramente esses processos. E, apresentaremos, ainda, fragmentos das entrevistas realizadas com moradores do bairro de Sepetiba que não só podem, como devem, servir de pilar para as ações deste processo Ecomuseal. Por fim, consideramos importante evidenciarmos, neste capítulo, a metodologia utilizada na pesquisa, justificando sua escolha.

Esta pesquisa consiste em uma análise sobre o que chamamos de “o despertar de Sepetiba”, aqui entendido como um processo de construção e gestão da memória do bairro. Nesse sentido, o escopo principal é oferecer subsídios para a compreensão desse fenômeno social que tem sua visibilidade assegurada na trajetória de **resistência** e reconhecimento de moradores e moradoras do bairro carioca de Sepetiba, localizado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, com a criação de um Ecomuseu, comunitário e de território.

Nossa análise voltou-se para o surgimento, consolidação e desenvolvimento deste Ecomuseu, ponderando acerca da sua atuação, entendido, também, como um museu local, de cunho promotor. Observamos que este Ecomuseu rompe com a compreensão de museu tradicional, tido como lugar de curiosidade ou de contemplação de bens patrimoniais a

serem preservados, por determinação de certos profissionais da museologia. Em sentido oposto, encontra-se o ecomuseu; museu que é pensado, idealizado e “realizado” pelos moradores, que também são os responsáveis pela pesquisa, pela preservação; os quais comunicam o acervo, determinam a divulgação e exposição. Sendo, portanto, uma iniciativa endógena, o ecomuseu objetiva a transformação da realidade local a partir da valorização dos patrimônios existentes no território que habita.

Nesta direção, vale ressaltar a afirmativa de Hugues de Varine:

...os protagonistas das novas museologias se reconhecem e buscam uma museologia que deixe aflorar as subjetividades coletivas, que faz da memória o instrumento de resistência afirmativa das comunidades, uma museologia própria para encontrar, em suas forças vivas e nas que compartilham com os que vieram de outros lugares, os meios de viver e agir como sujeitos e atores na construção de seu próprio futuro. (VARINE:2005, vol 58).

3.1. Um museu de grandes novidades

Ecomuseu, em nossa concepção é um espaço de relações entre uma comunidade e seu ambiente natural e cultural, no qual é desenvolvido, através das ações de iniciativa comunitária, todo um processo lúcido, autônomo e educativo de patrimonialização, empoderamento, apropriação e responsabilização dessa mesma comunidade com e através da transmissão, cuidado e transformação do patrimônio comum e, conseqüentemente, com a criação do patrimônio do futuro. O reconhecimento enquanto processo ecomuseológico encaixou-se perfeitamente nas necessidades da comunidade e do meio ambiente da região, conforme apresentamos nos capítulos iniciais.

O Ecomuseu, portanto, está relacionado diretamente à questão do território; no nosso caso especificamente, o bairro de Sepetiba e sua baía, aí incluem-se os patrimônios naturais. O historiador francês Hugues de Varine é o criador do termo Ecomuseu. Corria o ano de 1971 quando o termo lhe surgiu. Organizava, então, junto com os amigos Rivière, conselheiro do ICOM na época, e Serge Antoine, conselheiro do ministro do meio ambiente, a IX Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus. Brincando

com as palavras, refletindo sobre conceitos e ações, o termo veio-lhe à mente, conferindo-lhe, em seguida, seu sentido.

Hugues de Varine nos esclareceu certa vez, que não é o criador do conceito Ecomuseu, mas apenas da palavra, ele afirmou que a criação do conceito é uma obra coletiva de todos os inventores e criadores de ecomuseus, destacando que sempre compreendeu o Ecomuseu como uma construção coletiva em cada país, muito embora tenha tido um papel a nível local na definição de um ou outro Ecomuseu particular, ou foi observador, escritor e nada mais além disso, afirmou Varine, em uma correção de texto via e-mail com esta pesquisadora.

De acordo com Hugues de Varine, um ecomuseu diferencia-se do museu tradicional no destaque dado ao território. Ao contrário dos museus habituais, que enfatizam o prédio, a coleção, sua suntuosidade e algumas vezes exclusividade de obras raras, este “Museu novo” ou “Novo museu” enfatiza seu território enquanto patrimônio; tem foco na comunidade, sendo definido, construído e denominado a partir do seu próprio território.

Cabe ressaltar que este museu teve sua “construção teórica” motivada a partir das experiências dos parques Naturais Regionais da França, considerados estes os predecessores do Ecomuseu. Estes novos museus propunham uma pedagogia global, já que não se ocupariam unicamente das práticas culturais ou arquitetônicas, mas também das relações do homem com seu entorno. (VARINE *apud* SOARES, 2006, p. 7).

Podemos destacar algumas distinções comuns a todos os prováveis ecomuseus/museus comunitários: a participação ativa, criadora e colaborativa da população envolvida; as ações e processos inspirados nas especificidades locais; a importância da ideia de território (espaço vivido) enquanto museu; a apropriação coletiva de patrimônio.

Em seu reconhecimento enquanto processo ecomuseológico, o Ecomuseu de Sepetiba teve o privilégio de receber orientações, visitas e comentários do próprio Hugues de Varine, o que permitiu aos seus membros fundadores conseguirem compreender a dimensão e alcance deste tipo de museu, bem como dar nome às ações que vinham

realizando. Isso foi possível por intermédio de Odalice Priosti, que já dialogava, criava, escrevia e aprendia com Varine há alguns anos, Odalice apresentou os precursores deste processo de Reconhecimento a Varine no ano de 2009, como mencionado anteriormente, durante a I Jornada de Formação em Museologia comunitária, e, a partir de então, em algumas vezes em que o teórico esteve no Brasil e na Zona Oeste segregada visitou o bairro de Sepetiba e nos brindou com seus ensinamentos, esta pesquisadora, que também é fundadora do Ecomuseu de Sepetiba, teve o privilégio e a honra de estar presente na maioria destas visitas e de aprender um pouco com este mestre, embora não goste de ser chamado desta maneira por esta pesquisadora, mas que não só pode como deve ser considerado assim, pois sua trajetória, sua história são exemplos, um grande incentivador e promotor de ações museológicas exitosas e pioneiras, um baú de sabedoria.

Na fotografia abaixo, um registro da primeira visita de Varine à Sepetiba, durante a roda de lembranças realizada no ano de 2009 como parte da programação da I jornada de formação em museologia comunitária, na mesa Seu Salviano, um dos entrevistados para esta pesquisa, a antropóloga Tereza Morales (UMCO), Hugues de Varine, Walter Priosti, Seu Erasmo e Sérgio Pinto, falando ao microfone Maria da Conceição, moradora local, atuante e militante das causas sociais e ambientais e esta pesquisadora, organizadora do evento, em seguida encontra-se o registro de uma das visitas de Hugues ao bairro de Sepetiba realizada no ano de 2012. Ele conversa com esta pesquisadora e um dos membros do Ecomuseu de Sepetiba à época.

Figura 104 – Primeira visita de Hugues de Varine a Sepetiba – 2009



Fonte própria

Figura 105 – Visita de Varine a Sepetiba no ano de 2012, na imagem, esta pesquisadora, Júlio Roiteberg e Hugues de Varine na colônia de pescadores z-15



Fonte própria

Figura 106 - juntos com Hugues de Varine, membros do Ecomuseu de Sepetiba e da ABREMC no ano de 2012



Fonte própria

A foto anterior foi tirada em frente à colônia de pescadores Z-15 e nela estão os membros da ABREMC (Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários) à época, Odalice e Walter Priosti, Yara Mattos, Patrícia Berger, Emília Medeiros, moradores locais, como Mônica Lima e Eliane Roxo e membros do Ecomuseu, como Ventolídio José de Almeida Neto, Ana e Julio Roitberger, Bruno Cruz e esta pesquisadora. Abaixo outro registro desta importante visita, na imagem, Varine tece comentários acerca da antiga carta náutica na parede da Colônia Z-15.

Figura 107 – Hugues de Varine em visita À
Sepetiba no ano de 20102



Fonte: Ventolídio José de Almeida Neto

O processo ocorrido no bairro de Sepetiba foi compreendido por seus protagonistas, moradores e admiradores do bairro, como Ecomuseu; museu de território, comunitário, de cunho promotor, objetivando uma construção de museu integral, de patrimonialização de tudo o que a comunidade considera importante, significativo. Cabe ressaltar que esta compreensão foi facilitada por meio do diálogo estabelecido com Hugues Varine, de suas orientações e esclarecimentos. Da mesma forma, as reflexões empreendidas e as ideias discutidas com Odalice Priosti foram fundamentais na constituição do processo.

Conforme a análise realizada no primeiro capítulo acerca dos conceitos de território, espaço, lugar, compreendemos que o museu território tem como “objeto” o espaço, estabelecendo uma relação da sociedade com um território. Exatamente o que ocorre no Ecomuseu de Sepetiba. Esse museu surgiu da iniciativa da comunidade, utilizando métodos e técnicas estabelecidas e criadas por eles mesmos em meio ao processo de musealização de seus patrimônios, que, em nossa compreensão, não se assemelham com as utilizadas nos museus tradicionais.

Buscamos aqui compreender museu como mencionado anteriormente, de forma abrangente, como um espaço de relações complexas, híbridas e peculiares entre homem/território/memória/identidade. Desse modo, o Ecomuseu aqui analisado é um museu comunitário de território, compreendido da seguinte forma:

(...)Para nós, o museu comunitário é uma ferramenta para a construção de sujeitos coletivos, enquanto as comunidades se apropriam dele para enriquecer as relações no seu interior, desenvolver a consciência da própria história, propiciar a reflexão e a crítica e organizar-se para a ação coletiva transformadora. (LERSCH & OCAMPO: 2004).

Em todas as atividades realizadas por este museu, destaca-se que “Reconhecer e redescobrir o que lhes dá identidade” é o ponto nodal desta iniciativa. Especial destaque deve ser dado, especificamente, à pesquisa participativa, à construção de acervo, dentre outras práticas, culminando na apresentação dos resultados, o que geralmente é feito através das exposições itinerantes realizadas pelo museu, dos chamados *Passeios de Reconhecimento*, bem como através de uma página na rede social *Facebook.com*.

Acreditamos que o auxílio de uma museóloga, Odalice Miranda Priosti, uma das fundadores do NOPH - Ecomuseu de Santa Cruz, juntamente com seu companheiro, Walter Priosti, tenha sido de extrema valia para que os moradores envolvidos neste processo pudessem seguir uma linha específica de atuação. Isto porque, até então, por mais que estivessem buscando o envolvimento e participação de outros moradores neste processo e reivindicando melhorias para o bairro, a partir da divulgação da história local em sites, redes sociais, blogs e exposições, não compreendiam no que consistia exatamente um processo ecomuseológico.

Assim, o envolvimento e orientação de Odalice Priosti foi primordial para que esse Ecomuseu deslanchasse e tivesse os desdobramentos esperados. Infelizmente, os membros deste Ecomuseu não podem mais contar com sua orientação, pois Odalice faleceu em dezembro de 2017, depois de um tempo doente. Com a saúde comprometida, já se encontrava impedida de participar das atividades da região como antes e de realizar suas habituais orientações nos processos dos quais, como costumam dizer, foi “Doula”.

Pensamos que a ausência de um(a) museólogo(a) envolvido no processo fragilize a iniciativa diante dos museólogos profissionais e até mesmo do poder público. O que temos observado, ao longo destes anos, é que a concepção de museu tradicional está demasiado arraigada nos indivíduos, a exemplo disso, este Ecomuseu, objeto de nossa pesquisa, recebe muitas mensagens em sua página da rede social *Facebook.com*, perguntando onde ficaria localizado este museu, quais os horários e dias das exposições, dentre outros questionamentos que só poderiam ser respondidos por uma equipe de um museu tradicional. Um bom exemplo, pode ser dado pela imagem que se segue:

Figura 108 – Mensagem recebida na página do Facebook.com do Ecomuseu de Sepetiba

The screenshot shows a Facebook inbox interface for the page 'Ecomuseu de Sepetiba'. The message is from 'Não atribuído' (Unattributed) and contains the following text:

Olá, Prezados!
Onde fica o EcoMuseu?

The response, sent by Silvan Guedes, is:

Boa noite
Tudo bem?
Quem responde e Silvan, o Ecomuseu é um Museu de território, nós moradores que escolhemos o que faz parte do patrimônio do bairro.
Convidamos para participar de nosso passeio de reconhecimento

The message also includes a question: 'Que legal! Existem datas para os passeios? Faço parte da organização da juventude esperantista do RJ, e temos um projeto chamado "provocação cultural", onde levamos invenes para museus, teatro e lugares de importância'.

Fonte: Facebook.com – página do Ecomuseu de Sepetiba

Na imagem:

“Olá, pessoal!

Onde Fica o EcoMuseu?”

Geralmente, nestes casos, as pessoas não estão familiarizadas com o termo, e o escrevem de forma errada. Ao responderem essas perguntas, os membros do Ecomuseu de Sepetiba observam o rápido desinteresse, incompreensão e até desânimo de alguns possíveis visitantes, que não conseguem abarcar a dimensão deste processo. Não é o caso específico da pessoa da figura 108. Diante de um museu que realmente apresenta novidades, vivo, dinâmico, que muda a todo tempo, independente de curadores, por sua própria natureza, por consequência das ações de quem vive em seu território, o visitante parece assustar-se. Afinal, isso, de certa forma, é muito incompreensível para a maioria das pessoas. No entanto, verificamos que outras sentem-se fascinadas justamente por essa característica aberta do ecomuseu. Nosso ecomuseu tem um público de no mínimo 60 visitantes em seus passeios mensais e mal consegue administrar a demanda de visitas solicitadas por igrejas, escolas, academias e demais grupos.

Figura 109 - Mensagem recebida na página do Facebook.com do Ecomuseu de Sepetiba

The screenshot shows a Facebook inbox for the 'Ecomuseu de Sepetiba' page. The interface includes a search bar, navigation tabs (Página, Caixa de entrada, Notificações, Informações, Ferramentas de publicação, Configurações, Ajuda), and a list of messages. The messages are as follows:

- Message 1:** From Jennifer Marins, dated 25 de fevereiro. Text: "Olá! Vcs abrem sabado e domingo?".
- Message 2:** From an unnamed user, dated 24 de fevereiro. Text: "Boa tarde. O Ecomuseu não tem sede. Realizamos passeios pelo bairro. Sempre no primeiro domingo de cada mês." (Highlighted in blue).
- Message 3:** From Claudia Costa, dated 23 de fevereiro. Text: "Ahh! Entendi! Obrigada!"
- Message 4:** From Gabriel Macedo, dated 19 de fevereiro. Text: "Mas se precisar de algo que a coordenação puder ajudar. Estamos por aqui." (Highlighted in blue).
- Message 5:** From Aline Marques, dated 18 de fevereiro. Text: "Responda..."
- Message 6:** From Margarida Gondim, dated 18 de fevereiro. Text: "Responda..."

At the bottom of the inbox, there is a prompt: "Quer iniciar conversas com mais clientes? Criar promoção". On the right side, there is a profile picture and a section for "Rótulos" (Labels) with a "Gerenciar rótulos" button.

Fonte: Facebook.com – página do Ecomuseu de Sepetiba

Na imagem:

“Olá! Vcs abrem sábado e domingo?”

No caso da figura 109 a decepção é evidente. Uma grande novidade desse museu corresponde a outra questão que torna a iniciativa “vulnerável”. É o fato de seus membros a classificarem enquanto coletivo, pois isso impede que muitos acordos e parcerias sejam firmados para beneficiar e ampliar as ações e atividades do museu, muito embora possua credibilidade e já tenha realizado parcerias com instituições sérias e consolidadas, como o Instituto Tear, IEVA (Instituto de Eventos Ambientais), mais recentemente o Ecomuseu participa do intercâmbio Rede favela sustentável, realizado pela Comcat (Comunidades catalizadoras) entre outros. O Ecomuseu de Sepetiba já é reconhecido como uma das iniciativas mais fortalecidas e consolidadas pela Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro (REMUS RJ), bem como participa da Semana Nacional de Museus desde 2014, figurando entre os museus que realizam programação durante esta semana e respondendo aos questionários enviados pelo IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus. Ademais, sempre é convidado para compor mesas em simpósios, colóquios, dentre outros eventos para compartilhar sua experiência.

Abaixo encontra-se a reprodução do cartaz do Colóquio Rotas da Memória – Entre Pontos Cariocas, realizado pelo TEAR, em julho de 2017, no qual o Ecomuseu de Sepetiba teve importante participação e pode ampliar sua rede de interlocução.

Figura 110 - Chamada para o Colóquio Rotas da memória EntrePontos cariocas

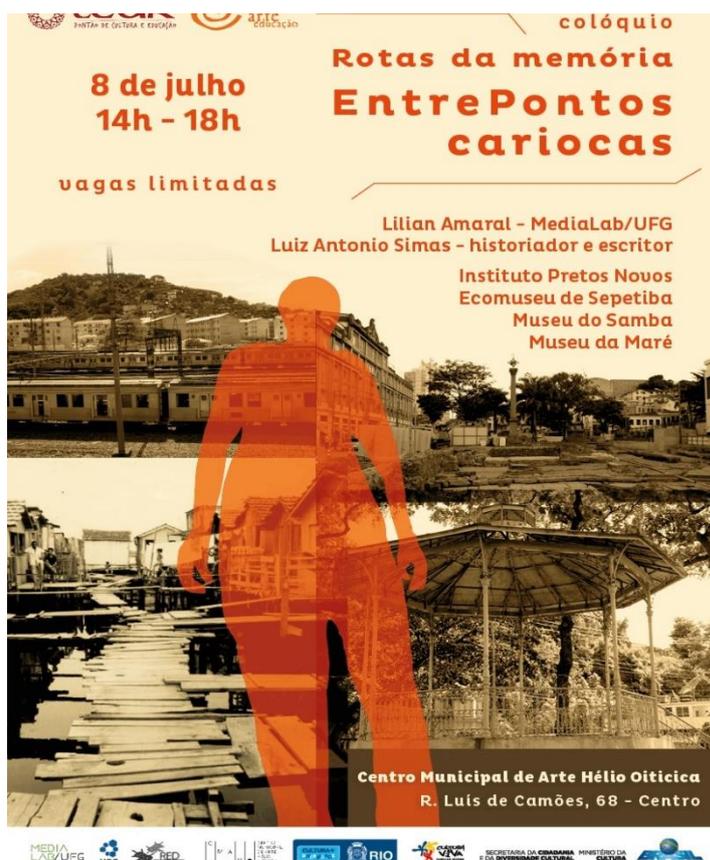


Figura 111 – Convidados e programação do Colóquio Rotas da memória EntrePontos Cariocas

Fonte : Página do Instituto Tear

- Aventura – rotas da memória – Romão de Cultura e Educação Tear
- Lillian Amaral – Artista Visual, pesquisadora em Arte Pública e Patrimônio Cultural - MídiaLab/UFG;
- Luis Antônio Simas – Historiador, Escritor, pesquisador da memória do Rio como cidade diaspórica e da “cultura da fresta”;
- Roda de conversas EntrePontos cariocas e outras redes

Luiz Antonio de Oliveira – Museu da Maré
 Claudio Honorato – IPN
 Georigie Echeverri – Museu do Samba
 Bianca Wild – Ecomuseu do Sepetiba

A participação é gratuita e aberta ao público, mas as vagas são limitadas.

Fonte: Página do Instituto Tear

A seguir outra imagem de nossa atuação. Desta vez, do site da Revista Astrolábio, publicizando a entrevista realizada para a série “Intercâmbios Andarilhos” com esta pesquisadora, representante do Ecomuseu de Sepetiba. (Disponível no link: <http://astrolabio.org.br/biancawild>).

Figura 112 - Imagem desta pesquisadora relacionada à entrevista intercâmbios Andarilhos

Bianca Wild

Extrato de entrevista com o representante do Ecomuseu de Sepetiba. Episódio da série Intercâmbios Andarilhos [vídeo]
 por Centro de Memória Tear

Da edição 18 - Tecidos e tessituras da Cultura Popular, 19 - Zênite
 astrolábio nº 21 ano II set. 2017



Fonte: <http://astrolabio.org.br/biancawild>

Figura 113 – Imagem do Site da Revista Astrolábio publicizando as entrevistas realizadas com os participantes do projeto intercâmbios andarilhos.

astrolabio.org.br/series/intercambios-andarilhos/ 4 resultados

Intercâmbios Andarilhos

Relatos de ações de mediação cultural que perpassam territórios da cidade do Rio de Janeiro.

<p>Cláudio Honorato</p> <p>Extrato de entrevista com o representante do Instituto Pretos Novos. Episódio da série Intercâmbios Andarilhos [vídeo]</p>	<p>Bianca Wild</p> <p>Extrato de entrevista com o representante do Ecomuseu de Sepetiba. Episódio da série Intercâmbios Andarilhos [vídeo]</p>	<p>Georgie Echeverri</p> <p>Extrato de entrevista com o representante do Museu do Samba. Episódio da série Intercâmbios Andarilhos [vídeo]</p>	<p>Luiz Antônio de Oliveira</p> <p>Extrato de entrevista com o representante do Museu da Mare. Episódio da série Intercâmbios Andarilhos [vídeo]</p>
--	---	---	---

tear nas redes:

- facebook
- instagram
- twitter
- google+
- youtube
- medium

astrolábio

tear

Rua Pereira Nunes, 138
Tijuca, Rio de Janeiro - RJ
(21) 3238-3690 e 2238-4927
tear@astrolabio.org.br

Fonte: <http://astrolabio.org.br/biancawild>

Um coletivo consiste em um grupo de pessoas que realizam um trabalho em conjunto, organizam algum evento ou atividade juntos. Está, portanto, relacionado à coletividade, geralmente pessoas que estão engajadas em alguma causa e se preocupam com o bem-estar coletivo. Características destes coletivos são: a horizontalidade organizacional, que tem a tomada de decisões de forma coletiva como fundamento; a economia solidária e a produção colaborativa; a maioria de seus integrantes residem nas regiões periféricas das grandes cidades e parte do financiamento vem de recursos públicos para incentivo à cultura ou mesmo dos seus membros / integrantes.

Talvez esta vulnerabilidade resida no fato de que tal prática não signifique que um coletivo surja e simplesmente todos produzam juntos. Trata-se da formação de um bloco

de interesses, afetos, diálogos, experiências aos quais certo número de pessoas adere, reafirmando e transformando esse mesmo bloco. Nesse sentido, não possui institucionalidade, hierarquização, organograma, o que para alguns críticos não viabiliza que seu desenvolvimento seja pleno e duradouro, pois não existe segurança de permanência em período algum e qualquer um dos membros pode desligar-se e deixar de contribuir quando bem desejar. Isso, de fato, acontece frequentemente neste Ecomuseu que se denomina coletivo, sendo um dos motivos do constante desligamento de membros a dificuldade de locomoção no bairro. Aliás, a precariedade do sistema público de transporte na região faz com que os moradores tenham um grande dispêndio de tempo para se locomover até seus locais de trabalho. Da mesma forma, a região não oferece grande oferta de empregos, o que impõe ao morador um deslocamento por distâncias cada vez mais significativas para conseguir o seu sustento.

Um coletivo, por ser um agregador de sujeitos e ideias, com opiniões, visões de mundo, empatia, simpatia, subjetividades, é delimitado de forma frágil; não se forma sem que existam transformações, contatos com outros grupos e centros de intensidade. Outro motivo de desligamento dos membros do ecomuseu seria a questão da escassez de universidades e cursos na região, bem como os desafetos e paixões que estão envolvidas em todo esse processo. Justamente por ser totalmente endógeno e participativo, desavenças e discordâncias surgem em seu interior. No entanto, na maioria das vezes, acabam sendo resolvidas por meio do diálogo, mas não se pode deixar de registrar que este também é um motivo da fragilidade desta iniciativa, especificamente, por se caracterizar enquanto coletivo.

Estar inserida neste processo enquanto pesquisadora, membro da coordenação deste museu e moradora local exige algumas posturas e atitudes, dificultando mesmo algumas ações. Entretanto, pode ser uma condição especial para o estabelecimento de uma metodologia de pesquisa diferenciada e que pode e deve ser reconhecida e válida, como justificaremos a seguir.

Antes, porém, de apresentar algumas considerações acerca da metodologia desta pesquisa, vale destacar certas ações do Ecomuseu de Sepetiba que tiveram a frente esta pesquisadora.

A imagem que se segue retrata um texto publicado por esta pesquisadora no site *Ciranda.net*, em novembro de 2007. Nele questionamos a ausência de menção da história do bairro nos discursos e narrativas dos moradores, a transcrição está na página seguinte. Trata-se do primeiro texto publicado na Web especificamente sobre a história do bairro de Sepetiba e pode ser acessado através do link: http://www.ciranda.net/A-historia-perdida-de-Sepetiba?lang=pt_br

Figura 114 – Imagem do primeiro texto sobre Sepetiba escrito por esta pesquisadora.



Ciranda
Internacional da Comunicação Compartilhada

HOME Brasil Internacional FSM Ciranda Afro Feminismo Comunicação Compartilhada

A história perdida de Sepetiba

segunda-feira 26 de novembro de 2007, por Bianca Wild.

Busco neste texto demonstrar a relevância e importância da realização de uma pesquisa que procure justificar, ou melhor, explicar a descaracterização, a perda da história do bairro de Sepetiba, localizado no município do Rio de Janeiro/RJ tendo sua fundação datada do dia 5 de julho de 1567 com a chegada dos índios Tamoios.

Acredito ser necessária uma explicação ao menos para o desaparecimento "misterioso" de algumas construções de importância histórica não apenas para a localidade, mas sim, para o país, localizadas neste bairro, e também para o silenciamento no que concerne a disseminação da importância histórica do bairro, nas escolas locais em geral não se faz menção ao fato e muito menos se busca resgatar a identidade histórica do local.

Em uma de minhas tentativas em encontrar informações relevantes sobre o bairro não obtive muito sucesso, claro que me refiro aqui a uma busca superficial, e não à nível de pesquisa científica; pesquisei na internet e não encontrei muita coisa além de algumas fotos equivocadas, pois retratavam imediações como a praia da brisa e pedra de Guaratiba, que não fazem parte do bairro, claro que encontramos também fotos e vídeos do local, mas em número muito pequeno, também encontrei textos sobre o bairro de santa cruz e sua história, com menções muito superficiais ao bairro de Sepetiba, e finalmente encontrei a lei sancionada pelo vereador Jerominho onde ficava estabelecida a data de aniversário do bairro em 5 de julho, e a nível de produção literária, pesquisa etc, a única publicação que encontrei foi a obra de autoria de Alcebiades Francisco Rosa, além disso se conversarmos com os moradores do local, mesmo os mais antigos podemos notar que muito do que se sabe sobre a história do bairro acabou se perdendo, pois foi transmitida somente por meio da tradição oral.

O que mais me deixa indignada é o fato de que Sepetiba deveria ter sido reconhecida como segundo município do Rio de Janeiro devido a sua fundação datar de 1567, pelos índios tamoios.

O então príncipe regente D. João VI, reconheceu a área e terminou por baixar um decreto lei em 26 de julho de 1813, onde no mesmo ficava estabelecida a doação das terras correspondentes à área de Sepetiba aos antigos moradores (pescadores e lavradores), dividindo a terra em sítios; porém segundo Alcebiades Rosa, um dos "sitiantes" acabou perdendo suas terras em uma mesa de jogo, de um dos cassinos pertencentes a uma família conhecida como "Monastere", que ficou com a posse do sítio, e desonestamente tentou o desmembramento das terras incluindo toda a área de fundação de Sepetiba, no processo conhecido como "Fazenda Piaí"; o paço imperial negou o recurso impetrado por tratar-se da área preservada pelo decreto lei de 26 de julho de 1813.

De acordo com Alcebiades Rosa, não se sabe ao certo as razões pelas quais o antigo domínio da união "departamento de terras da união", não se manifestou à respeito, deixando ocorrer na região de Sepetiba vários negócios ilícitos com as terras a partir de convívios cartoriais.

Talvez se Alcebiades Rosa não tivesse escrito esta obra sobre a história de Sepetiba, não teríamos conhecimento destes acontecimentos, muito embora que mesmo sendo de extrema valia, "a história de Sepetiba" ainda é muito superficial, acredito que talvez pela falta de fontes de pesquisa já que o livro por completo foi baseado em entrevistas, relatos de moradores antigos.

Alcebiades Francisco Rosa defende em sua obra a hipótese de que o progresso do bairro foi afetado por falta de pulso por parte dos órgãos federais no que diz respeito à lei imperial e ressalva que se não fossem os pescadores e lavradores, antigos moradores do local e o professor oficial da marinha Antonio Cerqueira Fontes (ocorrendo aqui uma dúvida, pois ao final do livro o autor agradece ao professor oficial da marinha "Arandu" de Cerqueira Fontes), ele mesmo jamais poderia ter concluído esta obra, pois ninguém saberia desta parte específica da história de Sepetiba; isto porque segundo o autor o desejo dos antigos republicanos era que Sepetiba se tornasse um local esquecido, desconhecido de todos, com o objetivo de esconder as atrocidades realizadas por eles neste local.

De acordo com Francisco Rosa, D. João VI e a corte foram convencidos a visitar Sepetiba pelos padres da companhia de Jesus e após percorrer o local e decidir que o mesmo seria aprofundado para a navegação e ordenou a construção de um cais, na localidade conhecida como "ilha da pescaria" e de duas pontes ligando a ilha ao continente, e antes mesmo da inauguração do cais e das pontes, três vapores foram utilizados para o transporte de carga e passageiros entre Sepetiba e o porto de Santos, e assim o príncipe regente elevou Sepetiba a condição de província, o que nunca havia aprendido na escola, ou melhor nunca havia ouvido falar.

Outro fato muito confuso e misterioso é que D. João VI havia mandado que fossem construídos dois fortes, o primeiro chamou-se de "Forte de São Pedro" localizado no morro de Sepetiba, na época conhecido como "mirante", onde hoje encontra-se o radar da base aérea de santa cruz, o segundo forte chamou-se "São Leopoldo", construído no então "morro do Piranga" hoje conhecido como Ipiranga localizado na divisão entre a praia de D. Luiza (Reconcavo) e a praia do Cardo, a dúvida e/ou o mistério: Por que não houve interesse em manter-se erguida as construções? Ou mesmo no caso de terem sido parcialmente destruídas e/ou estarem danificadas pelo tempo, em condições ruins, porque não mantê-las ali, em seu local de origem? Porque não nos restaram ao menos ruínas? Pedações? Nada que nos remeta aos fortes antes ali existentes? Ou ao Cais?

O fato de que a família real frequentava Sepetiba durante o verão, possuía uma área de lazer onde se encontra hoje a praça Washington Luiz, quase nunca é mencionado, em Sepetiba eram realizadas belíssimas touradas com toureadores vindos diretamente da Espanha, também eram realizados saraus maravilhosos etc., Também não se divulga o fato de que o conhecido Visconde de Sepetiba (Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, nascido em Niterói, que foi um juiz de órfãos e político brasileiro, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, deputado federal, presidente das Províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro, ministro da Justiça (1840) e dos Negócios Estrangeiros (1841), e senador do Império do Brasil de 1843 a 1855. Líder do chamado Clube da Joana, exerceu enorme influência sobre o Imperador D. Pedro II no início de seu reinado), possuía uma casa (Casa da Esquina) no bairro de Sepetiba que confrontava com a colônia 215 (pescadores).

Com o advento da proclamação da república em 1889, as coisas começaram a modificar-se bastante para Sepetiba, segundo Alcebiades Rosa, insurreções da revolução armada ocorrida em santa Catarina, estavam a bordo de um navio a caminho do Rio de Janeiro que teria sido atingido justamente na praia de Sepetiba ao cruzarem a baía (o nome deste navio no livro de Alcebiades Rosa consta como "Custódio de Mello" o que é impossível, pois o primeiro navio lançado ao mar com este nome data do ano de 1954, e além disso o referido almirante Custódio de Mello ainda estava vivo, logo não poderia receber homenagem póstuma e teria participado da revolução da armada), os tripulantes teriam sido presos, levados para a chamada ilha da pescaria e fuzilados, sabemos disso por intermédio de Alcebiades Rosa e dos relatos dos moradores mais antigos dados a ele, que talvez não estejam mais entre nós, a questão é: Será verdade? Existem inúmeras histórias envolvendo Sepetiba, e até mesmo esta obra de Alcebiades não possui muito respaldo histórico, pois é basicamente composta por relatos de moradores antigos, não possui ao menos referências bibliográficas, anexos de documentos etc.

Sepetiba ao que tudo indica possui uma história rica, repleta de acontecimentos importantes para a formação do país, a história desta localidade precisa ser resgatada, contada, e assim estimular-se à auto estima dos moradores desse bairro que um dia seria província, julgo primordial esse resgate e a realização de uma pesquisa que busque comprovar e descobrir as verdades, causas, historicidade etc deste local e uma explicação para o tamanho descaço para com a identidade histórica de Sepetiba, acredito ser muito importante a disseminação de um estudo (pesquisa) sobre esta descaracterização e destruição da historicidade local para os estudantes não só do curso de história mas também de outros cursos moradores da zona oeste e é claro para a população local, pois uma história não pode ser esquecida, apagada, destruída desta forma, sem constrangimentos, sem motivos, causas ou culpados a serem apontados.

Bianca Wild

Links interessantes:
<http://emendasesonetos.blogspot.com/2007/10/estrada-real-de-santa-cruz.html>

Fonte: Site da internacional da comunicação compartilhada

A história perdida de Sepetiba

segunda-feira 26 de novembro de 2007, por Bianca Wild,

Busco neste texto demonstrar a relevância e importância da realização de uma pesquisa que procure justificar, ou melhor, explicar a descaracterização, a perda da história do bairro de Sepetiba, localizado no município do Rio de Janeiro/RJ tendo sua fundação datada do dia 5 de julho de 1567 com a chegada dos índios Tamoios.

Acredito ser necessária uma explicação ao menos para o desaparecimento “misterioso” de algumas construções de importância histórica não apenas para a localidade, mas sim, para o país, localizadas neste bairro, e também para o silenciamento no que concerne a disseminação da importância histórica do bairro, nas escolas locais em geral não se faz menção ao fato e muito menos se busca resgatar a identidade histórica do local.

Em uma de minhas tentativas em encontrar informações relevantes sobre o bairro não obtive muito sucesso, claro que me refiro aqui a uma busca superficial, e não à nível de pesquisa científica; pesquisei na internet e não encontrei muita coisa além de algumas fotos equivocadas, pois retratavam imediações como a praia da brisa e pedra de Guaratiba, que não fazem parte do bairro, claro que encontramos também fotos e vídeos do local, mas em número muito pequeno, também encontrei textos sobre o bairro de Santa Cruz e sua história, com menções muito superficiais ao bairro de Sepetiba, e finalmente encontrei a lei sancionada pelo vereador Jerominho onde ficava estabelecida a data de aniversário do bairro em 5 de julho, e a nível de produção literária, pesquisa etc, a única publicação que encontrei foi a obra de autoria de Alcebíades Francisco Rosa, além disso se conversarmos com os moradores do local, mesmo os mais antigos podemos notar que muito do que se sabe sobre a história do bairro acabou se perdendo, pois foi transmitida somente por meio da tradição oral.

O que mais me deixa indignada é o fato de que Sepetiba deveria ter sido reconhecida como segundo município do Rio de Janeiro devido a sua fundação datar de 1567, pelos índios Tamoios.

O então príncipe regente D. João VI, reconheceu a área e terminou por baixar um decreto lei em 26 de julho de 1813, onde no mesmo ficava estabelecida a doação das terras correspondentes à área de Sepetiba aos antigos moradores (pescadores e lavradores), dividindo a terra em sítios; porém segundo Alcebíades Rosa, um dos “sitiantes” acabou perdendo suas terras em uma mesa de jogo, de um dos cassinos pertencentes a uma família conhecida como “Monastere”, que ficou com a posse do sítio, e desonestamente tentou o desmembramento das terras incluindo toda a área de fundação de Sepetiba, no processo conhecido como “Fazenda Piaí”; o paço imperial negou o recurso impetrado por tratar-se da área preservada pelo decreto lei de 26 de julho de 1813.

De acordo com Alcebíades Rosa, não se sabe ao certo as razões pelas quais o antigo domínio da união “departamento de terras da união”, não se manifestou à respeito, deixando ocorrer na região de Sepetiba vários negócios ilícitos com as terras a partir de conivências cartoriais.

Talvez se Alcebíades Rosa não tivesse escrito esta obra sobre a história de Sepetiba, não teríamos conhecimento destes acontecimentos, muito embora que mesmo sendo de extrema valia, “a história de Sepetiba” ainda é muito superficial, acredito que talvez pela falta de fontes de

pesquisa já que o livro por completo foi baseado em entrevistas, relatos de moradores antigos.

Alcebíades Francisco Rosa defende em sua obra a hipótese de que o progresso do bairro foi afetado por falta de pulso por parte dos órgãos federais no que diz respeito à lei imperial e ressalva que se não fossem os pescadores e lavradores, antigos moradores do local e o professor oficial da marinha Antonio Cerqueira Fontes (ocorrendo aqui uma dúvida, pois ao final do livro o autor agradece ao professor oficial da marinha “Arandu” de Cerqueira Fontes), ele mesmo jamais poderia ter concluído esta obra, pois ninguém saberia desta parte específica da história de Sepetiba; isto porque segundo o autor o desejo dos antigos republicanos era que Sepetiba se tornasse um local esquecido, desconhecido de todos, com o objetivo de esconder as atrocidades realizadas por eles neste local.

De acordo com Francisco Rosa, D. João VI e a corte foram convencidos a visitar Sepetiba pelos padres da companhia de Jesus e após percorrer o litoral decidiu que o mesmo seria apropriado para a navegação; e ordenou a construção de um cais, na localidade conhecida como “ilha da pescaria” e de duas pontes ligando a ilha ao continente, e antes mesmo da inauguração do cais e das pontes, três vapores foram utilizados para o transporte de carga e passageiros entre Sepetiba e o porto de Santos, e assim o príncipe regente elevou Sepetiba a condição de província, o que nunca havia aprendido na escola, ou melhor nunca havia ouvido falar.

Outro fato muito confuso e misterioso é que D. João VI havia mandado que fossem construídos dois fortes, o primeiro chamou-se de “Forte de São Pedro” localizado no morro de Sepetiba, na época conhecido como “mirante”, onde hoje encontra-se o radar da base aérea de Santa Cruz, o segundo forte chamou-se “São Leopoldo”, construído no então “morro do Piranga” hoje conhecido como Ipiranga localizado na divisão entre a praia de D. Luiza (Recôncavo) e a praia do Cardo, a dúvida e/ou o mistério: Por que não houve interesse em manter-se erguida as construções? Ou mesmo no caso de terem sido parcialmente destruídas e/ou estarem danificadas pelo tempo, em condições ruins, porque não mantê-las ali, em seu local de origem? Porque não nos restaram ao menos ruínas? Pedacos? Nada que nos remeta aos fortes antes ali existentes? Ou ao Cais?

O fato de que a família real freqüentava Sepetiba durante o verão, possuía uma área de lazer onde se encontra hoje a praça Washington Luiz, quase nunca é mencionado, em Sepetiba eram realizadas belíssimas touradas com toureadores vindos diretamente da Espanha, também eram realizados saraus maravilhosos etc., Também não se divulga o fato de que o conhecido Visconde de Sepetiba (Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, nascido em Niterói, que foi um juiz de órfãos e político brasileiro. Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, deputado geral, presidente das Províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro, ministro da Justiça (1840) e dos Negócios Estrangeiros (1841), e senador do Império do Brasil de 1843 a 1855. Líder do chamado Clube da Joana, exerceu enorme influência sobre o Imperador D. Pedro II no início de seu reinado), possuía uma casa (Casa da Esquina) no bairro de Sepetiba que confrontava com a colônia Z15 (pescadores).

Com o advento da proclamação da república em 1889, as coisas começaram a modificar-se bastante para Sepetiba, segundo Alcebíades Rosa, insurreções da revolução armada ocorrida em Santa Catarina,

estavam a bordo de um navio a caminho do Rio de Janeiro que teria sido atingido justamente na praia de Sepetiba ao cruzarem a baía (o nome deste navio no livro de Alcebíades Rosa consta como “Custódio de Mello” o que é impossível, pois o primeiro navio lançado ao mar com este nome data do ano de 1954, e além disso o referido almirante Custódio de Mello ainda estava vivo, logo não poderia receber homenagem póstuma e teria participado da revolução da armada), os tripulantes teriam sido presos, levados para a chamada ilha da pescaria e fuzilados, sabemos disso por intermédio de Alcebíades Rosa e dos relatos dos moradores mais antigos dados a ele, que talvez não estejam mais entre nós, a questão é: Será verdade? Existem inúmeras histórias envolvendo Sepetiba, e até mesmo esta obra de Alcebíades não possui muito respaldo histórico, pois é basicamente composta por relatos de moradores antigos, não possui ao menos referências bibliográficas, anexos de documentos etc.

Sepetiba ao que tudo indica possui uma história rica, repleta de acontecimentos importantes para a formação do país, a história desta localidade precisa ser resgatada, contada, e assim estimular-se à auto estima dos moradores desse bairro que um dia seria província, julgo primordial esse resgate e a realização de uma pesquisa que busque comprovar e descobrir as verdades, causas, historicidade etc deste local e uma explicação para o tamanho descaso para com a identidade histórica de Sepetiba, acredito ser muito importante a disseminação de um estudo (pesquisa) sobre esta descaracterização e destruição da historicidade local para os estudantes não só do curso de história mas também de outros cursos moradores da zona oeste e é claro para a população local, pois uma história não pode ser esquecida, apagada, destruída desta forma, sem constrangimentos, sem motivos, causas ou culpados a serem apontados.

Na intervenção do Ecomuseu de Sepetiba sobre o território, encontra-se o texto a seguir, publicado, também no site *Ciranda.net*, em outubro de 2009, por ocasião da realização da *Roda de Lembranças* no bairro. Trata-se de um momento icônico para esta iniciativa comunitária, estando disponível no link: http://www.ciranda.net/RODA-DE-LEMBRANCAS-SEPETIBA?lang=pt_br, a transcrição do referido texto encontra-se na página 150.

Figura 115 - Imagem do texto acerca da Roda de Lembranças realizada no ano de 2009 que simboliza o momento do surgimento do Ecomuseu de Sepetiba enquanto iniciativa museológica



English Español français Português do Brasil Login

V FÓRUM MUNDIAL DE MÍDIA LIVRE 5º FMML

HOME Brasil Internacional FSM Ciranda Afro Feminismo Comunicação Compartilhada

Página inicial > BRASIL > RODA DE LEMBRANÇAS - SEPETIBA Memórias dos pescadores

RODA DE LEMBRANÇAS - SEPETIBA Memórias dos pescadores

sexta-feira 30 de outubro de 2009. por Bianca Wild.

RODA DE LEMBRANÇAS - SEPETIBA

Memórias dos pescadores

No dia 25 de outubro de 2009, Sepetiba foi brindada pela presença dos participantes da I Jornada de Formação em Museologia Comunitária realizada pela SMC/ Coord. de Museus, Ecomuseu de Santa Cruz, NOPH, ABREMC, UMCO.

A inclusão do bairro no roteiro da lornada através da realização da Roda de Lembranças no Centro Comunitário Santo Expedito proporcionou uma imensa alegria para aqueles que realmente defendem Sepetiba, reconhecem a importância do bairro e, principalmente sonham em ver o bairro senão como era antes, ao menos próximo do que desejam.

Os presentes tiveram o prazer de ouvir as narrativas de ícones locais, figuras quase emblemáticas como Seu Erasmo "o velho lobo do mar", "Seu" Jorge Salviano estrelas de nossa roda de lembranças, além de moradores como Dona Ivonida, esposa de Sérgio Pinto, o próprio Sérgio Pinto, Conceição do Movimento Fé e política, Eliane Roxo (Fé e Política), Willian Coelho uma das lideranças locais, diga-se de passagem, a única a comparecer, infelizmente não pudemos contar com a presença de alguns líderes de organizações do bairro.

Compartilhamos vivências e histórias narrando a Sepetiba "de antigamente" descrevendo como se deu o rápido processo de degradação ambiental, o "esquecimento" das memórias, o desaparecimento das narrativas a respeito da história local dos discursos contemporâneos, e, nos surpreendemos quando uma participante do museu do Folclore de São José dos Campos - SP narrou sua experiência em Sepetiba durante a infância, que lhe causou uma cicatriz no dedo polegar, impressionada com a situação atual do bairro, das praias que ela havia conhecido em 1939 ficou muito emocionada e exaltou a memória local nos incentivando na preservação das narrativas, do meio ambiente e de todo patrimônio material, imaterial, tangível e intangível que nos resta.

Nada mais justo aqui do que agradecer a Odalice Priosti e a Walter Priosti, aos professores Hugue de Varine e Teresa Moraes (INAH-UMCO/México), aos representantes do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Yara Mattos, Bruno Bedim, Kátia Moreira e alunos da UFOP), a Patrícia Berg (UIMCA -RS), Bruno Cruz (NOPH/Ecomuseu), Rafael Muniz do Ecomuseu de Itaipu - PR, aos membros da equipe do Ecomuseu da Amazônia - Belém do Pará e, é claro, não podemos esquecer de agradecer a boa vontade desses homens que sempre lutaram por Sepetiba: "Seu" Erasmo e "seu" Salviano - ao movimento Fé e Política que cedeu o espaço para realização do evento, ao movimento Atitude Sepetiba por ter cedido o Som e o microfone - A presença de Cláudia representando a AMORES - aos poucos moradores (infelizmente) que compareceram prestigiando este evento tão significativo e de suma importância para o bairro.

Além da troca de experiências e do pronto apoio oferecido pelos membros das equipes dos ecomuseus participantes da Jornada, o evento também foi muito importante para nós, moradores de Sepetiba mais contemporâneos, pois ao ouvir os relatos, as narrativas, sentimos despertar um sentimento talvez um pouco adormecido: a auto-estima - enquanto moradores, muitas vezes nos sentimos um tanto o quanto desprezados pelas autoridades e até mesmo por moradores de bairros de outras regiões da cidade do Rio de Janeiro, contudo após a Roda de lembranças, concluímos que a situação de Sepetiba nem sempre foi essa que vemos agora, já tivemos notoriedade, Sepetiba já foi uma região disputada pelos chamados "veranistas" que muitas vezes não conseguiam alugar casas no bairro tamanha a procura, Sepetiba outrora fora freqüentada por figuras importantes, Personagens históricas passaram pelo bairro reconhecendo sua beleza e tranqüilidade, como D. João VI, D. Pedro I, D. Leopoldina, José Bonifácio, o Visconde de Sepetiba, Jean Baptiste Debret dentre muitos outros.

Enfim, as pessoas ao construírem histórias estão construindo a si mesmas e ao outro como seres sociais, pois as narrativas como uma forma de organização do discurso, têm o potencial de criar um sentido de nós mesmos ao permitir que negociemos e construamos as nossas identidades sociais por meio dos eventos narrados[1].

Narrar é construir-se, e não podemos deixar que as narrativas, patrimônio imaterial importantíssimo para a

Fonte site da ciranda internacional da comunicação compartilhada

RODA DE LEMBRANÇAS - SEPETIBA Memórias dos pescadores
 sexta-feira 30 de outubro de 2009, por Bianca Wild,
 RODA DE LEMBRANÇAS - SEPETIBA

Memórias dos pescadores

No dia 25 de outubro de 2009, Sepetiba foi brindada pela presença dos participantes da I Jornada de Formação em Museologia Comunitária realizada pela SMC/ Coord. de Museus, Ecomuseu de Santa Cruz, NOPH, ABREMC, UMCO.

A inclusão do bairro no roteiro da Jornada através da realização da Roda de Lembranças no Centro Comunitário Santo Expedito proporcionou uma imensa alegria para aqueles que realmente defendem Sepetiba, reconhecem a importância do bairro e, principalmente sonham em ver o bairro senão como era antes, ao menos próximo do que desejam.

Os presentes tiveram o prazer de ouvir as narrativas de ícones locais, figuras quase emblemáticas como Seu Erasmo “o velho lobo do mar”, "Seu" Jorge Salviano estrelas de nossa roda de lembranças, além de moradores como Dona Ivonda, esposa de Sérgio Pinto, o próprio Sérgio Pinto, Conceição do Movimento Fé e política, Eliane Roxo (Fé e Política), Willian Coelho uma das lideranças locais, diga-se de passagem, a única a comparecer, infelizmente não pudemos contar com a presença de alguns líderes de organizações do bairro.

Compartilhamos vivências e histórias narrando a Sepetiba “de antigamente” descrevendo como se deu o rápido processo de degradação ambiental, o “esquecimento” das memórias, o desaparecimento das narrativas a respeito da história local dos discursos contemporâneos, e, nos surpreendemos quando uma participante do museu do Folclore de São José dos Campos - SP narrou sua experiência em Sepetiba durante a infância, que lhe causou uma cicatriz no dedo polegar, impressionada com a situação atual do bairro, das praias que ela havia conhecido em 1939 ficou muito emocionada e exaltou a memória local nos incentivando na preservação das narrativas, do meio ambiente e de todo patrimônio material, imaterial, tangível e intangível que nos resta.

Nada mais justo aqui do que agradecer a Odalice Priosti e a Walter Priosti, aos professores Hugue de Varine e Teresa Morales(INAH-UMCO/México), aos representantes do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto (Yara Mattos, Bruno Bedim, Kátia Moreira e alunos da UFOP), a Patrícia Berg (UIMCA -RS), Bruno Cruz (NOPH/Ecomuseu), Rafael Muniz do Ecomuseu de Itaipu - PR, aos membros da equipe do Ecomuseu da Amazônia - Belém do Pará e, é claro, não podemos esquecer de agradecer a boa vontade desses homens que sempre lutaram por Sepetiba: "Seu" Erasmo e "seu" Salviano - ao movimento Fé e Política que cedeu o espaço para realização do evento, ao movimento Atitude Sepetiba por ter cedido o Som e o microfone - A presença de Cláudia representando a AMORES - aos poucos moradores (infelizmente) que compareceram prestigiando este evento tão significativo e de suma importância para o bairro.

Além da troca de experiências e do pronto apoio oferecido pelos membros das equipes dos ecomuseus participantes da Jornada, o evento também foi muito importante para nós, moradores de Sepetiba mais contemporâneos, pois ao ouvir os relatos, as narrativas, sentimos despertar um sentimento talvez um pouco adormecido: a auto-estima - enquanto moradores, muitas vezes nos sentimos um tanto o quanto desprezados pelas autoridades e até mesmo por moradores de bairros de

outras regiões da cidade do Rio de Janeiro, contudo após a Roda de lembranças, concluímos que a situação de Sepetiba nem sempre foi essa que vemos agora, já tivemos notoriedade, Sepetiba já foi uma região disputada pelos chamados “veranistas” que muitas vezes não conseguiam alugar casas no bairro tamanha a procura, Sepetiba outrora fora freqüentada por figuras importantes, Personagens históricas passaram pelo bairro reconhecendo sua beleza e tranqüilidade, como D. João VI, D. Pedro I, D. Leopoldina, José Bonifácio, o Visconde de Sepetiba, Jean Baptiste Debret dentre muitos outros.

Enfim, as pessoas ao construírem histórias estão construindo a si mesmas e ao outro como seres sociais, pois as narrativas como uma forma de organização do discurso, têm o potencial de criar um sentido de nós mesmos ao permitir que negociemos e construamos as nossas identidades sociais por meio dos eventos narrados[1].

Narrar é construir-se, e não podemos deixar que as narrativas, patrimônio imaterial importantíssimo para a construção das identidades sejam perdidas, eventos deste tipo deveriam ser realizados regularmente, digo, Rodas de lembranças e de preferência com a presença dos jovens para que as narrativas não desapareçam.

Sepetiba é um bairro localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro onde ocorreram muitos eventos memoráveis no que concerne a formação do nosso país e a construção/formação da identidade nacional[2], é por meio da história que as pessoas comuns procuram compreender as “revoluções” e mudanças por que passam em suas próprias vidas: transformações sociais, culturais, guerras, mudanças comportamentais, econômicas, mudanças tecnológicas etc. Através da história local, um bairro ou uma cidade procura um sentido para sua própria natureza em mudança, em constante transformação e assim estabelecem-se os vínculos, necessários para mobilização e conseqüente desenvolvimento social de uma comunidade, de um povo. Thompson (1992)

[1] MOITA LOPES, L. P. da . Discursos de identidades. Campinas: Mercado de Letras, 2003, 153.

[2] Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essenciais de uma pessoa ou de um grupo, porém acreditamos que quando um determinado grupo de pessoas não se sente integrado a um contexto social, cultural ou histórico específico pode conhecer um sentimento de descontinuidade e de ausência de referência incomodo e, muitas vezes desorientador, é o que ocorre com alguns moradores do bairro entrevistados.

Por fim, mais uma iniciativa desta pesquisadora na sua atuação no Ecomuseu de Sepetiba: a criação de um blog, uma espécie de “diário online” no qual são publicados regularmente diversos conteúdos, como textos e imagens, dedicados ao bairro de Sepetiba. Na imagem a seguir a descrição do blog criado por esta pesquisadora, disponível em <http://odespertardesepetiba.blogspot.com.br>

Figura 116 - Imagem do Blog “O despertar de Sepetiba, criado por esta pesquisadora



Fonte: Própria

Na descrição:

“Este Blog tem como objetivo principal a divulgação da verdadeira situação do bairro de Sepetiba, localizado na Zona Oeste da Cidade do Rio de Janeiro, bem como trazer à baila a importante história do bairro e suas imediações.”

Vale destacar aqui a mais recente matéria publicada que cita o trabalho do Ecomuseu de Sepetiba e esta pesquisadora, publicada no Jornal O Dia, no mês de agosto do ano de 2018, seguem os screenshots da versão online da referida matéria. A transcrição encontra-se na página 155. Matéria disponível na página do Jornal O Dia.

Figura 117 – Screenshots da matéria mais Recente acerca deste Ecomuseu publicada no jornal ODIA



Tudo isso, no entanto, faz parte do passado. A partir dessa mesma década de 1970, obras de dragagem mal feitas para a construção do Porto de Sepetiba e a instalação de indústrias de metal pesado iniciaram o processo de poluição da baía, agravada com o despejo de esgoto in natura.

Poluída a baía, os turistas foram embora, a pesca sofreu um duro baque e as casas de veraneio se esvaziaram, um processo de decadência que se intensificou até os dias de hoje. Sepetiba não tem hospital, teatro, cinema, livraria, ciclovias, sequer um shopping. Suas três praias (do Cardo, Dona Luísa e Sepetiba) são dominadas pela lama, não mais a lama com a qual os banhistas lambuzavam o corpo antigamente e diziam ter propriedades terapêuticas.

O bairro de Sepetiba já foi o balneário da cidade do Rio de Janeiro, com suas águas calmas e limpas atraindo milhares de pessoas, principalmente no verão, quando várias casas eram alugadas, movimentando a economia local, que vivia basicamente do turismo e da pesca. Na década de 1970, o bairro ficaria mais conhecido ainda com a gravação da novela 'O Bem-Amado', de Dias Gomes, exibida pela TV Globo, com o famoso prefeito Odorico Paraguaçu, interpretado por Paulo Gracindo, proferindo seus discursos repletos de "emborasmentes" no coreto da Praça Washington Luís, que ainda existe e é tombado pelo governo do estado desde 1985.

Tudo isso, no entanto, faz parte do passado.

hoje. Sepetiba não tem hospital, teatro, cinema, livraria, ciclovias, sequer um shopping. Suas três praias (do Cardo, Dona Luísa e Sepetiba) são dominadas pela lama, não mais a lama com a qual os banhistas lambuzavam o corpo antigamente e diziam ter propriedades terapêuticas.

Mas, apesar de tudo, a população reage. E uma das iniciativas mais duradouras e interessantes que conheci já há um bom número de anos é a do Ecomuseu de Sepetiba, que promove vários eventos no bairro, como o Passeio de Reconhecimento e de Ecoturismo, que é gratuito e ocorre sempre no primeiro domingo do mês, às 9 da manhã, partindo do coreto e reunindo pessoas para visitarem o Cais Imperial, a Ilha do Marinheiro (quando a maré está baixa) e

Figura 118 – Screenshots da matéria mais Recente acerca deste Ecomuseu publicada no jornal ODIÁ

interessantes que conectei já na um dom
 número de anos é a do Ecomuseu de
 Sepetiba, que promove vários eventos no
 bairro, como o Passeio de Reconhecimento e
 de Ecoturismo, que é gratuito e ocorre
 sempre no primeiro domingo do mês, às 9 da
 manhã, partindo do coreto e reunindo

manhã, partindo do coreto e reunindo
 pessoas para visitarem o Cais Imperial, a Ilha
 do Marinheiro (quando a maré está baixa) e
 realizando ao longo do passeio, que dura em
 média três horas, palestras sobre a
 importância histórica da região e ações de
 conscientização ambiental. O Ecomuseu
 começou suas atividades em 2009, por
 iniciativa da professora Bianca Wild, e seu
 objetivo, como de todo ecomuseu, é
 estimular a comunidade a desenvolver o
 território que habita, valorizando o seu
 patrimônio.

Já participei algumas vezes do passeio e
 posso garantir que não é muito puxado; há
 apenas uma pequena subida, para quem
 quiser, onde chegamos ao Mirante de
 Sepetiba, de onde se tem uma bela visão da

Já participei algumas vezes do passeio e
 posso garantir que não é muito puxado; há
 apenas uma pequena subida, para quem
 quiser, onde chegamos ao Mirante de
 Sepetiba, de onde se tem uma bela visão da
 baía. Foi neste passeio também que vi pela
 primeira vez um sambaqui, que são reservas
 arqueológicas formadas por conchas, ossos,
 material calcário e outros ingredientes, e que
 indicam a localização e o deslocamento dos
 povos mais antigos a frequentarem aquele
 local. Sepetiba, na língua tupi, a língua falada
 pelos índios tupinambás que viveram

pelos índios tupinambás que viveram

naquela região, significa "muito sapê", um
 tipo de vegetação comum na região.

Tudo isso é contado no passeio do
 Ecomuseu de Sepetiba, além da palestra
 sobre conscientização ambiental, sobre os
 motivos da degradação da praia e de como,
 apesar de tudo o que aconteceu, é
 importante preservar o que ainda existe.
 Muitas vezes as caminhadas são feitas com
 estudantes de escolas do bairro e algumas
 vezes, no próprio roteiro do primeiro domingo
 do mês ou em outros, os visitantes recebem
 sacolas para recolherem o lixo que,
 infelizmente, ainda é jogado no belo percurso
 que é feito.

Para a garotada que gosta de histórias de
 piratas, sempre é mencionado o grande

Sepetiba, o paraíso perdido

Por Jornalista e escritor, André Luís Mansur Baptista

Publicado às 03h00 de 21/08/2018

O bairro de Sepetiba já foi o balneário da cidade do Rio de Janeiro, com suas águas calmas e limpas atraindo milhares de pessoas, principalmente no verão, quando várias casas eram alugadas, movimentando a economia local, que vivia basicamente do turismo e da pesca. Na década de 1970, o bairro ficaria mais conhecido ainda com a gravação da novela 'O Bem-Amado', de Dias Gomes, exibida pela TV Globo, com o famoso prefeito Odorico Paraguaçu, interpretado por Paulo Gracindo, proferindo seus discursos repletos de "emborasmentes" no coreto da Praça Washington Luís, que ainda existe e é tombado pelo governo do estado desde 1985.

Tudo isso, no entanto, faz parte do passado. A partir dessa mesma década de 1970, obras de dragagem mal feitas para a construção do Porto de Sepetiba e a instalação de indústrias de metal pesado iniciaram o processo de poluição da baía, agravada com o despejo de esgoto in natura.

Poluída a baía, os turistas foram embora, a pesca sofreu um duro baque e as casas de veraneio se esvaziaram, um processo de decadência que se intensificou até os dias de hoje. Sepetiba não tem hospital, teatro, cinema, livraria, ciclovias, sequer um shopping. Suas três praias (do Cardo, Dona Luísa e Sepetiba) são dominadas pela lama, não mais a lama com a qual os banhistas lambuzavam o corpo antigamente e diziam ter propriedades terapêuticas.

Mas, apesar de tudo, a população reage. É uma das iniciativas mais duradouras e interessantes que conheci já há um bom número de anos é a do Ecomuseu de Sepetiba, que promove vários eventos no bairro, como o Passeio de Reconhecimento e de Ecoturismo, que é gratuito e ocorre sempre no primeiro domingo do mês, às 9 da manhã, partindo do coreto e reunindo pessoas para visitarem o Cais Imperial, a Ilha do Marinheiro (quando a maré está baixa) e realizando ao longo do passeio, que dura em média três horas, palestras sobre a importância histórica da região e ações de conscientização ambiental. O Ecomuseu começou suas atividades em 2009, por iniciativa da professora Bianca Wild, e seu objetivo, como de todo ecomuseu, é estimular a comunidade a desenvolver o território que habita, valorizando o seu patrimônio.

Já participei algumas vezes do passeio e posso garantir que não é muito puxado; há apenas uma pequena subida, para quem quiser, onde chegamos ao Mirante de Sepetiba, de onde se tem uma bela visão da baía. Foi neste passeio também que vi pela primeira vez um sambaqui, que são reservas arqueológicas formadas por conchas, ossos, material calcário e outros ingredientes, e que indicam a localização e o deslocamento dos povos mais antigos a frequentarem aquele local. Sepetiba, na língua tupi, a língua falada pelos índios tupinambás que viveram naquela região, significa "muito sapê", um tipo de vegetação comum na região.

Tudo isso é contado no passeio do Ecomuseu de Sepetiba, além da palestra sobre conscientização ambiental, sobre os motivos da degradação da praia e de como, apesar de tudo o que aconteceu, é importante preservar o que ainda existe. Muitas vezes as caminhadas são feitas com estudantes de escolas do bairro e algumas vezes, no

próprio roteiro do primeiro domingo do mês ou em outros, os visitantes recebem sacolas para recolherem o lixo que, infelizmente, ainda é jogado no belo percurso que é feito.

Para a garotada que gosta de histórias de piratas, sempre é mencionado o grande número de corsários e piratas que navegaram pela região, como o francês Jean François Du Clerc, que invadiu o Rio de Janeiro em setembro de 1710 por Barra de Guaratiba, mas antes fez estragos em Angra dos Reis e na Baía de Sepetiba. E para melhorar a autoestima dos moradores é falado sobre o tempo em que Sepetiba fazia parte do poder, já que negociações para o processo de independência do Brasil passaram por suas águas quando a imperatriz Leopoldina, em 16 de janeiro de 1822, recebeu José Bonifácio em Sepetiba, e de quando também suas praias eram frequentadas por D. João VI na época da imponente Fazenda de Santa Cruz.

3.2 Salvadores do futuro – Ecomuseus comunitários

Huyssen (2004) chamou de museificação o interesse intenso e repentino pelo passado e sua presença em nosso cotidiano, perguntando-se os motivos para esse interesse, apesar de os jovens não estarem ainda tão interessados em ouvir sobre o passado. Segundo o autor, esse fenômeno estaria ligado às incertezas do futuro, acrescidas da aceleração do tempo, de que nos fala Pierre Nora, no artigo *Entre memória e História: a problemática dos lugares* (1993, p. 7). Esse movimento caracteriza a circunstância em que o passado vai cedendo seu lugar para a ideia do eterno presente através do uso da expressão aceleração da história. Neste momento, segurar traços e vestígios é a maneira de se opor ao efeito devastador e desintegrador da rapidez contemporânea.

Huyssen adverte acerca da crise que pode assinalar a relação entre memória e esquecimento, transformando-a em conformidade, consenso ou mesmo em clichê. Huyssen menciona a hipótese de que arriscamos combater o medo do esquecimento com táticas de sobrevivência de rememoração pública e privada. Deste modo, cada vez mais são erguidos monumentos, criados museus e espaços de memória, arquivos, e uma sucessão de instituições que valorizam o passado (Centros de memória, tipos variados de museus, pontos de memória - no caso do Brasil -, dentre outras). Assim, ele alerta para a eclosão da memória como ponto focal das apreensões culturais e políticas das sociedades ocidentais contemporâneas.

Paul Thompson destaca que por meio do estímulo ao ato de lembrar, os indivíduos podem reavivar e reviver ilusões e sonhos que marcaram suas vidas individuais ou comunitárias; reconstruir a atmosfera de outros tempos, lembrando hábitos, cheiros, gostos, climas, sons, valores, e práticas da vida cotidiana; reanimar emoções de diferentes naturezas: individuais, sociais, políticas, culturais; lembrar convivências mútuas que se constituíram na dinâmica da História; representar e reavivar correntes de pensamento; reviver embates políticos e ideológicos; reconstituir climas de religiosidade, de lazer, de companheirismos, de lutas.

Assim, da mesma maneira como alcançar e abranger toda a amplitude do passado consiste num desafio, despertar, vivificar e revigorar a memória consiste em provocação semelhante. É, pois, ilimitada, imensurável, híbrida, repleta de símbolos e signos e variadas concepções de mundo, que às vezes se coadunam, se completam, se confirmam, se transformação e se renovam. Para Bobbio

O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. [...] Se o futuro se abre para a imaginação, mas não nos pertence mais, o mundo passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, debruçar-nos sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade. (Bobbio, 1997, p. 30 - 31)

Rememorar, portanto, é um processo íntimo de reencontro consigo mesmo. Portelli, por sua vez, descreve que o ato de lembrar é sempre individual; pessoas e não grupos se lembram. Cada indivíduo tira memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma individual, característica, subjetiva. Essa memória pode ser compartilhada. Só se torna memória coletiva aquela que foi abstraída e separada da individual. Andreas Huyssen, denominou a sedução pela memória, acompanhada por uma monumentalização das formas de relação com o passado, possibilitando-nos concluir que, na formulação conceitual freudiana, relaciona-se à recordação de cenas vividas ou imaginadas, e, deste modo, supõe uma centralidade da lembrança e seus mecanismos de constituição de sujeitos.

Destacamos o pensamento destes autores porque o ato de lembrar está no centro de nossas análises e impulsiona e alimenta a iniciativa pesquisada. Analisar as transformações nos discursos e narrativas dos moradores locais, bem como verificar o alcance do Ecomuseu, foram objetivos desta pesquisa. Desse modo, após uma breve reflexão ainda acerca desse tipo de museu que são capazes de surpreender e inovar, iremos apresentar alguns fragmentos de entrevistas realizadas com moradores e moradoras que residem no bairro há mais de 10 anos, com idade entre 12 e 72 anos mais especificamente, portanto, de gerações distintas.

O norteador da compreensão deste conceito ainda pouco compreendido, Hugues de Varine, indica três posturas fundamentais destes novos museus: a função social de promover o desenvolvimento a partir de práticas profissionais e institucionais, em função de objetivos políticos e culturais; o engajamento de profissionais de museus como atores conscientes e ativos no acompanhamento cultural da mudança da sociedade e a proposta de novos papéis ao corpo social e às estruturas institucionais ou privadas.

O Ecomuseu, em sua multiplicidade comunitária, constitui-se de uma comunidade e possui um objetivo central: o desenvolvimento da comunidade. Ou seja, a partir dessa prática, a comunidade se conscientiza do seu papel e assume responsabilidade para com o patrimônio, usando-o como um dos recursos para o desenvolvimento local. “Uma educação para a libertação e não para a dominação”; plantar a semente, despertar o amor, o desejo de preservação e a conscientização dessas gerações é mister para o desenvolvimento da comunidade. Nessa atuação pedagógico-museológica criam-se situações de pesquisa, leitura e interpretação do espaço/território e das mudanças que nele ocorrem em função do tempo, de identificação e preservação de bens simbólicos coletivos, de construção de memória e identidade e mesmo de registro e de documentação.

O museu tradicional, com toda a sua suntuosidade e tradição, em nossa concepção, é um sustentáculo da ideologia dominante, perpetuando paradigmas pré-estabelecidos de cima para baixo. Em sentido oposto, os museus chamados de museus de resistência, Ecomuseus, tomaram a autogestão como estratégia e ideal. Varine indica duas definições temporárias que distinguem o Ecomuseu: 1 - o desenvolvimento local é um processo voluntário de domínio da mudança cultural, social e econômica, enraizado em um

patrimônio vivenciado, nutrindo-se deste e gerando patrimônio. 2 - o patrimônio (natural e cultural, vivo ou consagrado) é um recurso local que não tem outra razão de ser senão a sua integração nas dinâmicas de desenvolvimento. Herdado, transformado, produzido e transmitido de geração a geração, o patrimônio pertence também ao futuro. (VARINE, 2012, p. 14)

Varine identifica duas conclusões, segundo ele, inevitáveis: o desenvolvimento não será sustentável, e, portanto, real, se não for feito em consonância com o patrimônio, e se não contribuir para a vida e para o enriquecimento deste; o desenvolvimento não pode acontecer sem a participação efetiva, ativa e consciente da comunidade que detém esse patrimônio. (VARINE, 2012, p. 14). No quadro a seguir, uma comparação entre os elementos constituintes de um museu tradicional e de um ecomuseu:

Figura 119 – Esquema de diferenciação ente os museus tradicionais e os Ecomuseu criado por Odalice Priosti



Fonte: Jornal O Quarteirão

Precisamos ressaltar que no processo de constituição de um ecomuseu não existe um modelo a ser seguido, um molde do que seria um perfeito Ecomuseu, um padrão para um museu de território. Cada comunidade, cada grupo, irá se apropriar da forma que melhor lhe convier dos seus patrimônios, de acordo com as suas necessidades, características do seu território, ocupação do espaço, transformações na paisagem e peculiaridades dos seus patrimônios naturais, culturais, históricos, materiais ou imateriais. Cada ecomuseu comunitário irá determinar o caminho a seguir na construção de seu inventário patrimonial, a forma como esse patrimônio será aplicado às suas necessidades e especificações.

São os indivíduos que estabelecem e constroem as suas perspectivas, concepções e representações dos diferentes contextos e épocas, de acontecimentos e fatos que marcaram a sua história de vida. As pesquisas e investigações sobre o passado sempre estão ligadas ao tempo, à relação entre presente e passado, entre a época vivida e a pretérita. História, tempo, memória e espaço estão intrinsicamente relacionados, seja para compreensão do processo histórico, para reflexão e intervenção na realidade ou mesmo na busca da (re)construção da memória.

3.3 A participação, as entrevistas, as narrativas: A arte de narrar está em vias de extinção?

As pessoas, ao construírem histórias estão construindo a si mesmas e ao outro como seres sociais, pois as narrativas como uma forma de organização do discurso, têm o potencial de criar um sentido de nós mesmos ao permitir que negociemos e construamos as nossas identidades sociais por meio das lembranças evocadas e dos eventos narrados. Narrar é construir-se, e não podemos deixar que as narrativas, herança social e tradição, desapareçam, pois através das narrativas dizemos quem somos, nossos anseios, angústias, desejos, crenças, valores, nos construindo, reconstruindo e aos outros. Ouvir, contar e transmitir oralmente é de suma importância para as futuras gerações.

De acordo com Moita Lopes: “as narrativas são instrumentos que usamos para fazer sentido do mundo a nossa volta e, portanto, de quem somos” (MOITALOPES, 2002, p.64). Deste modo, o narrar é basilar para criar um sentido, um significado; narrar significa construir-se, construir aos outros e construir o mundo social. Para Moita Lopes um dos papéis das narrativas relaciona-se à questão do processo de construção de identidades sociais, “o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros” (2001, p. 63).

A memória tem um papel fundamental na construção da identidade, tanto individual quanto coletiva; memória e identidade não devem ser compreendidas como manifestações de alguma essência do indivíduo ou do grupo, mas sim fenômenos que se

constroem socialmente e que, portanto, não estão isentos de mudanças desenvolvidas em virtude das “preocupações pessoais e políticas do momento” (POLLAK, 1992, p. 201).

Há tempos, o filósofo Walter Benjamin afirmou que a arte de narrar está desaparecendo, porque a sabedoria, o lado épico da verdade, está em extinção. (1987, p.198). Para esse pensador alemão, o narrador retiraria da experiência o que ele conta, ou seja, sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes. E, se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio; a razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações, quase nada do que acontece está a serviço da informação, estando, talvez, a serviço da desinformação. A informação só tem valor no momento em que é nova, muito diferente é a narrativa, uma vez que ela conserva sua força e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.

Partindo de nossa observação, análise e ação no Ecomuseu de Sepetiba, pudemos notar que mesmo indo “contra a maré” três moradores mantém a tradição de narrador no bairro. São três homens que trazem à baila fatos, lembranças, momentos que muitos nunca tomaram conhecimento e outros só saberiam por “ouvir contar” através de seus avós. Iremos apresentar aqui alguns fragmentos das entrevistas realizadas com “Seu” Durval Paes de Camargo, “Seu” Jorge Salviano e “Tio” Silvan, depositários das memórias e tradições do bairro.

A pedido dos entrevistados, eles serão apresentados de forma resumida. Começamos com o “Seu” Jorge Salviano: um militar aposentado, que ingressou na Força Aérea Brasileira no ano de 1957; foi instrutor de recrutas, um grande apreciador da natureza, atleta em seus áureos tempos, figurando entre os vencedores da prova intitulada “Travessia da Restinga da Marambaia”.

Militante ferrenho das causas ambientais, “Seu” Jorge Salviano foi um dos fundadores do Movimento S.O.S Baía de Sepetiba e lutou ao lado de Seu Erasmo Pedrosa, conhecido como o Velho Lobo do Mar ou Papai Noel de Sepetiba, hoje infelizmente já falecido, pela despoluição da tão sofrida baía de Sepetiba. Seu Salviano sempre foi militante e hoje, passando da casa dos setenta anos, ainda milita, pois inaugurou a sua

casa Ecológica²⁹, localizada na praia do Recôncavo, em Sepetiba no mês de dezembro de 2017. Sempre está disposto a dar entrevistas, mostrar os impactos da degradação aos interessados, denunciando a poluição e os perigos iminentes aos moradores e pescadores do bairro, vive a incentivar os mais jovens a seguirem sua luta.

Seu Salviano guarda com carinho as matérias publicadas em jornais acerca de seu empenho na luta pela despoluição da baía de Sepetiba, entre elas a matéria do jornal *O Globo*, publicada em 20 de junho de 1993, que comprova sua trajetória de lutas pelo bairro, a qual reproduzimos abaixo:

Figura 120 – Matéria do Jornal O Globo onde seu Salviano é citado e entrevistado

Sepetiba pede socorro

Moradores prometem chamar atenção para os problemas da baía poluída

Sepetiba promete parar em protesto contra o abandono da Baía de Sepetiba. Os moradores, que semana passada já deram uma prévia do que poderão fazer, quando mais de 300 pessoas fizeram uma manifestação na Praça do Coreto, reivindicam das autoridades municipais e estaduais uma solução para a despoluição da baía.

— Moro há mais de 40 anos em Sepetiba e estou vendo essa baía morrer. Antigamente era possível tomar banho de mar sem nenhuma preocupação. Hoje não há mais praia, só tem lama imunda. É preciso que se faça alguma coisa para não transformar a Baía de Sepetiba numa Baía da Guanabara. A dragagem da baía é uma solução que já foi apresentada pelos técnicos do Governo, mas que até agora não saiu do papel — protesta Jorge Nogueira.

O presidente do movimento SOS Baía de Sepetiba, Jorge Salviano Machado, já está arquivando as “armas” do



Pescadores protestam contra a Feema, a quem responsabilizam pelo abandono da baía

protesto. Segundo ele, os manifestantes colocarão bombas com pequeno poder de explosão na lama da praia. Mais lama será colocada nas pistas em frente ao calçadão da Praia de Sepetiba.

— Precisamos fazer algo para chamar a atenção das autoridades. A Baía de Sepetiba é um nascedouro de várias espécies. Não podemos deixá-la morrer — diz Salviano.

Segundo ele, a Baía de Se-

petiba é responsável pelo sustento de mais de dois mil pescadores da região, mas com a poluição e o assoreamento da baía, os peixes estão morrendo. O linguado, principal pescado da baía, está cada vez

mais raro nas águas de Sepetiba. Por causa destes problemas está trocando de habitat.

— Muitas famílias de pescadores estão morrendo de fome. Os que insistem em sair para pescar ainda têm que disputar espaço com grandes embarcações que entram na Baía atrás de cardumes — reclama o presidente do SOS Baía de Sepetiba.

No ano passado, os integrantes do movimento SOS Baía de Sepetiba participaram da Rio-92, onde foram uma das diversas Organizações Não Governamentais (ONGs). Durante a conferência, os pescadores de Sepetiba ancoraram uma grande jangada na Marina da Glória mostrando a situação da baía e pedindo providências.

A Secretaria Municipal de Obras está concluindo o projeto de macro-dragagem da Baía de Sepetiba. A previsão é de que num curto espaço de tempo as obras iniciem. Com isso, rios, canais e valas negras que desembocam na baía serão despoluídos.

Fonte: Acervo pessoal de Jorge Salviano

O senhor Jorge Salviano, em abril deste ano, esteve internado por quinze dias devido a uma infecção alimentar. Mas mesmo assim, logo que retornou à casa ecológica,

²⁹ A casa Ecológica localiza-se na praia do Recôncavo, no bairro de Sepetiba, e trata-se de um projeto antigo de Jorge Salviano, iniciado no início dos anos de 1990 em parceria com Seu Erasmo Pedrosa, conhecido como o “Lobo do mar” ou Papai Noel de Sepetiba, com o objetivo de lutar pela despoluição da baía de Sepetiba e conscientizar a população, o projeto parou por algum tempo e foi retomado no ano de 2017.

já traçou planos e aceitou receber a nova Exposição deste Ecomuseu na semana de museus do ano de 2018, bem como concordou em realizar *Roda de Lembranças* no mesmo local.

Ao indagarmos sobre o que ele pensa acerca do trabalho e atuação do Ecomuseu de Sepetiba, afirmou:

Filha, eu já fiz um monte de coisas, tava aí metido em tudo, ainda aguento o tranco, mas vocês precisam me ajudar, essa casa aqui (referindo-se à sua chamada “Casa ecológica”) é de vocês, vocês podem vir aqui, trazer prefeito, governador, reclamar, eu quero é isso! Que vocês continuem, eu não sou ingênuo de acreditar que ainda vou ver ou meus netos ou bisnetos essa praia como eu tive o privilégio de ver, mas pelo menos perturbar essa gente a gente pode (risos) acredito muito em você, ti vi novinha por aí, fomos passear de Jipe, lembra? Sei que vocês estão no caminho certo.

A ouvirmos o relato de Jorge Salviano sobre o que viu e viveu no bairro, podemos imaginar a dimensão de todo o processo de degradação pelo qual Sepetiba passou. Podemos reconhecer as transformações drásticas ocorridas em sua baía, na paisagem natural, cultural, nos modos de vida, nas dinâmicas sociais e um período ainda não superado de estagnação econômica.

“Seu” Jorge Salviano ao ser indagado sobre a história local e a importância da memória e da história na constituição do bairro e seus moradores, responde-nos destacando os motivos que, na sua visão, levaram Sepetiba a um processo de degradação ambiental.

Os motivos da degradação da baía de Sepetiba, os impactos ambientais, vamos falar de impacto ambiental? Então para falar de impacto ambiental a gente tem que voltar aos anos 60, né? Aquele retrato cheio de gente na praia, cheio daquelas cabecinhas, tá aí contigo? **(Pergunta referindo-se a um retrato doado por ele ao Ecomuseu de Sepetiba)** ... Até a década de 60 quando trouxeram a Vila Kennedy para cá que foi aquela confusão danada, vivia em paz, nossa zona oeste era chamada zona rural, daqui se abastecia a cidade, daqui se abastecia até o cais do porto lá dos marinheiros **(aponta para ilha do Marinheiro)** isso aqui era lindo, farto que só... então vamos falar da república só pra cá, até os anos de 1950, 1949, o tempo que eu tenho de Sepetiba, eu tenho 70 anos de Sepetiba, então vamos falar do pós guerra, eu já estava aqui em Sepetiba, então Sepetiba era... **(pausa longa)** não dá pra explicar, era um paraíso, todo mundo se entendia, a fartura no mar era uma coisa impressionante, em terra era um pomar, porque isso aqui era um pomar, porque quando os portugueses tomaram isso aqui, o Brasil foi a independência, essa área ficou abandonada, tudo nascia, tudo dava,

pegava fruta do conde, o caju você pegava de carrinho de mão, no mar então, só faltava (**assobia**) o peixe vinha aqui, (**risos**) porque era tanto peixe, ... jogava o anzol na água pro peixe afundar, o (**Incompreensível**) ficava boiando tinha que espalhar o peixe com a mão primeiro (**risos**), mas era quase assim, era quase assim, não precisava pescar de rede, a gente andava pela beira da praia assim, os camarões ia pulando, se pegasse um bocado de areia e jogasse na água pulava um monte na beira da praia, a baía de Sepetiba era quase um tapete de camarão...

No fragmento narrativo chama a atenção a relação afetiva do entrevistado com o bairro, bem como sua preocupação com a transformação ambiental sofrida no local ao longo dos anos, de um período áureo e de abundância para outro de escassez e abandono.

Observamos nas entrevistas de moradores mais jovens do que Jorge Salviano, o mesmo destaque para a fartura do camarão na praia, fato que evidencia como era importante a balneabilidade e como a degradação ambiental impactou negativamente a vida destes homens e mulheres. Segundo Benjamin (1987, P. 198 - 204), a narrativa é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação, ela não está interessada em transmitir “o puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Benjamin afirmou que não percebemos que a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado; para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade da reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades, a reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração, quem escuta uma história está em companhia do narrador, pois este que narra hoje ouviu ontem de outro narrador.

“Seu” Jorge Salviano continua sua narrativa contando-nos como era o bairro. Ao perguntarmos sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores ao longo dos anos, seu Salviano respondeu:

Não tinha luz mesmo, não tinha nada...só tinha aqui três casas, o mar era uma beleza... era uma coisa que não tinha explicação, aquela lama era medicinal, tinha até o sabonete preto da lama, né?, o lamiol, hoje é merdeol, uma coisa incrível, Sepetiba foi sendo descoberto depois da guerra, quem descobriu Sepetiba foi os ex combatentes, pode ver que só tem ex coronel aqui, do exército, marinha e aeronáutica, rua general não sei o que, rua capitão não sei o que, tenente fulano de tal ... bastava furar um buraco de 2 metros pra água vim... olho grande, morar num lugar

onde não precisava gastar dinheiro...agora eu nem reconheço mais alguns lugares, pior é para vocês, eu acho que a maior dificuldade foi essa degradação, destruíram essa baía linda.

E continua sua narrativa, acabando por surpreender ao contar que a baía de Sepetiba um dia já foi chamada de “baía dos milagres”:

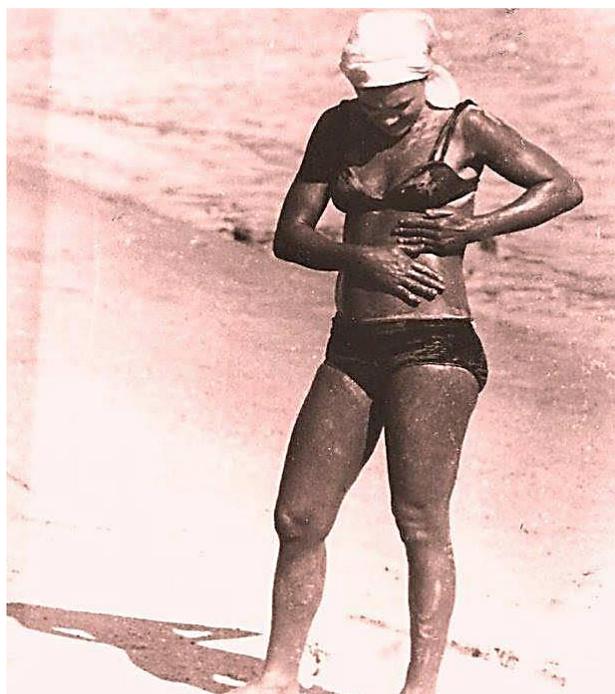
SePETiba era realmente a baía dos milagres, era uma coisa incrível, milagre, ela fazia milagre, era a baía dos milagres, ela curava as pessoas...

Além de privilegiar os aspectos culturais do bairro, enfatiza os aspectos econômicos do local, enumerando algumas de suas dificuldades:

a população foi crescendo desordenada... houve uma explosão demográfica muito grande em Sepetiba, a ambição maior, explorar a baía de Sepetiba... aí veio o distrito industrial pra cá, 1963, né? ... aí nossa baía virou uma escala industrial...até 1970 ainda estava bom...chegou um ponto que descobriram Sepetiba, na outra praia (referindo-se à Praia de Sepetiba), porque essa aqui ninguém vinha (Praia do Recôncavo/ Dona Luíza) ... aí veio a água vermelha, era o cádmio, da Ingá, os manguezais tudo vermelho... aquilo já era o efeito aí a degradação nunca parou...

A areia milagrosa alimentou o imaginário da população local, haja vista a imagem que se segue, na qual uma mulher na praia de Sepetiba encontra-se espalhando sobre seu corpo a lama dita medicinal em busca de cura para seus problemas de saúde, na década de 1950, foto do acervo do NOPH-Ecomuseu de Santa Cruz.

Figura 121 – Banhista na praia de Sepetiba passando a Chamada “Lama medicinal” na década de 1950



Fonte: Acervo do NOPH – Ecomuseu de Santa Cruz

Sobre o sabonete ou sabão preto mencionado por Seu Salviano, cabe ressaltar que segundo relatos, na primeira metade da década de 1970, um morador, conhecido por Anacleto José do Alto, apelidado “Seu Lameol”, que morava na Rua do Iate, acreditava nos efeitos ditos milagrosos da Lama medicinal de Sepetiba, para cura do reumatismo, de problemas de pele e até mesmo de queda de cabelo. Anacleto fabricava produtos feitos com a lama medicinal em sua residência, e lá mesmo realizava consultas, mesmo sem nenhuma formação em medicina, receitava seus produtos. Anacleto teria nascido em São Paulo, mais precisamente na cidade de São José dos Campos, mudando-se para o bairro no ano de 1957. Como marketing, dizia ter curado uma doença que o acometia com a lama medicinal e por isso fabricava os produtos e os receitava, pois possuía plena confiança em sua eficácia. Segundo seu Salviano, seu Jujuca e seu Durval, Anacleto teria registrado a empresa e o chamado Lameol, patenteado uma série de produtos. Este é apenas mais um exemplo da construção narrativa da história local, que povoa o imaginário e alimenta a memória que vai sendo construída em movimento de permanente transformação.

Nosso segundo entrevistado, foi o “Seu” Durval Paes de Camargo, um caíçara, como gosta de ser chamado; é uma figura doce e simples. Solícito, está sempre sentado à sua porta, disposto a contar suas histórias e compartilhar suas lembranças. Foi funcionário público aposentado; pai, avô e bisavô, pertence a mesma geração que o Seu Salviano, estando na casa dos setenta anos. Artista plástico, produz lindas esculturas de madeira, garças, barquinhos, jacarés dentre outros; constrói barcos de pesca e caiaques, gosta de ser chamado de “caiqueiro” e não de “artesão naval” ou carpinteiro naval. Segundo ele, a habilidade foi herdada dos seus ancestrais caíçaras, habilidosos construtores de canoas, nos brindando, muitas vezes, com o prazer de observá-lo em ação. Conversar com “Seu” Durval nos encanta; ele canta, compõe músicas e poesias. Uma de suas composições denuncia a situação de degradação da praia de Sepetiba, como se pode verificar a seguir:

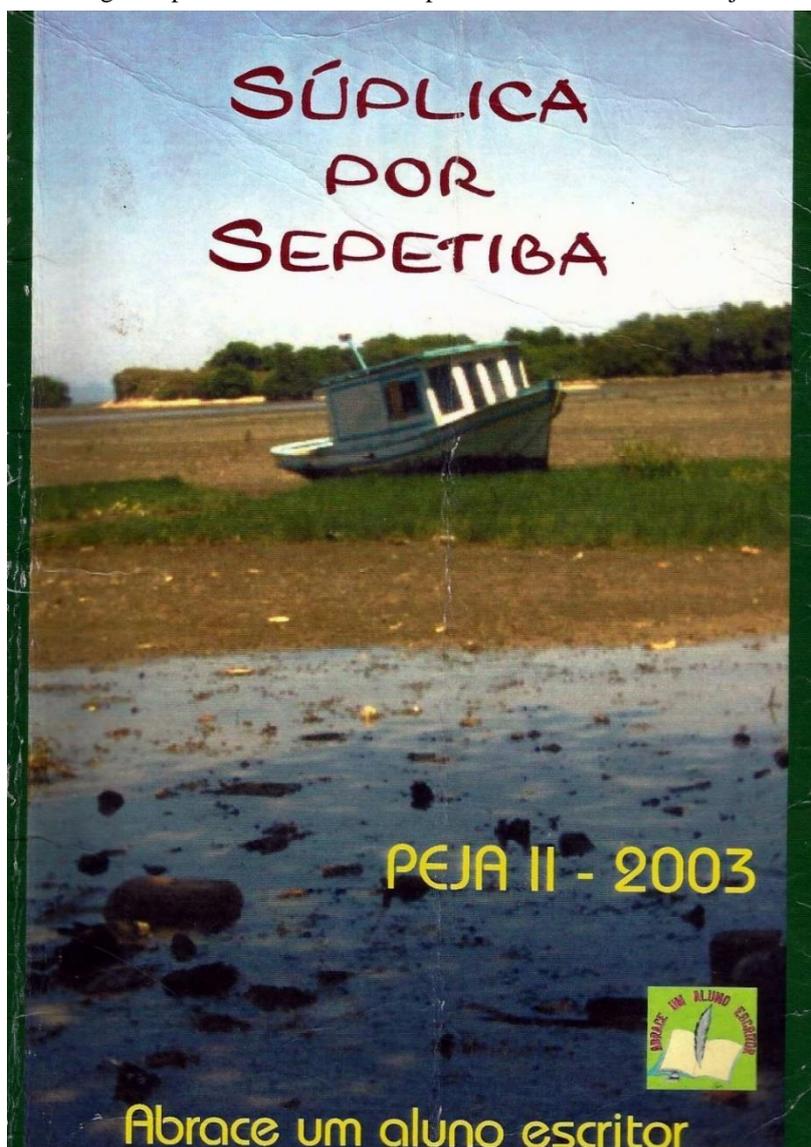
Tá esquisito, tá esquisito, a praia cheia de mato, está cheia de mosquitos, água não tem, acabou o banho de mar, eu estou acreditando, acabou o banho de mar, quero ir na beira praia e deixar a água me molhar.

Quando perguntamos ao “Seu” Durval sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro ao longo dos anos, ele nos responde com um discurso inflamado de indignação

Sepetiba sempre foi um lugar pitoresco, um lugar atraente, a Globo escolheu Sepetiba para fazer suas novelas, seus seriados, a Globo tem um arquivo disso aqui como era antes. Depois que fizeram esse porto aí, o porto de Sepetiba, que é porto de Itaguaí, passou... no início era porto de Sepetiba, tá? Fizeram lá um plebiscito e jogaram o porto pra Itaguaí, lá na frente lá do mar de Itaguaí, depois que foi feito esse porto, essa dragagem, acabou com Sepetiba, matou Sepetiba, Sepetiba não está morrendo, na minha maneira de ver, Sepetiba morreu, quem tinha casa vendeu a preço de banana aqui em Sepetiba, o comércio acabou, até as empresas de ônibus diminuíram sua frota, esse porto só veio trazer desgraça para Sepetiba,

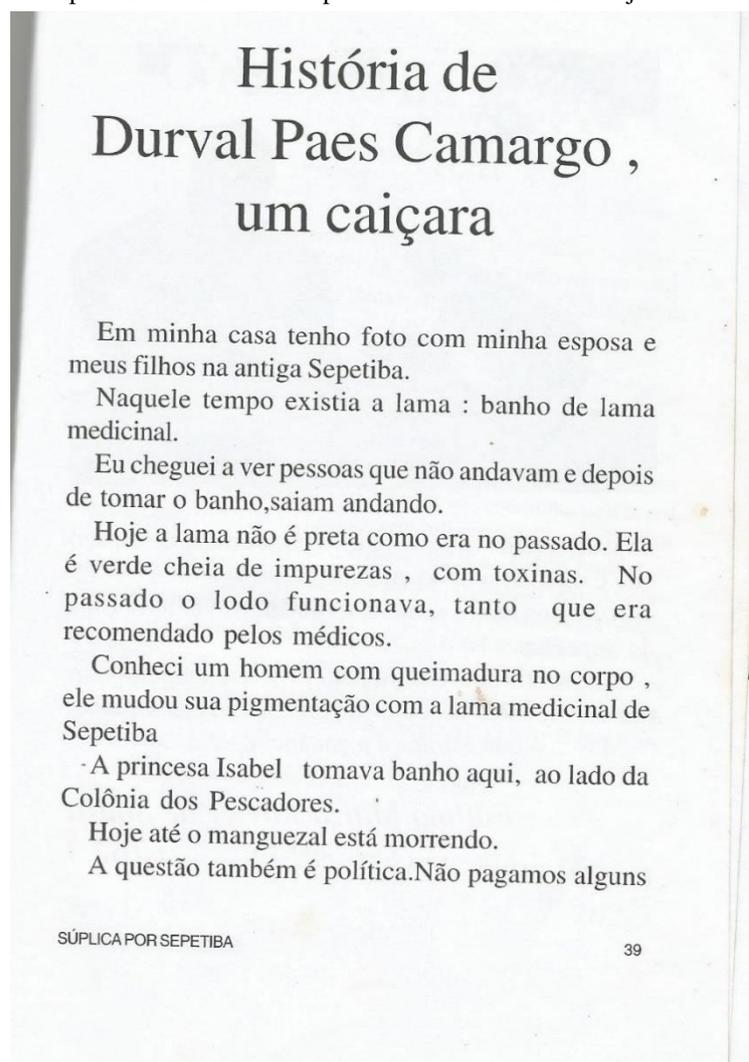
Personagem histórico do bairro, Seu Durval figura no livro *Súplica por Sepetiba*, culminância do projeto “Abraça um aluno escritor” promovido pelo Ciep Raymundo Antônio de Castro Maya, no ano de 2003. O referido livro nos foi disponibilizado por ele mesmo, cheio de orgulho.

Figura 122 – Imagem da capa do Livro onde “Seu” Durval é citado e homenageado por uma aluna da Rede pública da cidade do Rio de Janeiro.



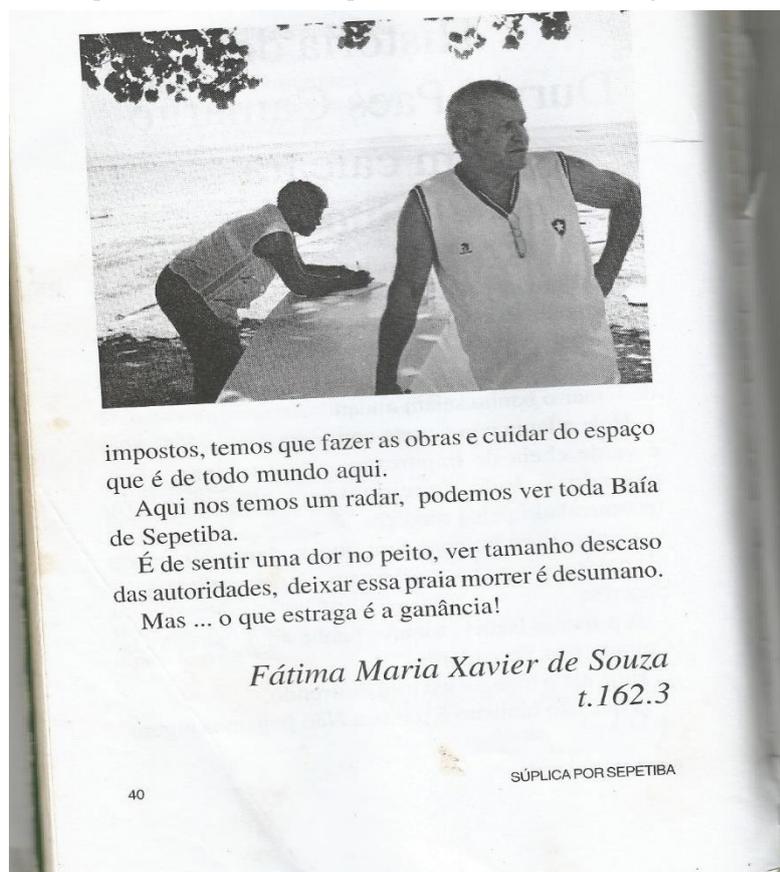
Fonte: Acervo pessoal do Senhor Durval

Figura 123 – Imagem do Livro onde “Seu” Durval é citado e homenageado por uma aluna da Rede pública da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo pessoal do Senhor Durval

Figura 124 – Imagem do Livro onde “Seu” Durval é citado e homenageado por uma aluna da Rede pública da cidade do Rio de Janeiro.



Fonte: Acervo pessoal do Senhor Durval

Seu Durval, hoje, sentado à sua porta, está sempre disponível para contar uma história, relembrar um fato. No entanto, poucas vezes os jovens o procuram ou possuem paciência para ouvi-lo. Todas as vezes que o Ecomuseu de Sepetiba recebe visitantes e passam em frente à sua casa, a parada é obrigatória; sempre precisam parar e apresentar seu Durval aos visitantes. Ele, então, rapidamente, se apresenta; muito falador, canta, conta histórias e muitas vezes se emociona, saudoso dos chamados bons tempos.

Em minha casa tenho foto com minha esposa e meus filhos na antiga Sepetiba, que vocês não viram (...) Naquele tempo o banho de lama era medicinal, ela não tinha mau cheiro, eu mesmo cheguei a ver pessoas que não andavam e depois de tomar banho aqui saíam andando (...) Conheci um homem com queimadura no corpo, ele mudou sua pigmentação com a lama medicinal de Sepetiba (...) A princesa Isabel tomava banho aqui, sabia? Ao lado da colônia de pescadores, hoje até o manguezal está morrendo, a questão também é política(...) a construção desse porto destruiu tudo! Sepetiba era a princesinha da Zona Oeste! Até novela gravavam aqui, o mar vinha até aqui, acredita? Hoje com esse mangue nessa altura é até perigoso, sempre aparecem

corpos, ficam presos no mangue, dá mau cheiro, muito tempo depois que vamos ver, essa poluição, tudo acabou, é muito triste, me entristece muito.

Ao perceber o interesse e atenção dos que param para lhe ouvir, conta mais e mais, contando um fato acaba lembrando de outra história, lembra de amigos e o tempo passa. Cabe aqui citar Eclea Bosi (1999), que afirma que o idoso possui uma função própria de rememorar, volta ao passado lembrando de fatos e histórias e com toda a sua experiência e sabedoria seleciona apenas aqueles que considera importantes e uteis no contexto. De acordo com Bosi, para o idoso, a prática de recordar pode contribuir no fortalecimento ou restabelecimento de seu sentimento de pertença, identificação, elevando sua autoestima. Observamos isso claramente ao ouvirmos seu Durval e mesmo seu Salviano, que declarou:

Menina, você não faz ideia de como isso aqui era (...) eu nadei até a restinga, muitas vezes, a água era limpinha, isso aqui está acabando, vai ficar ainda pior, está vendo essa areia preta, é essa poluição, o que você acha? Eu já falei com prefeito, governador, mandei carta para presidente, Marcelo Alencar me ouviu muitas vezes, mas nada mudou, já mandei meu projeto várias vezes também (...) Fechei rua em Santa Cruz, eu e Erasmo fomos na Eco92, Rio+20 e outros eventos desses aí, sempre denunciando, o que eu te falo é porque você está nova, vocês que estão novos é que precisam lutar por isso, eu fiz e estou fazendo a minha parte, queria ver a praia como antes, mas como não é possível que pelo menos a urbanização seja feita.

Seu Salviano nos ajuda a asseverar a afirmação de Bosi (1999), pois é perfeitamente perceptível que ele seleciona o que acredita ser útil para tomarmos como exemplo e seguirmos os seus passos, pois ele acredita na militância ambiental e sofre com o processo de degradação que acompanhou passo a passo na localidade, assim com Seu Durval.

É de sentir uma dor no peito, ver tamanho descaso das autoridades, deixar essa praia morrer é desumano(...) mas o que estraga é a ganância!

Seu Durval nos disse:

Vocês estarão no meu lugar um dia, quero que sigam o caminho do bem e lutem pelo certo, quando vejo esse pessoal passando aqui e indo para o passeio de vocês, fico feliz, e tenho novamente esperança, o que tenho hoje são lembranças e o que posso dar à vocês é um pouquinho do que sei, sobre isso daqui, sobre a vida, só peço que continuem!

O que deve ser observado aqui é a centralidade das narrativas até então apresentadas. Elas enfatizam duas questões principais: os belos tempos e a degradação ambiental; e o envolvimento dos moradores, idosos e jovens, na luta pela preservação ambiental do bairro.

O terceiro dos nossos entrevistados é Silvan Guedes, também morador de Sepetiba. Baiano de nascimento, precisamente da cidade de Ilhéus, fixou-se na cidade do Rio de Janeiro ainda muito criança. Divide seu amor entre sua cidade natal e o bairro de Sepetiba. Pertence a outra geração, sendo bem mais jovem que seu Durval e seu Salviano, Silvan com 49 anos, também pode ser considerado um dos narradores do bairro. Silvan também é um ex-militar, um ex-atleta, muito disciplinado, sempre ouviu atentamente os mais velhos e, hoje, pode ser considerado um portador de histórias e memórias.

Foi um dos membros e fundadores do Ecomuseu de Sepetiba, tem a responsabilidade de seguir com esta tradição, não permitindo que as histórias deste bairro desapareçam. Hoje transmite tudo o que aprendeu e ouviu dos mais velhos aos mais jovens, seja nos chamados *Passeios de Reconhecimento*³⁰ realizados pelo Ecomuseu de Sepetiba³¹, seja nos passeios agendados com as escolas locais, nos quais possui a tarefa de guiar os estudantes e contar a história do bairro ou mesmo em palestras representando este museu.

De acordo com Benjamin, a natureza da verdadeira narrativa, tem sempre em si, as vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma, de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos, sendo em sua concepção aconselhar seria menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão

³⁰ Os intitulados “Passeio de Reconhecimento” ou Reconhecimento, foram idealizados, organizados e realizados pelo Ecomuseu de Sepetiba, consistem em passeios que são destinados aqueles que já possuem algum laço, ligação com o bairro, pois seu objetivo principal não é o turismo e sim reconhecer e redescobrir o que lhes dá identidade.

³¹ Museu comunitário, de território, sem sede, sem coleção, seus patrimônios correspondem a todas as riquezas e belezas que o bairro possui, seu objetivo principal é de forma consciente pela comunidade realizar uma ação museológica cujo objetivo é desenvolver o território que habita a partir da valorização e disseminação dos patrimônios nele existentes.

sobre a continuação de uma história que está sendo narrada e o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria.

Observamos isso na narrativa de Silvan Guedes, que sempre ouviu atentamente os mais velhos, depositários das memórias do bairro. Hoje, ele transmite as histórias, fatos e orientações e, de alguma forma, as incrementa, com seu jeito de narrar, inserindo, também, sua experiência de vida na narrativa que já havia sido contada há quatro ou cinco gerações.

Quando falamos de nossa Sepetiba, precisamos pensar em 450 anos de história, os povos que aqui habitaram antes mesmo da chegada do chamado “homem branco”, os tempos em que a família real por aqui passeava, os visitantes ilustres, naturalistas, artistas, príncipes, autoridades, atores e atrizes de televisão.(...) Nunca poderemos esquecer, que embora hoje degradada, as praias deste recanto foram as mais frequentadas da cidade do Rio de Janeiro, sendo chamada um dia de “princesinha da Zona Oeste”, onde eram registrados os maiores índices de afogamentos devido ao grande número de visitantes, suas águas um dia cristalinas e aparentemente calmas enganavam os banhistas...Lembrando também de sua fúria, com os temidos ventos de sudoeste que arrebentavam os paredões de pedra, ainda lembro de terem caído duas vezes, o próximo ao nosso antigo DPO, na frente de nossa paradisíaca Ilha do Tatu; E o enorme prejuízo gerado aos pescadores pois além de afundar também quebravam seus barcos, perdiam redes etc...

Elementos da realidade histórica, mais ou menos remota, se imobilizam em imagens, a partir das quais se pode apreender produções de sentido sobre o bairro de Sepetiba. A seguir, mais um trecho da longa entrevista realizada com Silvan Rocha Guedes, na qual desabafa, também, sobre as transformações ocorridas no bairro:

Cheguei à Sepetiba nos anos de 1970, me causa sofrimento ver como minha Sepetiba foi degradada, com a construção do porto, com a poluição da baía... até mesmo os hábitos dos pescadores tiveram que ser modificados devido a essa triste circunstância, foi-se criando regras até mesmo para nós pescadores locais, subíamos as antigas canoas nas famosas estivas banhadas de sebo oriundo do antigo matadouro industrial de Santa Cruz, devido ao assoreamento das praias...! As estivas eram necessárias, pois quando as canoas retornavam para a praia as mesmas não podiam ficar por muito tempo encharcadas dentro do mar pois apodreciam sua madeira (mas era muito bom para podermos brincar de mergulhar!); Até nisto os pescadores locais tiveram que mudar sua estrutura de pesca, hoje se usa caiaques de compensado naval muito mais leves e mais fáceis de trazer para a praia. (...) Com as canoas

e estivas na orla várias famílias esperavam para ajudar a subir as canoas em ritmo cadenciado sobre as estivas, lembrando o antigo Egito movendo suas enormes pedras. E no término desta faina os pescadores, após safar suas redes (retirar e separar o pescado e também desembolar), davam um punhado de peixes aos que ajudavam, este punhado era chamado de “mistura”, esta mistura era dos peixes sem muito valor para serem entregues as peixarias locais, a da Colônia Z-15, Rei do camarão e muitas outras. (...) Tantas memórias, tantas lembranças, tanta história...

O senhor Silvan apontou para um aspecto de extrema importância: a degradação ambiental provocada pela abertura do porto impactou no trabalho e na vida da colônia de pescadores e mesmo da população local, que se viu privada de toda uma rede de sobrevivência e de solidariedade.

A oportunidade de estender a entrevista a outros moradores do bairro surgiu com a finalidade de ouvir, registrar, arquivar e analisar a oralidade vertida em texto, como ato político de documentar. (MEIHY; HOLANDA, 2013, p. 91-93). Desse modo, proporcionamos a “conquista da palavra” ou mesmo o “direito à palavra” a múltiplos e diferentes narradores.

Nesse percurso, utilizamos um roteiro de entrevista composto por oito perguntas abertas, de modo que os entrevistados tivessem liberdade para transitar entre elas livremente, desenvolvendo uma reflexão abrangente.³² Nas páginas que se seguem, apresentamos essas entrevistas, que se voltam para as seguintes questões básicas:

- Pergunta 1 - Tempo em que reside no bairro.
- Pergunta 2 - Ligação com o bairro.
- Pergunta 3 - Conhecimento da história e das memórias do bairro.
- Pergunta 4 - O que entende por história local.
- Pergunta 5 - Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.
- Pergunta 6 - Importância de revigorar a memória e a história local.
- Pergunta 7 - Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba.
- Pergunta 8 - Participação no Ecomuseu de Sepetiba.

Entrevista realizada com o senhor Silvan Guedes:

- Pergunta 1 – Tempo em que reside no bairro.
- S.G.: *Moro no bairro há 48 anos. Vim de Ilhéus, BA.*

³² A íntegra desse roteiro de entrevista pode ser consultado no Apêndice desta dissertação.

Pergunta 2 - Ligação com o bairro.

S.G.: *Onde fui criado e resido até hoje, e não penso em me mudar, a rotina me complementa junto as minhas tarefas.*

Pergunta 3 – Conhecimento da história e das memórias do bairro.

S.G.: *Sim, a maioria delas pois por ser um bairro com referências históricas desde sua colonização, por ser uma baía e o mar era o meio de transporte entre os continentes; relatos do uso da praia e litoral pela corte real no império e o uso da antiga lama medicinal onde se ouviu inúmeros relatos de melhoras, em problemas de dores no corpo e de problemas de pele.*

Pergunta 4 – O que entende por história local.

S.G.: *Acho que é aquela onde os mais antigos que presenciaram, e afirmam de pé junto os relatos, como o peixe tão grande que virou a canoa, nós vimos isso e aquilo acontecer. E estes relatos são passados em rodas de conversa, para os mais novos e assim elas ficam na localidade passando por várias gerações...*

Pergunta 5 - Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.

S.G.: *A perda do banho de mar em primeiro lugar e secundariamente, o afastamento dos veranistas, onde de uma certa forma movimentava o comércio local junto com o pescador; E desta maneira o bairro foi ficando esquecido não tendo melhorias em sua infraestrutura de transporte, saúde e educação.*

Pergunta 6 - Importância de revigorar a memória e a história local.

S.G.: *Sim! Desta maneira o morador pode ter uma auto estima pessoal, pode também investir no turismo, temos lugares lindos que fazem parte da história do Brasil desde a colonização; Pois o ontem é tão importante nos relatos históricos quanto ao nosso meio ambiente, e assim evitar que aconteça em outros lugares, e assim procurar uma melhora para o bairro evitando erros do passado.*

Pergunta 7 - Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba.

S.G.: *Depois das redes sociais, acho que foi a melhor coisa para o bairro; Não só o nosso os demais bairros vizinhos também, pois nos tempos atuais é gratificante recolher informações do local e através de pesquisas orientadas com bases científicas. Os moradores locais participam, ajudam, as escolas com professores novos e antigos nascidos no bairro cada vez mais propagam os relatos, quanto a atuação deveria ser totalmente integral, para poder atender uma demanda bem maior afinal o bairro cresceu na sua população.*

Pergunta 8 – Participação no Ecomuseu de Sepetiba.

S.G.: *Sim! Se depender de minha pessoa, eu faria passeios pelo bairro todos os dias, iria em todas as escolas, motivar professores e alunos a dar valor ao bairro que foi e ainda é um dos melhores lugares para se morar, e ainda faz parte da história do Brasil, onde é pouco citado ainda acredito eu pelas mudanças políticas, onde quem assume procura esquecer das gestões anteriores. Mas se depender de meus atos; O meu Bairro Sepetiba, fundado junto com a cidade do Rio de Janeiro, será sim lembrado por todos. Pois a história não se apaga da memória.*

Na entrevista, Silvan Guedes realizou questionamentos acerca do seu bairro e da construção da memória oficial e da história local:

Nossos professores citavam que nossa Sepetiba fazia parte da História do Brasil, porém não era incluída nos livros de História. E os mesmos por serem moradores locais e também tinham o costume de pescar em horas vagas e fins de semana, um costume de vários moradores locais a pesca artesanal de siri com puçá, a de tarrafa e de arrastão por toda a orla e os mais aventureiros de nosso famoso camarão, procuravam os melhores lugares como por exemplo a antiga Ilha da Pescaria, hoje chamada de Ilha do Marinheiro isto por sabermos de um tal fuzilamento ocorrido neste local, porém para se chegar a está ilha íamos por cima de um monte de pedras, pois com a meia maré e a maré cheia não tinha como chegar neste lugar paradisíaco o “Antigo Caminho do Cais Imperial”, assim chamado pelos mais antigos. E porque não está nos livros de histórias? (...) Me pergunto até hoje. E este Cais hoje causa uma enorme curiosidade sobre está história esquecida no Rio de Janeiro, só tenho a agradecer quando por meios da internet em propagar locais e ideias de vários lugares como nossa famosa vizinha Santa Cruz, que está sim está nos livros de história por sua famosa fazenda imperial onde acolhia a família imperial e outros famosos da corte. E nossa Sepetiba quase não é citada, me pergunto o por que será que ela esconde algo que não era para ser visto?

Os questionamentos do entrevistado abrem espaço para pensarmos nas disputas e conflitos que envolvem o estabelecimento de certa memória (oficial) e mesmo de determinada história (oficial), sempre atreladas aos interesses dos grupos dominantes da sociedade, como afirmam Nora e Le Goff. Hoje, através do Ecomuseu de Sepetiba, as escolas locais não só mencionam a importância da história local como realizam pesquisas e trabalhos com os seus alunos e alunas, conforme mostramos nos capítulos anteriores.

De acordo com o polonês Pollack, a memória é construída tanto social como individualmente, e ele cita a relação intrínseca entre a memória e o sentimento de pertencimento, de identidade. Para Pollak, “se é possível o confronto entre memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”. (1992, p.5).

A atuação deste Ecomuseu, muito embora possua algumas vulnerabilidades, afinal, esses processos nunca estão concluídos ou são perfeitos, é de fato primordial na

elevação da autoestima do morador local. Como podemos observar por meio da atuação, ação e entrevistas, o bairro sofre claramente com a segregação socioespacial, a estagnação econômica, a ausência de serviços, dentre outros problemas. A necessidade, pois, de sua valorização e da valorização de seus moradores, fica evidente nas entrevistas realizadas como caminho para o enfrentamento das dificuldades.

Um bairro banhado por uma baía que já foi chamada de *Baía dos Milagres*, na qual se pegava camarão com as mãos, com uma lama tida como medicinal a fazer curas terapêuticas, cheio de história e memórias, precisava de um processo natural de resistência da comunidade. Em nossa concepção, tal resistência se daria com a criação de algum movimento que buscasse valorizar o território, evidenciar, mostrar aos outros o que ali ocorreu ao longo do tempo. E acreditamos que essa reação, que a resistência, veio através desse processo ecomuseológico.

Reivindicar, portanto, bem como ocupar um espaço entre falas e ações hegemônicas, vem sendo uma conquista da comunidade local, como pode ser verificado nas entrevistas apresentadas a seguir, concedidas por Ventolídio José de Almeida Neto, Angélica Nascimento, Simone Marques e Célia Cunha.

Entrevista realizada com o senhor Ventolídio José de Almeida Neto:

Ventolídio José de Almeida Neto

³³

Pergunta 1 – Tempo em que reside no bairro.

V. N.: *Moro há trinta anos, vim pra cá com 6 anos de idade.*

Pergunta 2 – Ligação com o bairro.

V. N.: *Eu procuro-me envolver um pouco, de início eu não curtia muito o bairro, ele era muito desvalorizado, eu não tinha certo amor não, mas quando eu comecei a fazer cinema, fotografia, despertou em mim muito um olhar diferenciado para o bairro, de 2009 para cá eu realmente me apaixonei pelo bairro, eu acho que minha maior contribuição são as imagens, os arquivos que eu faço e uma vez ou outra estar envolvido nos movimentos que acontecem.*

Pergunta 3 - Conhecimento da história e das memórias do bairro.

V. N.: *Eu conheço algumas histórias, algumas através do Ecomuseu, temos lá a história dos marinheiros fuzilados na época da revolta,*

³³ Ventolídio José de Almeida Neto veio morar em Sepetiba ainda criança, mas seus avós já tinham imóvel no bairro, é cineasta, produtor cultural e um dos primeiros membros do Ecomuseu de Sepetiba.

através do Ecomuseu também a gente conhece também a história do império aqui no bairro, as únicas ruínas que tem, é uma pena não ter mais nada aqui no bairro além do cais imperial, eu me recordo quando era mais novo de pescar camarão dentro d'água com a mão, eu me lembro que tinha época que os camarões saltavam muito muito para a areia, você passava, você enchia quilos e quilos de saco de camarão grande que pulou para a areia, essas eu acho que são assim as histórias mais marcantes.

Pergunta 4 – O que entende por história local.

V. N.: A história local é aquela que indefere um pouco, né? De ser contada na escola ou não se tem grandes fontes ou não, cada local vai surgindo e vai formando sua história um pouco independente da história do país, da cidade e eu acho muito uma pena, muito lamentável mesmo, que aqui tenha tanta história, seja tão rico e quase tudo é muito perdido, se conhece muito pouco.

Pergunta 5 – Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.

V. N.: A maior de todas é o Abandono, os serviços públicos não funcionam, os responsáveis não dão o olhar que deveriam para o bairro, se aqui fosse cuidado desde a época, né? Sepetiba foi considerada a menininha dos olhos do império, depois que veio a república, se tivesse um certo cuidado pelo bairro a gente seria muito mais importante que várias áreas do Rio de Janeiro, então assim, a princípio foi o abandono, né? a exclusão das informações, se você pesquisar, você (...) vocês conhecem, né? a dificuldade de se encontrar informações sobre o bairro, dentro da história, então eu acho que esses depois são os maiores focos, e com isso vem tudo, falta de saneamento básico que veio ter agora há pouco tempo, os transportes que a gente não tem mais, os que tem são uma porcaria, não funcionam, saúde, educação, são os mesmos problemas do país, uma pena que a gente não foi melhor tratado no início, a gente seria muito grande enquanto bairro.

Pergunta 6 - Importância de revigorar a memória e a história local.

V. N.: Super importante, como é que é mesmo aquele lema do Ecomuseu? A gente só ama aquilo que a gente conhece, não...a gente cuida daquilo que ama, como é que é? Esqueci agora o lema, enfim, se a gente não conhecer o local a gente não tem um certo apreço, um amor por aquilo, então eu acho que é muito importante a gente conhecer a história do local que a gente vive, a gente acaba tendo um carinho maior pelas informações e pelo local.

Pergunta 7 - Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba

V. N.: Então, é um dos movimentos mais importantes que tem dentro do bairro, eu fico feliz de ter participado eu vi o crescimento, eu acho que, né? Infelizmente, como muita coisa falta uma certa verba, um investimento, senão eu acho que seria algo muito maior, mas a luta que fazem é incrível, estão sempre de parabéns.

Pergunta 8 – Participação no Ecomuseu de Sepetiba

V. N.: Sem dúvida, eu participei, tive junto no início, fiquei alguns anos, foram 5, já tô alguns aninhos afastado e teria um prazer imenso em voltar também, ajudar a crescer de novo, com certeza

Eu acho que seria importante né? o próprio morador participar mais das coisas, descobrir mais coisas sobre o bairro, buscar ter esse amor maior, a gente vê aí hoje em dia, né? É uma diferença grande de pessoas envolvidas em fazer alguma coisa pelo bairro, já fazia um tempo aí que não tinha mais isso, né? Tantas pessoas querendo alguma coisa em prol, eu acho que as pessoas tinham que estar mais aí empenhadas, descobri o que podem fazer para ajudar.

Cabe destacar, na entrevista de Ventolídio Neto, muito mais jovem que os aqui chamados de “Narradores” - Silvan, Durval e Salviano -, o mesmo discurso que assevera a fartura de camarão nas águas de Sepetiba. Nesse sentido é que se evidencia, em todas as falas, a ligação entre a degradação ambiental, o processo de segregação socioespacial, a estagnação econômica e o preterimento da localidade.

Na entrevista concedida pela moradora Angélica do Nascimento, sobressaem “o valor do lugar” e o papel desempenhado pelo Ecomuseu na (re)descoberta do bairro.

Angélica Nascimento³⁴

Pergunta 1 – Tempo em que reside no bairro:

A.N.: *Mora há quase 20 anos, 18, 17, por aí...*

Pergunta 2 - Ligação com o bairro.

A.N.: *Minha ligação é que quando eu vim morar , eu não tinha dinheiro para comprar uma casa no outro lugar que eu morava, então eu comprei aqui, eu vim, mas eu vim revoltada, porque aqui não tinha as coisas onde eu estava acostumada a ter, investimento em cultura, podia visitar museu, meus filhos praticavam esportes, e aqui não tinha nada e eu me sentia no fim do mundo, então eu não gostava daqui, aqui para mim era como se fosse um castigo, era como se fosse o fim do mundo que não tem nada e era assim que eu via Sepetiba.*

Pergunta 3 – Conhecimento da história e das memórias do bairro.

A.N.: *Passei a conhecer através do Ecomuseu, até então não conhecia nada e eu vi que é uma história linda, muito importante, muito, muito, muito, como é que eu vou dizer, que não está nos livros, mas aconteceram tantas coisas aqui , uma que me chamou atenção o contrabando de escravos quando foi extinta a escravidão no Brasil, isso me falou muito forte, isso não tá nos livros, isso acontecia aqui, então a minha ligação com Sepetiba, agora eu vejo essa, quando o Ecomuseu surgiu, essa coisa de , esse sentimento de autoestima, de perceber o valor do lugar onde você está e isso aí mudou a minha visão por Sepetiba, cresce o amor por Sepetiba, começou o amor por Sepetiba.*

Pergunta 4 – O que entende por história local.

³⁴ Angélica Nascimento é militante das causas ambientais, membro de pastorais da paróquia local, mudou-se para o bairro já na idade adulta.

A.N.: *Depois do Ecomuseu que eu fui saber que existe isso, mas é a história de vida de cada pessoa, as histórias de cada família, de cada pessoa e a história desses antepassados, a história de outras pessoas que viveram aqui, não é? Então a história local é isso, os que viveram, no passado, os que estão construindo.*

Pergunta 5 – Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.

A.N.: *Foi transporte, escola, precaríssimo, então quando a gente queria uma escola melhor, só tinha em campo grande, aqui em sepetiba, uma escola assim, melhor só escola particular e nem todo mundo pode pagar (... incompreensível) Ah! Esporte também! Quando eu morava em Realengo tinha vários locais para as crianças praticar vôlei uma série de coisas, e aqui não tinha nada, e com a praia aqui... morava em Realengo, meu filho fazia aula de vôlei, aqui em Sepetiba com a praia boa para ter isso nunca teve, isso me deixava muito triste...*

Pergunta 6 - Importância de revigorar a memória e a história local.

A.N.: *Eu acho vital, vital, porque aí, a gente valoriza o que alguém já construiu e aí a gente procura dar o melhor, procurar o melhor pra gente, e esse melhor que a gente conseguir agora vai ficar para a geração futura, acho importante.*

Pergunta 7 – Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba.

A.N.: *Ah! O Ecomuseu para mim foi uma luz no fim do túnel, quando você está numa situação que você não vê saída, então esse Ecomuseu foi muito importante, para mim pra ver a importância do lugar onde eu vivo, porque, por exemplo, eu me via em Sepetiba como uma pessoa exilada, fim do mundo que não acontece nada, então aqui você está no fim do mundo, sem perspectiva, e aí você vê que está num lugar com tanta história, uma história tão valorosa que está atuante agora com esses grupos, é assim que eu vejo.*

Pergunta 8 - Participação no Ecomuseu de Sepetiba.

A.N.: *Ah sim, com todo prazer da minha vida sim, participaria sim, gosto muito, acho que é importante para os jovens, que tem uma juventude muito ociosa aqui, e essa juventude se eles percebem isso, eles tem amor, pelo lugar onde vive. Eu gostaria que essa coisa tivesse mais divulgada antes, porque os meus filhos fizeram parte dessa juventude ociosa que não tinha perspectiva de nada, então, que pena que isso não surgiu antes, mas pelo menos agora, a juventude de agora, me dou por satisfeita, porque a juventude de agora vai ter o que os meus filhos não encontraram aqui.*

O que chama a atenção nas palavras de Angélica Nascimento é a valorização do bairro e sua gente a partir da importância concedida à memória na (re)descoberta de uma “história valorosa”.

Uma outra entrevistada foi Simone Marques, moradora que também atua na iniciativa Ecomuseu de Sepetiba.

Simone Marques³⁵

Pergunta 1 – Tempo em que reside no bairro.

S.M.: *12 anos*

Pergunta 2 - Ligação com o bairro.

S.M.: *Tenho pouca ligação, agora que através do Ecomuseu de Sepetiba que estou me envolvendo mais com o bairro, confesso que a minha ligação era bem pouca.*

Pergunta 3 – Conhecimento da história e das memórias do bairro.

S.M.: *Quando eu vim morar aqui eu só conhecia mesmo a história de que em Sepetiba foi onde fez a novela, né? Do bem amado, só isso que eu sabia, sobre o coreto ali que foi gravado a novela, depois que eu conheci o Ecomuseu que eu fui conhecer, saber esta história toda do caminho do antigo cais, e eu acho, que... a mais interessante, tem várias né? Do coreto eu legal, dele ter vindo do centro do rio para cá, do caminho do antigo cais eu também acho interessante.*

Pergunta 4 – O que entende por história local.

S.M.: *História local, eu acho que é a história que é contada sobre o lugar que a gente mora, tipo, o que vocês fazem ali é contar a história né? tanto a história atual como a história que conta a história do Silvan, conta a sua história, conta da Aline, como contar a história dos nossos antepassados que viveram aqui, que fizeram coisas legais aqui, eu acho que história local é isso.*

Pergunta 5 – Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.

S.M.: *Eu acho que, o que já foi dito até aqui hoje, condução, eu sofri muito com esse negócio de condução, eu deixei de trabalhar muitas vezes porque tinha elas pequenas, tudo o que eu arranjava para fazer era no centro da cidade, não tinha como criança pequena ir para o centro da cidade, e deixar criança com quem? Assim pra mim foi a condução.*

Pergunta 6 – Importância de revigorar a memória e história local.

S.M.: *Acho, e acho que mais gente devia fazer isso, acho importante para mim, foi importante para mim, é importante para elas, para as crianças, eu acho que é uma coisa bem importante.*

Pergunta 7 – Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba.

S.M.: *Gente, o Ecomuseu, pra mim ele foi um resgate, me encontrei, me fiz uma pessoa mais tolerante, tolerar as coisas, né? (incompreensível) eu estava saindo de um processo de explosão e eu comecei aqui além de conhecer a história de Sepetiba, foi um lugar que me fez acalmar, por isso que eu tenho os meu rompantes mas eu sempre tô aqui, mas é isso, eu acho que é um trabalho valido, bonito, cansativo, mas que vocês tem que continuar.*

Pergunta 8 – Participação no Ecomuseu de Sepetiba.

³⁵ Simone Marques é artesã, artista plástica, membro do Ecomuseu de Sepetiba e passou a residir no bairro já na idade adulta.

S.M.: Eu estou aqui hoje, até para me desculpar com você, que é a criadora desse movimento legal, bonito, o meu afastamento, né? mas eu não estou conseguindo, eu quero vir, as meninas também pedem para vir, e eu acho assim maravilhoso, eu sou suspeita para falar, vocês fizeram bem para mim!

Como se vê, mais uma vez, o projeto Ecomuseu de Sepetiba emerge como passaporte para o processo de conhecimento e reconhecimento do bairro, da localidade, por seus moradores. Da mesma forma, revigorar a memória e história local, aparece como condição fundamental na formação dos moradores, em especial, das crianças; certamente para a criação de vínculos, laços que produzem a memória coletiva e as marcas identitárias.

Célia Cunha, outra entrevistada para a pesquisa, nascida e criada no bairro, enfatiza sua relação afetiva com o lugar, da mesma forma em que critica os problemas de infraestrutura e abandono do bairro. Em relação ao projeto Ecomuseu de Sepetiba, a entrevistada reconhece sua importância e enaltece sua atuação no sentido de (re)criar e reforçar laços e interesses capazes de mobilizar os moradores em benefício do bairro.

Célia Cunha ³⁶

Pergunta 1 – Tempo em reside no bairro.

C. C.: Fui nascida e criada em Sepetiba, residindo nela até aos 33 anos!

Pergunta 2 – Ligação com o bairro.

C. C.: A minha ligação é de amor, saudade, lembranças e com muitos familiares que ainda moram no local, fazendo com que eu esteja sempre no bairro.

Pergunta 3 – Conhecimento da história e das memórias do bairro.

C. C.: Conheço muitas histórias baseadas na vivência como as mangueiras plantadas em forma de Cruz devido aos Jesuítas, assombração no morro, na subida da Rua das Mangueiras, gravação da primeira novela em cores no Coreto de Sepetiba, a vinda de muitos veranistas que frequentavam as praias, etc.

Pergunta 4 - O que entende por história local.

C. C.: Entendo como um conjunto de fatos, casos, tradições, particularidades próprias de quem viveu ou vive no local baseados em experiências de vida do lugar.

Pergunta 5 - Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.

C. C.: As maiores dificuldades sempre foram em relação à condução, não havia transportes públicos o suficiente em todo o bairro! Na época

³⁶ Célia Cunha nasceu no bairro, onde viveu até os 33 anos, professora reside na cidade vizinha Itaguaí, atuando na biblioteca da prefeitura.

do meu nascimento, não havia luz, água encanada, mas depois isso se resolveu! Quanto ao transporte, continua precário até hoje!

Pergunta 6 – Importância de revigorar a memória e a história local.

C. C.: Acho muito importante revigorar a memória e a história do local, seja através dos moradores, seja com as histórias dos moradores, seja através das pesquisas!!

Pergunta 7 – Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba.

C. C.: Penso que essa atuação junto à comunidade vem reforçar os laços de amizade, reforça a memória, a afetividade, a responsabilidade de cada um, quanto a ser morador e zelar pelo seu bairro como um todo!

Pergunta 8 – Participação no Ecomuseu de Sepetiba.

C. C.: Procuo participar e acho muito válido a união da equipe em prol de um bem comum, no resgate à dignidade de um povo sofrido e esquecido.

O motor dessas narrativas é a segregação socioespacial do bairro, na qual ganha especial destaque a precariedade no sistema de transporte da região, aparecendo em todas as falas. Em relação à história e memória do bairro, sobressai, na lembrança dos entrevistados, as memórias do chamado “caminho do antigo cais” e do Cais Imperial de Sepetiba, revitalizando o processo narrativo. Analisando as narrativas, cabe ressaltar a importância conferida ao Ecomuseu de Sepetiba na construção e gestão da memória local pela própria comunidade, estando presente nas falas dos entrevistados o sentido da (re)descoberta e da (re)valorização do bairro.

Em sintonia com a relevância adquirida pelas memórias do cais e seu caminho no contexto da comunidade, é que se deu a intervenção do Ecomuseu de Sepetiba no sentido de atuar junto a esfera municipal de poder para conseguir o tombamento desse patrimônio histórico. Foi iniciativa do Ecomuseu procurar um vereador para solicitar o tombamento da área onde se localiza o referido caminho do cais. Da mesma forma, foi por seu intermédio que se realizou o contato com o arqueólogo Cláudio Prado de Melo para reconhecimento da área. O tombamento, pois, foi realizado em nível municipal, sendo o texto da lei que foi apresentada pelo Vereador Willian Coelho à Câmara dos Vereadores, escrito por esta pesquisadora em conjunto com o arqueólogo.

A seguir, encontra-se o documento da referida Lei 6.151/2017, a qual trata do tombamento, “...por interesse histórico, arquitetônico, ambiental, arqueológico e cultural

do Cais Imperial de Sepetiba, bem como do caminho do antigo cais”, *lugar de memória* do bairro de Sepetiba.

Figura 125 - Lei 6.151 de 24 de abril de 2017 – a pedido do Ecomuseu de Sepetiba o vereador local apresentou o projeto de lei aprovado, que tomba por interesse histórico, arquitetônico, ambiental, arqueológico e cultural o chamado “Caminho do antigo Cais imperial.



O Presidente da Câmara Municipal do Rio de Janeiro nos termos do art. 56, IV combinado com o art. 79, § 3º, da Lei Orgânica do Município do Rio de Janeiro, de 5 de abril de 1990, promulga a Lei nº 6.151, de 24 de abril de 2017, oriunda do Projeto de Lei nº 1.612 de 2015, de autoria do Senhor Vereador Willian Coelho.

LEI Nº 6.151

DE 24 DE ABRIL DE 2017

Tomba, por interesse histórico, arquitetônico, ambiental, arqueológico e cultural, o Cais Imperial de Sepetiba, bem como o caminho do antigo cais, localizado no bairro de Sepetiba.

Art. 1º Fica tombado, por interesse histórico, arquitetônico, ambiental, arqueológico e cultural, na forma do art. 1º da Lei nº 928, de 22 de dezembro de 1986, o Cais Imperial de Sepetiba, bem como o caminho do antigo cais, situado à Praia de Sepetiba, no bairro de Sepetiba.

Art. 2º Em decorrência do tombamento efetuado por esta Lei, fica vedada a demolição e descaracterização arquitetônica do Cais Imperial de Sepetiba, bem como o caminho do antigo cais, situado à Praia de Sepetiba, no bairro de Sepetiba, sendo obrigatória a aprovação do órgão competente do Município em caso de necessidade de quaisquer intervenções físicas no imóvel tombado, sendo admitida a utilização do mesmo para fins culturais, turísticos e/ou educacionais.

Art. 3º O Conselho Municipal de Proteção de Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro inscreverá a edificação tombada no Livro de Tombos dos Bens Culturais do Município do Rio de Janeiro no prazo de dez dias contados da publicação desta Lei e estabelecerá os atos necessários à conservação estética, histórica e natural do imóvel tombado.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 24 de abril de 2017.



Vereador **JORGE FELIPPE**
Presidente

DCM 25.04.2017

Fonte: Site da câmara municipal da cidade do Rio de Janeiro

Esse processo ganhou repercussão na imprensa, sendo noticiado na página da *Veja Rio* em 3 de junho de 2017, como se pode verificar abaixo:

Figura 126 – Imagem da Matéria da Revista Veja acerca do tombamento do Chamado Caminho do antigo Cais



veja Rio Edição da semana Carna

rua para o Carnaval 2018 dificulta o emagrecimento não passem pela Grajaú-Jacarepaguá álcool para curtir o verão e B

Especial no Hilton Copacabana em a Escola Unidos da Tijuca

Cidades

Molhe imperial, em Sepetiba, pode ser tombado

Estrutura foi construída em 1884 para facilitar o embarque e desembarque de passageiros

Por **Rafael Sento Sé**
 3 jun 2017, 00h02

Molhe imperial foi construído em 1884 (Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica/Divulgação)

Um amontoado de pedras, à primeira vista, o cenário escolhido para a pose na foto tem muita história. Trata-se do molhe imperial, construído em 1884, em Sepetiba, para facilitar o embarque e desembarque de passageiros. Desde os tempos dos jesuítas, a Praia de Sepetiba era usada para escoar a produção agrícola de uma ampla fazenda, incorporada pela família imperial em 1759. A chegada dos religiosos é o marco de fundação do bairro litorâneo que, com Santa Cruz, completa 450 anos em 2017. Por sugestão do Ecomuseu de Sepetiba, que organiza passeios guiados ao local no primeiro domingo do mês, o Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH) avalia a possibilidade de tomba a estrutura.

As belas paisagens, seu clima bucólico e exuberante natureza foram descritas de forma singular por viajantes que passaram pelo bairro de Sepetiba, como é o caso do austríaco John Emmanuel Pohl, um médico, geólogo e botânico que integrou a Missão Austríaca no Brasil, entre 1817 e 1822. No livro *Viagem no interior do Brasil*, registrou sua passagem por Sepetiba, referindo-se aos habitantes locais de forma eurocêntrica:

Sepetiba tem cerca de umas doze cabanas. Em Sepetiba, há uma fábrica real de telhas. Fabrica-se também cal de conchas. Vi lá amontoadas para esse fim, enormes quantidades de conchas. Os moradores alimentam-se precariamente de peixes. Alguns peixes secos, carne seca ao sol, que vem de Minas Gerais e é cozido com feijão preto, e farinha de mandioca constituem os alimentos dos habitantes. Parece que nunca são capazes de grande atividade. Vi-os dias inteiros, de pés descalços e jaqueta floreada, passeando pela sala, a olhar ociosamente pela janela. Dão-se muito a jogos de cartas e vi, às vezes, pessoas que, dia e noite, não faziam outra coisa. (Pohl Apud Calixto, p. 9, 2016)

Da mesma forma, o mineralogista britânico, John Mawe, que esteve no Brasil no início do século XIX, também descreveu Sepetiba na obra *Viagens ao interior do Brasil*, ressaltando que se tratava de uma das mais belas e férteis planícies da América do Sul:

Romântico cenário em redor. Existem poucas casas pobres e algumas plantações de índigo, cana de açúcar e legumes. Na praia, alinham-se belos aloés e se descortina paisagem interessante, com várias ilhotas em frente a baía, das quais a mais importante é a da Madeira, já em outra direção, vê-se a Ilha Grande. (Mawe Apud Calixto, p. 9, 2016)

Diante das poucas oportunidades de se expressarem, os entrevistados, nessa pesquisa, assumiram o protagonismo de todo um processo em que a oralidade revitaliza a narrativa, criando e recriando sujeitos e grupo. Alguns temas e suas representações aparecem de maneira recorrente nas falas, como a imagem de abandono do bairro e a precariedade dos serviços públicos disponíveis aos seus moradores.

As memórias, (re)criadas, servem de suporte no fortalecimento de vínculos indispensáveis na resistência e na luta dos moradores por direitos no bairro ou mesmo no processo de condução de seu destino.

Analisando as narrativas sobre a atuação e o trabalho do Ecomuseu, bem como o envolvimento de alguns dos entrevistados no cotidiano de suas atividades, acreditamos que esta iniciativa ecomuseal adquire relevância social para os moradores do bairro de Sepetiba, por meio de um processo de (re)elaboração de experiências.

Não obstante as lacunas deixadas, em nossa concepção, os êxitos alcançados revestem-se em evidências, contribuindo até mesmo para a construção de uma “rede” de apoio ao projeto. Nesse sentido, é possível afirmar que este tipo de ação museológica é capaz de despertar no morador local, e até mesmo em visitantes, um sentimento de pertença e envolvimento com a comunidade local. Essa experiência é única e não nos parece ser possível desenvolvê-la em grande parte dos museus tradicionais, exceto, talvez, naqueles que se lançam a novas experiências, percorrendo os caminhos da nova museologia.

Observamos, constantemente, a crescente demanda pelos chamados *Passeios de Reconhecimento*, criados e nomeados pelos membros do Ecomuseu de Sepetiba. Igualmente, a solicitação de visitas em escolas, de guiamento, de exposições itinerantes é crescente, dando visibilidade aos sujeitos sociais envolvidos na proposta ecomuseal, membros e moradores, os quais, no cotidiano das suas relações, constroem o bairro e se reconstroem enquanto grupo, ressignificando suas experiências.

A seguir, encontram-se algumas reproduções da página do Ecomuseu de Sepetiba no *Facebook.com* que confirmam essa demanda crescente:

Figura 127 – Imagem de mensagem recebida pela página do Ecomuseu de Sepetiba

Seguro | https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/inbox/?selected_item_id=10000454481408

Ecomuseu de Sepetiba

Página Caixa de entrada Notificações 43 Informações Ferramentas de publicação Configurações Ajuda

X dias de visitação? Edi Professora Maria Luiza Não atribuído

12 DE ABRIL DE 2018 14:00

Boa Tarde! Sou Diretora do EDI Professora Maria Luiza, localizado em Sepetiba, ao lado da Clínica da Família Waldemar Berardine!!! Nós iremos realizar uma aula passeio nos dias 19 e 27 de abril, às 8h e gostaríamos de contar com a ajuda de vocês, caso seja possível, de um guia para nos auxiliar! Nosso projeto de trabalho esse ano é sobre a história de Sepetiba para que as crianças conhecendo melhor o bairro, possam dar mais valor! No dia 19 iremos com as turmas de Pré-Escola que têm 4 e 5 anos, no dia 27 será a vez das turmas de Maternal com crianças de 2 e 3 anos! Nosso telefone é 3158-0811 e os nomes das diretoras são Viviane e Tania! A Professora Rosane de Educação Física trabalha em nosso EDI e falou muito bem do trabalho que vocês realizam! Desde já, agradecemos o que puder ser feito!

Marcar horário

Responda...

Quer iniciar conversas com

Edi Professora Maria Luiza
Ver perfil

Sobre
Horário local 17:49
Trabalhou em Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Mora em Sepetiba, Rio De Janeiro, Brazil
De Sepetiba, Rio De Janeiro, Brazil

Rótulos Gerenciar rótulos
Os rótulos ajudam você a acompanhar

Fonte : Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 128 – Imagem de mensagem recebida pela página do Ecomuseu de Sepetiba

The screenshot shows a Facebook inbox for the page 'Ecomuseu de Sepetiba'. The browser address bar shows the URL: https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/inbox/?selected_item_id=100002324739013. The page header includes the name 'Ecomuseu de Sepetiba' and navigation links for 'Página', 'Caixa de entrada', 'Notificações', 'Informações', 'Ferramentas de publicação', 'Configurações', and 'Ajuda'. The main content area displays a message dated '1 DE MARÇO DE 2018 14:56' from 'Professora Carla Camargo'. The message text is: 'Oi boa tarde!!! Sou professora de ciências biológicas na rede SMCE (Santa Mônica Centro Educacional), unidade Campo Grande. Gostaria de obter informações para uma visita com os alunos. Obrigada! Professora Carla Camargo'. A reply from the page is: 'Oi, Carla! Boa tarde. Adoraríamos ter você e seus alunos conosco no passeio! Normalmente, fazemos o passeio no primeiro domingo do mês, todos do Ecomuseu somos professores também, e trabalhamos durante a semana. Mas se você agendar com bastante antecedência, pode ser que a gente consiga se organizar para atendê-los. O grupo de alunos tem que ter no máximo 45 pessoas. Aguardamos um novo contato.' The right sidebar shows the profile of 'Carla Camargo' and a 'Sobre' section with details: 'Horário local 17:53', 'Curtiu em 1 de março de 2018', 'Trabalha em Colegio Santa Mônica Centro Educacional', 'Mora em Rio de Janeiro', and 'De Rio de Janeiro'. At the bottom, there is a 'Responda...' prompt and a 'Quer iniciar conversas com mais clientes? Citar promoção' button.

Fonte : Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Figura 129 – Imagem de mensagem recebida pela página do Ecomuseu de Sepetiba

The screenshot shows a Facebook inbox interface. At the top, the browser address bar displays the URL: https://www.facebook.com/ecomuseudesepetiba/inbox/?selected_item_id=1735286791. The page header includes the name 'Ecomuseu de Sepetiba' and navigation options like 'Página', 'Caixa de entrada', 'Notificações', 'Informações', 'Ferramentas de publicação', 'Configurações', and 'Ajuda'. The main content area shows a list of messages on the left and a selected message in the center. The selected message is from Claudia Costa, dated 21 de fevereiro de 2018, 19:47. The message text reads: 'Oi pessoal do Ecomuseu de Sepetiba! Queria compartilhar c vcs umas fotos antigas dos meus avós, que foram frequentadores assíduos de Sepetiba desde que adquiriram terreno na Rua Carmélia Duarte, a rua da subestação da Light. São fotos que, segundo meu pai, datam da década de 40. Dá pra ver um pouco da rua e da praia de Sepetiba.' Below the text is a photograph of a street scene with trees and a building. The right sidebar shows the profile of Claudia Costa, including her name, a 'Ver perfil' link, and information about her education at UERJIFFP.

Fonte : Página do Facebook do Ecomuseu de Sepetiba

Diante desse movimento de constituição do Ecomuseu de Sepetiba, é possível constatar que a construção desse projeto foi trespassada pela conquista e (re)apropriação do território, um processo comunitário, com viés sociocultural-educacional, produzindo uma identidade coletiva, em que os moradores do bairro se reconhecem e elaboram referenciais que os diferencia e identifica, como é o caso da produção e gestão da memória.

3.4 – Cada Ecomuseu é um museu, único e singular

Ao iniciarmos o que chamamos de processo de Reconhecimento enquanto Ecomuseu, demos o primeiro passo, no que, para esta pesquisadora, seria uma aventura e um desafio, pois mesmo que estivesse sempre acompanhando a mãe em seus projetos sociais realizados no bairro, auxiliando em sua mobilização, nunca houve um envolvimento mais profundo nessas ações. De um lado, por questões de tempo, devido a precariedade no sistema de transporte no bairro, era obrigada a sair muito cedo de casa para o trabalho, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro; no fim do expediente seguia para a universidade onde cursava a graduação em Ciências Sociais na Zona Oeste chamada aqui, por nós, de segregada; a zona oeste depois do túnel, não havia tempo para envolvimento com assuntos comunitários. Por outro lado, sentia um temor imenso no envolvimento mais sólido com mobilização e questões comunitárias por temer decepções e o engajamento político-partidário.

Desafio e aventura, sim! Isto porque após ter contato com a história do bairro e começar sua divulgação, esta pesquisadora vestiu, como se diz, “a camisa” da chamada museologia social; ao conhecer Odalice Priosti e Hugues de Varine, compreendeu do que se tratava essa nova museologia e procurou envolver outros moradores, iniciando uma trajetória de pesquisa acerca da memória e história local. Como já foi dito aqui, um trabalho lento e gradual de mobilização, conscientização e patrimonialização, imensamente gratificante pessoalmente, mas muito desafiador. Uma aventura, também, porque levou esta pesquisadora a mudar os rumos de sua própria vida, transformar suas perspectivas e visão de mundo, adquirindo esperança que de alguma forma poderia retribuir o que o bairro havia lhe dado, na intenção de contribuir para uma sociedade mais justa, consciente e ética.

Para esta pesquisadora, os museus sempre foram templos, muito embora, nunca tenha se sentido representada nos objetos e coleções neles presentes. Sempre admirou a beleza e singularidade desses lugares mágicos e os visitava quando possível. Ao “descobrir” os museus comunitários, os ecomuseus, os museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades ilimitadas da comunicação, conseguimos enxergar uma forma de trazer à baila a importante história do bairro aqui apresentado - Sepetiba.

Vislumbramos uma maneira de elevar a autoestima dos moradores desanimados e descrentes através da valorização da história e memória, bem como do incentivo a todo um processo de conscientização para a preservação dos patrimônios existentes no território do bairro.

Ao iniciar esse processo de trabalho, alguns questionamentos foram feitos, “Como este movimento chamado por nós de “pró Ecomuseu” poderia contribuir com a sociedade?”; “Como os moradores poderiam apropriar-se desta história e compreender que precisavam defender o que lhes pertence?”; “Como levar a compreensão dos patrimônios aos moradores?”; “Como esses moradores poderiam ser agentes deste museu?”; “Qual seria o meu papel, enquanto pesquisadora, agente e moradora, neste processo?”. Evidentemente, outras questões foram levantadas, mas acreditamos que essas seriam mais relevantes.

As dúvidas foram sendo sanadas aos poucos, a primeira questão nos foi respondida a partir de nossa participação em eventos com outros Ecomuseus e museus comunitários, bem como com a ação no bairro e o perfil criado para o Ecomuseu de Sepetiba no Facebook.com. O sucesso desta última ação foi total: em poucos meses passou a ter 5.000 (cinco mil) amigos, sendo transformado em página. Em resposta a esta questão e mesmo à segunda - acerca de como os moradores e moradoras abraçariam o Ecomuseu -, ponderamos que esse Ecomuseu comunitário, assim como outros, tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento a partir da valorização dos patrimônios das comunidades.

Deste modo, desenrolou-se todo um movimento de provocação no sentido da recuperação da memória coletiva e da apropriação da história local, desencadeando um empoderamento que em nossa concepção levou a uma vontade de mobilização e vontade de saber. Nunca antes na história do bairro, se falou e se divulgou tanto a sua história, logo deve-se ao surgimento da Web e redes sociais tão relevantes papéis. A participação da população é uma necessidade para encontrar soluções de melhoria das suas condições de vida, isso ficou evidente, e respondemos as outras questões apresentadas a partir da própria ação do Ecomuseu. Por meio das chamadas rodas de lembranças, oficinas, reuniões, dentre outras atividades realizadas pelo Ecomuseu, que se voltam para as

temáticas escolhidas pela comunidade e correspondem aos interesses e necessidades da realidade local, podemos responder a estes questionamentos. Continuando a responder as questões apresentadas, o Ecomuseu comunitário de Sepetiba, desenvolve ações socioeducativas voltadas para a formação e capacitação local, como oficinas e rodas, colóquios e exposições.

A última questão levantada talvez tenha sido a mais difícil para responder. Acreditamos que de certa forma, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi fundamental para que nosso objetivo fosse alcançado: compreender a construção e a gestão da memória pela comunidade, sendo eu mesma, pesquisadora, parte da comunidade e agente do processo museológico. A vontade de saber, de averiguar desta pesquisadora foi elemento desencadeador e incentivador deste processo, uma vez que a divulgação dos pequenos textos produzidos em diversos sites acerca da história do bairro levou ao contato e parceria com Odalice Priosti, do Ecomsueu de Santa Cruz, a quem os envolvidos no então movimento Ecomuseu de Sepetiba chamam por doula³⁷. Uma linha tênue separou a pesquisadora da moradora; essa linha fundiu-se e, ao contrário do que imaginávamos, não provocou danos à pesquisa, uma vez que nos foi possível compreender a existência dessa imensa teia de significados que se liga a nós, enquanto indivíduos, nossa subjetividade à comunidade e a própria vida.

Essa experiência desafiadora e vibrante não só contribuiu para o crescimento pessoal desta pesquisadora, a qual percebeu a necessidade de cultivar um olhar mais abrangente e imparcial acerca da realidade do lugar em que vive. Da mesma forma, viabilizou a interação e articulação com pessoas e grupos que foram responsáveis pela construção do conhecimento e troca de experiências, mister para uma atuação reflexiva. Por fim, foi responsável pelo compromisso com a população local, pois o objetivo do trabalho de pesquisa e estudo desta pesquisadora é devolver os resultados para a população, para que com isso possam dar continuidade ao trabalho e compreender melhor seu território e sua realidade, incentivando novos trabalhos e mais desafios.

³⁷ Odalice tornou-se Doula, de tantas iniciativas museológicas, foi aquela que deu coragem, espalhou sementes, entendeu rizomas e construiu mais do que teias, contribuiu na edificação de redes, pensou na libertação das forças vivas da comunidade em que viveu por e pela musealização do espaço vivo, sendo aquela que trouxe ao mundo iniciativas de memória enquanto resistência, que não se assujeitam aos modelos hegemônicos. Falou da libertação das forças vivas das comunidades no processo de tornar-se sujeito, do ato de produzir subjetividades.

O Ecomuseu de Sepetiba significa, para esta pesquisadora uma libertação, libertação das amarras que por muito tempo cercearam e mantiveram o bairro de Sepetiba apagado, preterido e segregado. O Ecomuseu e a divulgação da história e memória local levaram a população local a reconhecer e redescobrir o que lhes dá identidade, ex-moradores passaram a ser “pesquisadores” autônomos e a divulgar a história local, os eventos importantes do bairro etc. em suas páginas pessoais no Facebook.com; páginas e sites enaltecendo o bairro surgiram, outras páginas da mesma rede social e sites citam o bairro e até mesmo utilizam o Ecomuseu de Sepetiba como fonte. Deste modo acreditamos que a memória é construída e gerida pela comunidade, o “ser a partir” e o “Ser com” e o promover juntos.

Essa museologia que surge da comunidade para a comunidade, essa construção coletiva, seja por meio das ações deste Ecomuseu ou pelas ações individuais dos moradores e ex-moradores promove a (re)construção da memória local, a partir do incentivo e do destaque dado a história; divulgam e enaltecem o bairro. Assim, vamos construindo a memória local, o Ecomuseu vai gerindo esta memória, coletivamente, uma vez que este Ecomuseu é comunitário. Uma museologia popular, uma iniciativa endógena, que surge no cerne da comunidade, como um grito urgente de valorização e reconhecimento; um museu popular aberto a quem quiser dele participar, contribuir da forma que lhe convier, revigorando a autoestima, fortalecendo a comunidade, incentivando a conscientização e responsabilização para como o patrimônio da vida.

Encerrando esta dissertação, teremos, na sequência, nossas considerações finais; “Considerações”, apenas, pois não podemos concluir e, de fato, acreditamos ser impossível mesmo tal tarefa à medida que o conceito de Ecomuseu é construído e modificado constantemente. Nossas considerações explicitam nossas reflexões e descobertas no decorrer da pesquisa, uma delas é que os Ecomuseus e museus comunitários tornam-se porta vozes da comunidade, um espaço de afirmação, justamente por surgir no seio da comunidade, desenvolvido e gerido por ela, é um organismo vivo, muda, transforma-se, concluir e dar por encerrado algo que se modifica todos os dias é limitar as experiências do porvir e de construção coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(...) E chegamos finalmente ao que é mais repreensível no museu comunitário, aos olhos do mundo dos museólogos profissionais: ele mostra convicto e sem complexos sua vocação política, pois quer ser um instrumento de desenvolvimento do território e da participação da comunidade e de seu patrimônio nesse desenvolvimento. (VARINE: 2005, p.10)

No curso dessa pesquisa, criticamos os modelos hegemônicos e a imposição de uma história e de uma memória que não é nossa, que vem de cima para baixo. Problematizamos a questão da segregação socioespacial, o desenraizamento e a necessidade do pertencimento diante de um quadro de insegurança, insatisfação, emergidos nos efeitos da rapidez contemporânea, homogeneização, efemeridade... Surge, assim, uma necessidade de “se” sentir parte de alguma coisa, porquê, como dissemos no primeiro capítulo, todo caminho que seguimos passa por questões primordiais, seja uma trajetória pessoal, sejam os caminhos trilhados no desenvolvimento de uma cidade ou de um bairro, os quais influenciam no cerne de nossas existências; envolve, também, questões mais subjetivas.

Se aqui afirmarmos que estamos certos da eficácia de nossa metodologia e do êxito do processo e da experiência “Ecomuseu de Sepetiba” estaremos sendo levianos, pois embora possamos asseverar que a credibilidade deste até então coletivo é inegável, que suas experiências exitosas voltadas para a divulgação, pesquisa e enaltecimento da história do bairro são um fato inquestionável, também podemos ressaltar que há limitações na ação e estabelecimento de algumas atividades e propostas deste Ecomuseu, pois uma vez que este museu não é institucionalizado, a burocratização e a lei impedem que ele possua a salvaguarda de seu próprio patrimônio, como foi o caso de artefatos arqueológicos encontrados pelo arqueólogo do IPHARJ (Instituto de pesquisa histórica e arqueológica do Rio de Janeiro), Cláudio Prado de Melo, convidado pelos membros do próprio Ecomuseu para ir até Sepetiba, estão no referido instituto e não com o Ecomuseu, pois este coletivo não é institucionalizado e não possui as especificações e exigências necessárias para responsabilizar-se por tais artefatos.

Outra limitação, por não ser institucionalizado, é a captação de recursos para realização de atividades, mesmo as mínimas necessidades demandam gastos, como por exemplo, uma localidade chamada pelos moradores de “Praça das Áiaia”, que precisa de uma placa nova com

seu nome, e que os membros do Ecomuseu de Sepetiba desejam instalar bancos e mesas com material reaproveitado, precisa de recurso humano e financeiro para que essas tarefas sejam realizadas, e para que o Ecomuseu consiga isto, demanda tempo para pedir doações, conseguir voluntários dentre outras necessidades para se atingir este objetivo, este é apenas um exemplo das questões que atravancam o verdadeiro “deslanchar” deste Ecomuseu comunitário.

Este Ecomuseu não possui sede própria, tendo sua sede temporária sempre trocada, por um período na residência desta pesquisadora, agora na residência de Aline Barcellos, membro deste Ecomuseu, e é na sede temporária onde se encontram os arquivos, textos, fotos, objetos, banners e tudo o que foi doado para este Ecomuseu, arquivos virtuais encontram-se salvos em e-mails e hds externos. Este seria outro problema para este Ecomuseu, não possuir uma sede, entretanto, como o objetivo é justamente circular no território e abarcar o máximo de parceiros possíveis, ocupar é preciso, deste modo este coletivo “empresta” espaço na biblioteca do Centro Comunitário Santo Expedito e São Vicente de Paulo para guardar seus livros doados e para realizar atividades, também possui uma pequena sala na Colônia de pescadores Z-15, além de sempre realizar atividades e exposições itinerantes pelo bairro, levando a história local até localidades ainda não atingidas pelas ações, o que na verdade, acaba por ajudar o Ecomuseu a atingir uma de suas metas, mesmo se tratando de uma limitação.

Vale a pena ressaltar, que embora o fato de não ser institucionalizado impeça e dificulte algumas ações, iniba alguns possíveis colaboradores e cerceie o campo de ação, este Ecomuseu tem realizações significativas para um coletivo sem recursos, todos os anos realiza eventos em ocasião da semana da consciência negra, realiza colóquios, atividades destinadas às crianças, distribui informativos, brindes, dentre outras coisas, que são possíveis graças a doação de seus coordenadores e amigos e amigas deste Ecomuseu.

No decorrer desta pesquisa, as palavras “endógena” e “endógeno” foram mencionadas algumas vezes, talvez para alguns essas palavras sejam desconhecidas, aqui compreendemos ação endógena, iniciativa endógena como uma ação surgida a partir da iniciativa de um grupo, de uma comunidade, tendo como beneficiado eles mesmos, ou seja, uma ação da comunidade para a comunidade, em tempo , desenvolvimento endógeno é por nós compreendido como o desenvolvimento de uma população, de um grupo, de uma comunidade, vindo dela para ela, de dentro para fora, respeitando, afirmando e reafirmando suas sabanças e fazanças, seu saberes

e fazeres, sem “assujeitamento”, como disse Odalice Priosti, uma iniciativa criada no seio da comunidade e por ela empregada para transformar e desenvolver seus territórios.

Nesta pesquisa, tomamos enraizamento e pertencimento de forma semelhante à Odalice Priosti, e, para isso, utilizamos as informações do passado e do presente no sentido de que a população local pudesse pensar o futuro de forma questionadora e esperançosa, fortalecendo as bases para o porvir. Logo “(...) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos”. (FREIRE, 1982, p. 33).

Propomos aqui uma reflexão acerca dos processos de construção, apagamento, invenção da memória, por meio de uma breve análise da relação entre a agência humana e a construção da territorialidade e da memória. A memória nos orienta, dá forma, nos constrói, mas é também construída e adaptada por nós; memória e identidade se associam, se combinam e complementam, se amparam na construção de trajetórias, histórias.

De acordo com Candau (2011), memória, identidade e patrimônio seriam as três palavras chave da consciência contemporânea, podendo mesmo ser reduzida a duas, pois para ele podemos compreender o patrimônio como uma dimensão da memória e a memória fortalece a identidade, individual e coletiva. Deste modo, ao restituir a memória esvanecida de um indivíduo estamos restituindo a sua identidade, seu pertencimento. É a memória que alimenta a identidade, as lembranças que conservamos de períodos de nossas vidas, de acordo com Halbwachs, são repetidas e possibilitam a sua perpetuação.

Ao falarmos em construções narrativas, devemos ter em mente que é a memória que funda as identidades coletivas e é a memória uma força de identidade, é a identidade em ação. Nesse sentido, a memória é ocasionadora ou desencadeadora de identidade, construindo, formando e transformando, adaptando e mantendo, conduzindo sujeitos a incorporarem aspectos do passado, realizando escolhas memoriais.

Não podemos pensar memória e identidade separadamente; são inseparáveis, estão interligadas, relacionadas de forma intrínseca, se reforçam e complementam desde o “nascimento” até o derradeiro fim. Não existe busca por identificação, por uma identidade sem a memória, e de modo contrário, a procura memorial sempre está atrelada a um sentimento de pertencimento, de fazer parte, de identidade.

A “coisificação” dos indivíduos, a valorização do corpo, da estética, em detrimento de outros valores e qualidades tão importantes nos seres humanos é evidente na sociedade em que vivemos. Justamente por haver a necessidade de “criar” sempre novos consumidores, há um mercado para crianças, mulheres em várias fases da vida, adolescentes, minorias etc; é preciso estimular o consumo e não deixar ninguém de fora do círculo. Entretanto, existem aqueles que são considerados não consumidores, conseqüentemente, esses tornam-se sem voz, sem poder, assim como seus territórios são reduzidos a dormitórios e sofrem com a ausência e precariedade dos serviços mais básicos, é a chamada segregação socioespacial, que coloca esses indivíduos em situação de vulnerabilidade social.

Vulnerabilidade social diz respeito a uma condição de fragilidade material ou moral de indivíduos ou grupos diante de riscos produzidos seja pelo contexto econômico-social ou por outra condição. Vulnerabilidade social é o conceito que caracteriza a condição dos grupos de indivíduos que estão à margem da sociedade, ou seja, pessoas ou famílias que estão em processo de exclusão social. Está relacionado a processos de exclusão social, discriminação e violação de direitos desses grupos ou indivíduos, em decorrência do seu nível de renda, localização geográfica, acesso à educação e saúde, dentre outros.

O crescimento populacional desordenado na região, a criação de um distrito industrial, a criação de um porto de grandes proporções e outros menores, ações relacionadas a busca pelo lucro, ao consumo, terminaram por desencadear um processo de degradação ambiental irreversível nesta região.

ECO 92 desencadeou uma busca de conceitos para que a humanidade respondesse de forma consciente e responsável pelo que se designou de “nosso futuro comum”, no eixo do desenvolvimento sustentável. Porém, a necessidade de um conceito de desenvolvimento para além da própria sustentabilidade que contemple a iniciativa comunitária, visceralmente endógena, com respeito às tradições e à cultura locais, precisa sobretudo incluir a pobreza, mantida sempre fora dos benefícios. A exclusão dos despossuídos das políticas de bem-estar social os torna invisíveis pelo descaso ou esquecimento de suas necessidades mais elementares e cria guetos onde partilham estigmas, preconceitos, humilhação e privações reais e simbólicas. Despedaçados pela baixa-estima e pelo medo de serem identificados fora do gueto, omitem

informações quanto ao seu endereço e destroem qualquer possibilidade de construção de laços sociais e de solidariedade.

No decorrer desta pesquisa, buscamos refletir acerca de nosso próprio interesse e envolvimento com o objeto de estudo, procuramos analisar até onde nosso envolvimento direto, participação na criação e desenvolvimento do coletivo estudado, da construção da memória pela comunidade, poderia ser prejudicial aos resultados. Realizamos, então, um exercício de autorreflexão, análise e exame das teias discursivas acerca deste tipo de envolvimento e metodologia em pesquisas e pensamos que mesmo que estejamos diretamente ligados aos processos aqui apresentados não deixamos de reconhecer nossas fraquezas e limitações. Além disso, enquanto pesquisadores, pensamos que a forma como realizamos esta pesquisa, nossa metodologia, poderá incentivar outras pesquisas nos mesmos moldes e estimular o exercício de reflexão destas iniciativas e grupos que surgem como um refrigerio nestes tempos de homogeneização, imposição e desrespeito.

O Ecomuseu de Sepetiba tem participado de inúmeros eventos fortalecendo redes e conexões, faz parte da REMUS (Rede de museologia social do Rio de Janeiro), está em quase todos os mapas culturais do Brasil, é citado em diversos artigos acadêmicos, vários artigos acadêmicos sobre este museu já foram publicados, matérias de jornal, revista, está bem fundamentado, reconhecido e não lhe faltam comprovações sejam através destas publicações, ou mesmo através das redes sociais para assegurar a relevância e eficácia de suas ações, no entanto, muitas vezes seus coordenadores não são ouvidos pelo poder público não são ouvidos e seus pedidos atendidos justamente por não estarem institucionalizados, deste modo, com o apoio da REMUS, está sendo assessorado para este fim, esperando estar institucionalizado, no máximo até o mês de Fevereiro do ano de 2019.

Atualmente os membros deste Ecomuseu tentam consolidar um núcleo de pesquisa acerca do bairro, imediações e da baía de Sepetiba, articulando e dialogando em diversas frentes e redes para conseguir conquistar voluntários para este fim, para estes moradores, que fazem parte e constroem este processo, o estabelecimento deste grupo é importante não só pela questão acadêmica e de orientação de pesquisa, mas também para o empoderamento e autonomia da comunidade, uma vez que pretendem com a criação deste núcleo realizarem grupos de estudos e de trabalho, bem como oficinas destinadas a estes moradores.

Nos últimos meses do ano de 2018 este Ecomuseu também vem criando formas de captar recursos a partir da comercialização de imãs, camisetas, copos dentre outros objetos que levam a marca Ecomuseu, buscam fortalecer esta marca como ligada a questão histórica e ambiental, bem como de valorização de território e patrimônio.

Os Ecomuseus, em nossa concepção, em especial o Ecomuseu de Sepetiba corresponde a uma experiência de resistência a um modelo excludente, de políticas centralizadoras e de controle social. Todas as ações deste museu visam ao desenvolvimento, inclusão social e empoderamento da comunidade local, seja a partir do fortalecimento das subjetividades e identidades, incentivando o processo criativo e empreendedor, seja através da memória local, da construção da identidade a partir do local de pertencimento, elevando a autoestima. Trata-se, como já foi dito, de um processo lento e gradual, (RE)descobrir o que nos dá identidade, a ancoragem do pertencimento, do enraizamento. Nesse processo foi observado que não apenas era necessário, como fundamental, a realização deste exercício e incentivo com os moradores recém-chegados ao bairro, como também com os mais antigos.

Reconhecer e redescobrir o que lhes dá identidade, atuando na contramão dos discursos depreciativos, significou a busca pelo enaltecimento do bairro, de modo que a procura por alternativas para resolução de problemas, a partir de um processo de resistência criativa, adaptando e mantendo, criando e recriando, fosse capaz de promover o desenvolvimento autônomo e endógeno da região e seus habitantes.

Refletir acerca de lugares a que pertencemos ou nos pertencem, identidade, pertencimento, identificação, segurança, são apenas algumas destas questões, compostas por pedaços colados de discursos, bandeiras, ideologias, cheiros, cores, memórias, silêncio, esquecimento, vestígios que compõe nossa essência. Memória, território, lugares, história e espaço estão intrinsicamente relacionados a toda uma adequação a modelos e matrizes impostos, que vem de fora; à reprodução daquilo que vem dos chamados centros hegemônicos, países centrais, contribuindo para o desaparecimento de nossas identidades de origem, nossas raízes, de nosso lugar, nosso lar, extinguindo o que nos proporciona a calma e a segurança do pertencimento.

Referências

- ALBUQUERQUE, Cylene Chaves (coord.) IHGB 150 anos, Rio de Janeiro, Studio HMF, 1990.
- ALMEIDA, Rita Heloísa de O Diretório dos índios. Um projeto de "civilização" no Brasil do século XVIII, Brasília, UNB, 1997.
- ALONSO, Denilda Notas para o estudo do núcleo colonial de Santa Cruz seção Piranema, in Boletim Carioca de Geografia (8), 1955.
- ARENDRT, Hannah . A condição humana. São Paulo, Forense /Edusp, 1981.
- ARROYO, Miriam. Cultura, Democracia Participativa Y Educación Popular. In: Atas do III EIEMC/ X Atelier Internacional do MINOM , Rio de Janeiro, 2004. (CDROM)
- BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BARRETTO, A. Fortificações no Brasil (Resumo Histórico). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958.
- BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- _____. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: Lembranças dos Velhos. São Paulo Companhia das letras, 1999.
- _____. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (Org.). Cultura brasileira: temas e situações. São Paulo: Editora Ática, 1999, 4ª ed.
- BELCHIOR, Elysio de Oliveira Conquistadores e povoadores do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, 1965.
- BERNARDES, Lysia e Soares, Maria Therezinha Segadas Rio de Janeiro: cidade e região, Rio de Janeiro, Coleção Biblioteca Carioca, 1995.
- BOITEUX, Lucas A. Marinha de Guerra do Brazil, in Revista Marítima Brasileira, abr-jun 1908.
- BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As Conseqüências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- _____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

- BERGER, P., LUCKMANN, T. A construção Social da Realidade. Lisboa: DINALIVRO, 1999, Tradução Ernesto de Carvalho.
- BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho. Pré história do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Forense Universitária: Instituto Estadual do Livro, 1978.
- BOBBIO, N. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.
- CALAES, Dias Gilberto, FERREIRA, Ezequiel Gilson. A Estrada Real e a transferência da corte portuguesa: Programa Rumys – Projeto Estrada Real / Eds. Gilberto Dias Calaes; Gilson Ezequiel Ferreira - Rio de Janeiro: CETEM / MCT / CNPq / CYTED, 2009.
- CALIXTO, Izânia Maria. A modernização na Baía de Sepetiba (RJ): qualidade de vida para quem?. Departamento de geografia e meio ambiente da Pontifícia universidade católica do Rio de Janeiro, PUC Rio, 2016.
- CARNEIRO, Maria José; Giuliani, Gian Mario; Medeiros, Leonilde Sérvulo de; Ribeiro, Ana Maria Motta (org.) Campo aberto. O rural no estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1998.
- CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de Utopia e realidade: Real Colégio de Jesus da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, in A forma e a imagem. Arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro Colonial, Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, s.d.
- CARVALHO, Carlos Delgado de História da cidade do Rio de Janeiro, Coleção Biblioteca Carioca, Rio de Janeiro, 1994.
- CARVALHO, José Antonio O Colégio e as residências dos jesuítas no Espírito Santo, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1982.
- CASTRO, Maurício Amoroso Teixeira de Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro - sua fundação e seu termo, 1ª parte, Separata da Revista de Direito (14), Rio de Janeiro, Procuradoria Geral do Estado do Rio de Janeiro, 1965.
- CHAGAS, Mário (2013), “El gran patrimonio de un museo es el público: Mario Chagas”, Periódico El Tiempo.com, de 27 de setembro. Consultado a 15.10.2013, em http://www.eltiempo.com/entretenimiento/arte/ARTICULO-WEB_NEW_NOTA_INTERIOR-13086708.html.
- _____. A vida social e política dos objetos de um museu. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, v. 34, p. 195-220, 2002.
- _____. A ótica museológica de Mário de Andrade. In: Ideólogos do patrimônio cultural. Rio de Janeiro: MinC/IBPC, p. 99-114, 1992.
- _____. Museália. Rio de Janeiro: JC, 1996.
- _____. Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

_____. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: Site:www.quarteirao.com.br/pdf/mchagas. 2000.

_____. Memória e poder: dois movimentos. Cadernos de Sociomuseologia no 19, v.19, jun. 2002.

COARACY, Vivaldo. O Rio de Janeiro no século XVI, in Aconteceu 11 (125): 20-25, abr.1964.

_____.O Rio de Janeiro no século XVIII, in Aconteceu (130):19-47, set. 1964.

_____. Memórias da cidade do Rio de Janeiro, Belo Horizonte/São Paulo, Ed. Itatiaia/Edusp, 1988.

CORRÊA, Roberto Lobato Uma experiência de colonização na Baixada Fluminense in Boletim Carioca de Geografia (XV), 1962.

COSTA, Dídio I. A. História marítima do Rio de Janeiro, in Revista Marítima, jul-set. 1943.

COSTA, Nelson. O Rio através dos séculos. A história da cidade no seu IV centenário, Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1965.

COUTO Reis, Manoel Martins Memórias de Santa Cruz, in RIHGB (5), 1853.

CRULS, Gastão Aparência do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1965.

Estado da Guanabara. Resumo histórico - regiões administrativas: limites, história, estatística, Rio de Janeiro, Coordenação do Sistema de Administração Local, mimeo., 1965.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão Trad. Da introdução Gêneses Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARDOSO, C.S.: PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA – Um 1997. Conceito em Mutação no Mote Sócio-econômico-cultural. Artigo FRANÇA, G. Gestão social um conceito em constru o. COLÓQUIO INTERNACIONAL publicado no Jornal O QUARTEIRÃO Centro Cultural de Santa Cruz SOBRE PODER LOCAL, (NOHP- Núcleo de Orienta o e Pesquisa Histórica) Rio de Janeiro, N  6 3 J u l h o / Agosto 2005 e http://www.interactions-online.com/page_news.php?id_news=189&filitre_visu=0&pr=biomuseologia.

CARDOSO, C.S.: PEDREIRA, R.C.O. BIOMUSEOLOGIA – Gestão Social na Universidade Federal da Bahia. In: Semana de Mobiliza o Científica, 5, ANAIS/RESUMOS: Salvador. EDUCSAL, UCSAL, 2002.

CARVALHO, M. B. "Milton Santos: intelectual, ge grafo e cidadão indignado". In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002.<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]

CASTRO, I. E. de. "A região como problema para Milton Santos". In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]

CHAUÍ, marilena. Política cultural, cultura política e patrimônio histórico. in Direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. Prefeitura municipal de São Paulo/secretaria municipal de cultura. São Paulo 1992.

COSTA, Jurandir Freire. Psicanálise e contexto cultural: imaginário psicanalítico, grupos e psicoterapias. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

CORRÊA, Armando Magalhães. O sertão carioca. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

DANTON, Gian. Metodología científica. Pará de Minas: Virtual books Online M&M editores Ltda..2002. <www.virtualbooks.com.br/>

EULÁLIO, Alexandre Convivência no Rio de Janeiro. Século 1: 1565-1665, in Aconteceu 11 (125): 30-33, abr.1964.

FAISSOL, Speridião Notas sobre o núcleo colonial de Santa Cruz, in Boletim Geográfico (82), jan. 1950.

FAZENDA, Vieira Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro in RIHGB (140) 1921, (142) 1940, (143) 1924, (147) 1927, (149) 1943.

FAUSTO, Boris História do Brasil, São Paulo, EDUSP, 1995.

FERREZ, Gilberto. Um panorama do Rio de Janeiro em 1775, in Separata da RIHGB (233) 1956.

_____. O Rio de Janeiro e a defesa de seu porto 1555-1800, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1972.

FLEIUSS, Max. História da cidade do Rio de Janeiro (Distrito Federal), São Paulo, Melhoramentos, 1928.

FLEXOR, Maria Helena Ochi As vilas pombalinas do século XVIII: estratégias de povoamento, trabalho apresentado no V Seminário da Cidade e do Urbanismo, PUC/Campinas, 1998.

FLORENTINO, Manolo Garcia Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

FONSECA, Augusto Machado Subsídios para a história marítima do Brasil, vol. XVI, Rio de Janeiro, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1957.

FREIRE, Felisbello O Rio de Janeiro, história da cidade do Rio de Janeiro de 1564 a 1700, Rio de Janeiro, Typ. Revista dos Tribunais, 1914.

FREIRE, José Ribamar Bessa e Malheiros, Márcia Fernanda Aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Programa de Estudos dos Povos Indígenas, 1997.

FREIRE, Paulo Régis Neves. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

_____. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

_____. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Benedicto. O Matadouro de Santa Cruz, Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1977

_____. Santa Cruz Fazenda Jesuítica, Real, Imperial, 3 vols., Rio de Janeiro, Edições do Autor, 1985, 1986 e 1987.

FRIDMAN, Fania. Donos do Rio em nome do Rei. Uma história da propriedade fundiária da cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Garamond/Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. Senhores das terras, donos das águas, relatório final do sub-projeto Recuperação histórica da estrutura fundiária da zona portuária de Sepetiba do Projeto Interinstitucional Porto de Sepetiba: cenários, impactos e perspectivas, CPCH/FINEP, 1999.

FÉLIZ, Ana. A Recuperação da História Local Urbana. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GAMA, José Saldanha História da Imperial Fazenda de Santa Cruz, in RIHGB (38) 1875.

GEIGER, Pedro P. e Mesquita, Myriam Gomes Coelho Estudos rurais da Baixada Fluminense 1951-1953, Rio de Janeiro, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1956.

GERSON, Brasil O ouro, o café e o Rio, Rio de Janeiro, Livraria Brasileira Editora, 1970.

GOÉS, Hildebrando de Araújo. A baixada de Sepetiba, Rio de Janeiro, Departamento Nacional de Obras e Saneamento, 1942.

GOMES, Flávio dos Santos. Histórias de quilombolas, mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. O saber local: novos ensaios de antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2001b.

GIDDENS, Antony. Modernidade e identidade. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar, 2002.

_____. As consequências da modernidade. São Paulo. Editora UNESP, 1991.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. Rio de Janeiro DP&A Editora, 2005.

HOBBSAWM, J., Eric; TERENCE RANGER. A invenção das tradições. São Paulo. Paz e terra. 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque De. História geral da civilização Brasileira – Brasil Monárquico. Tomo II Vol. 7. São Paulo. Bertrand Brasil, 2005.

_____. História Geral da Civilização Brasileira – Vol. 5. São Paulo. Bertrand Brasil, 2004.

_____. Raízes do Brasil. São Paulo. Companhia das Letras. 1995.

_____. Caminhos e Fronteiras. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

HUYSSSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

ICOM – Estatuto. Estatuto social do comitê brasileiro do conselho internacional de museus. 2010. Disponível em :

<http://www.icom.org.br/wpcontent/uploads/2013/05/Estatuto-ICOM-BR.pdf>.

ICOM- Statuts de l'ICOM, adoptés par la 22e Assemblée générale de l'ICOM (Vienne, Autriche, 24 août 2007)

ICOM.BR. A memória do pensamento museológico contemporâneo: documento e depoimentos. Org. Marcelo Mattos Araújo e Maria Cristina Oliveira Bruno. São Paulo: USP / ICOM.BR, 1995

LACHTERMACHER, Dora Taesir. A colônia agrícola de Santa Cruz, in Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro (5), 1952.

LAEMMERT, Eduardo von. Almanaque Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Capital da Província do Rio de Janeiro, inclusive alguns municípios da Província e a Cidade de Santos para o ano de 1874, Rio de Janeiro, 1873/1874.

LAMEGO, A. R. O homem e o brejo, Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do IBGE, 1945.

_____. O homem e a Guanabara, Biblioteca Geográfica Brasileira, IBGE, Conselho Nacional de Geografia, 1964.

LANNES, Claudia Maria Corrêa. As igrejas jesuíticas fluminenses, in A forma e a imagem, arte e arquitetura jesuítica no Rio de Janeiro Colonial, Rio de Janeiro, PUC/RJ, s.d.

- LEITE, Francisco Fernandes. A Fazenda Nacional de Santa Cruz, in Boletim do Ministério da Agricultura, 1938.
- LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-1945.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.
- LÉRY, Jean. Viagem à terra do Brasil. Tradução Sérgio Milliet. Editora Biblioteca do exército. 1961. Disponível em <<http://fortalezas.org/midias/arquivos/1713.pdf>>
- LERSC, T. Morales e Ocampo, C. Camarena. El concepto del museo comunitario: ¿historia viviente o memoria para transformar la historia?, presentada en la mesa redonda "Museos: nuestra historia viviente", en la Conferencia Nacional de la Asociación Nacional de Artes y Cultura Latinas, Kansas City, Missouri, 6-10 octubre, 2004
- _____. O conceito de museu comunitário: história vivida ou memória para transformar a história? Trad. Odalice Priosti. In: NOPH, Jornal Quarteirão, no. 77 - Ano 2008, p. 15. Rio de Janeiro: 2008
- LOPES, Pinheiro Lissandra. Territorialidades em conflitos na baía de Sepeiba, Rio de Janeiro, Brasil. Estudo de caso dos conflitos entre os pescadores artesanais e o porto da Companhia Siderúrgica do Atlântico (ThyssenKrupp CSA). Universidade de São Paulo – USP. Programa de pós-graduação em ciência ambiental. 2013
- LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1998.
- MAGALDI, Monique Batista. O Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz: Estrutura e Propostas. 2006. Disponível em: <http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/1/entrevistamonique.pdf>
- MAGALHÃES, Armando Corrêa. O Sertão Carioca. Corrêa, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1936.
- _____. Terra carioca: fontes e chafarizes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. 1939.
- MELGAÇO, Barão de. Memórias públicas e econômicas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, in RIHGB (47), 1884.
- MEIHY JCSB, Holanda F. História oral: como fazer como pensar. São Paulo: Contexto Editora; 2007.
- MELANDER FILHO, Eduardo. Cultura Material e a Revolução Russa. Gazeta de Interlagos, São Paulo, 08 mai 2009 a 21 mai 2009. História, p. 2.
- _____. Cultura Material e a Revolução Russa. Gazeta de Interlagos, São Paulo, 08 mai 2009 a 21 mai 2009. P. 2. Disponível em: <http://colunadoleitor.gazetadeinterlagos.com.br/#Noticia_9800c01086>. Acesso em: 22 mai 2009.

- MOITA LOPES, Luiz Paulo. Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa; DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). Narrativa, Identidade e Clínica. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001
- _____. Os espaços da narrativa como construto teóricometodológico na investigação em linguística aplicada. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2010.
- _____. Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Campinas, SP: Mercado de Letras.2002.
- MORALES, TERESA; CAMARENA, Cuahémoc e VALERIANO, Constantino. Pasos para crear un museo comunitário. Consejo nacional para la cultura y las artes: México: 1994.
- MOREIRA, Fernando João de Matos. Uma reflexão sobre o conceito de público nos museus locais.in: MUSAS – revista brasileira de museologia. N3 ,2007, Rio de janeiro. viIp. 101-108
- MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de Museologia Social. Cadernos de Museologia. n. 1. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 1993, _____ . Museus e Sociedade, Museu Etnológico de Monte Redondo, Monte Redondo 1989.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. São Paulo: Projeto História, nº 10, dezembro de 1993.
- OLIVEIRA NETO, Nestor A evolução dos transportes, in Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos, Rio de Janeiro/São Paulo, Distribuidora Record, 1965.
- PEREIRA, Roberto Paulo. 450 Anos da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Revista da Academia Carioca de Letras.Edição Comemorativa. Organização Paulo Roberto Pereira. Rio de Janeiro: Batel, 2015.
- PEDREIRA, Oliveira de Cássia Rita, CARDOSO, Silva Cristiano. BIOMUSEOLOGIA: contemporaneidades, territorialidades, gestões e práticas tecnológicas voltadas a sustentabilidade dos patrimônios locais uma proposta museológica. Revista Científica Symposium, Lavras, v. 4, n. 1, p. 72-80, 2006.
- PIMENTEL, Ada Guimarães História de Santa Cruz, Rio de Janeiro, Arq. da Diretoria do Patrimônio e do Arq. do Exército, s.d.
- PIRES, Fernando Tasso Fragoso e Gomes, Geraldo Antigos engenhos de açúcar no Brasil, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.
- PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo. A defesa militar do porto e da cidade do Rio de Janeiro em quatro séculos, Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1967.
- POLLAK, M. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Edições Vértice, vol 3, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: Estudos Históricos. Vol. 05, nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val de Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaina. FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

POULOT, Dominique. Museus e museologia. São Paulo: Autêntica editora, 2013.

PRIOSTI, Odalice Miranda. Das Terras de Piracema ao Ecomuseu do Quarteirão: a resposta cultural de Santa Cruz. Monografia de Bacharelado. Rio de Janeiro, UNIRIO, Escola de Museologia: 1997

_____. O embrião iconográfico na gênese do museu social. In: Museology & Art / Coord. Tereza Scheiner. Rio de Janeiro, Tacnet Cultural: 1996 (ICOFOM study series:26)

_____. Ecomuseu como pedagogia de Desenvolvimento Sustentável. In: VI Reunião da RED-POP (Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e Caribe)-RED-POP/UNESCO, Rio de Janeiro: 1999

_____. Turismo na ótica ecomuseológica: pedagogia de valorização do patrimônio. In: Atas do Seminário “Sustentabilidade e Qualidade em Turismo – Hotéis para pequenas cidades” GEAP/ EMBRATUR .UFRJ/FAU/{PROARQ/LABLET, Cabo Frio: 1999.

PRIOSTI, O. e Varine, H.de. O Novo Museu das gentes brasileiras: criação, reconhecimento e sustentabilidade dos processos museológicos comunitários .XII Atelier do MINOM –Portugal –Lisboa / Setúbal : 2007 In : Musealogando / Fórum - www.minom-icom.net.

PRIOSTI, Odalice Miranda. Museologia da Libertação e a construção democrática do patrimônio do futuro. In: Atas do III EIEMC/ X Atelier Internacional do MINOM, Rio de Janeiro, 2004. (CDROM).

_____. A vocação política dos processos museológicos comunitários-Origens e processos-Mesa Redonda no XI Atelier Internacional do MINOM, Molinos II, Espanha, 2005.

_____. Carta aberta aos membros da Lista Interactions-Online In: www.interactions-online.com. 2007.

_____. Ecomuseu urbano e iniciativas comunitárias: autonomia, liberdade e cidadania. In: Atas do II Encontro Internacional de Ecomuseus - Comunidade, Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável. Rio de Janeiro: NOPH-Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica, 2000. (CDROM).

_____. Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro: território de memória e instrumento da comunidade. Dissertação de Mestrado em Memória Social, UNIRIO-Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2000.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. Revista Novos Rumos, ano 17, número 37, 2002.

ROSA, F. Alcebíades. A história de Sepetiba. Rio de Janeiro Edição independente. 1985.

RIBEIRO, W.C. Milton Santos: aspectos de sua vida e obra. In: El ciudadano, La globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Universidad de Barcelona. Vol. VI, nº 124, 30 de septiembre de 2002.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000. 174 p.
 _____ . Por uma geografia nova. São Paulo: HUCITEC, 1978.
 _____ . Espaço e sociedade. Petrópolis: Vozes, 1979.
 _____ . Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1988.
 _____ . A natureza do espaço habitado. São Paulo: HUCITEC, 1996.
 _____ . O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987. 142 p.
 _____ . A Redescoberta da Natureza. São Paulo: FFLCH/USP 1992, (mimeo). 12 p.

SANTOS, Noronha. Meios de transporte no Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 2 vol., 1934.

_____ . Freguesias do Rio Antigo, Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1965.

_____ . Anotações Memórias para servir à história do Reino do Brasil / Luis Gonçalves do Santos, 1981 , Editora da universidade de São Paulo.

SANTOS, B. Souza. A Gramática do tempo: para uma nova cultura política. S. Paulo: Cortez Editora, 2006

_____ . A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência, para um novo senso comum. Porto: Afrontamento.2000.

_____ . “Os processos da globalização”, in B. S. Santos (org.), Globalização: Fatalidade ou utopia?. Porto: Afrontamento, 31-106.

SOUZA, Augusto Fausto A Bahia do Rio de Janeiro, sua história e descrição de suas riquezas, in Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Etnographico do Brasil 64:5-155, 1881, parte 2.

SIMONSEN, C. Roberto. História econômica do Brasil 1500 – 1820. Curso professado na escola livre de sociologia e política de São Paulo. 4ª edição, Brasília, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

SOUZA, do Nascimento Sinvaldo. Sepetiba na rota da independência. Disponível em <http://odespertardesepetiba.blogspot.com.br/2010/03/sepetiba-na-rota-da-independencia.html>.

SOUZA, Sinvaldo do Nascimento. Potencialidades da Zona Oeste: projeto sociocultural. In: Anais do I Encontro Internacional de Ecomuseus. Rio de Janeiro, Printel: 1992

_____ . As Marisqueiras de Sepetiba: uma abordagem sistêmica a uma base sustentável? In: Anais do II Encontro Internacional de Ecomuseus. NOPH / MINOM / ICOFOM LAM , Rio de Janeiro: 2000 (CDRom).

SOUZA, Nascimento Antonio. Memória e história política de Santa Cruz – Vista através de jornais dos pequenos bairros. Rio de Janeiro, 2005. Instituto Municipal de Arte e Cultura – RIO ARTE.

- VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local*. Tradução Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz, 2012.
- _____. Entrevista. Em: ROJAS, Roberto (org.). *Os museus no mundo* - Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979. BIBLIOGRAFIA Falésias entre as praias de Barreiras e Picos
- _____. O museu comunitário é herético? In: *Jornal Quarteirão* no. 67 -Maio/Junho 2006 . Rio de Janeiro, NOPH : p. 12-15. Disponível em www.interactions-online.com-março/abril-2005
- _____. *Ethique et Patrimoine-La décolonisation de la muséologie*. In: *Nouvelles de l' ICOM* -Paris: ICOM, 2005 n° 3-vol.58
- _____. *Partilhar o Patrimônio: Por quê? Como?* -Atas do III EIMC/ X Atelier Internacional do MINOM, em arquivo digital (CD Rom) Rio de Janeiro: NOPH, 2004, 70.
- _____. *Patrimônio e Educação*. In: www.interactions-online.com, fev.2003.
- _____. *A nova museologia: ficção ou realidade*. In: *Museologia social*. Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, Porto Alegre, 2000, 22-33 pp.
- _____. Entrevista para Odalice Priosti. 1997. In: *Jornal Quarteirão* n° 26.1998.
- _____. Entrevista para Mário Chagas. 1995. In: *Jornal Quarteirão* n° 21. 1997.
- _____. *A Respeito da Mesa Redonda de Santiago*, in: *A Memória do Pensamento Museológico Contemporâneo -Documentos e Depoimentos*. São Paulo: Comitê Nacional Brasileiro do ICOM. p. 17 -19 (mimeo), 1995.
- RIVIÈRE, George Henri. *La museología: curso de museología, textos y testimonio*. Madrid: Akal, 1989.
- TAYLOR, Charles. "A política do reconhecimento". In. *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 241
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. São Paulo: Paz e terra.1992.
- THOMPSON, Edward. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difiel, 1980.
- _____. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. *Geografia humanística*. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.) *Perspectivas da Geografia*. São Paulo, Difel, 1995.
- _____. *Paisagens do Medo*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.2005

WILD, Bianca de Moura e ALMEIDA, Bruno C. Espelho onde se revê e se descobre a própria imagem: O Movimento Ecomuseu de Sepetiba: Desafios e perspectivas. IV encontro internacional de Ecomuseus e museus comunitários, 2012, Belém, Pará. Disponível em: < <http://www.abremc.com.br/pdf/3art/4.pdf>>

_____. O Ecomuseu de Sepetiba: fortalecendo identidades locais e criando conexões globais. 23ª ICOM – Conferência internacional de museus, 2013, Cidade das Artes, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro/ RJ. WILD, Bianca de Moura. Os Ecomuseus e museus comunitários e os desafios da acessibilidade e da inclusão. Revista Museologia e Interdisciplinaridade, v.6, n.12, p.180-191, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/19398/19204>; acesso em: 10 jan. 2018.

_____. Acessibilidade, inclusão e Museologia social. Rede de Redes [recurso eletrônico] – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil / Joselaine Mendes Tojo, Lilian Amaral (organizadoras). - São Paulo, 2018. Modo de acesso: World Wide Web: <https://www.sisemsp.org.br/redederedes>

_____. Asas e raízes. Rotas da Memória, Entre Pontos Cariocas/ Lilian Amaral e Cláudio Barriá Mancilla (Org.). Rio de Janeiro, Instituto de Arte Tear, 2018. Suporte eletrônico, formata Ebook, disponível em: http://institutotear.org.br/e-book_rotas_da_memoria/.

ZBOROWSKI, Barbosa Marina. CONFLITOS AMBIENTAIS NA BAÍA DE SEPETIBA: o caso dos pescadores atingidos pelo processo de implantação do complexo industrial da Companhia Siderúrgica do Atlântico (ThyssenKrupp CSA). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (Programa EICOS), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

Periódicos

A aurora Fluminense, 1831, edição 00520 (2210). Disponível na Hemeroteca digital da biblioteca nacional.

Jornal do Brasil, 23 de Dezembro de 1894. Disponível na Hemeroteca digital da biblioteca nacional.

Jornal Odia, 21 de agosto de 2018.

Jornal A manhã, 24 de abril de 1949. Disponível na Hemeroteca digital da biblioteca nacional.

Jornal Extra, Caderno Zona Oeste, 22 de abril de 2016.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

O questionário aplicado para realização desta pesquisa foi construído com perguntas abertas, e as individuais, entrevista se caracteriza como compreensiva, foram realizadas entrevistas individuais e de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. A seguir o questionário aplicado:

Pergunta 1 - Tempo em que reside no bairro.

Pergunta 2 - Ligação com o bairro.

Pergunta 3 - Conhecimento da história e das memórias do bairro.

Pergunta 4 - O que entende por história local.

Pergunta 5 - Dificuldades enfrentadas pelos moradores do bairro.

Pergunta 6 - Importância de revigorar a memória e a história local.

Pergunta 7 - Atuação e trabalho do Ecomuseu de Sepetiba.

Pergunta 8 - Participação no Ecomuseu de Sepetiba.